



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MIRAÍRA NOAL MANFROI

NAS ARTESANIAS DE SER CRIANÇA EM
UM SANTUÁRIO ECOLÓGICO - PANTANAL (MS)

FLORIANÓPOLIS (SC)
2019

MIRAÍRA NOAL MANFROI

**NAS ARTESANIAS DE SER CRIANÇA EM
UM SANTUÁRIO ECOLÓGICO – PANTANAL (MS)**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação
em Educação Física da Universidade Federal de
Santa Catarina, para a obtenção do título de
Doutora em Educação Física.

Orientadora: Profª. Dra. Alcyane Marinho.

FLORIANÓPOLIS (SC)

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Manfroi, Miráira Noal
NAS ARTESANIAS DE SER CRIANÇA EM UM SANTUÁRIO ECOLÓGICO
- PANTANAL (MS) / Miráira Noal Manfroi ; orientador,
Alcyane Marinho , 2019.
242 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Crianças . 3. Brincar . 4. Corpo .
5. Pantanal . I. Marinho , Alcyane . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física. III. Título.

Miraíra Noal Manfroi

**NAS ARTESANIAS DE SER CRIANÇA EM
UM SANTUÁRIO ECOLÓGICO - PANTANAL (MS)**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Soraia Chung Saura
Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Mariéte Félix Rosa
Faculdade Mato Grosso do Sul (FACSUL)

Profa. Dra. Luciana Fiamoncini
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Leila Lira Peters
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Bruna Barboza Seron
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Educação Física.

Profa. Dra. Kelly Samara da Silva
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC

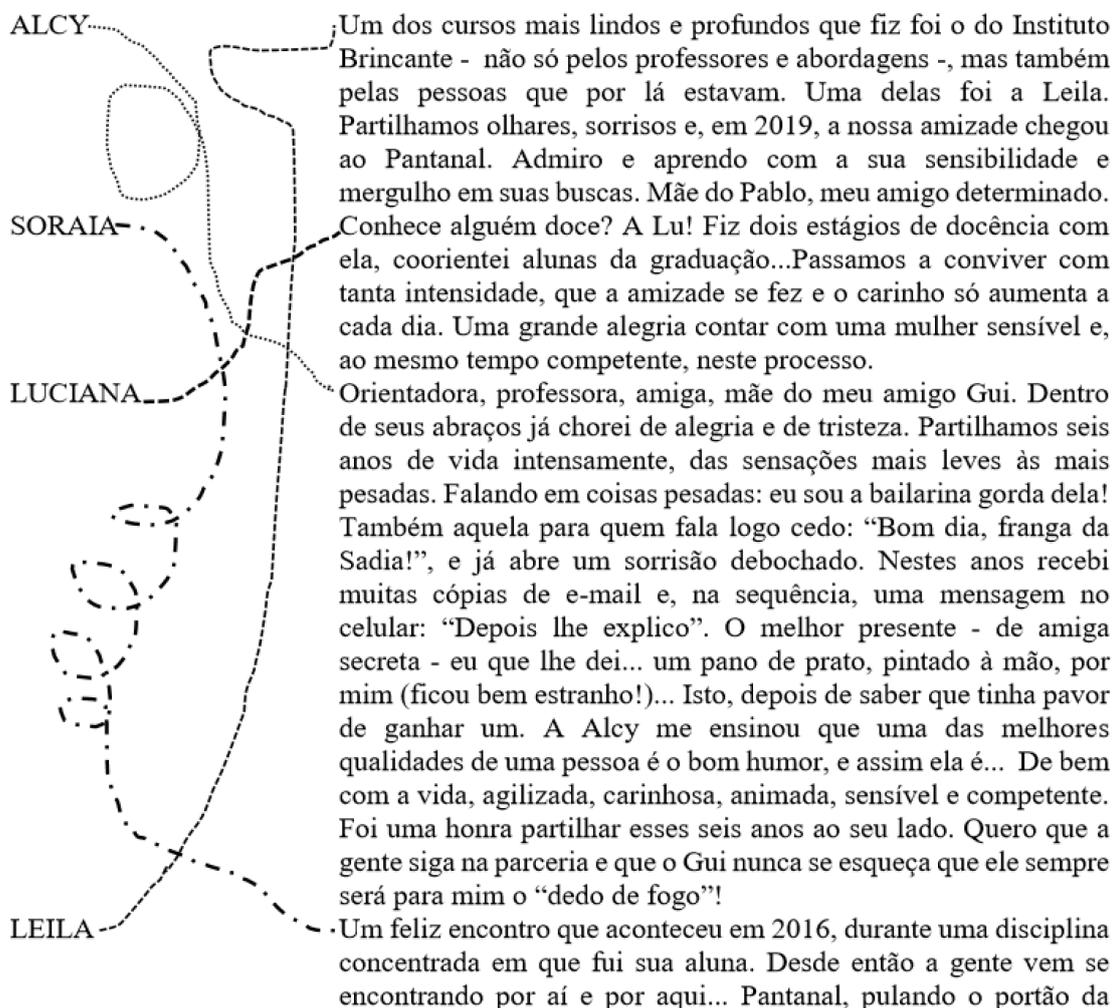
Profa. Dra. Alcyane Marinho
Orientadora

Florianópolis, 09 de setembro de 2019.

Dedico este trabalho às crianças ribeirinhas,
com quem reaprendi sobre Pantanal...

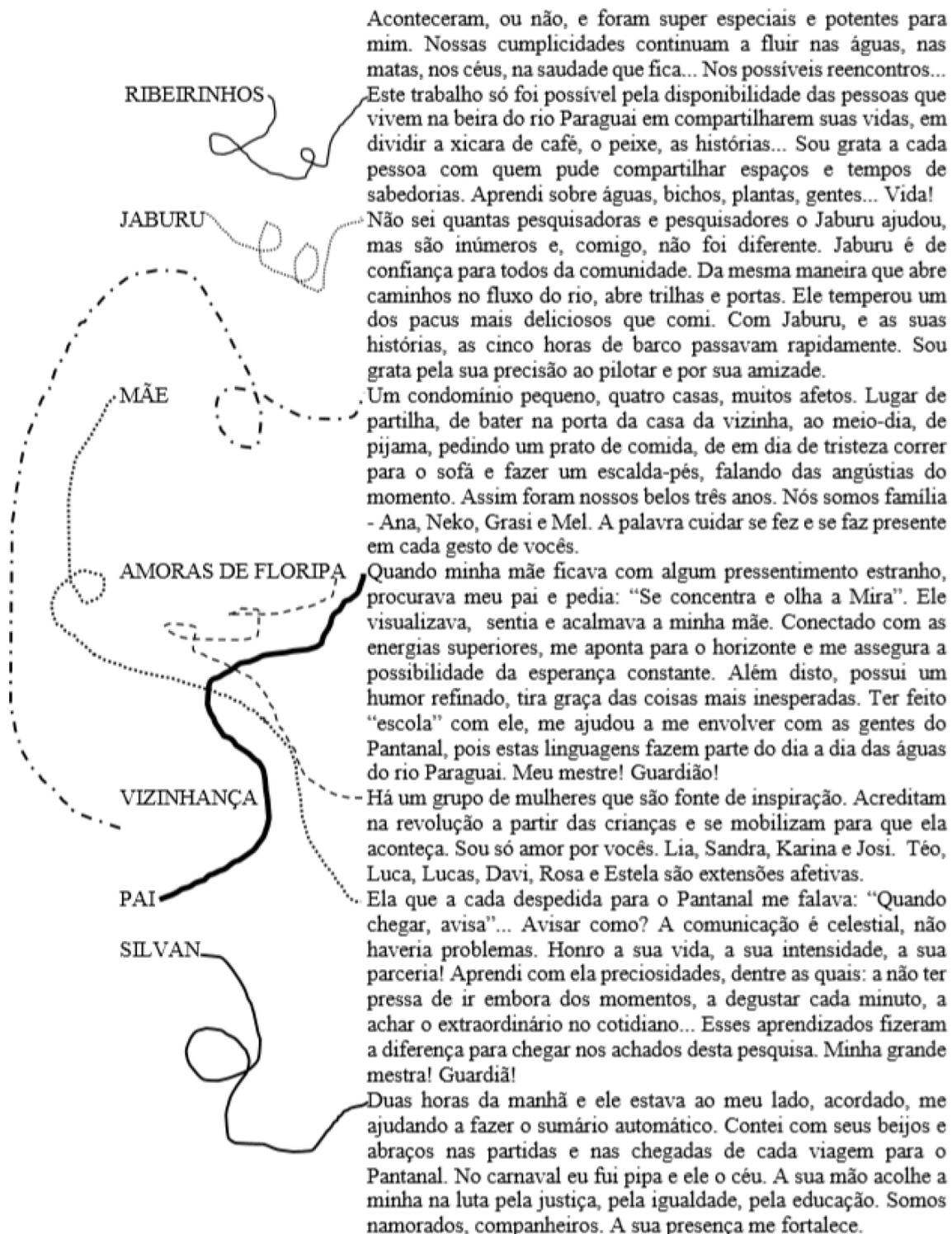
AGRADECIMENTOS

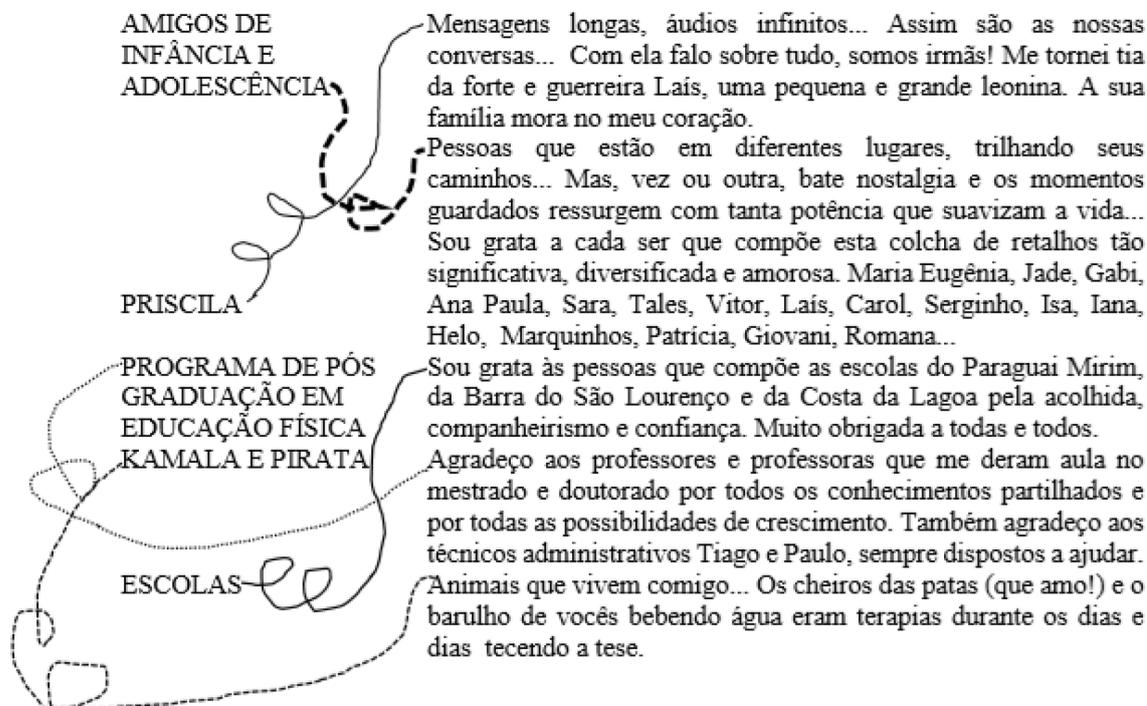
No segundo ano do doutorado aprendi a bordar. Passei uma tarde na casa de uma família de artistas, em Campo Grande (MS). A mãe Ana e a filha Carol bordam lindamente e me ensinaram a bordar livremente livre... Fiz alguns pontos com a ajuda delas e, depois, com a agulha, fui adentrando as tramas do pano... Bordei muito, durante o processo de construção desta tese, principalmente naquelas horas nas quais era preciso ampliar pensar com as mãos... Esticar o pano no bastidor, segurar a agulha, colocar a linha, dar um pequeno nó... Enfiar a agulha no tecido dava uma sensação de encontro... O retirar, de desencontro... Assim a trama ia se fazendo, a imagem aparecendo. O bordado se tornou um ritual, um momento de reflexão... Um dia, após terminar, virei o bordado, as linhas estavam emaranhadas, um pouco enroladas umas nas outras, achei bonito... Inspirada no avesso do meu avesso, comecei a pensar na vida, nos meus caminhos... Nas trilhas que andei e nas que deixei de ir... Nos rios e mares que me banhei ou que nem perto cheguei... Nos ares que inspirei ou que nem de longe senti... Assim fui encontrando e reencontrando com as tessituras da minha vida...











Circundando todas essas tramas, houve forças potentes, que chamo de Anjo da Guarda e de Mãe Divina. Ao adentrar ao Pantanal, por mais que soubesse que há riscos eminentes, que o socorro é demorado (quando há!), que as possibilidades de se comunicar são restritas, não sentia medo, pelo contrário, me sentia forte, confiante, acolhida, bem-vinda. Entrava no barco, sentava e, ao iniciar a navegação, pedia licença para adentrar naquele santuário e invocava proteção para ali permanecer. Bençãos, guianças... Gratidão!



Desde o começo do mundo
água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.

Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
suas lesmas.
As águas são a epifania da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives
para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espraçadas para
alegria das garças.
Estes pequenos corixos ainda precisam de formar
barrancos para se comportarem em seus leitos.
Penso com humildade que fui convidado para o
banquete dessas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho agora que estas águas que bem conhecem a
inocência de seus pássaros e de suas árvores.
Que elas pertencem também de nossas origens.
Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas
as plantas.
Vez que todos somos devedores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
inocência de nossas origens.
Manoel de Barros (2010, p. 455-456)

BREVIDADES

O Pantanal - águas, terras, céus, bichos e seres humanos -, constitui-se como bioma, patrimônio da humanidade e reserva da biosfera mundial (Unesco, 2000), mesmo impactado por devastações. O Pantanal, ao qual me refiro, está localizado na região da Serra do Amolar (MS). As crianças vão se apresentando. Traquinias, risonhas, livres e íntimas das belezas, dos desafios e dos perigos que o viver naquelas paragens traz. Ao estar com elas, foram elaboradas três perguntas para o estudo: Quais as concepções de infância na Barra e no Paraguai Mirim? Qual o significado de ser criança nestas comunidades? Quais relações se estabelecem entre crianças, natureza-cultura e brincadeiras? Ao reconhecer as crianças como protagonistas, fui estabelecendo o diálogo das experiências vividas com os estudos efetivados, mergulhada nos campos de pesquisa. O objetivo geral foi gestado: Compreender as concepções, as significações e as singularidades de ser criança na Barra do São Lourenço e no Paraguai Mirim - Pantanal de MS, vislumbrando o brincar com a (e na) natureza, nas expressões corporais e nas linguagens que se querem muitas e livres. O estudo teve caráter qualitativo, se fez por meio de imersões, entre 2017 e 2019. Houve inspiração na dialética e no interpretacionismo, diálogos com a etnografia. O estar no Pantanal se fez na guiança das crianças. Os achados e registros destas experiências se fizeram com: a) observações participantes; b) conversas informais; c) caderno de apontamentos; d) fotografias; e) vídeos; e, f) cartas. Busquei as liberdades de perceber o mundo desconstruindo conceitos e estabelecendo o diálogo da Educação Física com as Ciências Humanas e Sociais. As narrativas, feitas de palavras e imagens, foram a linguagem encontrada para compartilhar as experiências vividas e as preciosidades dos saberes que se ressignificam em fazeres cotidianos e nas tradições orais. As crianças são a continuidade da existência de cada ser e o fortalecimento da cultura ribeirinha. São concebidas, gestadas e recebidas como seres potentes. Aprendem e ensinam. Possuem tempos e espaços para as experiências. Há pertencimento. Nascer e viver no Pantanal aguça os sentidos e convida para liberdades. Há dias em que o vento chama as pipas. Em outros, é o sol que convida para o banho de rio. As goiabas maduras pedem para ser comidas, subir na árvore faz parte. Os peixes lembram os desafios das pescarias. As crianças menores observam as maiores e, quando se sentem confiantes, experimentam novos movimentos. Quem está por perto, pode ajudar. Ou não. Há autonomia. Reconhecem ruídos com ouvidos atentos, têm olhos que enxergam para além do visível, sentem odores e seus significados. As mãos são habilidosas. São perceptivas e intuitivas. Seus corpos são sábios e pulam agilmente entre barrancos e barcos. O Pantanal e suas gentes têm generosidades, mas têm fragilidades e pedem respeito. Estão abertas para compartilhar sabedorias, sabem que precisamos de seus ensinamentos e também querem ter acesso aos nossos conhecimentos. O exercício de pesquisar nestes contextos foi desafiador, incessante e encantador, evidenciando que a proposta pretendida exige estar com a comunidade em mais constantes e mais longos mergulhos.

Palavras-chave: Crianças. Brincar. Natureza-cultura. Corpo. Pantanal.

BREVITIES

The Pantanal – water, lands, skies, animals and human beings – is constituted as a biome – heritage of humanity and world biosphere reserve (Unesco, 2000), even if being impacted by environmental devastation. The Pantanal, to which I refer, is located in the region of the Serra do Amolar (MS). The children introduce themselves. Pesky, smiling, free and familiar to the beauties, the challenges and dangers that living in there brings to their lives. While being with them, there were elaborated three questions for the study: Which are the conceptions of childhood in Barra and Paraguai Mirim? What is the meaning of being a kid in those communities? Which relations are established between children, nature-culture and plays? Recognizing the children as the protagonists, I established the dialogues of lived experiences with the studies developed, submerged in these research fields. The general objective was gestated: to comprehend the conceptions, the meanings and the singularities of being a child in Barra do São Lourenço and in Paraguai Mirim – Pantanal from MS, glimpsing the act of playing with the (and at the) nature, the corporal expressions and the languages that want to be many and free. In each staying, new findings. The study had a qualitative character, which was done by immersions, between 2017 and 2019. There was inspiration on the dialectics and interpretation, dialogues with ethnography. Being in Pantanal was possible by the child's guidance. The findings and registers of these experiences were made by: a) participating observations; b) informal conversations; c) written notes; d) photographs; e) videos and f) letters. I used the freedoms to perceive the world deconstructing concepts and establishing dialogues between Physical Education and Human and Social Sciences. The narratives, made by words and images, were the language found to share the lived experiences and the precious knowledges that are ressignificated in daily activities and in oral traditions. The children are the continuity of the existence of each being and the fortification of the riparian culture. They are conceived, gestated and received as powerful beings. They learn and teach. They have times and spaces for the experiences. There is belonging. Being born and living in Pantanal sharpen the senses and invites freedom. There are days when the wind calls the kites. Also, there are days when the sun invites for river baths. The ripe guavas ask to be eaten, climbing the tree is a part of it. The fishes remember the challenges of fishing. The younger children observe the older ones and, where they feel confident, try new movements. Whoever is around, may help. Or not. There is autonomy. They recognize noises through attentive ears, they have eyes that see beyond the invisible, feel odors and its meanings, the hands are skilled. They are perceptive and intuitive. Their bodies are wise and jump lightly between ruts and boats. The Pantanal and its people have generosities, but also weaknesses and ask for respect. They are open to share wisdom, they know that we need their knowledge and also want to have access to ours. The exercise of being a researcher in those contexts was challenging, incessant and charming, highlighting that the proposal intended demands being with the community in more constant and longer dives.

Keywords: Children. To play. Nature-culture. Body. Pantanal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: “Crescimento”	74
Figura 2: “Brinquedo”	74
Figura 3: Coletivo	77
Figura 4: Pena	82
Figura 5: Carta surpresa para um amor	104
Figura 6: Mapas Afetivos	139
Figura 7: CaixaRela	156
Figura 8: Carta de afago	159
Figura 9: Veludo	185
Figura 10: Conexões	204

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFID - Centro de Ciências da Saúde e do Esporte

Ecoa - Ecologia e Ação (ONG)

Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ONG - Organização Não Governamental

TAUS - Termo de Autorização de Uso Sustentável

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UCs - Unidades de Conservação

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

GORJEIOS DE ANUNCIAÇÃO

MIRAÍRA	
ninhais de raízes, céus e águas: Mira	18
1. APRESENTAÇÃO	
portal de águas, de raízes, de ninhais, de ancestralidades	39
2. GUARDIÕES, INSPIRAÇÕES E GUIANÇAS	
da coragem de saber que de tudo fica um pouco	55
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	
dos silêncios de esperar, dos jeitos de brincar, dos desenhos de ninhos	84
3.1 Parcerias de pesquisa	
quem veio brincar e contar o que vive, sente e sabe	93
3.2 Procedimentos de pesquisa	
isca e anzol, cinco pedrinhas e mãos, pipa e rabiola	97
3.3 Conversando com os achados da pesquisa	
mergulhos, aterramentos, revoadas	107
3.4 Delicadezas de ser e de estar	
zelo ao navegar, silenciar, esperara a vez, contemplar	111
4. SERRA DO AMOLAR	
cenários, sabedorias, afetos, brincares	115
5. ERA UMA VEZ AS NARRATIVAS	
enredos de ninhais, pedrinhas, águas, pássaros, peixes, gentes	130
CaixaRela, será que é tagarela?	156
6. SABERES QUE GESTAM COMPREENSÃO	
conversas de tecer unicidades e de significar a vida	161
CONSIDERAÇÕES CONTINUAIS	
gestações, fecundações, nascimentos	206
REFERÊNCIAS (também) BIBLIOGRÁFICAS	
das escritas e dos saberes	219
PORTAIS PARA CHEGAR.....	230
Apêndice A Termo de assentimento	231
Apêndice B Consentimento para fotografias, vídeos e gravações	232

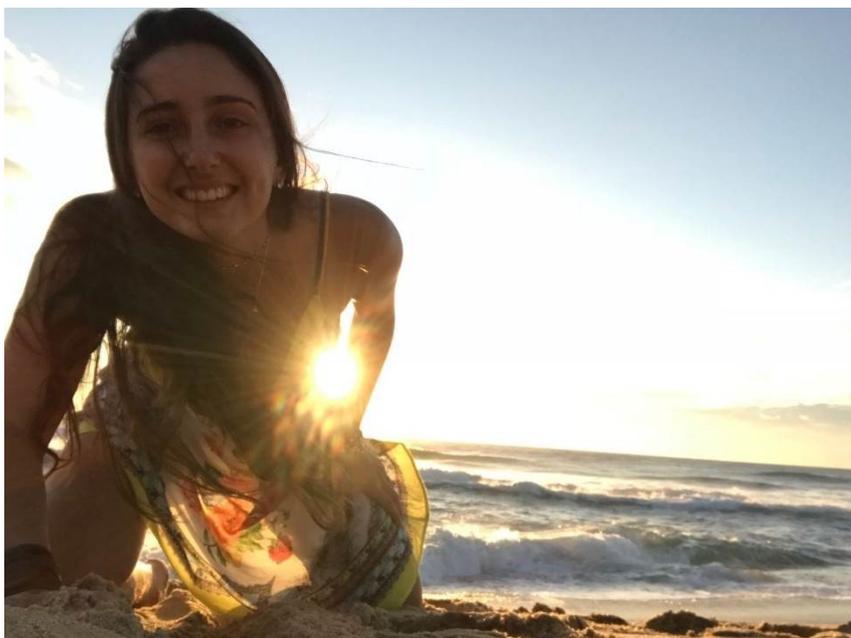
Apêndice C Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (menores).....	233
Apêndice D Termo de consentimento livre e esclarecido	234
Apêndice E Termo de consentimento livre e esclarecido (menores)	236
LICENÇAS (PO)ÉTICAS.....	238
Anexo A Parecer do Comitê de Ética	239
Anexo B Declaração da Escola Básica Municipal e NEIM Costa da Lagoa	240
Anexo C Declaração da Escola Rural do Paraguai Mirim	241
Anexo D Declaração de parceria com a Ecoa	242

MIRÁIRA

MIRAÍRA

ninhal de raízes, céus e águas: Mira

*Mira num olhar
Um riacho, cacho de nuvem
No azul do céu a rolar...*



*Mira ouro, azul ao mar,
Fonte, forte de esperança...*

Rio Grande do Sul. Homem. Mulher.

Padre capuchinho/teologia da libertação/ Jardim Petrônio/ Parque São Bernardo do Campo.

Professora de Educação Física /Diretora de escola/Funcionária da Secretaria de Educação.

Olhar. Conversa. Amizade.

Beijos. Namoro. Ei, psiu não conta, é escondido! 7 anos.

A M O R.

Batina se foi. Segredo também.

Mãos se uniram.

Passos foram dados rumo ao Centro-Oeste.





Campo Grande. Periferia. Bairro. Rua.
Casa em conjunto habitacional na periferia.
Vendedor de livros (embaixo da escada de um colégio católico).

Professor de Filosofia.

Professora de Educação Física.

Militantes.

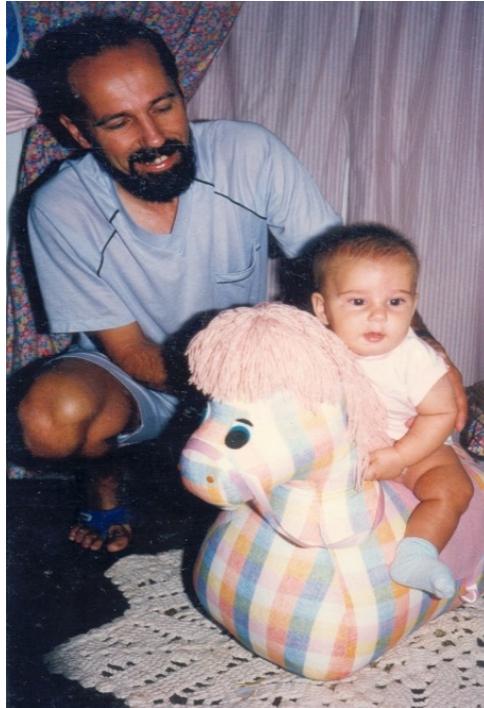
Comunidades Eclesiais de Base.

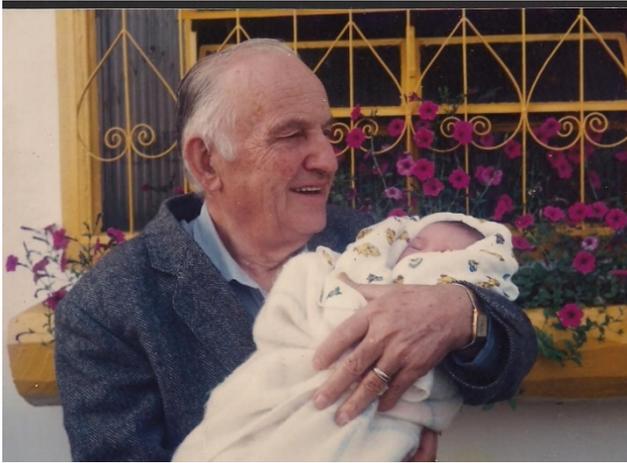
Petistas.





Barriga. BarriGA. Chegada (marcante) da Bá. BaRRIGA. Parto. Eu.
Belina amarela. Chegada no quarto todo fru fru.





Visitas.

Avô.

Dinda.

Amigos.

Amigas.

Vizinhos.

Vizinhas.

Crianças.

Crianças.

Crianças.

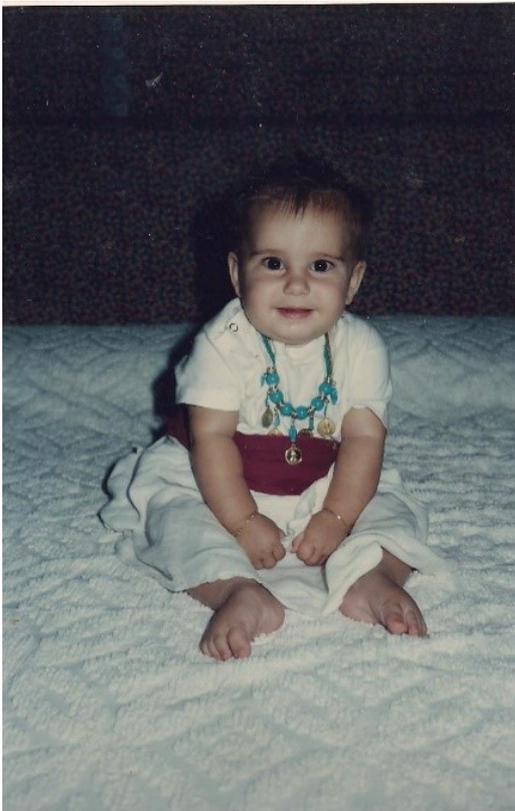
Crianças.

Crianças.

Crianças.

Crianças.

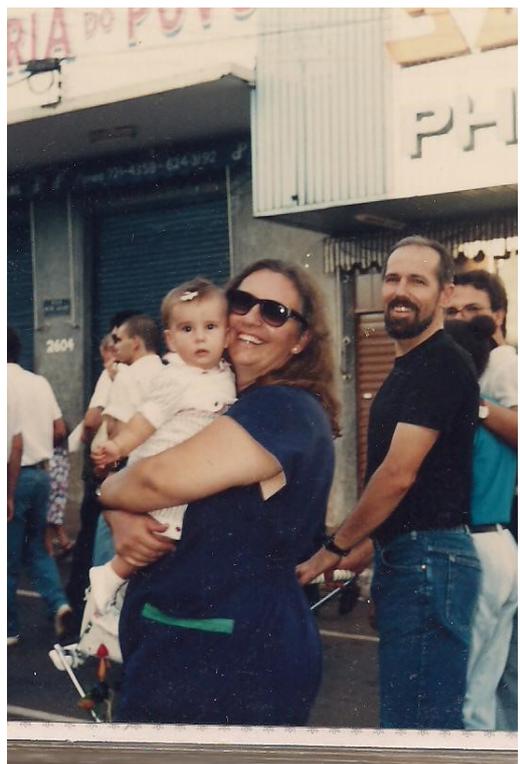
Banho de sol.
Leite. Leite. Leite.
Carnaval.



Carnaval.

Leite. Leite. Leite.

Passeata do PT.

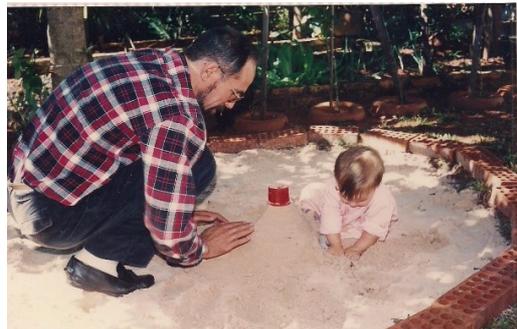


Colo.

Passeio. Colo. Engatinhar.

Gramma. Argila. Areia.

Água. Bichos. Árvores.



Podemos levar a Mira pra rua, Bá?

- Claro.

RUA.

Bicicleta.

Livros.

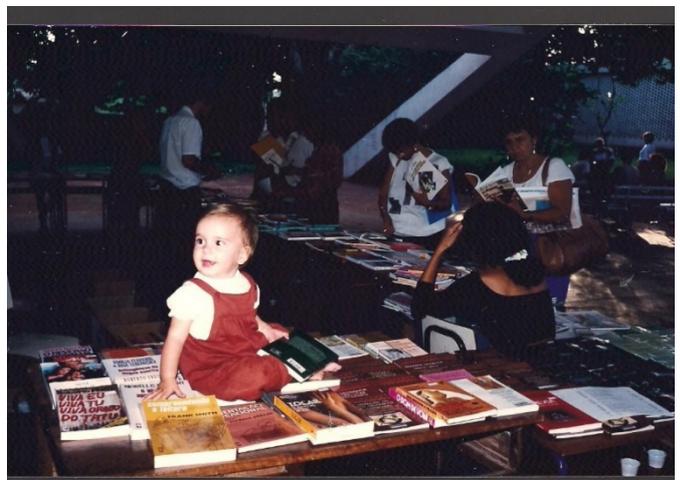
Piscina.

Colo.

Boneca para as crianças.

Afeto. Choro. Afago.

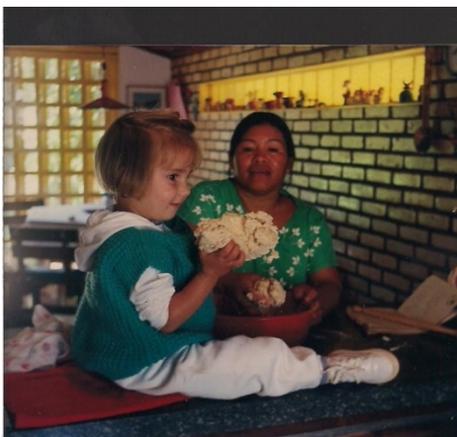
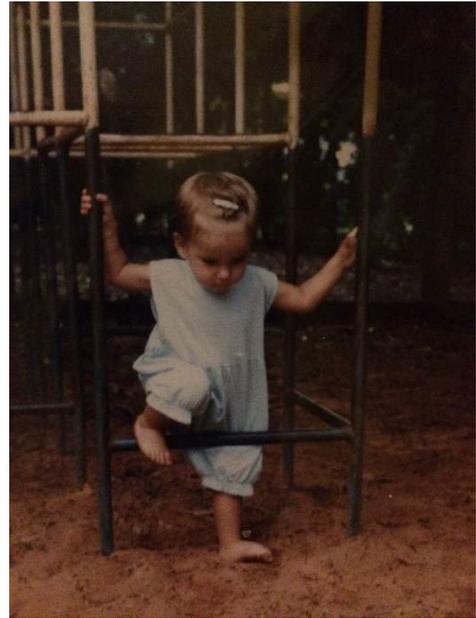
Picada de abelha.



CASA.

Banho. Alimento. Cama. Afeto. Pais.

Cozinhar. Lavar louça. Inventar. Sovar
massa de pão.



Brincar. Brincar. Brincar.



Brincar. Brincar. Brincar. Brincar.

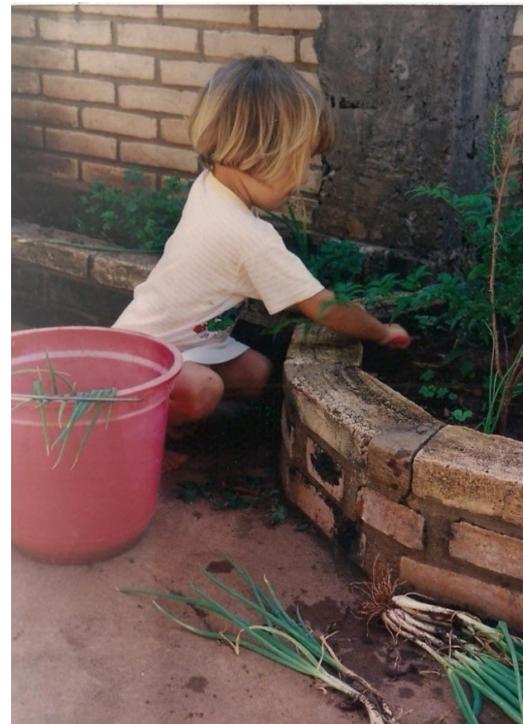
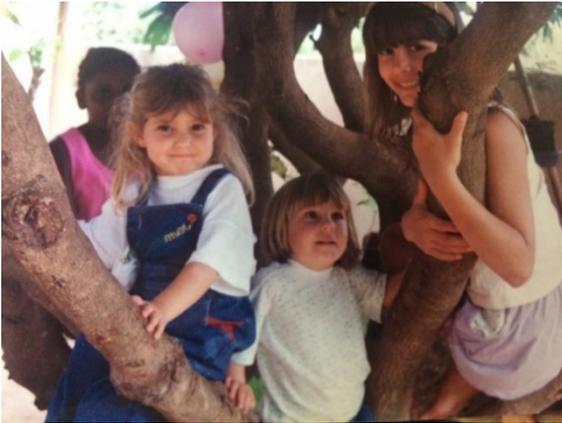


Andar.

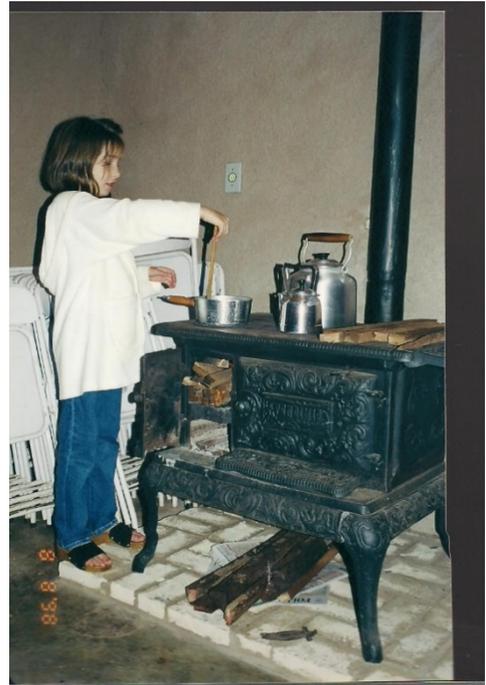
- *Bá, to indo pra rua, a galera tá me chamando, tá?*

- *Tá bom.*

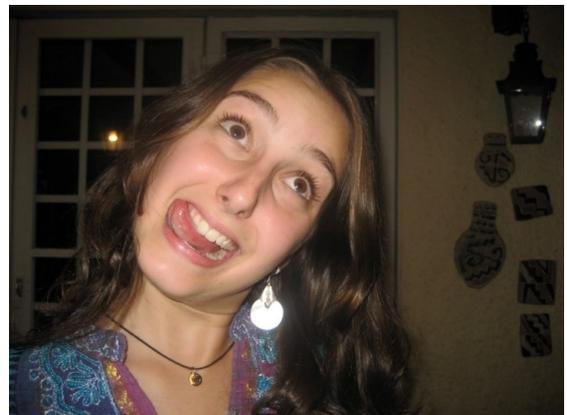
Correr. Correr. Correr. Mira. Foguetinho da rua. Saber.



Centro da cidade. Escola. Amigos
novos. Grana. Ballet. Piano. Vôlei.
Conhecimento.
Ampliação. Convivência.
Possibilidades. Novos ângulos.
Passeata do PT.
Posse do Lula.
Casa. Rua. Escola. Rua. Casa.
Escola.



Joelhos ralados. Piolho. Sujeira.
Menstruação. Útero. Negação.
Paixão. Amores. Aceitação.
Povo. Gente. Pessoas. Singularidades.
Cheiro. Toque. Olhar.





Universidade. Educação Física.

Corpo-mente-gente-sente.



Mestrado. Costa da Lagoa.
Expansão. Significado.





Férias. Feriado. Volta. Casa. Praça.
Balanço. Suor. Visita. Memória.
Mira-moleca. Mira-sapeca.
Mira-habita-em-mim.





Doutorado. Descoberta. Privilégio. Pantanal.
Brilha uma estrela, Lu lá lá. Esperança. Luta.
Igualdade.
Experiências. Encontros. Trilhas. Sonhos.
V I D A.



Eleições. Retrocessos.
Viagens. Coragem.
Partilha. RESISTÊNCIA. Esperança.
CAIR. Não espera. Não programa.

C

A

I

Pequenas, grandes coisas.

Eternidade.

Fim. Início. Meio.

Meio. Início. Fim.

Início. Meio. Fim.

Movimento.

VIVA.



1. APRESENTAÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

portal de águas, de raízes, de ninhais, de ancestralidades

*O abandono do lugar me abraçou de com
força.
E atingiu meu olhar para toda a vida.
Tudo que conheci depois veio carregado
de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de
fugir.
A gente se inventava de caminhos com
as novas palavras.
A gente era como um pedaço de
formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de
desver o mundo.
Eu queria pegar na semente da palavra.*
Manoel de Barros (2010, p. 463)

Pantanal, templo da vida irrigada nos movimentos das águas. Terras além rio. Nascentes. Corixos. Baias. Sementes. Filhotes. Crianças. Cantos de anunciação. Sol. Lua. Estrelas. Brisas. Ventos. Mistérios. Encantamentos. Percursos. Corumbá. Barranca do rio Paraguai. Portal. Emoção. Reverenciar. Pedir licença. Confiar na guiaça. Agradecer. Subir no barco. Despedir. Despir. Navegar. Honrar as águas. Se perder. Se reencontrar. Viver.

Deixar-se atravessar e, com Bachelard (2013, p. 51), aprender que: “O sonho dá à água o sentido da mais longínqua pátria, de uma pátria celeste. [...] Assim a água, por seus reflexos, duplica o mundo, duplica as coisas. Duplica também o sonhador, [...] envolvendo-o numa nova experiência onírica.”. Recolher a âncora. Libertar-se. Tornar-se água e céu. Ser. Partir. Haverá chegada?

Na amplitude do rio, no pequeno barco. Sentada. Pernas encolhidas. “E descer o rio Paraguai, cantando as canções que não se ouvem mais...”¹ Cinco horas. Galope. Há buracos nas águas? Pensamento viaja. Dúvidas. Desejos. Medos. Saudade. Curiosidade. Insegurança. Coragem. Força. Ancestralidade. Reconexão. Entrega. Serra do Amolar... Paraguai Mirim... Barra do São Lourenço... “Pantanal profundo”²... É isso. Talvez mais. Um pouco menos. De repente, aparentemente nada. Esta tese quer contar. Em alguns momentos, calar.

¹ Trecho da música “Cunhataiporã” de Geraldo Espíndola.

² Expressão usada pela professora Soraia Chung Saura durante a sessão de defesa que, por sua pertinência, foi inserida para que fiquem mais explícitas as peculiaridades dos dois campos de pesquisa.

Misturei ninhais, águas e terras pantaneiras com a brincadeira de Cinco Pedrinhas, inspirada em fala de Lydia Hortélio³, na qual nos convidou a viver os encantamentos de cada participante procurar as cinco pedrinhas que foram feitas para as suas mãos. Lydia também contou que a sua inspiração veio de um poema de Fernando Pessoa (1972, p. 209), no qual ele, menino poeta, brinca com Jesus - o Deus Menino:

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
 No degrau da porta de casa,
 Graves como convém a um deus e a um poeta,
 E como se cada pedra
 Fosse todo um universo
 E fosse por isso um grande perigo para ela
 Deixá-la cair no chão.

A poética de Fernando Pessoa, com a sonoridade da voz de Lydia Hortélio, foi canção para os meus ouvidos. E a menina-velha sábia completou: “Quando estas cinco pedrinhas são encontradas, elas se encaixam e reconhecem as mãos que também as estavam procurando. É preciso brincar as cinco pedrinhas para compreender o poeta. Eu entendo neste poema que o ser humano é criança e é divino. E nisso eu encontro tudo o que busco.”. Senti o prazer e a entrega profunda que acontecem no brincar. Compreendi que nas águas que parecem paradas, há movimentos e correntezas. Há vida. Há morte. Não há previsões. Não há estagnações. Há possibilidades. Há convites. Desaprender. Aprender. Jeitos outros de fazer pesquisa. Fluidez. Flexibilidade. Compreensão das bricolagens. Iniciar pelo eu. Prólogo - com recortes da minha história de vida.

Era uma vez, euzinha, Miraíra. Mergulhada no ambiente acadêmico desde que nasci. Meu pai e minha mãe são professores. Foram donos de uma livraria, localizada em um campus universitário. Isto me proporcionou construir uma relação próxima e dual com a universidade. Primeiramente, como um espaço carregado de potencialidades imaginárias, cheio de corrimãos, de escadas, com pisos amplos - lisos e extensos -, com chafariz, entre outros recantos que me fascinavam e despertavam minha criatividade e curiosidade. Por outro lado, em minhas brincadeiras, comecei a compreender as contradições daquela instituição, pois corria nos corredores. Pleonasma? Afinal, corredores deveriam ser locais próprios para correr, mas não. Era proibido! Rolava a bola nos degraus das escadas e acompanhava, atentamente, a descida desta de degrau por degrau, sempre cuidando para ver se não chegava algum segurança. Esta

³ Comunicação verbal, em palestra realizada no dia 9 de março de 2018, em Campo Grande (MS), durante a oficina “Cultura infantil e música tradicional da infância”, ministrada pela educadora e musicóloga brasileira, no período de 07 a 11 de março de 2018.

façanha também era proibida! Enfim, a universidade se tornou um espaço de criar e de ação (criação). Também de transgressões, desde o início da minha vida.

Meu pai e minha mãe estavam concluindo seus mestrados e os verbos mais conjugados em nossa casa, um pouquinho menos do que brincar e bagunçar, eram estudar, pesquisar, escrever. *Uma manhã, durante o café, com uns três anos de idade, peguei um “descanso de panela” de sisal, em formato de pera. Coloquei uma caneta entre as tramas e comecei a girar. Papai perguntou o que eu estava fazendo. prontamente respondi: - Pisquisando!*⁴

Experiências. Perspectivas. Potências. Em 2008, iniciei minha graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e ali permaneci atenta à criação (criar com ação). Acabei sendo apresentada a outros aspectos da universidade, que já ouvira em conversas em casa, mas ainda sem provar o sabor do ensino, da extensão e da pesquisa. Com esta trajetória de vida e com minhas experiências vividas, me aproximei da pesquisa e da extensão desde os primeiros meses do curso. Aqui estou, neste processo de vida e de doutoramento, me constituindo mulher, educadora e pesquisadora.

Em meu percurso de graduação, tive a oportunidade de ter educadores que me asseguraram a liberdade da escolha dos temas a serem aprofundados e, dentre eles, as crianças sempre me envolveram, por eu ter tido uma infância de pés no chão, caldo de manga escorrendo pelos braços, joelhos ralados - seja na universidade, na praça, na rua, em casa... Estas experiências me levam a acreditar que a Educação Física, tendo o corpo como portal de se chegar a cada ser, pode contribuir e aprender com as crianças ao estar com elas, olhá-las nos olhos, escutá-las... Afinal, para as crianças, seus corpos, que se constituem como unidades do ser, são seus mediadores e interlocutores com os diferentes e complexos aspectos da vida. Corpos-crianças livres, nos exercícios de ouvir e ser ouvidos, tocar e ser tocados, abraçar e ser abraçados, amar e ser amados. Corpos-crianças. Alegrias. Devaneios. Delírios. Mundos.

No entanto, foram surgindo contradições que gestaram inquietações. Com o passar do tempo e com os estudos efetivados, fui percebendo que, mesmo em um território com ampla e bela natureza, como é o Mato Grosso do Sul (MS), as crianças estão cada vez mais reféns dos espaços fechados e das novas tecnologias, ocorrendo uma “criminalização do brincar na

⁴ Algumas narrativas organizadas e escritas por mim, ou partes delas, que apresentam um enredo mais semelhante às histórias de “Era uma vez...”, estão inseridas em fonte diferenciada e padronizada (Tempus Sans ITC), geralmente com formatação semelhante a citações diretas (reco, espaçamento simples entre linhas, tamanho menor da fonte). O intuito foi destacar e facilitar a localização no conjunto da tese. Outras, mais longas e explicativas, foram inseridas no corpo dos parágrafos, com fonte Time New Roman, mesmo que haja alguns diálogos.

natureza” (LOUV, 2016, p. 53)⁵, sendo focalizados os perigos, as sujeiras, as doenças, as desordens e, de maneira primordial, as ameaças da perda de controle por parte dos adultos. Nestes contextos, tem sido negado o mágico encontro do ser criança com a sua própria natureza selvagem⁶ - sábia e integrada aos sentidos mais aguçados.

Nesta perspectiva, crianciera que sou, busquei estar com as crianças nas etapas da minha formação - graduação, mestrado, doutorado -, nas infinitas possibilidades de perceber o mundo sob diferentes ângulos, principalmente desconstruindo conceitos e paradigmas. Neste estradar, busquei a continuidade do estudo realizado durante o mestrado (2013-2014), o qual teve como objetivo compreender os significados de ser criança na Costa da Lagoa (Costa), comunidade açoriana, localizada em Florianópolis (SC), na Lagoa da Conceição (MANFROI, 2015; MANFROI, MARINHO, 2014; MANFROI, FERREIRA, MARINHO, 2015).

Na época, a escolha da Costa se deu na busca de uma comunidade na qual as crianças ainda possuem, de maneira geral, os tempos e os espaços para viver experiências em ambientes naturais-culturais em suas infâncias. A opção de utilizar a expressão “natureza-cultura” foi sendo construída no decorrer de leituras de Brandão (1994, 2005) e Tiriba (2014) que, embora em tempos e culturas diferentes, voltaram suas sensibilidades e estudos para a compreensão da natureza e da cultura em concepções interligadas, nas quais uma não se sobrepõe a outra, pois, sem ignorar as especificidades destas, as linhas que as dividem são muito tênues e, na maioria das vezes, inexistentes.

Esta compreensão foi facilitada por experiências vividas por mim no decorrer da vida quando, ao subir e sentar nos galhos de uma árvore, não sentia separação entre nós e tampouco negava a minha cultura e a representação de árvore e natureza como fenômenos sociais. Nestes momentos, eu não era mais sábia, nem menos importante. Sentia que eu era parte de seus galhos e que juntas éramos a expressão da própria vida natural e cultural. Possivelmente, estas premissas serão melhor compreendidas por quem viveu relações similares e que as transformou

⁵ Na última década, um grupo de pesquisadores, começou a documentar a desconexão entre infância e natureza - as múltiplas causas, a extensão e o impacto. “Boa parte deste trabalho é um território novo; a criminalização do brincar na natureza, por exemplo, que é tanto um sintoma como uma causa de transformação, está ocorrendo, sem que se perceba a sua gravidade. Inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, [...]. Nós sabemos disso. Mas sabemos exatamente quanto tempo a menos as crianças passam *especificamente na natureza?*” (LOUV, 2016, p. 53-54, *grifo do autor*).

⁶ O emprego do termo “natureza selvagem”, neste estudo, ultrapassa o sentido pejorativo ao qual, habitualmente, está relacionado. Em contraponto, refere-se ao viver natural, marcado por uma integridade que nos aproxima do viver intuitivo que se expõe, arrisca-se, aventura-se e que, dialeticamente, também conhece os perigos e os caminhos de cura. O ser humano, nesta concepção, com suas possibilidades e seus limites, está em constante integração com a natureza e com as manifestações da vida, de maneira consciente, alerta e respeitosa com seus diferentes ciclos. É um viver livre, digno e autônomo que ultrapassa regras e adestramentos, na busca incessante daquilo que é visceral (ESTÉS, 2014).

em “saberes da experiência” (LARROSA, 2002, 2015). No entanto, estas descobertas estão acessíveis e passíveis de serem experimentadas no decorrer da vida de buscadores, como enfatiza Brandão (1994, p. 41), ao convidar para a compreensão da cosmologia indígena: “Eles nos fazem o melhor convite: sermos [...], não mais senhores do mundo, mas irmãos do universo.”.

Encharcada de natureza-cultura, no momento de escolher o local da pesquisa de doutoramento, busquei me aproximar de minhas raízes pantaneiras e sul-mato-grossenses. Nesta procura, olhei para meu território de nascimento, passando a procurar um local, no qual as crianças vivessem integradas ao ambiente natural-cultural, com semelhanças ao viver da Costa, mas com peculiaridades a serem melhor compreendidas.

O Pantanal, com suas águas, terras, céus e bichos, constitui-se como bioma - patrimônio natural da humanidade e reserva da biosfera -, no qual as crianças de agora e as crianças de outrora se manifestam, mergulhadas em cenários ecológicos poetizados por Manoel de Barros (2010, p. 199): *“Quando os meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.[...] Os homens deste lugar são uma continuação das águas.”*⁷. O Pantanal, como campo de pesquisa foi desafiador, impregnado de mistérios, de singularidades, de surpresas, de espantos e de encantamentos que exigiram o olhar aguçado, o ouvir atento, o sentir respeitoso (ZANATTA, 2011).

A aproximação a este território me fez perceber que os 40min de barco, para chegar até a Costa (SC), tornaram-se reduzidos, se comparados ao tempo necessário para me aproximar do novo campo de pesquisa, após percorrer 428 km de Campo Grande, capital do MS, até a cidade fronteiriça de Corumbá (MS). Chegamos? Ao rio Paraguai, sim, mas até a região da Serra do Amolar, são mais algumas horas de barco. E as crianças? E os campos da pesquisa? Estão há duas horas de Corumbá, na Comunidade do Paraguai Mirim ou, com mais três horas de navegação, mais para frente do rio, na Comunidade da Barra do São Lourenço (Barra).

Nestas comunidades há distanciamento geográfico das cidades. Não há luz elétrica nem sinal de internet. Os poucos eletrodomésticos funcionam por meio de geradores tocados a óleo diesel e algumas placas solares. A aparente escassez se relativiza pela natureza que presenteia com a magia das estrelas, com a abundância das águas, com o encanto da morraria, com o jeito

⁷ Com a compreensão de que esta é uma tese que se pretende poeticamente científica, em momentos nos quais foi preciso “**transver**” os campos e os achados de pesquisa, optei por destacar as inserções das poesias de Manoel de Barros (2008; 2010), com fonte diferenciada e padronizada, em todo o texto (**Comic Sans MS**). As exceções foram para as epígrafes - na abertura da tese e no início dos capítulos -, nas quais foi mantida a fonte Time New Roman e o itálico.

inicialmente tímido e de poucas palavras dos ribeirinhos que vai se transformando, aos poucos, numa maneira singular e acolhedora de receber quem chega. A cada estada, novas descobertas. O estranhamento inicial vai se transformando em familiaridade e a complexidade, aliada à simplicidade do viver cotidiano, vai se deixando compreender processualmente, como o tecer de fios numa rede de pescar - uma tessitura forte, mas vazada, com muitos espaços abertos para as passagens.

As crianças vão se apresentando, traquinas, risonhas, livres e íntimas das belezas, dos desafios e dos perigos que o viver naquelas paragens traz para cada uma e para o coletivo. Ao estar com elas, foram elaboradas as três perguntas principais que busquei responder no decorrer do estudo: Quais as concepções de infância na Barra e no Paraguai Mirim? Qual o significado de ser criança nestas comunidades? Quais relações se estabelecem entre crianças, natureza-cultura e brincadeiras? A partir destas perguntas se ampliaram as dúvidas: Como e quando as crianças participam do cotidiano comunitário? No que há liberdade e autonomia para ser feito? O que requer o acompanhamento dos adultos? Quais experiências acontecem no cotidiano da Barra e do Paraguai Mirim envolvendo o coletivo de crianças? Seus corpos? A natureza-cultura? O rio? O cerrado? Os adultos? Os velhos? Há espaços proibidos para as crianças? Quais? Por quê? Quais são as principais formas de brincar destas crianças? Com o que brincam? O que é proibido nas brincadeiras? Transgridem ao brincar? Meninas brincam separadas dos meninos? Há classificação por idades? O que as brincadeiras evidenciam sobre o exercício de estar juntas e de resolver conflitos? Os adultos interferem? Quando? Por quê? Quais aprendizagens as brincadeiras carregam? Quais as experiências vividas ao ser criança na Barra e no Paraguai Mirim, nas concepções de Benjamin (1980, 2012) e de Larrosa (2002, 2015)?

Vivi exercícios de questionamentos. Havia perguntas. As respostas poderiam chegar, ou não. Eu e as crianças fomos ficando marcadas, manchadas, lambuzadas nos caminhos de pega-pega com as respostas, que por vezes conseguiam fugir, se esconder, reaparecer. Os referenciais teóricos, mais presentes no início da pesquisa,⁸ iluminaram os caminhos de compreensão das crianças como seres sociais-culturais da (com e na) natureza, que se expressam por meio das linguagens do brincar, com historicidades, intuições e sensibilidades que as tornam partes de um coletivo, mas unas e singulares.

Ao reconhecer as crianças como agentes que percorrem seus caminhos atribuindo sentidos em seus processos de socialização - influenciadas e influenciadoras de cultura -, fui,

⁸ Benjamin (1980, 2000, 2009, 2012); Cruz (2005); Faria, Demartini, Prado (2002); Hortélio (2012, 2017, 2018); Larrosa (1999, 2002, 2015); Manfroi, Marinho (2014); Maturana, Verden-Zöllner (2004); Saló (1977); Saura (2008, 2014); Tiriba (2010, 2014); Tonucci (2005).

gradativamente, estabelecendo o diálogo das minhas experiências vividas e dos estudos efetivados no percurso acadêmico, com os mergulhos na Barra e no Paraguai Mirim. Neste estradar configurei, como sinais no horizonte, os caminhos pretendidos em minhas estadas que gestaram o **objetivo geral**: Compreender as concepções, os significados e as singularidades de ser criança na Barra do São Lourenço e no Paraguai Mirim - Pantanal de MS, vislumbrando o brincar com a (e na) natureza, nas expressões corporais e nas linguagens que se querem muitas e livres.

Neste percurso, fui instigada e provocada por dúvidas, a partir das experiências e das aprendizagens efetivadas nos processos de vida que me aparelharam para saber que: "**Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute.**" (BARROS, 2010, p. 198). Assim, a opção pelo campo de pesquisa e pelas crianças que vivem no Pantanal, partiu do pressuposto de que o convívio direto com a natureza e a distância das cidades podem proporcionar um viver peculiar, mais livre e integrado, que possibilita a sinergia de gentes, bichos e águas. No entanto, tratando-se de focalizar a comunidade humana (sem negligenciar os demais contextos), também projetei a existência de contradições no que se refere às concepções e aos significados de ser criança e viver as suas infâncias. As comunidades não estão impedidas de contatos que acontecem nas mediações dos contextos locais com os externos, que chegam, geralmente, via embarcações que transportam ribeirinhos; pesquisadores e técnicos; profissionais da Marinha e do Exército; funcionários das fazendas e turistas.

Nesta perspectiva, foi gestada a **tese**, fio condutor da pesquisa proposta: as crianças ribeirinhas, que habitam a Barra do São Lourenço e o Paraguai Mirim, embora cada vez mais expostas ao convívio com outras gentes, com outras culturas e com conflitos socioambientais constantes, vivem contextos de vida tão significativos e marcantes, com as comunidades e com a (e na) natureza, que minimizam tais influências. Estas crianças são capazes de manter memórias significativas de suas experiências vividas, sendo transgressoras, sábias e potentes para viverem as suas "**raízes crianceiras**" e relativizar o que chega nos barcos, por mais fascinantes que possa parecer. São corpos-crianças, independentemente das cronologias, fortes e corajosos, potentes para conviver com o sol, as águas, as matas, as picadas, as mordidas, as aventuras. Natureza-cultura que desperta desejos brincantes.

Rememorando a minha infância, retomando os achados da pesquisa de mestrado e olhando para a trajetória do doutorado, arrisco afirmar que esta situação se fortalece, amplia-se e se consolida na mediação das relações de entajuda vividas no cotidiano e nas brincadeiras que envolvem adultos, crianças, bichos, águas, natureza-cultura. Esta tessitura se deu no

encontro das buscas teóricas com as observações, sensações e conversas efetivadas no local com crianças, jovens, adultos e velhos⁹ que nasceram e/ou que moram na Barra e no Paraguai Mirim.

As estadas nos campos de pesquisa ocorreram, processual e concomitantemente, com a busca de estudos realizados nestes contextos, via acesso ao acervo *online* de bases de dissertações, teses e periódicos¹⁰, bem como por indicação de membros da organização não governamental Ecologia e Ação (Ecoa)¹¹ e de professores das universidades locais. Foram usados como descritores, associados alternadamente pela expressão *and*: Pantanal, Barra do São Lourenço, Paraguai Mirim, ribeirinhos, crianças, infâncias, brincadeiras, natureza, cultura. Considerando o pequeno quantitativo de estudos realizados, até então, não foi delimitado período de tempo.

Dos trabalhos encontrados, identifiquei que a maioria se volta para questões geopolíticas, ecológicas e socioambientais, com foco na fauna, na flora e nas atividades de pesca e catação de iscas vivas. Também foram abordadas temáticas relacionadas com conflitos de terra, doenças epidemiológicas, turismo sexual, “freteiras”¹², escolas, sustentabilidade, ervas medicinais e outros. As palavras crianças, infâncias e brincadeiras pouco apareceram nos descritores dos trabalhos. Em pesquisas que se voltam para os saberes ancestrais, as crianças, por estarem muito próximas aos adultos, habitualmente têm passado despercebidas, assim como as brincadeiras. Nessas comunidades, se brinca trabalhando e se trabalha brincando, apesar da dureza das lidas cotidianas. Este jeito de ser dos ribeirinhos não encobre a compreensão,

⁹ A opção pelo termo “velhos” corresponde a mesma justificativa dada na dissertação de mestrado (MANFROI, 2015), na qual o adotei por considerar que as demais denominações (idosos, terceira idade, melhor idade) são contemporâneas e, de certa maneira, usam eufemismos na tentativa de minimizar as perdas do processo de envelhecimento - que também tem ganhos - fazendo parte do ciclo vital de todos os seres vivos. Busquei quebrar preconceitos e mitos, na compreensão de que a dignidade e o respeito são fundamentais para viver a velhice sem negá-la, viabilizando a abertura de caminhos para a cidadania, que quebra paradigmas e estereótipos quando mediada pela convivência familiar e social. Na Barra, a parteira antiga, já falecida, é conhecida como dona Joana Velha (PEREIRA, 2015).

¹⁰ As bases consultadas foram: Google Acadêmico; repositório de universidades (Universidade Católica Dom Bosco - UCDB; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; Universidade de São Paulo - USP); Scielo.

¹¹ A Ecoa - Ecologia e Ação, é uma organização não governamental que surgiu em 1989, em MS, constituída por pesquisadores com diferentes formações, com o objetivo de estabelecer um espaço para reflexões, formulações, debates, além de desenvolver projetos e buscar envolver as políticas públicas para a conservação ambiental e a sustentabilidade tanto no meio rural, quanto no meio urbano. O Pantanal e a Bacia do rio da Prata, nesta perspectiva, foram identificados como as regiões prioritárias, sendo que nas regiões pantaneiras concentram-se as ações de base comunitária e uma das razões para a sua criação. Disponível em: <https://ecoa.org.br/ecoa>

¹² As “freteiras” são embarcações, “chapas”, que fazem o transporte de pessoas e de cargas variadas. Por transportar cargas vivas como gado e maquinários agrícolas pesados, materiais de construção e outros, tornam-se bastante lentas, demoram cerca de 15h para chegar até o Paraguai Mirim e em torno de 36h para chegar na Barra. O valor, na faixa de R\$ 100,00 por passageiro, mesmo sendo uma das alternativas mais em conta para a população ribeirinha, ainda é pouco acessível.

fundamentada em Arroyo e Silva (2012), de que as crianças, embora ativas e participantes, estão também enredadas, assim como os adultos, nos contextos das relações político-sociais-culturais, étnico-raciais, de classes sociais, de gênero. São historicamente dialéticas. Há conformismos e resistências. Há pobreza e encantamentos. Há alegrias. Há dores. Há sonhos. Há potências.

Após a seleção inicial, em pesquisa exploratória, li os resumos, selecionei os estudos que mais se aproximavam da minha proposta de pesquisa e que poderiam contribuir para a melhor compreensão da Barra e do Paraguai Mirim como campos de pesquisa. Neste percurso, foram escolhidos, para leituras mais atentas e diálogos com os achados de pesquisa, os estudos de: Costa (2013); Chiaravalloti (2016); Fonseca (2017); Pereira (2015); Santana, Silva e Silva (2017); Santos (2013); Siqueira (2015); Zanatta (2011); Zerlotti (2014).

Além das temáticas das pesquisas se distanciarem da minha proposta, faz-se necessário evidenciar que a região denominada Pantanal é bastante extensa (cerca de 150.355 km²) e diversificada geográfica e culturalmente. Sem negar as contribuições dos trabalhos referenciados, e embora as leituras tenham sido significativas para a compreensão da complexidade da região na qual os campos de pesquisa estão inseridos, houve certo afastamento destes estudos no decorrer da pesquisa.

Assim, a intencionalidade no percurso teórico-metodológico buscou aproximações com as crianças, respeitando o fluir da vida na comunidade que se gesta no ser, no estar, no brincar e se fez com Friedmann (2015); Hillman (2001); Hortélio (2008); Peo¹³ (2013); Saura, Meirelles, Eckschmidt (2015); Sayão (2002, 2008); Silva (2012); Tiriba (2010). Esta perspectiva dialoga com memórias da minha infância, brincada no coletivo e na natureza. Estar nos campos de pesquisa suscitou lembranças do que foi vivido, projetando possíveis caminhos de estar com as crianças, ancorados em valores e princípios do pleno viver. Assim, revivi semelhanças com a pesquisa de mestrado e, ao mesmo tempo, dela me afastei por já não ser a mesma pesquisadora e por estar em contato com contextos geográficos e culturais peculiares. No entanto, o mergulho e as aprendizagens foram, mais uma vez, instigantes. Colocaram paradigmas em questionamento e desconstruíram certezas que insistiram em permanecer.

¹³ Referencio, carinhosamente de “Peo”, a professora Maria Amélia Pinho Pereira, idealizadora da “Casa Redonda - Centro de Estudos”, instituição educacional paulista que publicou o livro “Casa Redonda: experiência em educação” (2013). A professora é assim conhecida e assim apresentada em cursos que ministra (fui sua aluna no “Curso Arte do Brincante para educadores”) e também em entrevistas, vídeos e outras publicações.

Penso que este estudo, ao efetivar o registro do que e do como se vive na Barra e no Paraguai Mirim, com foco no ser criança, possa contribuir para que as comunidades fortaleçam os sentidos de pertencimento a um jeito de estar no mundo que convida para a compreensão de que somos natureza-cultura, constituindo subjetividades que compõem uma unidade. Paralelamente, para os moradores das cidades, às vezes, excessivamente urbanos e distantes desta cosmologia, o estudo pode desafiar a aprendizagens outras, provocando dúvidas, questionamentos, sensibilização dos inúmeros significados de ser e de estar no mundo.

Penso que esta pesquisa também pode fortalecer a concepção de que a Educação Física tem compromissos com as crianças, com a natureza e com o brincar como caminhos de respeito à vida, de acordo com as subjetividades e as singularidades de cada ser. Mesmo pensando que estas discussões são inerentes à Educação Física, não haverá essa relação explícita ao longo deste trabalho. Estar no Pantanal, com as crianças, ressignificou a professora que nasceu em mim, há tempos idos, no ninhal da Educação Física que transvê os corpos em seus contextos, expressões, significados e liberdades, ampliando a potência e o repertório dos movimentos (SAURA, MEIRELLES, ECKSCHMIDT, 2015). Renasci parceira das crianças e poetizei com Manoel de Barros (2010, p. 475): **"Na estrada, ponho meu corpo a ventos. Aves me reconhecem pelo andar."** No estradar da pesquisa: **"As plantas me ensinavam de chão. Fui aprendendo com o corpo."** (p. 115). E, ao juntar experiências e estudos, reconheci, de jeitos mais intensos que, para brincar, é preciso se jogar inteira; para mergulhar, se despir. Manoel de Barros (2010) ensinou jeitos: **"A mim me parece um castigo alguém não conhecer na carne o frescor de águas correntes."** (p. 216). E, entranhada de natureza-cultura e ouvindo o poeta, descobri que: **"Marandovás me ensinam, com seu corpo de sanfona, a andar em telhas."** (p. 223).

Com relação às políticas públicas, a divulgação dos registros e discussões emergidos do estudo, podem chegar como alerta de que é um dever do Estado o atendimento a estas crianças que, embora tenham significativas e amplas experiências de vida, também têm o direito cidadão de atendimento às suas necessidades e potencialidades, para além dos saberes da Barra e do Paraguai Mirim. Escolas?

As escolas, com todas as críticas que se possam fazer, representam, para as comunidades ribeirinhas, o atendimento de um direito conquistado, historicamente, pelas classes

trabalhadoras. Na região do Pantanal, foram criadas as “Escolas das Águas”¹⁴, sendo que as regiões da Barra e do Paraguai Mirim, por estarem cercadas de significativos povoados, em suas redondezas, possuem cada uma a sua escola. No entanto, o Pantanal está submetido ao movimento das águas. A estação seca traz os bancos de areia e dificuldades de navegação, sendo que os períodos de chuva inundam as áreas mais baixas, isolando algumas comunidades e dificultando o desenvolvimento do ano letivo.

As construções algumas vezes não oferecem segurança, como aconteceu na escola da Barra. Desde março de 2019 foi interditada porque, segundo parecer do Ministério Público, a água diminuiu o barranco e o prédio já não era seguro. O projeto de uma nova escola está no papel, mas o início de sua construção, no momento desta escrita, ainda não estava definido. Há disputas. Descasos. Após dois meses fechada, a escola voltou a funcionar na antiga estrutura, com uma pintura nova e piso emborrachado. As opiniões na comunidade divergem sobre as reais condições da infraestrutura da escola. Uma semana antes de interromper as aulas, fiquei alojada por lá. Riscos da pesquisa.

As aventuras de estar no Pantanal foram convites e desafios para estradar por caminhos encantadores que, em sua maioria, se apresentavam com riscos perceptíveis e, de certa maneira, controláveis (de repente, não!). Às vezes, a intuição fazia o coração acelerar e a pele arrepiar, na eminência de algo acontecer, que não se sabia exatamente o que era, mas que poderia se manifestar. O que fazer? Entregar-me ao momento e sentir o pulsar da vida (LE BRETON, 2016). Com gratidão, apresento esta tese como possibilidade de ampliação e ressignificação das minhas experiências de ser criança, na busca constante de compreender as águas que correm em mim e que, nesse momento, fluem, navegam e mergulham nas águas do Pantanal, junto com as crianças da Barra e do Paraguai Mirim.

¹⁴ No município de Corumbá, a fim de atender os filhos de agricultores, pescadores, assentados, peões, pequenos proprietários de terra e de famílias ribeirinhas, as escolas foram divididas, no ano de 1997, em Escolas da Terra e das Águas. As denominadas Escolas das Águas se localizam em regiões mais baixas e, portanto, sob a influência dos rios Paraguai e Taquari. Esta separação facilitou aspectos administrativos e pedagógicos, dando maior autonomia para as escolas que, a partir de então, vêm planejando seus calendários de acordo com os ciclos da natureza que influenciam diretamente a vida dos envolvidos e os conteúdos a serem trabalhados, respeitando os saberes locais. Assim, as Escolas das Águas, além de incorporar a cultura ribeirinha no currículo, seguem cronogramas próprios, pois para várias as crianças, são necessárias viagens de mais de 6h de barco para chegar até as escolas. Algumas ficam alojadas nas escolas, durante o bimestre ou quinzena, a depender da distância de suas casas. Assim como parte dos professores e professoras que não moram nas comunidades. Gradativamente, não sem dificuldades e resistências, as equipes administrativas e pedagógicas estão compreendendo que as escolas estão inseridas em culturas diferenciadas e que precisam respeitar os saberes locais. Destaco que as comunidades pantaneiras são milenares, possuem conhecimentos ambientais que, aliados aos conhecimentos escolares, podem gerar novos saberes de extrema relevância para o coletivo. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/no-pantanal-escolas-das-aguas-se-adaptam-ao-regime-das-cheias/>

A organização da tese, em redemoinhos, foi sendo tecida como uma rede que se deixa moldar pelas mãos hábeis do pescador. Houve dúvidas, impasses, escolhas. Apresento o texto em uma sequência que me pareceu harmoniosa com as experiências vividas. Harmoniosa, nunca fácil. A folha em branco parecia não conseguir acolher a totalidade do que foi degustado com a convivência. Por vezes, haverá folhas outras, com variedade de texturas, na busca de proporcionar fragmentos das sensações sentidas. Também não me senti à vontade para colocar as fotos dentro do texto. Elas são inteiras e múltiplas e, para mim, merecem ser lidas, tocadas e acariciadas, da forma como forem fazendo sentido para cada ser a quem chegarem. – Nossa Mira, precisa mudar tudo assim?¹⁵

Foi este o jeito mais coerente que achei de me expor, de me fazer entender, de me fazer sentir. Foi este o jeito que encontrei para juntar palavras, imagens e sensações para contar sobre as aventuras de navegar sem caminhos prontos, no exercício constante do gaguejar que gesta espaços e tempos para as infinitas possibilidades. Estou de mãos dadas com as crianças ribeirinhas. Escrevemos de movimentos, de experiências, de vidas.

A estrutura que constitui a parte menos flutuante e menos à deriva, foi organizada em seis momentos. Início com a apresentação dos referenciais teóricos que, por estranhamentos e encantamentos, me colocaram na busca de autores outros que chegaram ao lado de poetas-pesquisadores e de pesquisadores-poetas. Com elas e eles, a vida se fez latente, se fez misteriosa, se fez fascinante, se fez potência. Ao encontrar e estar com seus escritos, melhor compreendi as crianças. Reencontrei partes de mim.

Na sequência, descrevo os procedimentos metodológicos que não foram caminhos predeterminados e fechados, mas se abriram para os movimentos, as intuições, as buscas, as descobertas, os recomeços. Houve escuta, houve olhar, houve sentir, houve passos, houve esperas, houve guianças em cada encruzilhada.

Serra do Amolar - ninhal dos campos de pesquisa. Um pouco no barco, um pouco dentro do rio, um pouco com os pés encobertos de terra, sempre com a deslumbrante paisagem de horizontes infinitos. Neste entorno, não sem algumas dificuldades para encontrar as palavras, escrevi sobre os contextos da Serra do Amolar - Barra e Paraguai Mirim -, com a compreensão de que a amplitude das experiências, por vezes, não caberia nas linhas. Conflitos dos campos

¹⁵ Nas versões impressas há um transbordamento - a CaixaRela -, confeccionada em papelão, com preciosidades e insignificâncias, abrigando: folhas soltas com narrativas escritas; envelope de tecido de algodão costurado à mão com fotografias; envelopes com cartas desenhadas e escritas pelas crianças da Costa e da Serra do Amolar; vídeos acessados por QRcode; folhas e pedrinhas colhidas no chão do Pantanal. Estas artesanias estão compartilhadas nesta versão *online*, mas de outros jeitos. Havendo interesse em conhecer a versão impressa, sinta-se à vontade para solicitar via e-mail (mira_nm@hotmail.com).

de pesquisa que se fazem sem os limites das margens. A ajuda de Manoel de Barros (2010, p. 148) veio no bico do passarinho: "**Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se.**"

Registros. Tarefa complexa. Exigente. Como prender os raios do sol, na palavra SOL? Como estancar o movimento das águas, em uma página? Como tirar o fiapo de manga do dente com ponto de exclamação? Como prender as meninas e os meninos, entre vírgulas e pontos? Chegou Benjamin (2015, p. 107) para acalentar e caminhar junto:

Uma coisa devo admitir logo de início: só é possível descrever uma pequena parte do que se vê. Ainda não nasceu o escritor ou poeta capaz de descrever, de forma que o leitor possa imaginar do que se trata, um cilindro laminador ou uma tesoura rolante, uma prensa de extrusão ou um laminador a fio de alta potência. Talvez um engenheiro pudesse. Mas ainda assim, ele faria um desenho. - E o observador? Penso aqui em um de vocês, por exemplo, que chegasse à fábrica de latão Hirsch-Kupfer em Eberswalde e ficasse diante de uma destas máquinas que tem nomes quase impronunciáveis. O que ele veria ali? Muito simples: nem mais nem menos do que eu posso descrever aqui com palavras. Ou seja, nada. Pois qual seria o interesse em descrever estas máquinas por fora? Elas não são feitas para serem vistas, a não ser por alguém que, conhecendo perfeitamente seu mecanismo, seu desempenho e sua finalidade, saiba exatamente o que precisa verificar ali. Só podemos compreender exatamente o que se passa no exterior, se conhecemos o interior; isso vale tanto para as máquinas quanto para os seres vivos.

Despertei, saí da imobilidade, "**divinare!**" (BARROS, 2010, p. 341). O percorrer das trilhas, que poderiam me levar a conhecer o que as crianças quisessem me mostrar, pedia liberdades, desapegos, humildades, sensibilidades, ousadias, paciências, perseveranças, risadas, ouvidos abertos, silêncios, abraços, bagunças, peraltagens, cambalhotas, quietudes, amorosidades, esperanças. Brisas e ventanias. Recortes e generosidades. Voos e aterramentos. Encontrei as narrativas.

Reencantar algo que já está encantado, é possível? Respondo que sim, em rodas de conversas com poetas, autores, crianças e gentes ribeirinhas. Ousei cirandar com palavras faladas, palavras escritas, imagens que se fazem textos, poesias. Longe, mas não distante da Barra e do Paraguai Mirim, reencontrei as crianças da Costa da Lagoa, também presentes nesta tese, com as suas cartas. Sim, cartas. Ousei fazer contato com a diretora Fabiana¹⁶ e a professora Carol da Escola Desdobrada Costa da Lagoa (SC), afetos dos tempos de mestrado. Propus a troca de cartas entre as crianças de lá e de cá. Desafio aceito. Fiz convite semelhante para a professora Sabrina, da Escola Rural do Paraguai Mirim (MS). Estavam trabalhando o gênero

¹⁶ Por coerência teórico-metodológica, a ser explicitada no momento de apresentar os caminhos percorridos no desenrolar da pesquisa de campo, não serão utilizados nomes fictícios.

carta. Aceitou. Embora a escola da Barra estivesse interdita, desta experiência participaram quatro crianças que residem em locais mais acessíveis.

Conversas foram tecidas, a proposta foi sendo gestada. Nasceu. As cartas - relíquias de palavras, desenhos e coisas do chão e das águas da Costa -, voaram pelos céus, flutuaram nas águas. Nas caixas de Correios, elas chegaram. Com nomes e sobrenomes escritos nos envelopes! De Campo Grande viajaram de ônibus, depois de barco. Cartas entregues para as crianças ribeirinhas - suas destinatárias. Expectativa. Surpresa. Alegria. Desassossego. Mãos tocando, revirando, conhecendo. Concentração. Leitura. Releitura. Risadas. Aproximações com a Costa. Corações batucando felizes.

Lendo e relendo o caderno de apontamentos, às vezes tirando os olhos do papel e divagando, mergulhada nas fotos, nos vídeos e na lindeza das cartas, ampliei a percepção e as possibilidades de aproximações para além dos espaços geográficos. Na companhia de Mia Couto (2003, p. 53), senti que, na compreensão de Vô Mariano: “O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.”. Neste emaranhado de olhar de longe e de fora, de perto e de dentro (MAGNANI, 1998) se ampliaram as linguagens - narrativas, cartas, fotografias, QRcode.

As diferentes linguagens contam de tudo um pouco. De coisas vividas, de coisas inventadas, de coisas engraçadas, de coisas tristes. Ganhos e perdas. Lembranças. Saudade. Havia pacus deliciosos, mandiocas amarelinhas, pássaros encantados, velhos contadores de histórias, traquinagens de crianças, águas muitas, céus infinitos, mistérios, elementais protetores, criaturas assustadoras, raios de sol, flores em balanços, gentilezas, mosquitos, lata de fumaça, olhares, bunda lavada, maritaca, boia, quintal. As crianças foram protagonistas.

Assim como Manoel de Barros (2010, p. 206), senti que: **“No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.”**. Como compartilhar narrativas e imagens aladas e livres, capazes de fazer guerra de almofadas em minha cabeça? Respirava e pensava: tese estruturada. Nada disso, havia necessidades, havia desejos, havia fome. Ainda havia, em mim, coisas a dizer. Vividas. Entranhadas. Latentes. Tentava dormir. Ouvia risos. Conversas de pesca. Barulhos de barco subindo. Gritos de arãquã - o pássaro das liberdades. Havia mais para contar... Para tudo que se fez transbordar, nasceu quem tinha que nascer: **“A CaixaRela, será que é tagarela?”**, guardando **desimportâncias** poéticas.

Quando estava nascendo saudade, as considerações que eram para ser finais se quiseram continuais... No movimento das águas, com a licença poética de Manoel de Barros (2010), a compreensão da **incompletude** desta tese foi acolhida. Seria um **despropósito** e um **descomeço** colocar ponto final nas **peraltagens** das crianças, nos **passarinhais**, nas águas **riachosas**, nos **andarejos de arrebol**, nos **deslimites** das palavras... Aqui me exponho, **adejante**, mergulho e borbulho como uma nova nascente no portal de águas, de raízes, de ninhais, de ancestralidades... "**Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças. E ficou sendo.**" (p. 469).

2. GUARDIÕES, INSPIRAÇÕES

E GUIANÇAS

2. GUARDIÕES, INSPIRAÇÕES E GUIANÇAS

da coragem de saber que de tudo fica um pouco

*Anos de estudo
e pesquisas:
Era no amanhecer
Que as formigas escolhiam seus vestidos.
Manoel de Barros (2010, p. 163)*

A delicadeza da pesquisa chamou por saberes gestados em sabedorias ancestrais. Saberes que não cabem em conceitos estanques, em dicotomias (certo ou errado; bonito ou feio; bom ou ruim; alegria ou tristeza; ou isto ou aquilo; ou melhor ou pior). Crianças, natureza-cultura e brincadeiras convidam para cirandar as inteirezas de cada ser. São palavras-seres que foram se constituindo sagradas, na compreensão de singularidades. Não se pode falar sem muito ouvir. Não se pode tocar sem pedir licença (e esperar a resposta, que pode ser sim, talvez, quem sabe, depois, não, ou não acontecer com palavras). Não se pode escrever solitariamente, pois os saberes das experiências clamam por coletivo, por mãos dadas, por cirandas.

Passos. Marcas. Escritas. Leituras. Encontros. Desencontros. Reencontros. Buscas. Dúvidas. Afinidades. Compreender, subindo em árvores, mergulhando em rios, acompanhando os voos dos tuiuiús. Estar com as crianças das águas (e das terras, e dos céus, e das casas, e dos coletivos, e ...) foi uma benção, também um convite para mergulhos em busca de mim mesma. Amparada por minha ancestralidade fui conduzida à guardiã e aos guardiões deste trilhar: Jorge Larrosa (1999, 2002, 2015); Lydia Hortélio (2012, 2014, 2017, 2018); Manoel de Barros (1990, 2008, 2010); Walter Benjamin (1980, 2000, 2009, 2012). Saberes da experiência. Musicalidade. Poética. Experiências vividas.

Da Bahia vem sons, batuques, gingados, temperos, pimentas. Foi a Bahia - “terra da felicidade” - que, para conectar e costurar as arestas, preencher as lacunas e clarear os pontos nebulosos, acalantar e esperançar, presenteou as cirandas de mãos dadas com a velha sábia educadora, Lydia Hortélio (2012, 2014, 2018). Menina aos 86 anos de vida, com a delicadeza e, dialeticamente, a firmeza de uma voz que canta de crianças, de brincadeiras, de corpos e de naturezas-culturas. Lydia, de uma maneira bela e visceral alcança os vazios profundos da alma e impulsiona voos livres e longínquos, nas infinitas possibilidades do imaginário e do vir a ser. Com a menina Lydia - que me encanta a cada novo encontro -, também fico menina e, juntas, cantamos: “Ôi abre a roda tindolelê/Ôi abre a roda tindolalá/ Ôi abre a roda tindolelê/ Tindolelê

tindolalá.”. Tudo fica mais leve e mais ciranda, com esta menina que aprendeu a cantar antes de falar. Gratidão.

Com a leveza trazida por Lydia, chego a outro fio condutor que inspira a tessitura da matriz epistemológica, na qual fundamentei a pesquisa e que perpassa a compreensão dos significados de ser criança, brincar, corpo e natureza. Fio que se fez no plural e se faz na apropriação das categorias “experiências vividas” concebida por Walter Benjamin (1980, 2000, 2009, 2012) e “saberes da experiência” na compreensão de Jorge Larrosa (1999, 2002, 2015). Na Barra e no Paraguai Mirim há “experiências vividas” e “saberes das experiências” de meninas e de meninos que se misturam com as águas e as matas. Às vezes se escondem. Às vezes se expõem. Sempre espreitam. Impossível conhecer sem dar saltos para dentro, sem viver com elas e eles as aventuras cotidianas das experiências que nos penetram, que nos possibilitam reconhecer quem somos e que, às vezes, se desgarraram de nós em alguma curva da estrada, no excesso de racionalização, na negação dos movimentos, no encolhimento do sentir.

As águas pantaneiras provocam. Não se explicam facilmente, não se entregam para análises e estatísticas, surpreendem, assustam, encantam. São feitas de poesia. Chamam o olhar de pernas para o ar, horizontes sem limites, garças brancas nos corixos, razão juntinho com as emoções. Para este feito, só Manoel de Barros (2010), o menino pantaneiro de “raízes criancieiras”, para poetizar o texto que se pretende em diálogo com as águas, as terras, os céus, os bichos e as gentes deste cenário que denomino ninhal gestador de vidas, sonhos, “esperançar” (Paulo Freire, que tem doçuras de olhar de avô, também se faz presente¹⁷).

Guardiãs e guardiões podem trazer estranhamentos para muitas pessoas. Para mim, só bondade, proteção e guiança. Sou filha única, mas fui criada e educada com maternidade e paternidade compartilhadas entre tias e tios de sangue e de coração, avós e avôs meus e emprestados de amigas e amigos, por uma índia terena que me falou e ensinou de gnomos e de coisas “desimportantes”. Irmãs e irmãos de todas as idades e jeitos. Coletivos. Profano e sagrado como unidade. Na casa da minha infância, que habita em mim, tem capela e tem baú de brinquedos, água e cachaça, reza e cantorias. Tudo junto e misturado. Foi assim que aprendi.

Com as amoras e os amores de minha vida, com Lydia, Benjamin, Larrosa e Manoel de Barros, senti que havia proteção e havia guiança. Os voos poderiam ser infinitos. Retornar aos ninhais também. A construção da pesquisa correspondeu a uma caminhada com significativas experiências que geraram e geram encontros, provocações, problematizações, dúvidas,

¹⁷ Paulo Freire está referenciado por meio do livro: “Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras.” (BRANDÃO; FREIRE, 2005).

angústias, alegrias. Estes momentos podem ser em relação a mim mesma, lugares, pessoas, circunstâncias, paisagens. Apresento os diálogos estabelecidos com **autoras e autores, livros, textos e poesias**. Por vezes, alguém provocou este encontro me apresentando, sugerindo ou até presenteando com um livro. Houve cursos, palestras, eventos com e a partir de autoras e autores. Outras vezes, autoras, autores e suas poéticas chegaram por e-mail. Também houve situações em que entrei nas livrarias, passei horas folheando livros, percorrendo sumários, fazendo buscas em bancos de dados. Em todo o percurso, para suavizar o processo e inspirar a escrita, lia e leio poesias, narrativas e literatura. Estes movimentos têm se constituído como buscas incessantes de ampliação do entendimento dos temas, aos quais venho me debruçando: crianças, brincar, natureza-cultura, corpos e movimentos.

Pensar no processo de doutoramento, para mim, só poderia acontecer no encontro de um campo de pesquisa com crianças e natureza-cultura. As memórias das experiências vividas na Costa não queriam um lugar urbano. As águas da Lagoa da Conceição com a lua refletida murmuravam alucinações. O Pantanal me instigava desde criança, mas para ser campo de pesquisa se fazia necessária uma revisão bibliográfica. Busquei e encontrei teses, dissertações e artigos.

Silvia Cristina Santana Zanatta (2011), graduada em Comunicação Social, desenvolveu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB, Campo Grande - MS), intitulada “Comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço: um estudo heurístico sobre desenvolvimento local como projeto endógeno e comunitário”. Seu objetivo foi explorar os aspectos relacionados ao pertencimento territorial da comunidade da Barra, a partir da conversa com uma moradora e um menino, focalizando também a complexa, instigante e bela presença das onças-pintadas que, dialeticamente, também ameaçam a vida e a tranquilidade local. Para seu estradar no campo, Zanatta optou pela etnografia, apoiada na concepção heurística, como caminho teórico-metodológico. Porém, como estava vinculada ao projeto “Criança das Águas - Pantanal: identidade e cidadania”, desenvolvido pela Ecoa, havia obrigações a cumprir e intervenções previamente planejadas relacionadas com as ações previstas que, de certa maneira, conduziram as estadas no campo de pesquisa e a coleta de dados. Apesar das inegáveis contribuições e da palavra criança ter aparecido várias vezes, as propostas teórico-metodológicas e o percurso diferem desta tese.

Denilson Almeida dos Santos (2013), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da UFMS (Campus Pantanal, Corumbá/MS), desenvolveu pesquisa com o título “Percepções socioambientais numa comunidade do Porto Amolar, na fronteira Brasil-

Bolívia: a relação do pantaneiro ribeirinho com o meio ambiente”, tendo como objetivo evidenciar possíveis conflitos socioambientais produzidos por diferentes atores sociais, em torno da gestão ambiental e territorial de ambientes naturais. De acordo com o autor, o estudo teve caráter “ecoantropológico”, por associar os conceitos da antropologia com os da ecologia. A palavra crianças é citada duas vezes, sendo uma relacionada com a mudança das famílias para a cidade, para que continuem os seus estudos e a outra em uma reportagem que descreve a entrega de doces pela Receita Federal. Portanto, este trabalho contribuiu para a melhor compreensão das relações entre os ribeirinhos e o ambiente, mas pouco acrescentou com relação às crianças, o brincar, a natureza-cultura.

Kelly Patrícia Carneiro da Costa (2013), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, Campus de Corumbá/MS, desenvolveu a dissertação de mestrado “Crianças e adultos da Barra de São Lourenço (Corumbá-MS) e suas práticas educativas”, com o objetivo de compreender as diferentes formas de transmissão e manutenção do conhecimento tradicional e da cultura local, por meio de pesquisa com nuances da etnografia. A referida pesquisadora, como Zanatta (2011), também participou da coleta de dados de uma pesquisa mais ampla, neste caso, desenvolvida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa): “Mapeamento socioeconômico do pescador profissional artesanal, do Pantanal sul”, utilizando, em sua dissertação, os resultados desta pesquisa para a contextualização da comunidade. Os demais dados foram obtidos com observação das crianças nos tempos e espaços das famílias, da comunidade, da escola, complementando com entrevistas semiestruturadas. A palavra criança apareceu muitas vezes, mas também houve distanciamento teórico-metodológico.

Patrícia Honorato Zerlotti (2014), do mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB (Campo Grande - MS), desenvolveu a dissertação de mestrado “Os saberes locais dos alunos sobre o ambiente natural e suas implicações no currículo escolar: um estudo na Escola das Águas - extensão São Lourenço, no Pantanal de Mato Grosso do Sul”, com objetivo de identificar os saberes dos alunos das Escolas das Águas relacionados ao ambiente pantaneiro e analisar como estes são contemplados no currículo escolar. Para o desenvolvimento de sua pesquisa utilizou a metodologia “geradora de dados”, segundo a autora descrita por Posey (1986) como conversa aberta, para que os participantes da pesquisa possam se expressar livremente por meio de provocações iniciais tipo “Fale-me sobre...”. Apesar de apresentar e contextualizar a Barra, o *lócus* da pesquisa foi a escola e o currículo, limitando, de certa maneira, as possíveis contribuições com esta tese.

Alisson de Souza Pereira (2015), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD - Dourados/MS), desenvolveu a dissertação de mestrado denominada “Entre barras e barrancas: elementos da ecologia dos ribeirinhos da comunidade Barra do São Lourenço - MS”, com o objetivo de entender o modo como os moradores da Barra lidam com o ambiente pantaneiro. Realizou este estudo por meio de pesquisa de campo, com base nas reflexões teóricas de Geertz (1989), utilizando entrevistas com roteiro semiestruturado e fotografias, feitas pelas próprias crianças. Esta dissertação apresenta uma minuciosa descrição da região, de suas gentes e cultura. A palavra criança apareceu 11 vezes, mas nos contextos de convivência da comunidade, sem abordagens mais específicas, limitando possíveis contribuições.

André Luiz Siqueira (2015), do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS (Campus do Pantanal - Corumbá/MS), desenvolveu a pesquisa denominada “Conflitos socioambientais em comunidades tradicionais da fronteira Brasil-Bolívia e a experiência de implantação do turismo de base sustentável como alternativa de renda na comunidade da Barra do São Lourenço”, com o objetivo de identificar os conflitos socioambientais existentes a partir da implementação de áreas naturais protegidas como o Parque Nacional do Pantanal e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) no entorno da comunidade da Barra. Para a compreensão desses conflitos, o autor afirma ter feito uso de uma metodologia qualitativa, com procedimento de pesquisas bibliográficas por revisão de literatura e documental sobre a cartografia social e, após, realizou entrevistas semiestruturadas com os moradores mais antigos da comunidade. Pouco foram abordadas as questões relacionadas com as crianças, que só são citadas esporadicamente e como coadjuvantes em cenas com os adultos¹⁸.

Rafael Morais Chiaravalloti (2016), pela University College London, UCL, Grã-Bretanha, desenvolveu sua tese em antropologia intitulada “Local communities and conservation in the Pantanal wetland, Brazil”, com o objetivo de compreender como a pesca artesanal é realizada na região e como as pessoas se organizam, com foco na sustentabilidade

¹⁸ As contribuições de Siqueira (2015) foram ampliadas e melhor compreendidas com a leitura do livro “O mito moderno da natureza intocada”, que apresenta os estudos do professor da Universidade de São Paulo (USP), Antônio Carlos Santana Diegues (2008), coordenador científico do NUPAUB - Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil. Nesta obra, o autor trata das relações entre o homem e a natureza, com foco na compreensão das áreas naturais protegidas, questionando as concepções ecologistas e preservacionistas da sociedade urbano-industrial, de manter a natureza intocada e desconsiderar as sabedorias e as relações com o mundo natural vividas pelas populações que há séculos habitam estas áreas (indígenas, pescadores artesanais, ribeirinhos). Estas equivocadas e, na maioria das vezes, intencionais negações dos saberes ancestrais, tem criminalizado e punido aqueles que, histórica e culturalmente, têm sido guardiões das águas e das florestas. E, paradoxalmente, privilegiado os interesses dos grandes proprietários e do capital internacional. Agradeço a indicação da professora Soraia, durante a qualificação.

de suas atividades. Em sua etnografia, utilizou observação participante e entrevistas semiestruturadas, com um mapeamento participativo. Unindo a antropologia e a ecologia, conseguiu compreender o funcionamento do sistema de pesca compartilhado pelos ribeirinhos, bem como comprovar que se trata de um mecanismo sustentável de uso de recursos naturais. A palavra criança apareceu algumas vezes quando se retratou a escola. O trabalho trouxe uma descrição minuciosa da vida na comunidade, que muito ajudou na contextualização dos campos de pesquisa, mas também não dialogou com os objetivos desta tese.

Tayrine Pinho de Lima Fonseca (2017), do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS (Campus do Pantanal - Corumbá/MS), desenvolveu a pesquisa denominada “Os efeitos dos impactos ambientais naturais nas comunidades ribeirinhas da Barra do São Lourenço e Paraguai Mirim na fronteira Brasil - Bolívia”. O estudo teve o objetivo de analisar as vulnerabilidades socioambientais das comunidades ribeirinhas da Barra e do Paraguai Mirim, na fronteira Brasil - Bolívia. Foram realizadas visitas *in loco*, análise de dados fluviométricos, imagens de satélites e sobrevoo na região para identificar a mobilidade dos ribeirinhos durante as inundações. A autora concluiu que as comunidades ribeirinhas estão vulneráveis aos impactos naturais em épocas de inundação como a decoada e a erosão das margens. No período de inundação muitos ribeirinhos ficam desabrigados, migram para cidade ou até mesmo têm a diminuição de terra firme nas redondezas das moradias, ocasionando escassez de alimentos e falta de abrigo para os animais domésticos. Embora as crianças sejam quase invisibilizadas, com duas incidências no texto, a leitura contribuiu para compreender como as gentes ribeirinhas ficam à mercê do movimento das águas. As escolas ficam interditadas e/ou as crianças não conseguem frequentá-las.

Lígia Lopes Teixeira de Santana; Aguinaldo Silva e Beatriz Lima de Paula Silva (2017) realizaram a pesquisa “A importância das ‘freteiras’ para as comunidades ribeirinhas do Pantanal”, com o objetivo de analisar a importância destas embarcações para as comunidades ribeirinhas que vivem às margens do rio Paraguai entre a foz do rio Cuiabá (MT) e a cidade de Corumbá (MS), bem como, caracterizar esse tipo de transporte que navega na região do Pantanal. A importância da pesquisa se dá pela ausência de outros estudos com esta temática, embora as “freteiras” sejam referência de transporte para os ribeirinhos e fazendeiros que vivem na região. Apesar das críticas, as “freteiras”, além do transporte de passageiros também levam notícias (recados e cartas), suprimentos (gêneros alimentícios, materiais para trabalho, combustíveis etc.). Embora as crianças acompanhem as famílias, a palavra criança apareceu somente uma vez e de maneira muito breve, pressupondo que as crianças e os velhos deveriam ser melhor cuidados durante os percursos.

Na continuidade de buscas, estabeleci contato com uma professora da UFMS, em fevereiro de 2017, visto que o grupo de estudos, do qual faz parte, vem desenvolvendo um levantamento das pesquisas que estão sendo feitas no Pantanal. Na primeira conversa obtive acesso a alguns estudos, mas ao ler os resumos, embora indicassem haver achados importantes e esclarecedores sobre o Pantanal, eram focalizados nos currículos, nos professores e nas gestões escolares de escolas localizadas em regiões que têm acesso por estradas e transporte rodoviário, distintas da Serra do Amolar - Pantanal profundo -, (MORRETTINI; URT, 2010; PIATTI, 2011; 2013; 2014).

As leituras referenciadas contribuíram para melhor conhecer alguns detalhes da configuração geopolítica e socioambiental da região, a composição da população, a organização das comunidades, a construção das casas, as atividades de sobrevivências, os meios de transporte, as situações das escolas, os riscos das enchentes, os problemas das secas, as ervas que tiram dores e curam (quando o caso é de cura). Era preciso saber mais sobre as crianças.

Consultei concomitantemente: obras da biblioteca familiar; textos estudados em meus processos de formação; bancos de dados de dissertações, teses e periódicos; bem como catálogos de editoras. Para melhor compreensão, autoras e autores serão apresentados por grupos temáticos - **crianças, brincar, corpo, natureza-cultura** - com o cuidado de não fragmentar a fundamentação teórica, que se pretende dialógica e complementar. Também considero relevante destacar que, em alguns estudos, estes temas são abordados em conjunto, pela aproximação que têm um com o outro. Nestes casos, relacionei autoras e autores ao tema mais recorrente em suas pesquisas, embora no decorrer do processo possam ser citados em temáticas correlacionadas.

Com este chão, que se fez de mergulhos e de voos, meu cais e meu navegar, fui ao encontro de autoras e autores. Primeiramente compartilho estudos que se desenvolveram com as **crianças**, construídos em múltiplas vias, relacionando as práticas corporais com as ciências humanas e sociais. Destaco professoras que possuem formação inicial em Pedagogia: Carmem Aguiar (1994, 1998), Ana Lúcia Goulart de Faria (2002; 2011; 2017), Daniela Finco (2011); em Psicologia: Patrícia Dias Prado (1998; 2002; 2012); em Educação Física: Déborah Thomé Sayão (1999, 2002, 2008); em Ciências Sociais: Zeila de Brito Fabri Demartini (2002); Anete Abramowicz (2011); e, em Antropologia: Clarice Cohn (2005). Este encontro - impregnado de contradições, tensões e disputas -, demarcou o surgimento de concepções outras de crianças e de infâncias, a partir da década de 1980, considerando-as na pluralidade e em suas inteirezas de ser, não mais como adultos em miniatura ou projetos de futuro, mas como seres que existem na inteireza de ser e de viver em comunidade.

Crianças compreendidas como seres nascidos em determinada cultura, mas também questionadores e produtores deste jeito de viver, fortalecendo as possibilidades de crescerem, construir e ampliarem as suas dimensões humanas, sendo crianças, mas também tendo atendidos seus direitos inalienáveis de cidadãos. Estes estudos têm gestado novas concepções e a construção de uma matriz epistemológica que compreende as crianças como protagonistas sociais, influenciadas e influenciadoras da cultura, possibilitando melhor compreender as infâncias brasileiras, mesmo que suas concepções não sejam consensuais em suas práxis, pois cada pesquisadora agrega a sua matriz epistemológica e a sua subjetividade ao efetivar seus estudos e conceitos.

A definição por esta linha teórica, que rompe com as concepções tradicionais e lineares de compreender as crianças, deu-se também no diálogo com as minhas experiências de infância que, apesar de terem sido urbanas e escolarizadas, foram vividas de pés descalços, subindo em árvores, pulando corda, no esconde-esconde e com tantas outras brincadeiras do repertório popular, sempre brincadas no coletivo, nos espaços públicos (ruas, praças e outros), misturando crianças e adultos, bichos e coisas jogadas: *"Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas). Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado e chorei. Sou fraco para elogios."* (BARROS, 2010, p. 403).

Apresento estas autoras em grupo, sem destacá-las individualmente, considerando que se fundamentam em referenciais teóricos que dialogam, preferencialmente, com a Sociologia, a Antropologia e a Educação Física, sem desconsiderar a História, a Filosofia, a Pedagogia e a Psicologia, mediadas pelas práticas corporais, as expressões artísticas e as manifestações culturais, tendo como referencial as experiências e os estudos desenvolvidos com a abordagem da região italiana de Reggio Emilia, preconizados inicialmente por Loris Malaguzzi na educação da primeira infância.

São estudos realizados COM as crianças, buscando dar voz e ouvi-las nos mais diferentes aspectos e condições, sem menosprezar a utilização de caminhos metodológicos que possibilitem a compreensão e os registros sistematizados dos significados de ser criança.

Estas estudiosas, vêm sistematizando o desenrolar de pesquisas com metodologias que, sem desprezar o rigor científico, incentivam o conviver, o ouvir, o olhar e o dialogar, em processos de trocas que envolvem o brincar, a entrega e o estar junto, para que se possa compreender e, de certa maneira, sentir os significados de ser criança em diferentes culturas e ambientes sociais.

Partem de concepções que consideram as crianças como protagonistas sociais, com possibilidades de se comunicar de diferentes maneiras e com diversas linguagens: falas, gestos, sons, movimentos, desenhos, rabiscos, garatujas, choros, risos, silêncios. Crianças que interagem e que são seres brincantes que aprendem, ensinam, cantam, dançam, fazem palhaçadas, ficam sozinhas, buscam as outras crianças (MANFROI, 2015).

Ainda em relação às crianças, mantenho um longo encontro com Walter Benjamin (1980, 2009, 2009, 2012), participante da Escola de Frankfurt, o qual me provocou ao aprofundamento de sua obra por meio de uma disciplina optativa “História e Infância em Walter Benjamin” (2017-1), com o Professor Alexandre Fernandez Vaz, estudioso do autor. A obra de Benjamin é dividida em dois momentos: a infância em Berlim e a vida adulta em Paris. Na primeira fase, na qual escreve sobre a infância, o autor traz pequenos aforismos descrevendo a sua experiência como criança, em uma família com muitos bens, pouco contato com os pais e cuidados femininos, vivendo sob a responsabilidades de cuidadoras. Nestes textos, Benjamin apresenta a cidade de Berlim pelos olhos de uma criança, sendo possível acompanhar como consegue perceber o mundo, por diferentes e singulares ângulos, quando em contato com a diversidade de locais e marcas do viver humano como, por exemplo, as estátuas de um parque, as transformações da vida causadas pelo advento das novas tecnologias, no caso específico, a chegada do telefone às residências.

De maneira singular, Benjamin, ao narrar sobre as suas experiências de infância que, de certa maneira, reconciliam-no com as memórias de si mesmo, apresenta descrições relevantes do momento histórico e político da época. Embora seja um adulto que escreve sobre a sua infância, com conhecimentos e experiências ampliadas, seus escritos, apoiados em suas memórias, têm se constituído como caminhos para a compreensão desta fase como uma etapa complexa na trajetória das vidas humanas, às vezes sofrida e impregnada de medos.

Paralelamente à minha inserção no Programa de Pós-Graduação, cursei a formação “Brincantes”, ofertada pelo Instituto Brincante¹⁹, projeto idealizado por Antônio Nóbrega e Rosane Almeida, no qual vivi o mágico privilégio de fazer oficinas com importantes estudiosas e estudiosos da Cultura Popular Brasileira. Dentre eles, estava a professora Peo que trouxe a sua experiência como idealizadora da Casa Redonda (instituição educacional paulista) e que me apresentou o livro de sua autoria “Casa Redonda: experiência em educação” (2013). Na

¹⁹ O Instituto Brincante por meio de pesquisas da arte e da cultura brasileiras, visa contribuir para ampliar a consciência cultural e social, formando e capacitando jovens, crianças, artistas e educadores.
Site: <http://www.institutobrincante.org.br/>

busca de melhor compreender as crianças e de aprender novos jeitos de estar com elas, sem diminuir suas liberdades e sem impor padrões sociais e culturais pré-estabelecidos como “normais”, tenho lido e relido esta obra. Nela encontrei narrativas encantadoras com uma série de reflexões do estar com as crianças, descritas com uma profundidade e uma poética que, por sua concepção holística, me inspira para além dos conceitos de corpo, brincar, criança e natureza-cultura, provocando o pensar mais uno (contradições que os estudos e as experiências trazem em seu bojo).

Peo, na proposta pedagógica da Casa Redonda, provoca o despertar constante de um olhar aguçado para os movimentos, as paradas, os silêncios, as vozes, os giros, os esconderijos, as geringonças. Enfim, convida para perceber, de maneira ampliada, os elementos do ser criança nos tempos e nos espaços da e com a natureza-cultura. Ainda vale ressaltar que Peo dialoga com Benjamin em algumas de suas reflexões, permitindo perceber, de maneira coerente e concreta, as possibilidades do diálogo de uma estudiosa, construído entre o empirismo das percepções-ações e as teorias que as respaldam.

Com o desenrolar do curso “Brincantes”, a partir das falas dos professores, passei a perceber que há coletivo de estudiosas e estudiosos que têm aprofundado suas reflexões com as crianças na cultura popular, dentre elas e eles estão, com formação inicial em Psicologia: Maria Cristina Meirelles Toledo Cruz (2005); em Educação Física: Renata Meirelles (2007), e Ana Cristina Zimmermann (2014); em Música: Lydia Hortélio (2012, 2014, 2017, 2018); em Filosofia: Soraia Chung Saura (2008, 2014); em Pedagogia: Adriana Friedmann (2015); e, em Teologia: Gandhi Piorski (2014, 2016). Estas autoras e este autor, assim como Peo, trazem este olhar minucioso e sensível que cria jeitos outros de estar com as crianças e seus fazeres no mundo. A partir de suas formações iniciais, buscas e experiências têm dialogado com a Educação Física e ampliado concepções - corpos, movimentos, culturas corporais, brincadeiras e jogos tradicionais, festas populares e outras manifestações.

Além dessa formação marcante, ingressei no curso de especialização “A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias”²⁰, em agosto de 2018, o qual tem a sua finalização prevista para julho de 2020. As concepções teóricas da proposta de formação dialogam com as que fundamentaram o curso dos “Brincantes”, contribuindo para ampliar os sentidos para estar com as crianças e perceber, na delicadeza, a sutileza de suas vozes, que por vezes, são seus silêncios.

²⁰ O curso de pós-graduação lato sensu A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias é oferecido e realizado pela FACON – Faculdade de Conchas no polo A Casa Tombada.
Site: <https://acasatombada.com.br/a-vez-e-a-voz-das-criancas/>

Com esta opção, assumi as responsabilidades de estar, mensalmente, em São Paulo, participando dos encontros presenciais, além das exigências de leituras e realização de trabalhos. Ressalto que os conteúdos e as abordagens teórico-metodológicas compartilhadas pelas professoras e professores muito contribuíram para estar no campo de pesquisa, efetivar os registros e sensibilizar para as experiências vividas. Para o reconhecimento do extraordinário, é necessário esvaziar-se e despir-se de certezas. Com mestras e mestres - atuantes neste curso -, aprendi que a entrega é caminho ao que parece desimportante e essencial. Sentem e ouvem o profundo de cada ser, falam de subjetividades pouco visibilizadas, contam de experiências que transgridem e que transformam.

Nas experiências vividas, ultrapassei lugares. Percebi que amanhecer no Pantanal, adormecer em um avião e estar em São Paulo faziam parte de um mesmo tecido. Encontrei pessoas, ouvi palavras e vivi experiências que dialogavam com o viver que se quer livre, singular, criancero. Dormindo no avião, sonhei com o Pantanal. Nas aulas, ouvi as crianças tomando banho de rio. Na Barra e no Paraguai Mirim vivi as concepções estudadas. Foi exigente. Precisei coragem. Tudo fez sentido, tudo se somou. Com o Teatro Mágico, cantei: “Eu sinto que sei que sou um tanto bem maior.”.

Neste curso, fui apresentada aos estudos de James Hillman (2001), por meio do livro intitulado “O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal”. Nesta obra o autor descreve a sua teoria da “semente do carvalho”, em que sustenta que cada pessoa já nasce com uma vocação. Em sua escrita, fala-nos sobre a importância de nos conectarmos com a nossa essência e com o nosso *daimon* (tido como um anjo da guarda, que auxilia ao despertar de uma consciência do caminho a ser trilhado, e que por isso nos guia), afim de que consigamos ouvir os chamados e seguir nossa trilha pessoal, que é única, apesar de parte de um coletivo.

Ao ler este livro, fomos convidadas a buscar as nossas histórias familiares, a abrir o baú, para começar a compreender com mais clareza a vida de nossos antepassados, conseqüentemente, as nossas. Esta atividade me fez encontrar o livro autobiográfico de meu bisavô materno, Ladislau Lange (1900-1999). Iniciei a leitura e arrepiei, ao perceber que as histórias trazidas pelo Biso Lalau, foram registradas em formato de pequenas narrativas. Me dei conta que os caminhos teórico-metodológicos haviam me escolhido. Eu os encontrei na circularidade da vida. E por que eu, entre sete netas e netos, e dez bisnetas e bisnetos? Eu escolhi? Penso que não, assim aconteceu...Esse momento, em diálogo com os achados de pesquisa, pediu por ancestralidades. O encontro com os escritos do Biso Lalau fez vibrar as memórias de leitura do Avó Mariano, com seu neto, também Mariano, apresentados na narrativa de Mia Couto (2003): “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”. História que me

levou a ler a “A confissão da leoa” (2012), no qual encontrei muitas imagens, com cores, sons e texturas afinadas com as experiências que tive no Pantanal, como a relação entranhada da vida e da morte, da noite e do dia, dos bichos e das gentes. Os textos políticos-culturais-literários de Mia Couto (2003, 2012a, 2012b, 2013) foram pontes e achadouros de significações. Suas descrições densas, com palavras nascidas nos cotidianos africanos e impregnadas de vida, fortaleceram a coragem de escrever com a liberdade do singelo que acontecia e que foi vivido nas estadas no Pantanal. Com Mia Couto, ousei transgredir para compartilhar as humanidades que compõem o Pantanal, para além das linhas dos mapas e do tempo, pois compreendi que: “[...] os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.” (COUTO, 2003, p. 65).

Estas sabedorias também me aproximaram da obra de Nancy Mangabeira Unger, “Da foz a nascente: o recado do rio” (2001), na qual a autora compartilha sabedorias construídas e transmitidas ao longo de gerações de pescadores do rio São Francisco. Estes homens, nos cotidianos da simples-complexa vida ribeirinha, tecem saberes que dialogam com as sabedorias ribeirinhas do Pantanal de MS. Encontros.

As tramas da vida também me aproximaram da obra escrita por Saló e Barbuy (1977), “Terra, água, ar, fogo: para uma oficina - escola inicial”, por meio da qual apresentam propostas de viver experiências, com as crianças, envolvendo os elementos água, ar, terra e fogo, denominados de “oficina escolar inicial”: “A criança não necessita conceitos; necessita matéria abundante, oportuna e variada para alimentar a sensibilidade e a intuição” (p. 17). Na sequência, o texto apresenta a concepção de que os materiais brincantes não são encontrados somente nos acervos, nas fábricas e nos comércios, percebidos como objetos impregnados pela compreensão e vontade dos adultos. Em contraposição, os autores compreendem que a liberdade das crianças acontece pelo acesso aos objetos da natureza-cultura, ainda matéria prima ou em objetos usados e descartados - “insignificâncias” -, sem que carreguem a utilidade que a vontade humana lhes atribuiu, sendo tomados pelas crianças sem a necessidade de seguir um manual de utilização que os adultos possam lhes atribuir: “O material em estado bruto, [...], pede a ferramenta. A ferramenta busca material que possa ser trabalhado, mas o produto elaborado somente pode ser. [...] rodear a criança de pacotes, móveis, livros e sequências pré-fabricadas, é formar somente consumidores de objetos, de sentimentos e de ideias.” (SALÓ; BARBUY, 1977, p. 40).

Os processos de formação e as leituras me despertaram para os mistérios e a poética de ser criança e suas diferenciadas infâncias, com elementos que as aproximam, mas também com alguns que as tornam singulares em seus contextos e circunstâncias de vida. Foram encontros

que me sensibilizaram para estar com as crianças da Barra e do Paraguai Mirim, com sede de me aproximar delas, de viver experiências e contar um pouco deste pedacinho do Brasil, que pulsa com semelhanças a tantos outros, mas ao mesmo tempo, mergulhado nas belezas do Pantanal que convida para brincar de faz-de-conta.

Faz-de-conta²¹

Imagine que você é uma pluma de dente de leão,
flutuando à deriva. Ou uma árvore; sinta seus galhos
mail altos balançando ao sabor do vento.
Torne-se um filhote de onça saltitando ao redor de uma
fogueira ou uma sucuri hibernando
na beira do rio.
Escolha um animal, planta, árvore, rocha ou montanha -
qualquer coisa - e faça de conta que você é um deles.

Ao dialogar com as concepções de crianças, e viver experiências nos dois cursos de formação, compreendi como crianças e o **brincar** se integram de maneira quase absoluta e indissociável. No entanto, nesta tese, foi fundamental compreender o brincar e seus desdobramentos e, para isso, passo a focalizar esta expressão da vida infantil, que algumas vezes vai continuar trazendo as crianças para o texto, pois as maneiras delas estarem no mundo se faz por meio desta linguagem - o brincar. De fato, os jogos e as brincadeiras se confundem com a vida das crianças, as quais, sempre que podem ou quando conseguem transgredir, vivem intensamente os espantos, as fantasias, os encantamentos, as alegrias, os sonhos, as liberdades, os faz-de-conta, os medos, as assombrações. Estes movimentos não estão oficialmente proibidos aos adultos, mas ao nos dedicarmos ao trabalho e focar nas preocupações com a sobrevivência, as rotinas vão impondo outros ritmos. Por vezes, vamos nos afastando, até mesmo sem perceber, dos espantos, dos encantamentos, das cores, dos sabores. Entristecemos, enroscadas e enroscados em nossas pseudo idades. No contraponto, Mía Couto (2011, p. 104) convida e provoca para vivermos a infância que: “É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós.”.

Para aprofundar os conhecimentos e melhor compreender estas questões, aproximei-me da leitura de Johan Huizinga (2004) e de seus estudos, socializados em sua obra “Homo Ludens”, escrita em 1938, e ainda hoje referenciada por estudiosos contemporâneos, como um clássico. Resguardadas as inquestionáveis mudanças ocorridas nos contextos naturais, sociais e culturais, após a publicação de seus estudos, Huizinga continua reconhecido como referência,

²¹ Cornell (2008, p. 51), adaptado. As inserções dos textos de Cornell - convites ao brincar - foram inseridas com fonte diferenciada e padronizada (Bookman Old Style), separadas dos parágrafos (anterior e posterior), centralizadas nas páginas, com espaçamento simples entre linhas e tamanho menor da fonte.

pois em qualquer época, o jogo e as brincadeiras têm estado presentes nos contextos naturais, culturais e sociais. O autor, em uma obra extensa e densa, apresenta o jogo como a gênese do pensar, das inúmeras possibilidades das experiências, das descobertas do eu, dos processos criativos e transformadores do mundo. Para o mesmo, o homem que brinca (*homo ludens*), manifesta-se como parte constituinte do viver, sendo tão essencial como o pensar e o saber (*homo sapiens*), assim como o fazer (*homo faber*), embora, para o autor, o *homo sapiens* ainda seja a primordial característica humana.

Huizinga defende a tese do jogo como atividade originária, sendo uma das manifestações mais primitivas da humanidade e, no capítulo de introdução, chega a afirmar que é do jogo que nasce a cultura, pois o jogo é mais primitivo do que a cultura. Fortalece esta afirmativa ao descrever cenas de cachorros em um jardim, repetindo gestos que evidenciam divertimento. No entanto, na sequência de capítulos que apresentam um longo e consistente percurso, o autor afirma que a ludicidade é fator primordial para a existência das civilizações. Afirma que os aspectos ficcionais do jogo gestam fantasias criativas, ampliam a imaginação, sendo um direito de todos os seres humanos. Para o referido autor, nos tempos e espaços do jogo, a “normalidade” social é transposta e suas regras ficam momentaneamente suspensas para que maneiras outras de estar no mundo e com os outros se ressignifiquem e se construam. Esta obra possibilita compreender como os jogos (e as brincadeiras) são caminhos e experiências da vida humana como (re)construção e (re)criação de nós mesmos e do mundo, pois após encerrados, ainda permanecem em nós, podendo ser caminhos para outras possibilidades. “Quem quer brincar, põe o dedo aqui, que já vai fechar o abacaxi!”.

Caçada imóvel²²

Quando você for fazer uma caçada imóvel, deixe que o local onde você vai sentar o escolha. Você pode ser guiado intuitivamente para um lugar específico a fim de aprender uma determinada lição. Na primeira parte de sua caçada, é importante ficar imóvel, não mexendo nem a cabeça. Seja o mais discreto possível, deixando que o mundo ao seu redor prossiga, como aconteceria se você não estivesse lá. Sinta que você faz parte do ambiente natural; mentalmente, movimente-se com o balanço das folhas ou dance com a borboleta balançando-se pelo ar. Pelo fato de você estar imóvel, alguns animais curiosos poderão chegar perto para dar uma espiada. Certa vez, aproximou-se por trás de mim um animal misterioso que produzia um ruído à medida que se movia. Quando ele chegou acerca de dois metros, minha coragem esmoreceu e virei rapidamente a

²² Cornell (2008, p. 163).

cabeça. Quem fugia embrenhando-se nos arbustos era
aquele dócil predador, o coelho-do-mato!

Na sequência de autores sobre o brincar, estudei em Gilles Brougère (1998, 2000), licenciado em filosofia e história, seu conceito de “cultura lúdica”, por meio do qual o autor reconhece que o jogo e o brincar não são inatos, internos ao indivíduo, mas resultantes de variadas interações sociais, sendo que estas evidenciam que há características locais que alteram os jeitos de jogar e de brincar. Estas variáveis, muitas vezes, estão relacionadas com a própria cultura, com os contextos, os espaços e os tempos disponíveis, os materiais existentes e os que vão sendo adaptados por aqueles que estão envolvidos. Na concepção do autor, os adultos são “parceiros aquiescentes” (BROUGÈRE, 1998, p. 195), pois não são aqueles que ensinam e as crianças aquelas que aprendem. Para ele, as crianças, como seres sociais e culturais, aprendem a brincar, brincando com outros, sejam crianças ou adultos. Portanto, mesmo que as brincadeiras tenham elementos naturais, resultam de interações e construções sociais, muitas vezes iniciando cedo, nos contatos com a mãe (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Brougère, apesar de reconhecer a conotação social e cultural dos jogos e brincadeiras, alerta que ocorrem processos individualizadores e adverte que cada criança, a partir de sua história de vida e de sua subjetividade, apresenta particularidades ao brincar. Sendo assim, em um mesmo período histórico e em uma mesma cultura, teremos crianças que jogam videogames e outros jogos eletrônicos, sendo que outras não conhecem, por diferenciadas restrições (econômicas, proibições dos responsáveis e outras). Às vezes, não gostam. Esta diversidade torna as experiências lúdicas diferenciadas e dinâmicas entre as crianças de um mesmo lugar, pois a criança que não joga pode começar a jogar, sendo que o contrário também pode ocorrer. Assim sendo, Brougère compreende o jogo e o brincar como meios de ampliar a “cultura lúdica”, suas significações e suas transformações, afirmando ainda que é nos processos das brincadeiras que as crianças vão produzindo as regras e os jeitos de brincar.

Batidas do coração da árvore²³

A árvore é um ser vivo. Ela come, descansa, respira e seu “sangue” circula tanto quanto o nosso. O som das batidas do coração de uma árvore é uma incrível melodia do fluxo da vida. O início da primavera é a melhor época para ouvirmos as batidas do coração da floresta, quando as árvores enviam os primeiros fluxos de seiva para seus galhos, preparando-os para mais

²³ Cornell (2008, p. 41-42)

um período de desenvolvimento. [...]Escolha uma árvore [...] cuja casca seja fina. [...] são melhores para serem ouvidas [...].

As crianças vão querer ouvir as batidas de seus próprios corações. Ouçam também as batidas dos corações de mamíferos e aves – a variedade de sons e ritmos é fascinante.

A leitura dos estudos desenvolvidos pelos filósofos Huizinga e Brougère, autores historicamente imprescindíveis para estudar as temáticas do brincar e do jogar, suscitou a necessidade de melhor compreender o brincar mais livre, amoroso, sensível e humanizante. Como citados anteriormente, deparei-me com os estudos desenvolvidos por Saura (2008; 2014), fundamentados, na antropologia do imaginário (BACHELARD, 2001), percurso que possibilita relacionar o brincar espontâneo e a ampliação das sensibilidades, pois o mesmo se desenrola por meio do faz-de-conta corporal mítico e da ancestralidade. O acesso e a leitura dos estudos de Saura foram facilitados pelo fato de ter sido sua aluna na disciplina “Fundamentos Sociofilosóficos e Pedagógicos da Educação Física” (PPGEF/CDS/UFSC), e por apresentarem uma linguagem que dialoga com as minhas experiências de infância e com a fundamentação teórica que estou construindo ao longo do processo formativo.

Para a autora, o brincar espontâneo e os momentos lúdicos são essenciais nos processos de ser criança, sendo que o brincar tem significado em si mesmo, é o aqui e o agora, retirando assim, o foco no brincar como um meio. Saura considera as crianças como sujeitos em suas liberdades de brincar, de se expressar e em suas escolhas - que as conduzem a optar pelos elementos da natureza: fogo, água, areia, barro, galhos, ar (vento), folhas, sementes, pedras, pequenos animais e tantos outros materiais que existem por aí, à espera do imaginário de cada uma e do grupo. Ao reler alguns textos e estudar outros, foi o meu pensamento que voou para a Barra e para o Paraguai Mirim, suas naturezas e suas crianças, ressignificando as leituras e exigindo o esforço da concentração, para assegurar a apreensão da teoria que dialoga tão encantadoramente com os campos pesquisados. Manoel de Barros (2010, p. 213), mais uma vez dialogou: *“De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim: atonal e invisível. [...] Tudo coisinhas sem veia nem laia. Sem substantivo próprio. Perna de inseto, osso de morcego, tripa de lambari. [...] Tudo sem pé nem cunhado. [...] Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza.”*

Sem desconsiderar os brinquedos manufaturados e industrializados que também possibilitam o brincar, Saura enfatiza que a liberdade de transformar elementos da natureza em objetos da imaginação e do querer infantil se encontra com os sonhos acalentados,

possibilitando viver experiências para além do seu lugar e das lógicas adultocêntricas. A natureza se oferece com múltiplas possibilidades e uma folha seca pode ser tantas outras coisas, pode ser tudo o que uma criança quiser. Estas concepções dialogam com as que são defendidas nos estudos com crianças que apresentei anteriormente, pois, como Saura, reconhecem as crianças como criaturas e criadoras, com potenciais que surpreendem quando são desafiadas. Portanto, estas leituras contribuíram para melhor estar com as crianças da Barra e do Paraguai Mirim, respeitando as suas liberdades de se envolverem em atividades livres, escolhidas autonomamente por elas, sem que haja a intenção e a indicação dos adultos e tampouco intervenções planejadas, *a priori*, por mim.

Para potencializar este diálogo também encontrei Meirelles (2007), parceira de Saura em alguns trabalhos, que vem registrando o brincar, mostrando de maneira detalhista e sensível os diversos jeitos de ser criança por onde fez suas andanças. A autora percorreu diferentes regiões do Brasil com o intuito de estar com as crianças e as suas brincadeiras. A partir de seus achados de pesquisa, produziu e vem produzindo diferentes materiais (livros, artigos, documentários e outros), com o intuito de registrar as peculiaridades de nosso país, afim de que seja reconhecida a unicidade da cultura das infâncias em suas diversidades e, assim, possibilitar que as brincadeiras destas crianças se mantenham vivas. Entre as suas produções destaco o “Território do Brincar”²⁴ - livros e longa-metragem - que são referências para quem busca conhecer e registrar as diferentes culturas infantis a partir das próprias crianças. Estes materiais foram constante inspiração para o trilhar da pesquisa.

Na busca de aprofundar as questões relacionadas ao brincar e aos processos humanizantes, reencontrei o neurocientista Humberto Maturana e a psicóloga Gerda Verden-Zöllner (2004), que trazem reflexões sobre as emoções e a sua presença em nosso viver, com foco no brincar. Os autores enfatizam que são os nossos desejos, preferências, medos, ambições e tantas outras emoções que nos movem para a ação, e não a racionalidade. No entanto, advertem que este sentir emocional apresenta variáveis de acordo com as diferentes culturas, pois são estas que acabam por definir os significados, demarcando, de certa maneira, o que suscita determinadas emoções e o que mobiliza outras. Para melhor apresentar as suas teses, os autores trazem um conceito de cultura que se fundamenta como uma rede particular de conversações, entrelaçando linguajar e emocionar. Sendo assim, uma cultura passa a existir

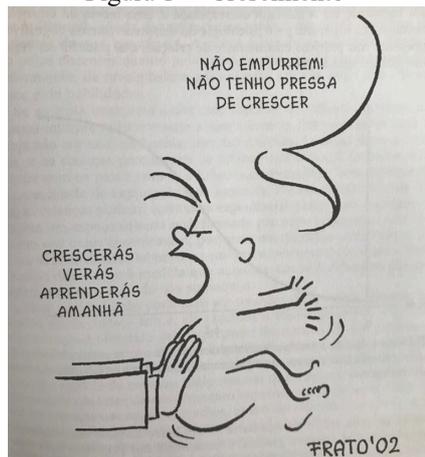
²⁴ O Território do Brincar é um programa de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão das culturas infantis por meio de pesquisas, produções culturais, filmes, livros, séries infantis para TV, artigos e exposição itinerante, idealizado por Renata Meirelles e David Reeks. Mais informações no site: <https://territoriodobrincar.com.br>

quando um determinado tipo de linguagem humana começa a ser usada para manter, de geração para geração, novos códigos na maneira de viver (sentir, agir). Estes códigos, por sua vez, são passíveis de modificações, pois as culturas são históricas e, portanto, mutáveis.

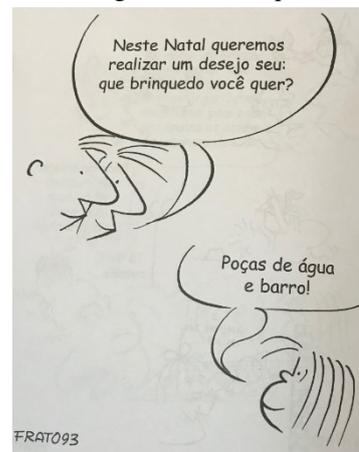
Com este preâmbulo, apresentam duas culturas distintas: a patriarcal e a matrística. A primeira, predominante historicamente e no mundo atual, configura-se como europeia, masculina e dominadora, com valorização da guerra, da competição, da luta, da hierarquia de privilégio, da autoridade imposta, do poder, da procriação, do crescimento. A matrística, anterior à patriarcal, ao contrário, valoriza a participação, a inclusão, a colaboração, a compreensão, o acordo, o respeito. Para os autores, na atualidade, vivemos os valores da cultura patriarcal e reservamos a cultura matrística para ocasiões especiais e a relacionamos com as crianças pequenas, pois esta, na concepção hegemônica, seria inadequada para a vida adulta. Fundamentados nos conceitos da cultura matrística, defendem a relação mãe-filho como o livre brincar, a confiança e a aceitação mútuas. Brincar que se caracteriza como uma ação válida em si mesma, sem outra finalidade do que o próprio brincar, ocorrendo com entrega emocional, com foco no processo e não no resultado. Os autores relacionam o brincar e o amor como caminhos de vida, mas admitem ser um caminho desdenhado nos atuais contextos culturais e sociais. Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 19-20), evidenciam que: “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba.”.

Na sequência, estive com as reflexões críticas e as instigantes caricaturas de Francesco Tonucci (1997; 2005), para problematizar e pensar como as crianças não possuem voz na construção e na estruturação de suas comunidades, por serem consideradas seres incapazes e, portanto, não preparadas para influenciar e transformar a si mesmas, as relações e os lugares. O autor, educador e cartunista italiano provoca a desconstrução de equivocadas concepções que têm colocado as crianças urbanas como privilegiadas, se comparadas com as crianças ribeirinhas, quilombolas, indígenas, do campo. A leitura dos textos escritos e a interpretação das caricaturas de Tonucci me provocaram a desaprender o que me foi ensinado em algumas disciplinas e a duvidar das análises apressadas, das estatísticas e da melhor qualidade de vida nas cidades. Para o desenvolvimento desta tese e, principalmente, para as estadas nos campos de pesquisa, foi uma leitura fundamental para aguçar os sentidos, para duvidar das primeiras impressões, para suscitar perguntas, para ver e ouvir “Com olhos de criança” (TONUCCI, 1997).

Figura 1 - “Crescimento”



Fonte: Tonucci (2008, p.79).

Figura 2 – “Brinquedo”²⁵

Fonte: Tonucci (2008, p.124).

As crianças brincam e, segundo Lydia Hortélio²⁶, este brincar provém de um saber que pulsa dentro delas e que, por meio das brincadeiras, expressa-se corporalmente, sendo caminho de expansão do ser. Desta maneira, passo a entender o porquê das brincadeiras possuírem tempo de duração, ritmo, caráter diferente entre as crianças, pois estas características determinam os aspectos que precisam ser experimentados subjetivamente em direção ao encontro com o seu estar no mundo.

As crianças estudadas pelo primeiro grupo de autores permaneceram presentes no segundo grupo sobre o brincar, assim como continuarão conosco na sequência da apresentação de autores, agora focalizando o **corpo**. Neste caminhar, apresento um recorte da obra de Maurice Merleau Ponty, considerado um dos filósofos fenomenológicos mais importantes da França. Em sua dissertação de mestrado, defendida em 1938 e publicada em 1942, buscou estudar as relações da consciência com a natureza orgânica, psicológica e social. Também defendeu, em sua tese de doutoramento, a percepção como a fonte maior do conhecimento (1945).

Nas obras de Merleau-Ponty “A natureza” (2006) e “Fenomenologia da Percepção” (2011), principalmente nos capítulos dedicados ao corpo, o homem se faz homem com seu corpo e não por uma suposta “descida” em seu corpo de uma capacidade de reflexão. Defende que há uma inerência e não oposição entre o humano e o natural. Para Merleau-Ponty o corpo humano se move e, portanto, é um corpo que percebe, que possibilita ver, conhecer, viver, existir.

²⁵ Por opção teórica-metodológica e estética, serão referenciadas estas duas figuras de acordo com as normalizações da ABNT NBR 14724/2011, as demais, artesanais e/ou de minha autoria, estão relacionadas na Lista de Ilustrações, mas não estão com legendas no decorrer do texto.

²⁶ Comunicação verbal, em palestra proferida, em Campo Grande (MS), no dia 9 de março de 2018.

Considerando a temática da tese aqui proposta, não pretendo realizar um estudo denso da obra deste autor e, tampouco, desenvolver uma metodologia de caráter fenomenológico. Portanto, a apropriação de seus estudos teve foco nas temáticas corpo e natureza, pois o mesmo defendeu a premissa de que não podem ser compreendidos como substância, realçando a experiência do corpo no mundo nas relações com o outro, com a história e a cultura.

Considerando a complexidade e a extensão da obra de Merleau-Ponty me proponho a estabelecer este diálogo com a mediação de Silvino Santin (1998, 2013), filósofo brasileiro, que tem problematizado e refletido sobre algumas questões históricas da corporeidade e da ludicidade. A sua tese de doutoramento “Etre et langage chez Maurice Merleau-Ponty” (1974) foi sobre a obra deste autor. Santin, fundamentado no filósofo francês, em seus livros, defendeu a concepção de homem como corporeidade que se move, fala e sente, propondo-se a repensar fora de conceitos tradicionais.

De acordo com Santin (1974, 1994, 2001), Merleau-Ponty ousou conceber o homem como ser corporal e, portanto, ser que não tem um corpo, mas que é um corpo. Nesta concepção, todas as manifestações humanas são corporais. Esta reflexão guiou Santin em sua crítica à concepção de corpo-máquina, ao dualismo corpo-alma e à noção de movimento sem intencionalidade ou expressividade, propondo o retorno aos movimentos criativos, aos gestos expressivos e sensíveis, no que há de subjetivo, belo, artístico e autoral.

Santin (2004), apresenta a ecoalfabetização corporal como caminho para o desenvolvimento racional e emocional na dinâmica de uma concepção de vida humana que preza pela não destruição, a não exploração, o não abuso. Nesta premissa, o corpo, o outro e o mundo natural não são dominados, mas há uma busca de conhecer-se e de conhecê-los para a construção de harmoniosas relações de bem-estar humano e bem-estar da existência. Para Santin (2004), a ecoalfabetização propõe o encontro de razão, coração, conhecimento e amor como fundamentos da vida pessoal, social e natural.

Também tive acesso aos estudos de David Le Breton (2016), sociólogo francês, que vem estudando o corpo em suas mais diversas manifestações. O autor compreende o corpo como uma construção simbólica, para além do olhar biológico, constituindo-se como uma construção social e cultural. No desenvolvimento de suas ideias, acaba atravessando tensões entre questões ligadas à natureza e à cultura.

Com a intenção de aprofundar esta temática, o antropólogo reflete sobre a contínua luta da medicina ocidental em fazer com que as pessoas sintam que têm um corpo constituído de peças, como as máquinas. Para o autor, esta concepção segmentada que separa o ser humano

em fragmentos quase isolados entre si, distancia-se da sua compreensão de que somos o corpo, constituindo uma unidade.

Para que se compreenda as consequências desta distorção, apresenta exemplos sobre diferentes origens de crianças como as que são geradas em “barrigas de aluguel”; as que são planejadas geneticamente em laboratórios; as que são diagnosticadas com alguma doença e passam por intervenções ainda no útero; entre outros casos. Le Breton (2016) convida a pensar sobre a complexidade da origem destes corpos, que, muitas vezes, têm as suas subjetividades desprezadas pelos profissionais da área da saúde que, geralmente, desconhecem a unidade que constitui um ser humano. Nesta perspectiva, o autor coloca que esta simplificação é grave, ao entender que a origem de cada ser traz uma ligação preciosa na constituição da identidade.

Os estudos de Le Breton (2016) permitem compreender que, por mais que os profissionais da saúde repitam estes procedimentos por inúmeras vezes, a vida pode surpreender e fugir aos seus controles. Ressalta que o sagrado age, sendo considerado pelo autor como o secreto, fazendo com que cada caso seja único e, por vezes, não ocorrendo na maneira e nas etapas esperadas pelos protocolos profissionais. Assim, percebemos que a natureza é sábia e que desafia aqueles que a tentam traduzir de maneira sistematizada e padronizada. Manoel de Barros, poetiza (ironiza?):

Fazer amor no frasco não é fácil
 Mas se eu estudar ciências eu faço.
 Sendo que não é melhor do que fazer
 pessoas na cama
 Nem na rede
 Nem mesmo no jirau como os índios fazem.
 (No jirau é coisa primitiva, eu sei,
 mas é bastante proveitosa)
 Para fazer pessoas ninguém ainda não
 inventou nada melhor que o amor.
 Deus ajeitou isso para nós de presente.
 De forma que não é aconselhável trocar
 o amor por vidro.
 (BARROS, 2010, p. 473)

O encontro dos estudos do antropólogo Le Breton (2016), com as experiências vividas em oficinas, nos cursos de formação e em palestras ministradas por Lydia Hortélio (2018) reforça a minha maneira de compreender o corpo a partir da sua complexidade e, dialeticamente, da sua simplicidade. Esta apropriação teórico-prática tem contribuído para melhor entender que os corpos das crianças da Barra e do Paraguai Mirim são impregnados de sentidos e significados diversos, sensibilizando o meu estar com elas para sentir a complexidade que trazem em cada momento, mesmo quando silenciam, quando não se movimentam, quando se afastam, quando, aparentemente, estão sem “nada fazer”.

Ainda sobre o corpo, encontrei Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001a; 2001b), professora de história que tem estudado, nos dias atuais, as relações entre o corpo e a cultura contemporânea. Esclareço que mesmo tendo escolhido duas obras de quase vinte anos, permanecem pertinentes para o diálogo com este estudo, por trazer em seus achados a ideia paradoxal, que compõe o entendimento do corpo como algo que nunca está pronto, mas nem por isso entendido como rascunho. A partir desta reflexão, apresenta o termo “corpos de passagem”, para afirmar que um mesmo corpo assume várias formas em diferentes momentos ou em um mesmo momento. Nasceram inspirações²⁷...



Ao pensarmos que estes corpos de passagem são os nossos, o meu, o seu, o deles (crianças, jovens, adultos e velhos) e que, portanto, estamos em percursos singulares, mas também únicos e passageiros, faz-me reforçar a ideia de que cada criança da Barra e do Paraguai

²⁷ Na tese impressa há algumas páginas com texturas diferentes que buscam aproximar a escrita das experiências vividas, provocando o toque e o sentir.

Mirim deve ser ouvida, vista e sentida como expressão da sua subjetividade e dos movimentos da vida, embora sejam também um coletivo.

Ao pensar sobre estas concepções me deparo com uma expressão, infelizmente, corriqueira: “as crianças são seres em formação”. Esta frase, na maioria das vezes, é utilizada quando os adultos não querem ouvir as contribuições que as crianças trazem, podendo ocorrer nas famílias, nas escolas e em outras instituições, nas quais os meninos e as meninas circulam. Também ocorre quando adultos insistem em afirmar uma suposta superioridade em relação às crianças, calando as suas falas e impedindo possíveis contribuições dos pequenos com diferentes aspectos da vida familiar e social.

Reconheço que olhar para os corpos das crianças da Barra e do Paraguai Mirim se fez também no exercício de olhar para o velho e para o novo, no diálogo constante do que foi, do que é e do que pode vir a ser. Percorrer este processo, possibilita a tomada de consciência de que, nestes contatos, houve possibilidades privilegiadas de acompanhar estes corpos de passagem e também do reconhecimento de minhas próprias passagens, pois, nos fluxos de olhar o outro, há oportunidades de me perceber de outras maneiras que, talvez, não se manifestassem sem a provocação desta experiência a que me propus.

Estudos e observações contextualizadas do cotidiano social de populações originárias, que mantêm os locais de trabalho próximos as moradias, caracterizam um jeito de viver coletivo, no qual a convivência, o trabalho, o descanso e as brincadeiras se misturam. Estes contextos evidenciam que existem corpos de passagens infantis que são marcados pelo trabalho, às vezes pela exclusão, pela exploração. Na Barra e no Paraguai Mirim, a mesma natureza que os torna lugares encantadores, também é fonte de sobrevivência que vem do trabalho que acontece pela pesca, coleta de iscas, pequenas roças, criação de animais e outros. Como os trabalhos são sazonais, exigindo o envolvimento de todos os membros da família, as crianças participam do dia a dia e acabam, até para não ficarem sozinhas nas casas, participando dos afazeres.

Neste percurso se fez o meu encontro com o sociólogo Miguel Arroyo e o professor de Educação Física Maurício Roberto da Silva (2012), estudiosos que vêm refletindo sobre estes corpos-infâncias em circunstâncias delicadas de vida. Estes autores, ao mesmo tempo em que expõem estas realidades, trazem possibilidades de diálogo para que as crianças, submetidas ao trabalho precocemente, sejam olhadas e reconhecidas pelo poder público, para que possam viver as suas infâncias sendo meninas e meninos que brincam, também trazem outras realidades. Saliento que os dois autores citados estudaram crianças em situações de trabalho, semelhante ao escravo, o que não se revela na Barra e tampouco no Paraguai Mirim. No entanto,

os autores ajudaram a compreender, a partir das realidades estudadas, que os corpos das crianças ribeirinhas, por mais que estejam envolvidos no mundo do trabalho dos adultos, não estão sujeitos às obrigações que esse universo, geralmente, contém (pressão, produção, rendimento, tempo). Percebi, que as crianças da Barra e do Paraguai Mirim constroem, a partir da convivência com adultos pacientes, relações com o trabalho que possibilitam experiências de conviver, de manusear os instrumentos de pesca, de estar nos barcos, de participar das conversas, de olhar bichos... Brincar e trabalho se mesclam.

Microexcursão²⁸

Microexcursão é uma expedição curtíssima conduzida por um barbante de 1 a 1,5 metro. Os “excursionistas”, deitados de bruços, analisam cada centímetro da trilha, examinando pequenas maravilhas da natureza, tais como uma folha de grama dobrada por algumas gotas de orvalho, besouros coloridos salpicados de pólen das flores, aranhas com poderosas mandíbulas e com oito olhos. Como as crianças pequenas gostam especialmente de objetos minúsculos, sua absorção no mundo da minifloresta será surpreendente.

Comece pedindo que elas estendam os barbantes sobre a parte do solo mais interessante que puderem encontrar. Forneça a cada criança uma lupa mágica, de modo que, ao observar uma formiga, sintam-se do tamanho dela. Você poderá fazer perguntas que instiguem as crianças: “Que mundo você está percorrendo neste momento? Quem são seus vizinhos mais próximos? Eles são amigos? Estrão trabalhando muito? O que aquela aranha pretende fazer: comer você ou lhe dar uma carona? [...]”

Convide as crianças para ficarem com olhos bem pertinho do que estão observando.

Neste contexto, busquei compreender a **natureza** na indissociável relação com a cultura e, com esta concepção, como apresentado anteriormente, passo a usar, nesta tese, a expressão natureza-cultura, sendo que este percurso me aproximou dos estudos de Merleau-Ponty (2006) e de Carlos Rodrigues Brandão (1994, 2005).

Merleau-Ponty, autor já apresentado, ministrou cursos de 1957 a 1960, sendo que suas falas e reflexões foram publicadas em 1995, após a sua morte. No Brasil, a obra foi publicada em 2000, com o título “A natureza: curso do Collège de France”, na qual apresenta um denso diálogo com filósofos de diferentes períodos e escolas na busca de compreender, histórica e

²⁸ Cornell (2008, p.66).

filosoficamente, as concepções de natureza. Neste percurso, apresenta a estreita relação entre a natureza que está dentro e a que está fora de nós, evidenciando que necessitam estar conectadas, para que ambas possam ser reconhecidas em suas especificidades. Para o autor, há atividades na natureza que a cada percepção a tornam nova, mas sempre com um passado. A concepção é de fluxo, passagem, inerência, movimento (MERLEAU-PONTY, 1995).

Por sua vez, Carlos Rodrigues Brandão (1994, 2005) é licenciado em Psicologia, mestre em Antropologia Social e doutor em Ciências Sociais, sendo que há mais de uma década dedica-se ativamente ao ambientalismo e à educação ambiental, com várias palestras proferidas e livros publicados. Na compreensão de Brandão (1994, 2005), a natureza está em processo de ser recolocada como sujeito, juntamente com os seres humanos, num retorno à uma unidade que vem sendo fragmentada. A escolha de Brandão também se deu por meio da leitura do livro sobre a infância de Paulo Freire, “O menino que lia o mundo” (2005), vivida com a natureza e que, em alguns aspectos, e observadas as devidas diferenças, aproxima-se das infâncias vividas na Barra e no Paraguai Mirim.

Assegurando continuidade a este diálogo, encontrei as pesquisas de Léa Tiriba (2010; 2014), educadora ambientalista, que vem estudando sobre os processos de emparedamento das populações urbanas, fato que tem afastado as crianças da natureza, em movimentos que têm resultado em concepções que consideram os seres humanos superiores e dominantes. A concepção que a autora se propõe a desenvolver é de que o ser humano é um ser da natureza, pois viemos dela e a ela retornaremos. Reforça esta concepção afirmando que há um esforço característico das civilizações, que leva a termos um distanciamento, uma ruptura e uma superioridade com relação à natureza. No entanto, ressalta a autora, a maioria das crianças possuem a capacidade de não corresponder a esta postura e, por isso, buscam a terra, a água e os demais elementos naturais para brincar. Assim, demonstram uma afinidade com a natureza que os adultos, raras as exceções, pouco ou quase nada possuem, possivelmente por terem sido podados em relação aos seus desejos de integração ou se afastado do seu convívio ao serem inseridos no mundo do trabalho.

Na concepção da autora, as experiências ao ar livre, os passeios, a exploração do entorno na busca de elementos para o brincar, são condutores de aprendizagens de corpo inteiro por meio da atenção curiosa, da contemplação, das sensações, das alegrias. Nestes espaços amplos, as meninas e os meninos estão menos vigiados, seus corpos não estão capturados e a liberdade facilita a criação. Em espaços fechados, segundo a autora, é mais fácil controlar e cortar a conexão com os desejos, impondo uma realidade em que as crianças se submetem ao adultocentrismo. Quando as crianças estão ao ar livre os adultos perdem poder, pois os

pequenos são movidos por desejos que se sobrepõem às hierarquias, às proibições e às fragmentações.

As crianças da Barra e do Paraguai Mirim brincam com e na natureza e, para ampliar a importância desta ligação, releio Joseph Cornell (1996; 2008), educador naturalista fundador da “Sharing Nature Foundation”, desenvolvendo sua filosofia e seu método de educação ao ar livre. Em seus livros apresenta reflexões sobre como deve ser a postura do educador ao estar com crianças na natureza, para que seja possível estabelecer, ou melhor, reestabelecer um vínculo sensível e profundo entre homem e natureza. Também traz atividades que podem ser desenvolvidas em meio natural para que se potencialize esta aproximação.

Esse livro se torna referência para pessoas que pretendem estar com as crianças na natureza sem atrapalhar este encontro, mas, ao contrário, querem potencializar e significar estes momentos. Portanto, me auxiliou a estar com estas crianças, tão integradas à natureza, e assim vivi estes momentos com mais sutileza e delicadeza.

Para que possa melhor compreender o privilégio e os significados deste estar na e com a natureza, vivido no cotidiano das crianças da Barra e do Paraguai Mirim, busquei estudos que evidenciam o crescente afastamento da natureza, para entender os motivos e as consequências desta conduta. Assim, encontrei o advogado e jornalista Richard Louv (2016), que vem relatando casos de crianças que estão afastadas da natureza em várias partes do mundo, o que tem gerado alguns desdobramentos perigosos, por exemplo, a dificuldade de brincar em locais sem tomadas, visto que ficam conectadas aos seus apetrechos eletrônicos a maior parte do tempo. Ao estudar estas circunstâncias, criei o termo “criminalização do brincar na natureza”, como se o brincar ao ar livre perturbasse os vizinhos, estragasse a grama, entre outras consequências desastrosas, nada positivas.

Retornando à proposta de adotar o termo natureza-cultura no sentido de não separar estas duas dimensões tão interligadas, trago novamente os escritos de Tiriba (2014) com a concepção de que nos tornamos humanos nos ambientes naturais a partir da interação com seus seres e processos e, portanto, os conhecimentos que fundamentam as culturas se dão nestas mediações. A autora destaca que há uma profunda conexão entre a natureza e as maneiras como as pessoas se relacionam, como interagem entre si e como adquirem e produzem conhecimentos, ressaltando que afastar as crianças da natureza é prejudicial aos seus processos de crescimento, à percepção de si mesmos, dos outros e da própria natureza. De maneira complementar, Brandão (2005), também contribui com esta concepção natureza-cultura ao refletir sobre a vida e a ancestralidade, buscando o encontro entre a natureza e a sociedade - “a

natureza socializada” - e entre o ambiente e a cultura - “o ambiente socialmente transformado e dotado de símbolos e significados” (p.130).

Na guiança dos guardiões e dos autores, percebi que as crianças da Barra e do Paraguai Mirim vivem as suas infâncias como crianças imbricadas na natureza. Estar com estas meninas e meninos, gestou achados que fortaleceram a ideia de que somos natureza e que necessitamos desta integração. No intuito de melhor compreender estas experiências, recorri às reflexões de Jorge Larrosa (2002, 2015), professor do departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona. As temáticas de seus estudos focam a experiência, o sujeito da experiência e o saber da experiência.

Para o autor, a experiência é definida como aquilo que nos toca, que deixamos que nos atravesse. Às vezes, há obstáculos que são apresentados por Larrosa (2002, 2015) como quatro questões que, em geral, atrapalham as pessoas de terem experiências em suas vidas, que são: a informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho, por potencializarem as relações superficiais do sujeito com o mundo e, de certa maneira, impedindo que o saber da experiência seja gerado. Estes aspectos afastam as pessoas das possibilidades de serem sujeitos da experiência, de se exporem, de se colocarem nos ritmos do que está sendo vivido e se entregarem aos movimentos da vida. A partir desta entrega, é possível gerar saberes da experiência que variam de acordo com os sentidos que cada ser atribui aos acontecimentos vividos.

Em um dia de sol, pouco vento e nuvens, estava deitada no banco de madeira aproveitando a sombra de uma mangueira, junto comigo, sentados, estavam alguns colegas da Ecoa e seu Antônio, pertencente aquelas terras, índio Guató, contando as suas longas histórias, cheias de detalhes e aventuras. Quando olhei para a copa da mangueira, ao som da voz de seu Antônio, ia caindo uma pena. Multicolorida e lentamente ela vinha, fazendo um movimento sutil de um lado para o outro. Não caiu em cima de mim, nem próxima, mas era como se ela tivesse tocado todo meu ser, mostrando-me que naquele lugar o tempo é outro, a espera é outra, a escuta é outra. Este mágico momento me fez pensar nas singulares oportunidades de me sensibilizar para sentir, mais frequentemente, o sabor da experiência, não atribuindo tanto significado ao que acontece, mas ao que me acontece nestes processos.



Neste desafiador, e não tão previsível percurso, as lembranças e o constante retorno aos estudiosos que escolhi, para melhor brincar de “Cinco Pedrinhas”, entre águas e nuvens, foram como estrelas-guia a iluminar, a significar e a instigar o meu estradar e o meu navegar no chão e nas águas pantaneiras.

3.CAMINHOS METODOLÓGICOS

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

dos silêncios de esperar, dos jeitos de brincar, dos desenhos de ninhos

*Provavelmente sobre as frondes viriam os pássaros cantar
Levando-me até os caminhos indecisos da aurora.
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos
largados na tarde...
Fui andando...
Meus passos não eram para chegar porque não havia
chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...
As coisas eram simples.
[...]
Mas havia uma pergunta que me desafiava
E os mistérios se encontravam como dois números e se
completavam
Em meu rosto... Nada posso fazer, pensei.
E fui apanhando objetos largados na tarde
Com as ruínas do outono em que vicejo.
Manoel de Barros (2010, p. 50-51)*

Os procedimentos metodológicos foram construídos processualmente, em buscas intencionais, intuitivas e surpreendentes. Pescar tem preparação, intuição, observação, espera, rapidez, percurso, jeitos e compartilhar. Brincar de cinco pedrinhas inicia com o desejo, com a escolha das pedrinhas, com o preparo do chão, que pode ser mesa. Depois, se faz na agilidade das mãos no pegar-lançar-pegar-lançar... Voar exige horizonte e ritmo no bater das asas. Exige experiências, saberes e sabedorias. Exercícios de fazer, refazer, desfazer e fazer de novo, com jeitos diferentes.

Havia em mim um percurso realizado, em paisagens outras. A preparação para este novo voo - que chegava junto com o navegar nas águas do rio Paraguai -, me reaproximaram de autores, exigindo algumas ressignificações nas leituras. Também me conduziram a estudos realizados na região, mesmo que com outros objetivos e diferentes propostas metodológicas. As leituras instigaram-me a ampliar os voos e a continuar o mergulho nas águas do Pantanal. Ao encontro das crianças. Neste processo, a compreensão foi se ampliando na companhia de autoras e autores, nos trabalhos lidos, nas conversas carregadas de palavras instigantes, nas experiências vividas.

Gradativamente fui compreendendo que meus caminhos levavam a continuar no percurso da pesquisa realizada no mestrado e, assim, as escolas seriam apoios, mas as crianças na natureza-cultura seriam as protagonistas. O tempo foi passando, as leituras continuaram,

conversei com pessoas que moram e trabalham no Pantanal, mas a definição mais concreta do campo ainda se apresentava nebulosa. Por onde começar? Como? Quem poderia mediar a minha chegada aos campos de pesquisa?

O tempo passava e eu, confiante, mas apreensiva, continuava as leituras. Uma noite, fui a um evento com a participação do pediatra que me acompanha pela vida afora. Ao final, numa conversa informal com ele, falei das minhas pretensões de estudo para o doutoramento e, prontamente, falou do seu filho e da organização não governamental, na qual o mesmo atua no Pantanal - a Ecoa. A partir deste momento tive a experiência de viver a serendipidade²⁹, ou seja, em uma conversa aparentemente despreziosa, foram abertos os caminhos para a definição dos campos de pesquisa e as possibilidades concretas de lá chegar, a bordo do barco da Ecoa, permanecer na sua Base de Estudos na Serra do Amolar e ser apresentada, para a comunidade, como alguém em quem se pode confiar.

A partir deste encontro, iniciei os primeiros passos, mais concretos, para o desenvolvimento da pesquisa. Realizei contato com a Ecoa, para saber como atuavam no Pantanal. Expliquei minhas intenções e fui informada que havia possibilidade de desenvolver esse trabalho na comunidade da Barra, pois, segundo a opinião do grupo, havia características semelhantes ao que eu procurava - casas mais próximas, escola, não necessidade de barco para se locomover na redondeza. Também havia possibilidade de estar com a comunidade do Paraguai Mirim. Na sequência me convidaram, muito gentilmente, para viajar com eles em outubro de 2017. Foi nesta viagem que avistei, do barco, o Paraguai Mirim e que estive na Barra, pela primeira vez. No retorno, paramos no Paraguai Mirim e permanecemos por dois dias.

Na Barra, percebi que havia algumas crianças, visitei a escola, participei de reunião da equipe da Ecoa com a comunidade, comi peixe seco e caju, brinquei de avião de papel com crianças, entre tantas outras aventuras. Voltei impressionada e entusiasmada de passar um tempo nesta comunidade, com as crianças. Em dezembro de 2017 surgiu uma nova possibilidade de estar na Barra. Vivi mais uma aproximação com a comunidade, ouvi novas histórias, brinquei de queimada, comi manga, fui picada por mosquitos e, assim, voltei com a pele marcada, mas satisfeita com as novas descobertas.

²⁹ Utilizo a tradução da palavra inglesa *serendipity*. Serendipidade começa a entrar no vocabulário do dia-a-dia para designar acasos felizes que levam a descobertas inesperadas, sobretudo, no mundo da ciência. A origem desta palavra ocorreu em 1754, criada por Sir Horace Walpole (1717-1797), escritor e político inglês, para exprimir descobertas ocasionais diferentes daquelas que estavam sendo procuradas (VALE, DELFINO, VALE, 2005).

A expectativa para a continuidade da pesquisa se apresentava tranquila para o ano de 2018. No período de janeiro a maio dediquei o tempo para leituras, com foco na escrita do projeto, objetivando a qualificação, como ocorreu. As contribuições foram pertinentes e me instigaram o desejo de estar em campo e ampliar os processos de leitura. Percorrida esta primeira etapa, solicitei afastamento da frequência ao Programa e Grupos de Pesquisa, na UFSC, para ficar mais próxima dos campos e intensificar a coleta de dados. Os meses de junho e julho foram dedicados aos procedimentos legais e ao processo de mudança. Em agosto, estava de volta a Campo Grande, com a expectativa de continuar participando das viagens da Ecoa, previstas no calendário anual. No entanto, uma série de desencontros aconteceram, independentemente de nossas vontades.

A Ecoa, como descrito anteriormente, atua na região há trinta anos, com projetos que objetivam desenvolver várias ações que fortaleçam as comunidades ribeirinhas e contribuam para a sustentabilidade das famílias. Nesse período, foi aprovado o programa “Oásis”, com financiamento da União Europeia, para preservar polinizadores e gerar a produção de mel, considerando que o Pantanal tem floração o ano inteiro, sendo uma das poucas regiões do mundo sem contaminação de agrotóxicos, de queimadas e desmatamento³⁰. A prioridade para a utilização do pequeno barco passou a ser do programa “Oásis”, que exigia o transporte de materiais, equipamentos e técnicos. Os barcos mais rápidos são pequenos, com lugar para cinco passageiros, o piloto e alguma carga, a depender do volume e do peso.

Compreendi, não sem certa dificuldade e preocupação, que o projeto era emergencial. Neste tempo também houve precipitação de muita chuva que, somada aos receios dos resultados da eleição presidencial no país, com foco na redução de financiamentos, provocou a diminuição do número de viagens previstas no calendário. Espanto. Medo. Angústia. Busquei caminhos outros que me levaram a frequentar o escritório da Ecoa, em Campo Grande. Jeito que encontrei de ficar, de alguma maneira, mais próxima da minha proposta.

Estar no prédio da Ecoa, entre suas gentes, é estar permanentemente numa roda de conversa que tem o Pantanal como assunto diário. A aproximação com esta ong, que é parceira dos ribeirinhos, possibilitou conhecer melhor a região pantaneira por meio de fotografias, livros, arquivos. Entretanto, este estar na Ecoa, ouvir e ler sobre o Pantanal, me acalentava e me inquietava. Meu ser queria voar, mergulhar nas águas, sentir a terra, estar com as crianças.

No entanto, a minha vontade não trazia soluções plausíveis. Comecei a cogitar a ida por “freteiras”, mas todas as pessoas com quem conversei e que já haviam viajado ou sabiam do

³⁰ Informações obtidas e disponíveis em: <https://ecoa.org.br/mel-do-mais-puro-pantanal/>

contexto, não indicavam essa alternativa. Para o transporte de pessoas, as “freteiras” são usadas, em sua maioria, pelos trabalhadores rurais, homens, peões de fazendas que, para combater o tédio da longa viagem, acabam ultrapassando os limites do consumo de bebidas alcoólicas, resultando em alto risco de assédio para as mulheres embarcadas que, sempre que possível, ficam trancadas nos quartos durante os três dias de viagem, saindo apenas para as refeições que fazem parte do valor pago.

Outra possibilidade de chegar ao campo de pesquisa seria alugar um barco, semelhante ao usado pela Ecoa, comprar o combustível e contratar um piloto de confiança, que conhecesse os percursos navegáveis do rio. Esta alternativa se tornou inviável pelo alto custo financeiro e pela incerteza de ter onde ficar hospedada. Ressalto que, neste momento, havia estado na Barra com mediação da equipe da Ecoa e ficado hospedada em sua Base. Ainda me encontrava em fase inicial de aproximação com as comunidades. Este contexto impossibilitava que me lançasse em uma viagem, para uma região distante, que requer o estabelecimento de confiança mútua com as comunidades e abrigo para assegurar a integridade. Também foi preciso considerar que as viagens de ida e de volta exigem programação prévia, envolvem muitos detalhes e, por questões de segurança, há pouca navegação à noite.

A situação passou a ficar sombria, parecia não haver caminhos que me levassem para as águas e terras pantaneiras. Neste momento, decidi visitar uma aldeia indígena para, talvez, mudar o campo de pesquisa. Fui, fiquei três dias, mas a região das águas, matas, bichos e morros poetizados por Manoel de Barros havia me escolhido. Foi no momento em que quase desisti, que o meu encantamento e os elementais pantaneiros abriram caminhos que possibilitaram a viagem, a hospedagem na escola da Barra, a alimentação compartilhada, a aproximação com as crianças e as trocas com as comunidades de uma maneira mais fluida que contarei mais adiante. Estes elementais podem ser compreendidos a partir da cosmologia indígena:

Daniel Munduruku nos conta o que ouvia de seu avô em um tom de simplicidade: “Tudo está em harmonia com tudo; tudo está em tudo, e cada um é responsável por essa harmonia”, porque “não somos donos da teia da vida”. Essa é a maior contribuição que os povos da floresta deixaram para nós: a prática de ser uno com a natureza. Para eles, as tradições do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e interrelações, de modo que tudo se conecta com tudo. O pulsar de uma estrela à noite é o mesmo pulsar do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo só, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido pelo coração, ou seja, pela natureza interna de cada um, assinala com extrema clareza outro importante índio brasileiro, Kaká Werá Jecupé. (PEO, 2013, p. 168).

Raízes indígenas. Miraíra - gente de mel. Este momento foi desafiador. A angústia se ampliava pelas responsabilidades éticas, sociais e acadêmicas que se somavam aos prazos em

contagem regressiva. No entanto, foi a partir das dificuldades que os caminhos metodológicos foram se configurando e se concretizando. Fui desafiada a me colocar em movimento. Nas dificuldades, encontrei jeitos outros de ir e vir e, assim, as experiências vividas, tanto para chegar como nas estadas por lá - em diálogo com as leituras e a pesquisa realizada no processo de mestrado -, foram delineando as nuances de uma metodologia viva, porosa e aberta que se fez no próprio percurso.

Assim, me empoderei da pesquisa, das viagens e do estar na Barra. Aprendi a desaprender. Quando tudo parecia se desmanchar, as sementes germinaram e a pesquisa renasceu de jeitos outros, não pensados, mas espantosamente sintonizados com minhas buscas. Manoel de Barros (1990, p. 212), inspirou: **"Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore."**

Com a compreensão de que o percurso foi e é coletivo - impregnado de curvas, escapes e escolhas -, apresento os caminhos metodológicos organizados em quatro partes: breve contextualização da região sul pantaneira como campo de pesquisa - Pantanal, Serra do Amolar com as comunidades da Barra e do Paraguai Mirim; parceiros; procedimentos teórico-metodológicos; interpretação dos achados; trâmites éticos.

Os **campos de pesquisa** se diferenciam e, de certa maneira, se distanciam de nossas experiências pessoais e acadêmicas mais próximas. Requerem uma apresentação inicial de nós, para quem lá está, e de lá para cá, para que se compreenda os espaços e os tempos nos quais vamos mergulhar. Pantanal, berço das poéticas de Manoel de Barros (2010, p. 303), entranhadas de convites ao inusitado, ao inesperado, ao singelo: **"Há certas frases que se iluminam pelo opaco."**

A região é, genericamente, denominada de Pantanal e está localizada no centro da América do Sul, perpassando externamente as fronteiras do Brasil, da Bolívia e do Paraguai e, internamente, os estados do Mato Grosso (MT) e do MS, sendo que as áreas mais extensas se localizam nos municípios de Aquidauana e Corumbá (MS); Cáceres e Poconé (MT). Embora se constitua como unidade e seja referenciado, na maioria das vezes, no singular, é mais correto

ser considerado no plural, pois há variáveis geográficas e culturais significativas ao longo de sua extensão (BESPALEZ, 2015)³¹.

A Serra do Amolar - campo ampliado da pesquisa -, é parte dos vastos pantanais e está localizada em território sul-mato-grossense, em região que, na descrição de Siqueira (2015, p. 29), possui: “[...] 80 km de extensão e algumas elevações que alcançam pouco mais de mil metros acima do nível do mar, [...]”, nela, de acordo com o mesmo autor, na mesma obra: “[...] destaca-se a grande diversidade de fauna e flora tais como vegetação do Chaco, da Amazônia e do Cerrado [...]” (p.29). Esta região, corredor biogeográfico, é *habitat* de espécies ameaçadas de extinção como a onça-pintada, o jacaré do papo amarelo e o cachorro vinagre.

As famílias que resistiram e permanecem no local, enfrentam desafios cotidianos como: escassez de água potável; redução dos seus territórios para cultivo de hortaliças e roças, como também para criação de animais para o consumo familiar; perda de biodiversidade e mudanças climáticas que causam quebras no cultivo de alimentos. Estes desafios geram enfrentamentos, havendo um longo caminho a ser percorrido pelas políticas públicas reivindicadas pelos ribeirinhos (SIQUEIRA, 2015).

Os campos de pesquisa - com suas maravilhas, potencialidades e acolhidas, mas também com seus conflitos, tensões, desafios, dificuldades de chegar e de ficar -, estavam escolhidos e se abriam para o encontro com as crianças e as gentes pantaneiras. No entanto, pesquisar no movimento das secas e das enchentes, exige companhia de poeta: **“Catamar um por um os espinhos da água.”** (BARROS, 2010, p. 194). Na Barra, os barcos e as trilhas trazem as crianças que vão chegando das redondezas. A escola foi interdita pelo Ministério Público de MS, em março de 2019 e as aulas só retornaram em junho de 2019. Quando as crianças deixaram de chegar, foi hora de arrumar jeitos, de sair dos trilhos, de abrir passagens entre as pedras. Rememorar os caminhos. Desenhar possibilidades.

Entre Corumbá e a Barra, depois de duas horas de navegação, passávamos pela comunidade do Paraguai Mirim. Do barco, nas duas primeiras vezes, olhava para o aterro e para a escola. No segundo retorno, paramos uma vez e ficamos dois dias. Na terceira vez, em uma viagem na qual, segundo o Jaburu (piloteiro), eu estava no comando, atracamos no barranco. Conversei com a coordenadora, nas alegrias dos encontros que se fazem anúncios. Quando

³¹ Optei por usar o termo no plural, mas também no singular, porque os campos de pesquisa estão bem delimitados, possibilitando que os leitores compreendam que “Pantanal”, neste texto, referencia a região da Serra do Amolar. A escolha se fez na estética da escrita.

a escola da Barra foi interdita, as crianças do Paraguai Mirim somaram. **"Na outra margem do rio uma casa acendeu."** (BARROS, 2010, p. 199).

O campo de pesquisa, que parecia estar definido, expandiu. Catei caminhos. Ampliei meu olhar para o Paraguai Mirim, sem abandonar a Barra. Navegando pelas águas, tentando ser árvore e passarinho e gente, voltei mais quatro vezes. Fui duas vezes de carona com pesquisadores da Ecoa; uma com aluguel de barco pilotado por Jaburu na qual fiquei na escola do Paraguai Mirim. Em outra, quase fui de "freteira", uma das experiências que ainda não havia feito e que só seria possível na companhia da professora Leila, participante da banca - que veio com a família conhecer esta parte do Brasil. No entanto, a embarcação estragou na véspera da nossa viagem e tivemos que subir de barco.

Entre idas e vindas fui apreendendo compreendendo o que era para ser apreendido compreendido. Nestes momentos, veio o difícil exercício da espera, da confiança, da entrega, da escuta. Foi semear e respeitar o tempo da semente. Campos de pesquisa que não estão facilmente ao alcance de nossos pés, chamam a esperança e a calma da poesia de Manoel de Barros (2010, p. 310): **"Enfie o que pude dentro de um grilo o meu destino. Essas coisas me mudam para cisco. A minha independência tem algemas."** Às vezes asas e barcos.

Com Manoel de Barros (2010, p. 346) também aprendi que: **"Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore."** Com o poeta senti que: **"No estágio de ser árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua [...]. Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul. [...] fez amizade com muitas borboletas."** (p. 394-395).

Assim, com silêncios e delicadezas, fui me aproximando devagar, às vezes parando, às vezes saltitando, mas aprendendo jeitos de estar com as comunidades pantaneiras que, como tantas outras, manifestam, em alguns momentos, desconforto com a chegada de forasteiros (PEREIRA, 2015). Senti que foi relevante a mediação da Ecoa para estabelecer os vínculos iniciais e abrir espaços para estadas, conversas e registros. A companhia dos autores e seus estudos, a guiança da guardiã e dos guardiões da tese - com suas sabedorias ancestrais - fortaleceram as minhas experiências criancieiras e foram mostrando jeitos e caminhos de ser e de estar. Havia fios condutores, havia o inesperado, havia convites do poeta: **"Quem anda no trilho é trem de ferro Sou água que corre entre pedras: - liberdade caça jeito."** (BARROS, 2010, p. 156).

Diante deste cenário, fica evidente a complexa situação das famílias que habitam a Serra do Amolar, pois após conhecer a extensão e a diversidade pantaneira, torna-se evidente que, para desenvolver pesquisa, faz-se necessária a definição de um lugar que apresente certas peculiaridades e similaridades, na organização coletiva. Com esta compreensão e, pelo número significativo de crianças, cheguei até a Barra do São Lourenço, após meia hora de barco da Base de Pesquisa da Ecoa. Mais tarde, como já contei, as águas me levaram até o Paraguai Mirim e até a Costa da Lagoa (MANFROI, 2015), por *WhatsApp* e cartas³².

Na região pantaneira, há a convivência cotidiana com uma extensa área natural diversificada e singular, refúgio de espécies da fauna e da flora ameaçadas de extinção, que possibilita uma vida de paz, integrada ao ambiente natural. Em contraposição, há o risco constante das cheias e das estiagens, a ameaça permanente dos grandes proprietários de terra, as ações governamentais que, por um lado, defendem o ecossistema e, por outro, impedem a sobrevivência dos ribeirinhos, por consequência das características bióticas e geográficas locais.³³

As comunidades têm como atividade econômica predominante a pesca e a “catação de iscas vivas”, que são vendidas para o setor turístico pesqueiro. Esta coleta é feita por jovens e adultos, com predominância de mulheres. A tuvira e o caranguejo³⁴ são as iscas vivas mais comercializadas. Geralmente, as famílias têm mais de uma fonte de renda, embora seja predominante a pesca (69%), seguida da agricultura (28%) e da pecuária (19%). Ações governamentais como cestas básicas (44%), bolsas do Governo (39%) e aposentadorias (28%) complementam o orçamento familiar que, poucas vezes, ultrapassa mil reais (SIQUEIRA, 2015). Conforme Moraes e Espinoza (2001), há também os intermediários ou atravessadores que compram iscas, peixes e outros produtos dos ribeirinhos e revendem, com margens de lucro que dependem de fatores como a qualidade, a demanda, o período e outros.

Na literatura encontrei referências desencontradas sobre o número de famílias e a população da Barra. Zanatta (2011, p. 42) afirma que: “[...] 19 famílias compõem a comunidade, ao todo são 106 pessoas.”. Costa (2013, p. 39) destaca que na Barra residem “[...] 14 famílias, com um total de 104 moradores” e Siqueira (2015, p. 20), coloca o quantitativo de “[...] 23

³² As cartas chegaram também com inspiração em Célestin Freinet (1973, 2004), com a sua metodologia de “correios interescolares”, fundamentada nas trocas solidárias, na autonomia, na livre expressão, no trabalho cooperado. Comunicação para além dos espaços escolares, em processos educativos brincantes e leves.

³³ “A região está intitulada pelo Ministério do Meio Ambiente (2002), como ‘área de extrema prioridade para conservação’ da biodiversidade brasileira. Para proteção desta região, o governo brasileiro criou a Reserva Biológica do Caracará, em 1971, e devido ao seu potencial turístico a transformaram em Parque Nacional do Pantanal Mato Grossense (PARNA)” (SIQUEIRA, 2015, p. 48).

³⁴ A Tuvira é nome popular do *Gymnotus carapo* e caranguejo, do *Dilocarcinus pagei* (SANTOS JUNIOR, 2008).

famílias residentes segundo censo não publicado realizado pela Ecoa em 2011, [...]”. Independentemente do número exato, as famílias são constituídas por antigos moradores, nascidos na região da Serra do Amolar, que casaram com migrantes de Cuiabá e cidades próximas, que chegaram há cerca de 150 anos, residindo em pequenos sítios localizados na margem esquerda do rio Paraguai, logo abaixo da confluência com o rio Cuiabá (CORREIA FILHO, 1942). No Paraguai Mirim, com características semelhantes às da Barra, mas com casas mais espalhadas, localizadas em ilhas, há uma população de aproximadamente 38 a 40 famílias, de acordo com estudos de Amâncio, C. e Amâncio (2009) e de Spacki (2014), somando em torno de 220 pessoas, de acordo com dados da Ecoa (2014).

Na primeira chegada, antes mesmo de descer do barco, fui encantada e capturada pelas belezas do lugar. Fiquei ainda mais próxima do poeta. Compreendi, com Manoel de Barros (2010, p. 275) e: **“Deixei uma ave me amanhecer.”**. Depois de descer do barco e de mergulhar nas águas do rio, fui encantada e capturada pelas gentes do lugar. Humanos, se parecem alados. Alados, mostram raízes. São seres transpassados pela potência da vida que vibra abundante. Também pelas coisas do mundo, da concretude da vida, doçura e dor. Vivem fronteiras e travessias. Conduzem sabedorias ancestrais.

3.1. Parcerias de pesquisa

quem veio brincar e contar o que vive, sente e sabe

Na Barra e no Paraguai Mirim encontrei pessoas de olhar manso e atento que me fizeram sentir uma “pesquisadora pesquisada”. Compreendi que o percurso metodológico a ser escolhido demandaria respeito, abertura, entrega e delicadeza, numa construção processual, como enfatiza Zanatta (2011, p.109):

A escolha por enxergar os processos ou as perspectivas é uma escolha construída no decorrer da pesquisa. Tratar de processos tem relação com a construção de conhecimento tateando o campo, criando vínculos e se permitindo mergulhar nas próprias dúvidas até chegar perto de respostas mais palpáveis - encontrando significados e verticalidades, que não podem ser generalizadas por serem representativas da singularidade da experiência em estudo.

Foi na Barra, comunidade na qual permaneci mais tempo, que fui conduzida pelas crianças a adentrar em algumas sabedorias e mistérios deste pedaço do Pantanal. Foi ali que ouvi as primeiras histórias, que pesquei a primeira piranha, que participei das rodas de tereré, que tomei banho de rio. A maioria das narrativas nasceu neste território. No Paraguai Mirim o tempo foi menor, mas não menos importante. Nos dois lugares, vivi as poéticas de Manoel de

Barros (2010, p. 220-221): "Vaga-lumes driblam a treva." e "Sapos com rio atrás de casa atraem borboletas amarelas.". Cartas foram gestadas e voaram.

As crianças, da Barra e do Paraguai Mirim (também as da Costa), desafiaram e trouxeram jeitos outros de estar nos campos de pesquisa e repensar os procedimentos metodológicos. As crianças foram as protagonistas, pois foi com elas que conheci camadas dos cotidianos ribeirinhos, com as suas gentes, espaços e tempos coletivos. O percurso metodológico, encantador e generoso, foi sempre exigente, pois, como pesquisadora, não estive isenta de experiências. Fui protegida, mas não me guardei. Me expus. Interagi, conversei, observei, fui observada, fiz algumas das coisas que fazem. Ouvi, senti, pensei e voltei a pensar, problematizei e, num constante cirandar, fui compreendendo alguns dos significados de ser criança e de brincar nos espaços e nos tempos da natureza-cultura, na guiança intuitivo-reflexiva de Friedmann (2013, p. 157-158):

Reconhecer que estas crianças com as quais convivemos diariamente estão permanentemente se expressando consciente ou inconscientemente, verbal ou não verbalmente, através de mensagens e imagens [...].

[...] em qualquer lugar e a todo momento, as crianças falam das mais diversas formas. Ouvi-las depende, não de oportunidades ou tempos específicos, mas de vontade e abertura interior de cada adulto.

O primeiro passo para ouvir, olhar, ver e compreender começa com a possibilidade de um processo de autoconhecimento para ouvir e compreender as nossas próprias vozes, descobrir nossos próprios canais expressivos e colocar ali nossas emoções e sentimentos. Consiste em nos colocarmos no lugar de cada uma e de todas as crianças. Trata-se de adentrar seus mundos, colocar-se na pele, no corpo e na alma delas. Desafia-nos a estarmos atentos às nossas percepções, emoções, sensações, sentimentos e pensamentos.

Considerando o número restrito de famílias e de crianças, não delimitei previamente uma amostragem quantitativa, pois a pesquisa com predominância qualitativa, vai sendo configurada no decorrer do processo. Fazer pesquisa em diálogo com a etnografia é ouvir os silêncios, é andar por caminhos desconhecidos, é estar aberta para as contingências que surgem, é aprender com o inusitado, o não pensado *a priori*, pois, como afirma Mattos (2011, p. 45): "Fazer etnografia é um pouco de doação, de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais."

A princípio, com esta compreensão - apesar de não denominar esta pesquisa como etnográfica -, os mergulhos, a brincadeira das cinco pedrinhas e os voos estiveram abertos para quem quisesse chegar e experimentar, independentemente da idade, das habilidades e dos conhecimentos. Cada um teve espaços para brincar nos seus tempos e dos seus jeitos, individualmente e no coletivo, a partir das suas experiências e desejos. Os registros foram feitos

de diversas maneiras (escritos, fotografias, vídeos, cartas), de acordo com cada momento, que sempre foi único e significativo, seja com as pedrinhas no ar, aparadas pelas mãos, caídas no chão; também nos mergulhos e revoadas.

E quem não quis brincar? Do seu jeito, também contribuiu, pois, nestas brincadeiras, nada foi obrigatório e nada foi desimportante. Manoel de Barros (2010, p. 408), confirma: **"O pessoal falou: seu olhar é distorcido. Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?"**.

Afinal, quantas crianças e pessoas participaram? Pois é, quantas? Cada leitor descobrirá, ao ler esta tese. Crianças e pessoas, juntamente com bichos, barcos, paisagens e aventuras surgirão detrás dos morros, das matas, das casas, das escolas... Quais as suas idades? Escolhi as "desidades"³⁵. Cada um, cada uma participou como quis e como sabia. De diferentes jeitos. Em diferentes tempos. Há passagens rápidas, outras demoradas. Algumas repetidas, mas com novas narrativas. Cada qual com suas importâncias e desimportâncias. Com suas dúvidas e experiências, pois, com Manoel de Barros (2010, p. 327), aprendemos que as sabedorias estão em: **"Tudo que use o abandono por dentro e por fora."**

Considero relevante destacar que as parcerias foram chegando, no decorrer do processo, de jeitos peculiares, às vezes, inusitados. Fui surpreendida pela diversidade de pessoas de quem me aproximei e com quem tive a alegria de viver experiências nos campos de pesquisa. As crianças abriram os portais, chegaram com seus diferentes tamanhos, jeitos de ser e olhares que convidavam para estar junto. Houve palavras, peraltagens e aventuras compartilhadas. Alyson, Andressa, Gean, Maria Clara, Kaleb, Léo e Maria Helena ficaram por mais tempo. Aproximações geográficas e afetivas que, na poética de Manoel de Barros (2010, p. 38), foram parceiras de todos os momentos: **"Mas sob as árvores as crianças eram tão comunicativas Que me faziam esquecer de tudo Olhando os barcos sobre as ondas..."**.

³⁵ O termo *desidades* é uma palavra criada por Noal (2006), inspirada nos neologismos de Manoel de Barros (despalavras, despropósitos), na busca de evidenciar o que ocorre com a participação social das crianças em contextos que relativizam as cronologias, flexibilizam os resultados e valorizam as experiências nos processos de crescimento humano. Cada ser possui tempos e espaços alargados para ser bebê, criança pequena, criança maior, jovem e adulto que vai continuar brincando pela vida a fora. Nesta tese, foi referenciada a idade do Léo, em torno de dois anos, porque passou por situações desafiadoras para o seu tempo de vida. Em outros momentos, usei as expressões "bebê" e "nenê", para crianças de colo. As idades das demais crianças e dos adultos não foram referenciadas.

Alyson³⁶ e Gean são criados como irmãos. Curiosos, encontram jeitos de se divertir no quintal. São atentos aos barulhos. Reconhecem facilmente quem está se aproximando do aterro e da casa. Cuidam dos bichos, para que estes não entrem na cozinha. Pescam, andam de canoa, respeitam os preceitos da vida ribeirinha e dominam os espaços com habilidade. Sabem dos perigos. Se desafiam. Inventam. Com eles conheci o aterro, os ninhos de passarinhos escondidos nas árvores, as tuviras que estavam no tanque. Aprendi a chamar jacaré e a preparar isca. Gean me protegeu dos cachorros e Alyson me alimentou com goiabas.

Andressa mora no Paraguai Mirim. Com ela, aprendi de flores, cultivadas por sua mãe - Rosângela. No quintal de Andressa tem árvore com balanço - feito por seu pai, que também faz canoa de um pau só³⁷. É uma menina arteira. Gosta de pular do barco-escola quando este se afasta do barranco. Habilidade, gosta de ficar em pé para balançar. Brinca com a Iara - menor do que ela. Tagarela, risonha, conta uma história atrás da outra. Faceira. Cabelos encaracolados, soltos ao vento.

Kaleb, Léo e Maria Helena são irmãos, filhos de Milena, companheira de Robson. Juntas, as crianças descobrem esconderijos, pescam, mexem na caixa de ferramentas, brincam com coisas espalhadas pelo quintal - cavaletes, tambores de plástico, varas, latas e outras inutilidades que se entregam ao brincar. Falam pouco, se movimentam muito. Parece que as palavras poderiam atrapalhar as peraltagens. Milena, alegre, destemida, assume e cuida da família quando o companheiro se ausenta para pescar. A mãe - Maria -, e o pai - Betinho - ficam por perto, no apoio. A irmã de Milena, Maria Clara, se mistura no brincar com os sobrinhos. Com Milena vivi cumplicidades - banhos de rio, conversas na roda de tereré e, uma hospedagem em sua casa, está combinada.

Dona Joana, uma das moradoras mais antigas, trouxe as sabedorias ancestrais. É filha da Velha Joana - parteira da tradição que fez história aparando crianças na região. Com seu Zé Catarina reúne a família no aterro do Binega. Traz dores de perdas, cultiva alegrias cotidianas. Foi merendeira na escola da Barra e é a pessoa de confiança para cuidar do prédio e das crianças, na ausência dos professores. Generosa, forte, decidida. Corpo farto, foi em seus braços, feitos para os abraços, que me aconcheguei quando a saudade chegou. Mãe e avó, não se assusta com

³⁶ As idas e as estadas nos campos de pesquisa, como descrito, foram permeadas por imprevistos e surpresas. O movimento das águas interfere diretamente na circulação e no acesso aos ribeirinhos. Ressalto que, para gestar a confiança mútua, é preciso haver encontros e entregas. Histórias, fotografias e filmagens só aconteceram com consentimento livre. Alyson foi a criança com quem tive maior contato e aproximação, refletindo no quantitativo de vezes que aparece nas narrativas, nas fotos e nos vídeos. Não foi programado, mas assim aconteceu.

³⁷ As “canoas de um pau só” são meios de transporte produzidos a partir de um único tronco de árvore, normalmente do cambará ou da ximbuva. São apropriadas para a navegação leve, com auxílio de remos e de zingas, para a propulsão (BRANDÃO *et al.*, 2008).

crianças para criar. Após a morte da filha - depois do parto -, assumiu os cuidados com Alyson - seu neto. Também Gean, desde os dois anos, filho de parente distante de seu Zé. Dona Joana pesca, cata isca, cozinha, conversa, partilha sabedorias e o que alguém precisar. Rayane e Rose, suas filhas, foram acolhedoras e parceiras de conversas de mulher. Rolou de tudo um pouco - namoro, amor, homens, sonhos, saudade, aventuras e assombrações!

Houve outras pessoas e encontros, mas as narrativas trazem a partilha destas outras parcerias. Neste momento, considere relevante trazer traços das subjetividades que constituem o coletivo ribeirinho. Viver o coletivo, que não é tão fácil de observar em comunidades urbanas, apresenta-se de forma bastante visível na Barra e no Paraguai Mirim. Isto acontece, não somente porque os indivíduos que formam estas comunidades tradicionais entendem ser necessário, mas também porque, sem estas interações e ajudas mútuas, dificilmente as comunidades sobreviveriam (ZANATTA, 2011).

Certamente é comum que eles se olhem e se percebam pertencentes a um núcleo comum. Possuem traços físicos semelhantes - rosto marcado pelo sol, pele queimada, olhos escuros, estatura mediana, entre outros. Estas características ajudam, no sentido de um olhar para o outro e se identificar cultural, política, social e economicamente. As trajetórias de vida, singulares, também se encontram no coletivo.

O rio Paraguai e seus afluentes fazem parte de suas histórias e lhes assegura a sobrevivência com a pesca e a coleta de iscas. Este pertencimento acontece no cotidiano e na permanência. Também nas idas e nos retornos. Se faz entre gentes que aprenderam com a vida e que ensinaram a Manoel de Barros (2008, p. 71) que: "[...] tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.". A essência e as sabedorias da vida se fazem presentes nestas mulheres, homens e crianças. Ao estar com elas e eles aprendi a desaprender, para aprender de jeitos outros e mais belos.

3.2. Procedimentos de pesquisa

isca e anzol, cinco pedrinhas e mãos, pipa e rabiola

A pesquisa convidou para um percurso que permitiu adentrar pelos mistérios e complexidades da vida, na busca de trilhas para estar com os ribeirinhos. Considerando as peculiaridades dos campos, os tempos da pesquisa foram largos. Se fizeram na soma de contatos e organizações para as viagens; preparações dos materiais - água, alimentos, roupas, repelentes,

botica de homeopatia e outros; viagens de cinco a seis horas até Corumbá - às vezes de carro, outras de ônibus; pernoites; navegações de cinco horas; estadas³⁸.

No Pantanal, vivi experiências da presença que se faz na inteireza de cada momento. Intensidade. A contabilidade dos dias até pode ser feita, mas das horas, não há mensuração. Manoel de Barros (2010, p, 160) já sabia que no Pantanal: **"Atrasou o relógio."** Quantificar empobrece a experiência. Não havia meio termo, era viver e viver. Jogar, brincar, nadar, conversar, rir, bagunçar, matar mosquitos. Misturar alimentos, cozinhar, comer, dormir, sonhar, emaranhar histórias. Também observar, escutar, dialogar com as teorias, registrar no caderno de apontamentos, fotografar, filmar. Retornar carregada de preciosidades e viver os desafios da materialidade de palavras que trouxessem imagens do vivido: **"O mato tomava conta do meu abandono. A língua era torta. Verbos sumiam no fogo."** (BARROS, 2010, p. 160).

Sentei à sombra das mangueiras, conversei por longas horas, corri, pulei, subi em árvores e persegui porquinhos com as crianças. Inventei jeitos de estar na Barra e no Paraguai Mirim, no exercício de abandonar certezas e gaguejar para reaprender. Escolhi caminhos. Fui escolhida. Compreendi que: **"[...] a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar."** (BARROS, 2008, p.55). Assumi desafios. Segui desejos e intuições. Rememorei o privilégio de, aos 13 anos de idade, estar na Aldeia Pirakuá, Bela Vista (MS), campo de pesquisa de doutoramento da minha mãe. Revivi os tempos de morada na Costa, com as crianças da Lagoa da Conceição (2014). As experiências de minha trajetória de vida, desde a barriga, juntaram-se aos jeitos de ser pesquisadora e proporcionaram aprendizagens que ampliaram a formação acadêmica.

Assim sendo, sei que muito antes de pesquisar territórios outros, somos pesquisadas, observadas, questionadas e, por vezes, podem acontecer, como aconteceram, situações inesperadas, mas não menos indicativas aos campos e, dialeticamente, relativas. Wagner (2017) evidencia que algumas perguntas de quem pesquisa, se consideradas indevidas, talvez curiosas demais, podem ser respondidas com mentiras e ironias. Há estratégias para manter uma certa distância e examinar quem chega de longe. Há sabedorias. Há intuições. A confiança é um portal que se abre do lado de lá. Acontece. Ou não acontece.

Houve uma preparação teórico-metodológica para estar com os ribeirinhos, mas também acontecimentos de uma vida que se fez com vento no rosto e pés no chão. Experiências,

³⁸ No período de outubro de 2017 a março de 2019 foram quatro idas e estadas de uma semana cada uma; em julho de 2019 fui duas vezes, na primeira permaneci quatro dias e, na segunda, três dias.

partes de um todo, que me aparelharam para as singularidades, para acolher o tempo de me deixar compreender e que, por vezes, também auxiliaram no entendimento de minha identidade e dos meus ninhais. Compreendi, cada vez mais claramente, que até estar em campo, o que se conhece são conceitos abstratos e acadêmicos. No decorrer da pesquisa, fui sendo exigida por enfrentamentos em meus mergulhos em culturas diferentes da minha e que, concomitantemente, foram indicando que, talvez, não conhecesse a minha própria cultura, como adverte Wagner (2017, p. 29):

Desse modo, ele pela primeira vez compreende, na intimidade de seus próprios erros e êxitos, o que os antropólogos [pesquisadores] querem dizer quando usam a palavra “cultura”. Antes disso, poder-se-ia dizer que ele não tinha nenhuma “cultura”, já que a cultura em que crescemos nunca é realmente “visível” - é tomada como dada, de sorte que suas pressuposições são percebidas como autoevidentes. É apenas mediante uma “invenção” dessa ordem que o sentido abstrato de cultura (e de muitos outros conceitos) pode ser apreendido, e é apenas por meio do contraste experienciado que sua própria cultura se torna “visível”. No ato de inventar outra cultura, o antropólogo [pesquisador] inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura.

Neste sentido, longe de buscar a neutralidade dos achados, apoiada em Magnani (1998), busquei que o olhar de longe e de fora se tornasse um olhar de perto e de dentro, com a clareza de que minha subjetividade fez parte de todo o processo, ocorrendo momentos de tensão, de dúvidas, de inquietações. Nesta perspectiva, o movimento da pesquisa se deu por momentos de mergulho nas realidades da Barra e do Paraguai Mirim, entremeados com afastamentos e estranhamentos, para não desprezar aspectos do cotidiano, pois, como escreve Magnani (1998, p. 18): “[...] à medida que o desconhecido vai se tornando familiar, corre-se o risco de prestar atenção apenas a questões supostamente mais importantes.”.

Este cuidado foi fundamental, pois como alerta Wagner (2017, p.28), sobre quem pesquisa: “[...] a cultura estudada se torna ‘visível’ e subsequentemente ‘plausível’ para ele; de início ele a apreende como uma identidade distinta, uma maneira de fazer as coisas, e depois como uma maneira segundo a qual ele poderia fazer as coisas.”. Com esta compreensão fui percebendo que não estive e não pretendi estar impermeável às influências que as estadas na Barra e no Paraguai Mirim suscitavam em mim. Cada estada foi diferente. Instigante. Desafiadora. Nas lembranças da escrita eles permaneciam comigo. Em minha casa, sentia o chão ribeirinho sob meus pés. Fazia um tereré e já parecia estar na roda de conversas. Ouvia o canto dos pássaros, o barulho das águas. Estava em casa, mas também estava lá. Exercícios de estar e de escrever lesnavam, Manoel de Barros (2010, p. 233) puxou a minha orelha: “Cada

dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar.”. Escrevi.

Atenta, percorri caminhos que buscaram o aprofundamento e a compreensão do que é vivido pelos moradores da Barra e do Paraguai Mirim, sem deixar de garantir o diálogo com as teorias que fundamentaram o estudo e as possibilidades de pensar, com autonomia, em buscar as sínteses necessárias. Pisei nas terras e mergulhei em suas águas ciente de que não participava da cultura como uma nativa faz, mas como uma mulher urbana que continua envolvida em seu mundo de significados. Sei que meus jeitos de ser se fizeram presentes e foram expostos, mesmo que sutilmente, nas maneiras de conviver, de apreender o que se passava e na tessitura deste texto (WAGNER, 2017). Olhar o céu e contemplar o voo dos pássaros, também trouxe distanciamentos necessários.

O meu estar na Barra e no Paraguai Mirim se fez na guiança das crianças em seus mais diversos cenários e, para os registros destas experiências ribeirinhas contei com o auxílio de: a) observações participantes; b) conversas informais; c) caderno de apontamentos; d) fotografias e vídeos; e, e) cartas.

As **observações participantes** consistiram em me fazer presente nos diferentes espaços e tempos da Barra e do Paraguai Mirim, públicos e privados, convivendo com as comunidades em seus cotidianos, sem hora para iniciar e sem prazo para acabar (TRICHÊ, MORETTI-PIRES, 2012). Desde as primeiras aproximações houve aprendizagens, trocas, envolvimento, conversas, choros, risadas, brincadeiras, segredos e confidências. Por meio das observações participantes, que perpassaram a maior parte dos momentos em que estive no Pantanal, focalizei o encontro com as crianças, com os corpos que se movimentam e se expressam, com as suas brincadeiras com a e na natureza, com as interações entre elas e delas com os adultos.

Também experimentei algumas observações silenciosas, com o intuito de respeitar determinados momentos familiares e comunitários que exigem maior concentração e, acima de tudo, respeito a um jeito que sabe, quando necessário, ser discreto. Nas estadas vividas, foi possível sentir que os ribeirinhos, algumas vezes, movimentam-se cuidadosamente, geralmente em silêncio, sendo possível observar que seus corpos se tornam olhos, ouvidos e sensibilidades, no extremo aguçar dos sentidos para que possam reconhecer a eminência de um perigo, como é o caso de cobras, aranhas, onças e outros animais nativos. Também durante as pescarias se espera, de quem está junto, que não atrapalhe e espante a pesca com barulhos e conversas.

A quase total ausência de ruídos e a necessidade de momentos de espera, impingidos pela própria natureza, resulta em uma convivência que intercala momentos de fala com momentos de silêncio. Este foi um exercício salutar para quem, como eu, está acostumada a muitas palavras, bagunças e gargalhadas. Outro exercício, às vezes difícil, pelo encantamento que causavam, foi de registrar o observado e vivido no caderno de apontamentos, em fotografias e filmagens. Não raras vezes, foram realizados depois do ocorrido. Faltavam palavras. Transbordavam memórias, sabores, sensações.

As **conversas informais** (TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012) são um exercício diário dos ribeirinhos da Barra e do Paraguai Mirim. Conversam muito entre eles, mas ficavam tímidos em alguns momentos da minha aproximação, mudavam de assunto, falavam baixo, às vezes muito rápido e, por vezes, calavam-se. Nestes momentos, fiquei curiosa e instigada a fazer perguntas, mas me contive, pois há o tempo de semear e o tempo de colher, o tempo de observar, o tempo de ouvir, o tempo de calar e o tempo de falar. A permanência mais alargada nas comunidades contribuiu para a diminuição do estranhamento e as conversas fluíram mais longas e com mais detalhes. Nessas paragens fui vivendo e aprendendo que o ritmo é o das águas... “Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar...”³⁹.

As histórias e os saberes destas comunidades são passados de bocas a ouvidos, pelas falas, pelos gestos e expressões faciais. Percebi, em minhas estadas na Barra e no Paraguai Mirim, seguindo os escritos de Benjamin, que “quem viaja tem muito o que contar.” (2012, p. 214). No entanto, ouvi os casos típicos da Barra e do Paraguai Mirim, por meio das histórias que são narradas por aqueles que permanecem nas comunidades por anos, que têm ouvidos interessados em ouvi-los e que, portanto, são escutados com atenção, mesmo que repitam as mesmas narrativas. Estes homens, que também podem ser mulheres, embora poucas vezes tenham estado distantes da Barra e do Paraguai Mirim, são semelhantes ao “[...] homem que ganhou honestamente a sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.” (BENJAMIN, 2012, p. 214).

Com esta compreensão e nesta concepção, foi essencial não ter pressa e estar atenta às mais diversas linguagens e manifestações. Os corpos falaram de muitas maneiras, bem para

³⁹ A música “Comitiva Esperança”, dos compositores Almir Sater e Paulo Simões, foi composta no Pantanal Sul-Mato-Grossense, no ano de 1983, durante uma viagem que durou três meses, a partir da compreensão de que, se quisessem conhecer o Pantanal (Paiaguás, Nhecolândia, Piquiri, São Lourenço e Abobral), teriam que conviver com os moradores da região.

além da oralidade e, sensibilizada pelos enredos, silencieiei e respeitei a lógica e o tempo de quem falava, registrando no caderno de apontamentos.

Os **registros fotográficos e as filmagens** foram efetivados nas estadas na Barra e no Paraguai Mirim, na compreensão de que: **"Imagens são palavras que nos faltaram."** (BARROS, 2010, p. 263). Nesta concepção, as imagens são textos. Há momentos nos quais as palavras se tornam pequenas e poucas para descrever o vivido. No exercício da escrita, as imagens foram caminhos de registros e de memorações.

Iniciei os registros com foco nas paisagens, nos cenários e nos encontros com as suas gentes, durante os percursos e as estadas na Barra e no Paraguai Mirim, sendo obtidos após concordância de cada pessoa fotografada ou responsável pelas crianças. Evidencio que as primeiras imagens foram obtidas quando estava na companhia da equipe da Ecoa⁴⁰. Na continuidade da pesquisa, estive respaldada pela autorização do Comitê de Ética/UDESC⁴¹. Mesmo assim, fui cautelosa e registrei apenas situações significativas para a pesquisa e que me auxiliariam a melhor compreender os contextos. Alguns, por sua beleza, singularidade e magia, ultrapassaram os registros e compuseram as memórias afetivas da pesquisa. Embevecida, na descrição de Mia Couto (2003, p. 202): **"Estava aprendendo os modos da terra."**

No decorrer do processo, nas duas últimas estadas, repliquei a metodologia com fotos e vídeos realizada por Tacca (2005). Distribuí duas câmeras para as crianças fotografarem o cotidiano de maneira livre, sem a minha interferência, após as explicações básicas sobre o equipamento. Este exercício se mostrou relevante à medida que possibilitou a amplitude do meu olhar, por meio da visão de quem fez e faz parte das comunidades, expandindo o olhar de fora - feito por mim, pesquisadora -, para o olhar de dentro da cultura (TACCA, 2005).

O **caderno de apontamentos**, termo inspirado em poesia homônima de Manoel de Barros (2010, p. 275), também utilizado na dissertação (MANFROI, 2015), se configurou como meu parceiro inseparável, sendo o caderno e o lápis que permaneceram comigo ao longo da pesquisa. Acolheu registros, acontecimentos, fatos, rotinas, impressões, sensações, medos, dúvidas, espantos, encantamentos. Colcha de retalhos que auxiliou a tessitura da tese.

⁴⁰ Esta Ong, que atua na região pantaneira há trinta anos, possui autorização para estes registros, inclusive, para publicação nas redes sociais e exposições itinerantes.

⁴¹ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UDESC, sendo aprovado com o Parecer n. 2.892.927/2018 (Anexo A). Os documentos elaborados para a pesquisa estão nos Apêndices (A, B, C, D, E).

Brandão (1982) e Lagrou (1994) destacam que estes apontamentos se constituem como as memórias da pesquisa em seus tempos cronológicos e contextos específicos. Registrar é o exercício de sistematizar o que foi vivido, tendo a possibilidade de rever e repensar para, se necessário, redefinir os caminhos e projetar novos jeitos de estar em campo, equilibrando as tensões entre a tentadora aproximação e o necessário afastamento.

Com esta compreensão, é possível afirmar que os registros são exercícios necessários para amenizar os apelos de encantamento e para construir a distância afetiva com relação aos contextos dos campos de pesquisa e aos parceiros (MANFROI, 2015). Com a concepção dialógica e dialética, apoiada em Mattos (2011) e Minayo (2002), busquei a construção de uma metodologia que esteve sempre em movimento. Aprendi que as pesquisas possuem historicidade e, portanto, os achados não podem ser absolutizados, mas questionados e analisados em diálogo com o referencial teórico-metodológico.

Na região pantaneira vivi as experiências de, na poética de Manoel de Barros (2010, p. 60): "*Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas. Gostar de estar ali caminhando. Gostar de estar assim esquecido. Gostar desse momento. Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas íntimas. Pensar nos livros que a gente já leu, nas alegrias dos livros lidos.*". A escrita do texto foi sendo o exercício do desapego, na necessária (seria necessária?) escolha do mais significativo (havia "mais"?). Extrapolou as cronologias, as coesões textuais, as retas. Fugiu das margens. Foi feita, por vezes, de cabeça para baixo. Às vezes, em redemoinhos. Sempre foi conflito. As leituras trouxeram conforto e companhia no exercício solitário de escolher o que registrar e compartilhar. Houve vida. Houve acolhimento. Houve gratidão. A poesia e a literatura acenderam estrelas. Houve Caderno de Aprendiz, de mãos dadas com Manoel de Barros (2010, p. 457, com supressões):

Eu queria ser banhado por um rio como
um sítio é.
Como as árvores são.
Como as pedras são.
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
pássaros em minhas árvores.
Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs
em minhas areias.
Eu escorresse desembestado sobre as grotas
e pelos cerrados como os rios.
Sem conhecer nem os rumos como os
andarilhos.
Livre, livre é quem não tem rumo.

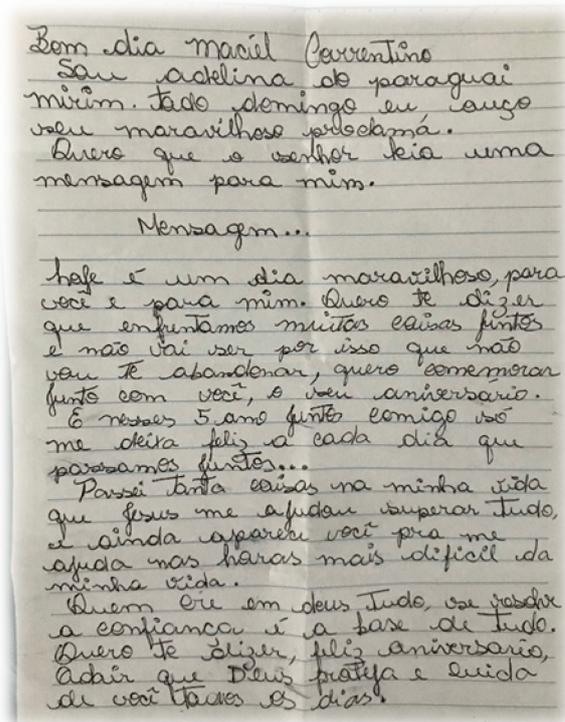
Eu faço travessuras com palavras.
Escrever o que não acontece é tarefa da poesia.
A infância da palavra já vem com o primitivismo
das origens.

Eu gosto do absurdo divino das imagens.
Pra meu gosto a palavra não precisa significar - é só entoar.

No desenrolar da pesquisa, os desejos se ampliaram. Entre as comunidades ribeirinhas,

há o costume de se mandar recados e cartas, via embarcações, com notícias e/ou pedidos (mantimentos, remédios, roupas e outras necessidades). Algumas são escritas para serem lidas na rádio, com os mais diversos assuntos. Uma, de surpresa ao amor aniversariante, chegou em minhas mãos. Foi lida na rádio. Compartilho.

Na caixa de Correios aberta por mãos curiosas, chegaram as **cartas**. Vieram despreziosas, como nova-velha possibilidade de encantamentos. Recordações de meus tempos adolescentes. Desejo de compartilhar experiências e a convicção de que sempre há tempo. Mais ainda em lugares



nos quais os recados acontecem de bocas a ouvidos, com variação de mensageiros e onde: "As palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição." (BARROS, 2010, p. 425).

Após a visita ao Paraguai Mirim (fevereiro de 2019) e a interdição da escola da Barra (março de 2019), houve redemoinhos e inquietações internas. Desejo de aproximar distantes. Amores nascidos nos processos de pesquisa, crianças. Costa da Lagoa e Pantanal. Águas. Liberdades. Sonhos. Convites das terras distantes e das águas que se encontram. Caminhos celestes. Cartas.

Estadas no Pantanal. Saudade da Costa da Lagoa. Comunidades distantes. Singulares. Diferentes. Semelhantes. Terras molhadas. Peixes. Barcos. Pescadoras e pescadores. Rendas lá. Tramas e bordados aqui. No rio Paraguai tuvira, pacús, dourados, piranhas e jacarés. Na Lagoa da Conceição, camarões, siris, carapevas. Comecei a sonhar com as crianças brincando, sendo

elas, sendo outras. Encontros. Bagunças. As crianças gostam de ser ouvidas. Quis abrir outros espaços e tempos para as suas expressões rompendo fronteiras. A poética de Fernando Pessoa (Cartas de Amor) e de Manoel de Barros (2010, p. 434) trouxeram a inspiração das cartas: "Sombra Boa não tinha e-mail. Escreveu um bilhete: Maria me espera debaixo do ingazeiro quando a lua tiver arta. Amarrou o bilhete no pescoço do cachorro e atçou: Vai, Ramela passa!".

Com o apoio de três professoras - Fabiana, Carol e Sabrina -, foi possível a construção de caminhos para troca de cartas entre as duas regiões. Virei mensageira. As três professoras fizeram as listas de nomes e foram constituídas duplas, aleatoriamente. O número não fechava, algumas crianças da Costa escreveram mais de uma carta. Generosidades. Para as crianças foi pedido que contassem do seu lugar e do seu viver, na liberdade de escrever, desenhar, recortar, colar, no exercício das bricolagens brincantes.

Iniciamos com as crianças da Costa da Lagoa escrevendo para as crianças do Pantanal. Confeccionaram os envelopes, escreveram as cartas, desenharam. As professoras postaram. Em minha casa, em Campo Grande, chegaram trinta e cinco cartas. Todas com o nome da criança a quem se destinava e com o nome da remetente. Uma caixa veio junto, com coisitas de lá: conchinhas; sementes da árvore da região - Garapuvú; frutos do café. Passou a ser a "Caixa de insignificâncias". A sensação foi da Costa se materializando em minha casa, entrando porta adentro. Saudade.

Bati as asas, me fiz passarinha e cantei a alegria dos encontros. Mensageira, levei as cartas para as crianças do Paraguai Mirim e da Barra. Pensei delicadezas, jeitos de não quebrar encantamentos. Cheguei. Convivi. Não tive pressa. Minhas mãos carregavam a "Caixa de insignificâncias" e eu senti preciosidades. Saboreamos a potência do momento. As cartas em minhas mãos, olhos curiosos, expectativa. Perguntei:

- Alguém já recebeu carta?

Reações diferentes, algumas crianças responderam que sim. Houve crianças que responderam nunca haver recebido uma carta e umas poucas se mantiveram com olhar distante como se pensassem... Carta? O que é? Fui lendo os nomes - destinatários e remetentes. Espanto! O nome escrito nos envelopes gerou curiosidade: *Meu nome? Ela me conhece? Ele me conhece?* Suspense! Conte um pouco sobre a Costa da Lagoa, das águas e das montanhas de lá, do mar e da Lagoa da Conceição. Ouviram. Conte sobre a escola de lá, das gentes, dos contextos.

As crianças foram recebendo as cartas. A cada nome falado, uma reação. Umas riram, outras ficaram envergonhadas. Parecia difícil acreditar. Minhas mãos ficaram vazias, todas as cartas estavam entregues. Magia. Naquele dia, nenhuma criança que estuda na escola do Paraguai Mirim, ficou em casa. As cartas chamaram? Mistérios. Pensei nos carteiros, quantos voltam com cartas sem entregar? Fui mensageira e, para cada carta, havia uma criança para receber. Proteção das águas.

Cartas fora dos envelopes, se espreguiçando. As crianças passaram a falar: *“Me ajuda a ler?”*; *“Lá tem onça?”*; *“Já sei quem me escreveu!”*; *“Posso levar pra casa?”*. Momento singelo. Liam, reliam, olhavam os desenhos. Emoção. Aproximação. Intimidade. Jeitos crianceiros.

Em outra sala, de crianças menores, fui lendo os nomes e todas apontavam para quem a carta se destinava. Quando estavam com suas cartas, percebi que olhavam para os envelopes e não abriam. Pareciam desconhecer que havia algo mais. Perguntei:

- O envelope guarda alguma coisa?

Devagar, com um pouco de desconfiança, foram explorando os envelopes. Abriram. Retiraram os papéis, desdobraram. Cartas! Letras. Como saber o que estava escrito? Fui lendo em voz alta. O silêncio risonho se fez. Ansiedade para a sua carta ser lida. A cada frase, novas emoções. Admiravam os desenhos. Cores. Águas. Peixes. Tudo muito familiar, tudo muito distante.

Havia a “Caixa de Insignificâncias”. Foi aberta, apareceram os sinais da Costa. Silêncio. Mãos curiosas. Toque. Sorrisos acanhados. Tudo vivido com muita singeleza. Respeito. Palavras e desenhos tecendo laços. Desejo de responder, de contar sobre o Pantanal, de se fazerem próximas, de expressar sentimentos. Dúvidas. Desejo de agradar.

- Fiz um monte de coração! Será que ele vai gostar?

- Conto que aqui tem jacaré? Lá existe?

- Me ajuda a desenhar um tuiuiu?

- Não tenho endereço. O que escrevo?

- Coloca o nome do porto no qual você mora.

Momentos para serem degustados, vividos, nunca esquecidos. Experiências. Recordações. Quando tudo parecia tão mágico, o meu reencontro com o texto de Galeano (2003, p. 15):

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus

olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

As crianças da Barra receberam as cartas somente duas semanas depois. As reações foram semelhantes. No entanto, houve singularidades. Alyson tomou a carta em suas mãos. Os olhos brilharam. Encostou a carta no peito. Não abriu. Correu para dentro da casa e por lá ficou um tempo. Entreguei a ele a carta para Gean. Maria Clara estava na escola e fui até lá entregar a sua carta. Recebeu a carta com delicadeza. Abriu. Leu. Sorriu. Guardou na mochila. Eu, mensageira, senti rastros iluminados ligando a Costa ao Pantanal. No dia seguinte voltei e as respostas já estavam prontas. Beto brincou que ia ler e as crianças ficaram envergonhadas. Intimidades.

Cartas se tornam mais cartas ao chegar aos seus destinos. Aos poucos, as crianças da Costa e as crianças do Pantanal foram se tornando mais próximas, no exercício das conversas que se fazem de jeitos outros. Houve encontros. Voltei para Campo Grande carregando importâncias, suspiros, palavras e desenhos alados. Sonhos. Esperanças. Cartas-respostas serão entregues para as crianças da Costa da Lagoa. Quando chegarem aos seus destinos, forem lidas e respondidas, esta tese já estará escrita, mas permanecerá viva em cada criança que viveu esta experiência. As cartas foram nascentes e Manoel de Barros já sabia (2010, p. 461): "**Tudo que você tem de fazer é tirar do seu texto as palavras bichadas de seus próprios costumes [...]**".

Outra "Caixa de Insignificâncias" foi gestada, agora com elementos do Pantanal. Concretude - bocaiuva, pedrinhas, folhas, flores secas do campo. Esta caixa ainda está comigo, mas a alegria das crianças da Costa, ao tocar cada coisa que ela guarda, se antecipa em mim. Mãos. Sensações. Mosaicos. Partes. Unicidade. Esperanças.

3.3. Conversando com os achados da pesquisa mergulhos, aterramentos, revoadas

A proposta, efetivada na construção processual e aberta, não se enquadrava em parâmetros pré-determinados para a análise dos achados, pois os próprios procedimentos de coleta foram dinâmicos e repensados durante o decorrer da pesquisa. Com esta compreensão, fez-se necessária a abordagem contextualizada e interpretativa, que me aproximou dos estudos de Geertz (1989), Mattos (2011), Minayo (2002; 2015), Minayo e Costa (2018). Estes escritos

contribuíram para diminuir dúvidas e evidenciar as peculiaridades de ser pesquisadora por meio de interações e aproximações que se conduziram pela convivência.

Nas concepções de Geertz (1989), é nos contextos amplos da convivência que os detalhes cotidianos são significados, sendo necessário o esforço intelectual, intencional e atentamente realizado, para que possa haver uma aproximação da “descrição densa” (p. 15). Os tempos de imersão foram caminhos que, apesar das diferenças entre os ribeirinhos e eu, se constituíram como trilhas de compartilhar momentos do cotidiano e poder, com licença poética, escrever sobre as suas experiências de vida que se misturam com o Pantanal, com apoio em Geertz (1989, p. 28):

Se a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece - do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo - é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia. Uma boa interpretação de qualquer coisa - um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade - leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar.

Com Geertz (1989) compreendi que, apesar da minha trajetória de vida e da imersão nos campos de pesquisa, as narrativas se compõem de fragmentos das vidas ribeirinhas que me foram liberadas. Há em cada achado de pesquisa, compartilhado nesta tese, detalhes da vida ribeirinha - subjetividades e coletividades -, mas também há muito de mim. Há um lugar de estar que a mim pertence. É a parte que me cabe. Limites. Dor. Frustração. Alegria. Gratidão. Manoel de Barros (2010, p. 59), mais uma vez, acalentou: *“Sair andando à toa entre as plantas e os animais. Ver as árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais apagadas. Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas. Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos ignorados.”*

Minayo (2002; 2015) recorre à dialética para explicar os riscos das participações nos campos de estudo, mas também para enfatizar que, sem este caminho não há possibilidade de mergulhar nas entranhas do coletivo, que se faz de sutilezas e detalhes. Para Minayo (2015) a empatia é essencial, pois somente a acolhida e a entrega - que se fazem de trocas -, permitem compreender os significados que se escondem aos primeiros contatos.

Meu estar nos campos de pesquisa buscou a abordagem dialética que se volta para a contextualização das situações observadas e das experiências vividas, ultrapassando as análises fragmentadas e isoladas (MATTOS, 2011). O que busquei, incessantemente, foi compreender os parceiros da pesquisa em seus locais coletivos de vida, sem negar as singularidades e as subjetividades. Dificil tarefa a de descrever o outro a partir de sua trajetória - diferente da minha.

Esta compreensão, dialeticamente, ao mesmo tempo em que trouxe frustrações e limites, provocou novas experiências a serem vividas como pesquisadora, em constantes crescimentos, pois a ciência tem limites, não é dogma, é caminho. A pesquisa desenvolvida foi processual, focalizando as interações e o estar no e com o Pantanal.

Com esta compreensão não usei categorias para agrupar os achados e não me apoiei no quantitativo de repetições nas falas e ações. Também não foi assegurada autoridade para pessoas mais velhas com relação as crianças. A escolha das narrativas⁴² se fez pela potência que carregam de contar o singular, o singelo, o aparentemente desimportante com encantamento e unidade. As pequenas narrativas foram canais de navegação das memórias de experiências vividas, fluindo complexidades, cumplicidades e simplicidades (MANFROI, 2015). As narrativas comunicam os saberes da experiência que são, segundo Larrosa (2002): particulares, subjetivos, relativos, contingentes e pessoais, ou seja, cada ser, diante da mesma cena, possui jeitos diferentes de gestar e de compartilhar o vivido.

As narrativas dos mergulhos contam das águas e das matas, dos bichos e seus mistérios, do nascer e do pôr-do-sol, da escuridão da noite, dos barulhos e silêncios, de elementais e de criaturas que habitam as memórias e que animam as rodas de conversas. Contam do que vivi no chão, ouvindo passarinhos, com as gentes, nos tempos e nos espaços pantaneiros: **"Lembrar de certas passagens. Fechar os olhos para ver no tempo."** (BARROS, 2010, p. 63). Neste processo, as transcrições⁴³ aconteceram sem alterações do que foi vivido, apenas sendo suprimidas algumas partes, no sofrido exercício de adequar as narrativas ao espaço da tese.

As pequenas narrativas, pautadas em Benjamin (2000), ajudaram a compartilhar as experiências de maneira fluida e sem reduzir as cores, os sabores, os sons e os aromas do viver cotidiano. Com as narrativas, busquei o escrever artesanal ancorada em Benjamin (1980) que, poeticamente e, de certa maneira, saudosamente, reporta-nos aos cotidianos de outrora, quando contar e ouvir estavam imbrincados no mesmo viver:

⁴² Embora considere que as cartas, as fotografias e os vídeos também se constituem textos narrativos, nesta tese usei a palavra narrativa para denominar as transcrições escritas das falas ribeirinhas, bem como as descrições, também escritas, feitas sobre o que foi vivido nos dois campos de pesquisa, com as suas gentes e crianças. Ao apresentar as narrativas e os diálogos dos achados de pesquisa com o referencial teórico, destaquei algumas preciosidades em caixas de texto, para assegurar maior visibilidade.

⁴³ Ao transcrever as conversas não mantive eventuais vícios de linguagem, principalmente no que tange a concordâncias verbais, nominais e terminalidades em "r", por compreender que a proposta da pesquisa não foi um estudo linguístico e tampouco uma análise de discurso. As expressões regionais e os jeitos singulares de contar foram mantidos na concepção de que as narrativas convidam para a criatividade, a ousadia e a arte de ser original e, assim, manter os ouvintes atentos. Benjamin (2012, p. 214) afirma que: "[...] entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos."

Cada manhã nos informa sobre as novidades do universo. No entanto somos pobres em histórias notáveis. Isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações. Em outras palavras: quase mais nada do que acontece beneficia a narrativa, tudo reverte em proveito da informação. Com efeito, já é metade da arte de narrar, liberar uma história de explicações à medida que ela é reproduzida (p. 61).

A confecção das cartas foi livre, em diferentes linguagens. Intencionalmente, não houve censura e tampouco análise de seus conteúdos. Na coerência com a metodologia escolhida, tiveram a possibilidade de "[...] voar fora da asa." (BARROS, 2010, p. 302). Não pediram análises e interpretações. Recortá-las? Não estava ao meu alcance, mas este espaço da tese era pequeno. Cartas gostam mesmo é de envelopes, que vira e mexe alguém dá uma abrida, espia e as retira. As espreguiçadas rolaram soltas no desdobrar das folhas.

As trinta e cinco cartas encontraram seus destinatários e foram respondidas. Desejos de continuidade nasceram. A proposta, em sua nascente, extrapolou e foi maior do que a pesquisa. Aproximou crianças. Gestou alegrias e afetos. De antemão, já sabia que não caberiam todas nos espaços da tese. Não foi esta a intenção. O essencial foi que todas as crianças participassem. Houve necessidade de escolha. Inicialmente, foi definido um número possível, arbitrário, mas necessário. Doeu. Inicialmente me deixei escolher pelos desenhos, a seguir, pelas palavras. Foram separadas para compartilhar na tese aquelas que trouxeram mais detalhes das comunidades e seus entornos. Neste momento, foi assim. Há tempos e nascentes. Outros jeitos poderão acontecer.

Os registros com vídeos e fotografias, feitos por mim e por algumas crianças, foram brincantes e envolventes. Eu, com mais direcionamento ao registrar cenas, me peguei algumas vezes tão envolvida com o que presenciava e/ou participava, que a câmera se desligava e o lápis depois registrava. Este encantamento também acontecia diante de um pôr-do-sol, de um nascer de lua, de uma noite estrelada. Me entreguei. Para as crianças foram descobertas e peraltagens. Nos aproximamos.

O caderno de apontamentos, as narrativas, as cartas, as fotografias e as filmagens, nos períodos distantes do Pantanal, serviram de apoio e de memória para melhor compreender o que foi vivido. Foram registros que se tornaram confidentes e parceiros. Nos processos de escrita foram consultados, relidos, rabiscados, desenhados. Foram possibilidades de reancorar nos barrancos daqueles lugares. Contribuíram para a composição do que é ser criança nestes lugares. Havia desafios para compartilhar.

Ao olhar para os achados, pulei alguns obstáculos, encarei algumas armadilhas, voei para além do "mecanicismo" metodológico não reflexivo, que dificilmente poderia oportunizar

a apreensão da complexidade das contraditórias relações sociais, encharcadas de encantos, como “transvê” Manoel de Barros (2010, p. 63): “Como tudo é tão belo e tão cheio de encantos! Olhar para todos os lados, olhar as coisas mais pequenas, e descobrir em todas uma razão de beleza.”.

Dos desafios, saboreei prazeres, incertezas, desconstruções e façanhas, aprendendo a desaprender. Compartilhei jeitos de viver na Barra e no Paraguai Mirim que possibilitaram o encontro das experiências vividas com os fios condutores do referencial teórico-metodológico. Estar no Pantanal se fez no impasse de não reduzir o que é vivido na liberdade e na amplitude de cada ser. Ousei me constituir pesquisadora, mesclando observações com sensibilidades, fundamentação teórica com linguagem poética, convidando o leitor para comigo percorrer os caminhos trilhados, no estradar que se fez entre tremores e fissuras, num percurso que se quis leve e profundo, com muita sustança.

Ao fazer o exercício de colar as fotos nas páginas do trabalho, de modo a relacioná-las ao que estava sendo dito, pareciam me pedir para dar uma volta, diziam de tanto movimento, que não caberia ficarem no mesmo lugar, para a posteridade. Assim sendo, as fotos estão soltas, prontas para serem acariciadas, vistas e revistas, manchadas... Fique à vontade.

Havia histórias - narrativas, cartas e vídeos. Encantamentos. Delicadezas. Pediam os “despropósitos” de Manoel de Barros (2010). Impasse. Nascedouro. Ampliação ao compartilhar momentos, extrapolar das margens. Folhas, palavras, imagens, movimentos: “CaixaRela: será que é tagarela?”.

3.4. Delicadezas de ser e de estar

zelo ao navegar, silenciar, esperar a vez, contemplar

A pesquisa, por estar ancorada nos preceitos de me constituir pesquisadora e de pesquisar com as crianças em seus protagonismos, exigiu detalhes e definição dos procedimentos éticos que se diferenciam de alguns outros estudos com seres humanos. Ressalto que a legislação⁴⁴ que estabeleceu princípios a serem atendidos para a realização de pesquisas

⁴⁴ No Brasil, a legislação está definida por meio da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n. 466 em 12 de dezembro de 2012, que substituiu a Resolução CNS n. 01/88 e a Resolução CNS de n. 196, de 10 de outubro de 1996. Ampliando as exigências colocadas pela legislação, fundamentei algumas escolhas no artigo de Kramer (2002), que problematiza as questões éticas existentes em pesquisas com diferentes crianças, focalizando três questões no registro das pesquisas: a) os nomes (verdadeiros ou fictícios); b) a utilização de imagens (fotografias e vídeos); c) as implicações e o impacto social da devolutiva dos achados de pesquisa.

envolvendo seres humanos e que propôs a criação dos Comitês de Ética, ainda tem sido complexa e, de certa maneira, inadequada para as áreas sociais e humanas.

As pesquisas de campo, com predominância qualitativa, percorrem caminhos pouco convencionais. Os tempos são outros. Há necessidade de preparo e de espera. As duas primeiras estadas no Pantanal foram realizadas com a presença de membros da Ecoa, ong que possui autorização para pesquisas e registros. Inicialmente cheguei na Barra. Com cuidado ético, ao descer do barco, nas duas primeiras vezes, iniciei um processo de observações, um pouco à distância, para me ambientar e permitir que também me observassem. A seguir, fui sendo apresentada e me apresentei para a comunidade; conversei com os moradores que estavam dispostos; visitei a escola, após ter sido convidada; pedi autorização e fiz alguns registros fotográficos; entre outras tantas condutas que se fazem nestes momentos iniciais de troca.

A chegada ao Paraguai Mirim se fez no balanço das águas e nas curvas dos rios. A aproximação foi acontecendo por olhadas do barco e idas em algumas casas. Acompanhei pesquisadores que faziam visitas às residências e assim, houve a oportunidade de aproximações, foi ótimo. **"Não havia no lugar nenhum caminho de fugir. A gente se inventava de caminhos com as novas palavras."** (BARROS, 2010, p. 463).

As cartas se fizeram com o apoio de duas instituições educativas - Escola Desdobrada Costa da Lagoa (SC) e Escola Rural do Paraguai Mirim (MS) - que possuem autorização das famílias para as produções das crianças serem disponibilizadas para estudos e pesquisas (Anexos B e C). As quatro crianças que moram na Barra, participaram com autorização e apoio de suas famílias, pois a escola, neste período, estava interditada. Mesmo assim, houve cuidado e zelo para a solicitação das cartas. Nenhuma criança foi obrigada a participar. Houve convite. Depois, alegrias.

Penso que os princípios éticos do ser pesquisadora não se esgotam com os procedimentos legais, pois se dão antes mesmo de ocupar este papel e, no exercício de se fazer pesquisa, vai sendo aperfeiçoado. Neste sentido, sobre o fazer ético, Friedmann (2015, p. 41) destaca que: "[...] olhar crianças de forma antropológica implica uma profunda ética e respeito por elas e uma autêntica conexão com nosso ser e com as emoções que vêm à tona durante as observações." No entendimento compartilhado com a autora, compreendo que: "O universo das crianças é sagrado. E, nesse sentido, são necessárias muita delicadeza e a humildade de - verdadeiramente - nos curvarmos e pedir "licença" para adentrar os espaços sagrados infantis." (FRIEDMANN, 2015, p. 39).

O estar com as crianças foi também o exercício de uma vida inteira (FRIEDMANN, 2015). Como pesquisadora busquei desenvolver o olhar e o caminhar teórico-metodológico que exigiram tomar distância, observar, silenciar e respeitar o outro, atitudes que foram construídas no ouvir, no pouco dizer, na auto-observação. Estar em um ambiente tão belo e envolvente convidou para devaneios que exigiram fincar os pés no chão e olhar para mim como parte que estava mergulhada, mas que também precisava se distanciar. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, sem pausas, sem tréguas. Tudo no coletivo, sem tempo de privacidade para além dos breves minutos no banheiro. Difícil. Desafiador. Revelador.

As primeiras vezes foram mais exigentes, eu precisava buscar o reconhecimento de mim mesma, naquele lugar. Sentir o tempo, zelar pelos movimentos de aproximações e de afastamentos. Escutar e olhar a intensidade das palavras e dos gestos. Encontrar jeitos outros de me apresentar, de estar presente, de me expor. Esta experiência trouxe o exercício constante de me conhecer e de me reconhecer. Com o passar do tempo, numa convivência de maior reciprocidade, as próprias crianças passaram a balizar e indicar caminhos.

A metodologia se quis em movimento, assim como o barco no rio. Fez curvas, desviou aguapés, entrou em baías, quase subiu em aterros, quebrou o motor, terminou a gasolina, descansou, navegou e navegou... Juntou narrativas, registros, marcas, afetos, saberes, ciência. Foi intensa, complexa, flexível, corajosa. Em terras molhadas, o chão é vivo. Nas árvores, folhas nascem e folhas caem em danças circulares. Pouco se apreende, muito se (des)apreende, na compreensão de que, como afirma Wagner (2017, p.194): “O homem é tantas coisas que se fica tentando apresentá-lo em trajes particularmente bizarros, só para mostrar o que ele é capaz de fazer, ou pelo menos a escolher um disfarce que reforce uma determinada linha argumentativa. E, no entanto, tudo o que ele é, ele também não é.”. Descaminhos e caminhos do pesquisar.

Na construção das narrativas, senti a complexidade de usar nomes fictícios ao referenciar os parceiros da pesquisa. Alterei, parecia que as identidades sumiam com a troca de nomes. Não queria que fosse uma decisão arbitrária ou que os habitantes do Pantanal fossem identificados por nomes descontextualizados e pouco significativos. Estabelecemos relações de confiança, estive no campo, ouvi as suas histórias, contadas por eles e elas. Rimos, nos emocionamos, trocamos afeto. Anonimato? Para quê? Por quê? Como não colocar os nomes de quem recebeu, acolheu, abriu as portas? A escolha das narrativas indicava o direito de cada uma e cada um se reconhecer nas histórias e nas falas. Não poderiam se sentir ausentes. Manoel de

Barros (2010, p. 450) escreveu junto: **"Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe."**

Também havia as cartas, todas com destinatários e remetentes. Impasse. Dúvida. A própria pesquisa ajudou, trouxe pistas. Na última estada, Alyson perguntou sobre o vídeo de nossa pescaria. O mesmo estava comigo. Passei o celular para que ele e dona Joana assistissem. Riram, se divertiram, gostaram, ficaram felizes. Se reconheceram. Foi uma pista que iluminou minha decisão de manter os seus nomes, fundamentada em Kramer (2002), considerando também que: a) os objetivos da pesquisa não se voltaram para situações de violências, tampouco constrangedoras; b) minhas estadas em campo foram cuidadosas e respeitosas, eticamente orientadas; c) os exercícios de estar nos campos de pesquisa foram vividos com entregas e encontros, também me expus, também mergulhei; d) houve respeito nos registros, as narrativas se fizeram na leveza e na fluidez da vida que se mostra no cotidiano, não buscaram registros privados; e) a devolução dos achados perderia muito do seu significado ao constarem nomes fictícios; f) considere direito dos ribeirinhos se reconhecerem no texto, em suas identidades, numa pesquisa que pretendeu ouvir suas vozes.

Esta decisão se estendeu para as fotografias e filmagens. Complementares aos trâmites éticos, as autorizações foram concedidas com a resposta positiva à pergunta, sempre repetida: - *Posso tirar uma foto sua? Posso filmar?* Também pela leitura das expressões corporais. Ou seja, ao fazer os registros, deixava a câmera ou o celular focando na pessoa e na cena, e não realizava o registro sem antes perceber uma autorização por qualquer expressão que fosse: uma resposta, um sorriso, uma afirmativa com os dedos ou cabeça, entre outros. Em caso contrário, quando alguém escondia o rosto, enrijecia o corpo, não era feito o registro (KRAMER, 2002). Às vezes, compartilhei os equipamentos.

Houve impasses. Quando os condicionamentos clamaram por certezas e afirmações, uma revoada de pássaros acordou Manoel de Barros que dormia em uma nuvem (2010, p. 341): **"Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam."** Espantada, chamei por Larrosa (2002, p. 21) e ele confirmou: "A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.". Tomei coragem e fui, com o poeta Manoel de Barros (2010, p. 53): **"Frutificar como as árvores na chuva. Florescer entre pedras, aves e astros. Abrir-me como as rosas da noite, ao luar."**

4. SERRA DO AMOLAR

4. SERRA DO AMOLAR

cenários, sabedorias, afetos, brincades

*Como é bom ter vindo de tão longe, estar agora
caminhando
Pensando e respirando no meio de pessoas desconhecidas
Como é bom achar o mundo esquisito por isso,
muito esquisito mesmo
E depois sorrir levemente para ele com os seus mistérios...
Que coisa maravilhosa, exclamar.
Que mundo maravilhoso, exclamar.
Como tudo é tão belo e tão cheio de encantos!
Olhar para todos os lados,
olhar para as coisas mais pequenas,
E descobrir em todas uma razão de beleza.
Manoel de Barros (2010, p.63)*

Pantanal, lugar que foi desenhado com a generosidade da vida, que se quer plena e com as delicadezas do amor, que gesta nascedouros de magias. Ser abraçada e acolhida por gentes ribeirinhas, águas, montanhas, árvores e coisas celestes é presente sem igual. Estar no Pantanal é ouvir o canto dos seres que voam, observar os jacarés deslizando nas águas, procurar rastros de onça pintada e ouvir histórias que nos transportam para mundos outros. Mergulhar no pôr-do-sol, conversar com a lua e acordar com o sol iluminando as águas do rio Paraguai é viver experiências que convidam para honrar o santuário pantaneiro. Estar na Serra do Amolar - campo da pesquisa -, viver seus cotidianos e ser penetrada por suas belezas pede gratidão para sempre.

O Pantanal é um bioma diferenciado (Cerrado, Chaco, Amazônia e Mata Atlântica), sendo a maior concentração de fauna das Américas, além de ligar duas bacias hidrográficas transfronteiriças (Amazônica e do Prata), características que lhe atribuem o legado de ser ninhal das várias espécies da fauna e da flora (APOENA, 2008; FERREIRA, 2013). Este bioma, com suas potencialidades ecológicas e econômicas, diretamente relacionadas com seus recursos naturais, precisa de equilíbrio e zelo para que as futuras gerações possam ter acesso a ele. No entanto, a criação de bois, que é a mais importante atividade econômica da região pantaneira, é também a que mais impacta o ambiente, principalmente após 1970, quando, para aumentar a produtividade dos rebanhos, os pastos nativos foram substituídos por novas espécies, ampliando o número de áreas desmatadas e, como consequência, o assoreamento dos rios da região (FERREIRA, 2013).

É importante salientar que, ao pensar o ambiente ecologicamente equilibrado, refiro-me aos recursos naturais, mas também às comunidades que ali residem e que desenvolvem estreitas relações sociais, culturais e econômicas. Conhecer e respeitar os jeitos de viver destas comunidades (pescadores, ribeirinhos, pantaneiros) se torna de suma importância para a convivência sustentável da biodiversidade existente nestes espaços, assegurando a sociodiversidade local (FERREIRA, 2013). O mesmo autor, na mesma obra, ainda adverte sobre as questões das propriedades privadas, relativizando a posse e, inclusive propondo a limitação de direitos ou até a sua extinção, caso não cumpram as funções sociais, não atendam aos interesses e necessidades da coletividade, e/ou não considerem os princípios ecológicos.

Atualmente a região é habitada por 400 ribeirinhos, aproximadamente, distribuídos em quatro principais comunidades: Barra do São Lourenço, Paraguai Mirim, São Francisco e Porto Amolar, além de núcleos familiares menores ao longo dos rios Paraguai e Cuiabá (BORTOLOTTI, 2005; ALMEIDA, SILVA, 2011; SIQUEIRA, 2015). Inicialmente, espaço de vida de indígenas, ribeirinhos e pantaneiros, a região da Serra do Amolar foi arbitrariamente dividida em grandes propriedades particulares de registros questionáveis e em destino turístico, muitas vezes, depredador.

Percorrendo as camadas do tempo histórico, foi possível compreender que esta invasão territorial iniciou no século XVI, com a chegada dos espanhóis e continuou no início do século XVIII com os portugueses, no processo de colonização europeia da América do Sul (COSTA, 1999). Porém, foi no século XIX que ocorreu uma intensa invasão externa nestas regiões, por pecuaristas apoiados pelo governo português para ampliar as fronteiras brasileiras a oeste (SILVA, SILVA, 1995). Outro fluxo de invasão externa ocorreu após o término da Guerra do Paraguai (1864-1870), quando soldados não retornaram para seus lugares de origem, permanecendo na região (RIBEIRO, 2005).

Neste processo, alguns indígenas Guató⁴⁵ passaram a trabalhar nas fazendas juntamente com os escravos trazidos da África. Em 1888, com a chamada Abolição da Escravidão, os africanos se fixaram, juntamente com os indígenas e outros que ali chegaram e ficaram, nas colinas da região da Serra do Amolar, gerando comunidades constituídas pela interação de diferentes culturas (RIBEIRO, 2005; SIQUEIRA, 2015).

⁴⁵ Os Guató são considerados habitantes legítimos do Pantanal sul-mato-grossense, contatados pela primeira vez em 1543 e conhecidos, historicamente, como índios canoeiros, pois vivem quase sempre sobre a água, em suas pequenas canoas usadas para o transporte que, carregada, fica uns dois dedos acima da água, sendo manejadas com muita habilidade. Pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, não apresentando relação com outras línguas identificadas (BESPALEZ, 2015).

Neste contexto, os grupos familiares têm ligações de parentesco e/ou afetivas. As crianças, embora tenham o seu núcleo familiar, circulam pela comunidade, são conhecidas e cuidadas por todos. Os pais e mães das crianças, em sua maioria, nasceram na região, pelas mãos de parteiras. Atualmente, como a parteira mais experiente (Velha Joana) faleceu, a maioria das gestantes parte para a cidade nos meses que antecedem o parto. Há também as que ficam, como a Milena, mãe de três filhos, sendo que dois nasceram na Barra, pelas mãos de sua tia. Também há casos, como de Rosângela, moradora do Paraguai Mirim, que teve seu bebê na “freteira”, amparada por uma parteira da região do Castelo, por onde a embarcação estava passando no momento. Depois do nascimento e dos cuidados iniciais, a embarcação seguiu viagem rumo a Corumbá, com a mãe e a bebê.

Algumas crianças moram perto das escolas e conseguem ir e voltar caminhando, outras são buscadas e levadas todos os dias pelos barcos-escola. Outras ainda, que moram mais distantes, permanecem por dois meses, ficando alojadas nas instituições. Vão para as suas casas, ficando por 15 dias, e retornam às escolas.

As pessoas, geralmente, se vestem de forma confortável para as suas atribuições, com roupas e calçados industrializados. Comem o que plantam, criam e pescam. Há poucos alimentos trazidos da cidade. Suas rotinas cotidianas são flexíveis e se organizam de acordo com os períodos do ano e as atividades de sobrevivência que realizam, como por exemplo, em época de lua cheia, que me falaram: “A gente não pesca na lua cheia, o peixe vê tudo” (Caderno de apontamentos). Assim sendo, há dias que acordam muito cedo, há dias que ficam no rio até tarde. Não há regras, há compreensão dos movimentos das águas. Manoel de Barros (2010, p. 77) sabia e poetizou:

As águas subiam... Entravam no rancho.
A mulher se refugiava no jirau com os filhos, e lá ficava
dois meses até que as águas baixassem.
O homem chegava de canoa, dava notícia do gado, e
dormia.
Que solidão!
Jacarés passeavam dentro da casa, pelas peças vazias,
apanhando peixes na gaveta das mesas...

Navegar pelos rios do Pantanal chama prosa. O barco vai deslizando pelas águas e a conversa vai à deriva. Um dos jeitos de pesquisar é parando de casa em casa, atracando o barco em cada barranco, durante todo o dia. Peguei carona. Em uma destas experiências o Rafael, também pesquisador, contou que os ribeirinhos não se identificam quando chamados de pantaneiros. Muitos deles relatam que estes são homens que trabalham nas fazendas, que

ganham salário, que têm horário a cumprir e que eles são livres, se quiserem trabalhar, trabalham e se não, não o fazem. Jeitos de viver, poetizados por Manoel de Barros (2010, p.145): "**As coisas que não levam a nada têm grande importância.**"

Neste contexto, quando a escola está funcionando⁴⁶, as crianças acabam tendo uma rotina mais fixa que os adultos, pois saem de suas casas em torno das 6h, retornando depois das 15h. No entanto, nada é muito previsível. Observei que os adultos, às vezes, deixam as crianças em casa, não possibilitando a ida para a escola. Isto ocorre quando estas estão com alguma fragilidade em sua saúde, quando a família irá viajar e sair antes do horário de retorno, entre outras ocorrências.

A permanência na região e a mistura cultural gestou uma população que vive à beira dos rios, fortalecendo significativa identificação com as águas, com atividades pesqueiras, mas também com a agricultura de várzea e de "terra firme" (SIQUEIRA, 2015). Esta dinâmica de sobrevivência tem gestado saberes construídos com a natureza, a partir de princípios agroecológicos, que se contrapõem à lógica de exploração e de produção capitalistas (SILVA, SILVA, 1995; SIQUEIRA, 2015). Para a compreensão destes diferentes tipos de relação se faz necessário, segundo Diegues (2008, p.65), "[...] analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que eles agem sobre ele."

No caso dos ribeirinhos, de origens diferentes, há uma maneira de estar com a natureza e de viver que respeita os ciclos e o equilíbrio entre as espécies. No entanto os grandes proprietários da região têm no lucro o seu objetivo maior e, para obtê-lo, podem ser propositores ou coniventes com ações que destroem os recursos naturais (DIEGUES, 2008). São concepções antagônicas que dificultam o diálogo. Atualmente, outras fontes de conflito estão relacionadas com interferências governamentais que, em nome de um suposto zelo com o ecossistema, têm reduzido as possibilidades de sobrevivência nesta região.

Siqueira (2015) localiza a importação de modelos de Parques Nacionais e a implantação de áreas Naturais Protegidas (AP) e/ou Unidades de Conservação (UCs), a partir de 1930, como marco de ampliação dos conflitos ambientais e sociais na região, agravados pela ausência de políticas públicas, tendenciosa gestão territorial e equívocos jurídicos e técnicos, possivelmente intencionais, apresentados oficialmente como ações de proteção da biodiversidade no Pantanal, mas, historicamente, desrespeitosas com a população que ali vive.

⁴⁶ A escola tem período de recesso, por conta das cheias e do tempo no qual que as crianças vão para casa de suas famílias e os professores retornam para cidade.

Diegues (2008, p. 73) compartilha desta análise, ao ressaltar que os administradores e os regulamentos de uso destas áreas: “[...] pretendem definir como as populações tradicionais devem comportar-se em relação à natureza e aos usos dos recursos naturais.”. Percebe-se que há uma tentativa por parte dos proprietários de impor maneiras de cultivo que buscam o lucro acima de tudo. Também há alguns casos de pesquisadores que pretendem sobrepor os conhecimentos advindos de suas pesquisas sobre os conhecimentos ancestrais que as populações ribeirinhas detêm. Arrogâncias. Não sabem, talvez porque não leram Manoel de Barros (2010, p. 340): **“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos.”**

A definição das áreas protegidas, pelo governo federal, resultou em dois movimentos diferentes: na expulsão de famílias ribeirinhas que, diante deste cenário deixaram seus locais de moradia e de sobrevivência, migrando para cidades próximas; ou na permanência, como uma opção corajosa e transgressora, que tem exigido constantes lutas, muitas vezes, violentas (SIQUEIRA, 2015).

Sem negar a importância destas demarcações, também se faz necessário compreender que as populações que ocuparam estas áreas, hoje protegidas, sentem a invasão, a usurpação e o desrespeito com seus jeitos de compreender o lugar como território sagrado. Terra na qual viveram seus antepassados, vivem e na qual gostariam que vivessem seus descendentes (DIEGUES, 2008).

Ao participar de rodas de tereré na beira do rio, é possível ir compreendendo a maneira como estes ribeirinhos vão desconstruindo as chamadas políticas de preservação. Embora existam pesquisas institucionais que têm como objetivo cuidar da natureza, há um conhecimento que chamo de sabedoria que não é passível de ser construído somente nos laboratórios, precisa dialogar com as experiências vividas por aqueles que são guardiões de cosmologias e saberes outros. Como por exemplo, o Decreto “Cota Zero”⁴⁷, que regula a quantidade e forma de se levar o peixe pescado para outro contexto, se não aquele em que foi capturado. Dessa forma, estimularia os que pescam, a praticar o “pescue e solte”, o que não é ecologicamente correto, visto o que os ribeirinhos me explicaram: “Estes peixes devolvidos para o rio, na maioria das vezes, morrem. Pois mesmo que o pescador seja cuidadoso e o equipamento adequado, a maioria fica machucada, sendo atacados por piranhas ou mesmo morrendo por ter ficado com ferimento do anzol”. (Caderno de apontamentos).

⁴⁷ O Decreto “Cota zero” regulamenta o exercício da atividade pesqueira no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências, pode ser lido em sua íntegra no link: <http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/Di%C3%A1rio-Oficial-n.-9.849-22-de-fevereiro-de-2019-Cota-Zero.pdf>

Os conhecimentos externos, às vezes, podem contribuir, outras vezes, há intencionalidades perversas movidas por interesses econômicos que se sobrepõem à vida. Os ribeirinhos já viveram e já ouviram muito sobre destruição, sabem que: “É preciso que o ser humano se coloque em estado de disponibilidade para acolher o sentimento profundo das coisas, a revelação dos mistérios da Natureza.” (UNGER, 2001, p. 90)

Há movimentos contrários, que negam as sabedorias ancestrais. Defendem retirada das comunidades locais, na tentativa de evitar impactos no ambiente. Justificam suas concepções na aparente defesa ambiental, afirmando não ser possível recorrer aos recursos naturais de modo sustentável, indicando que os ribeirinhos exploram estes recursos até a sua extinção. No entanto, Siqueira (2015) adverte que os deslocamentos e as suas consequências podem acarretar problemas que fogem do esperado. Mediante o exposto, é possível perceber que a criação de áreas protegidas não é isenta da influência de interesses econômicos e particulares de grupos que não têm a natureza como local de vida, mas como fonte de lucro, mesmo que suas ações causem danos severos a todo o contexto, afetando diretamente a cultura dos ribeirinhos. Nas palavras de Diegues (2008, p.67): “Essa atitude é vista pelos moradores locais como um roubo de seu território que significa uma porção da natureza sobre o qual eles reivindicam direitos estáveis de acesso, controle ou uso da totalidade ou parte dos recursos aí existentes.”.

De acordo com Bene (2003), os ribeirinhos, historicamente, têm convivido com os recursos naturais, com as oscilações das águas do Pantanal (grandes cheias e longas estiagens), não causando danos e tampouco provocando a extinção de espécies (SIQUEIRA, 2015). Estes pescadores têm consciência da força da vida que está no rio, mas também dos significados nocivos da pesca turística com seus grandes barcos-hotéis, tocados por motores que, além de barulhentos, poluem e mexem na plenitude do rio (assoreamento, profundidade, plantas, circulação de peixes e outros).

Os ribeirinhos sabem que a mídia espalha notícias de que está acabando o peixe no Pantanal. Me esclareceram: “O peixe que eles querem pegar, só não está mais no leito do rio onde navegam com o barco de turismo! Quem aguenta morar em um lugar movimentado e barulhento destes? Mas se você for nos braços do rio, nas entradas das baías, daí você vai ver um monte de peixes.” (Caderno de apontamentos). São homens que conhecem o seu lugar como Valdemar Barbosa, que mora as margens do rio São Francisco, apresentado por Unger (2001, p.72): “[...] é um líder na comunidade a qual pertence e é, também, um pensador que mantém viva uma determinada maneira de refletir sobre o viver.”.

A Ecoa, a partir de 2015, intensificou o apoio às comunidades locais, por meio de ações realizadas no projeto “Desenvolvimento Integral de Comunidades”⁴⁸, evidenciando a importância da cultura e dos saberes ribeirinhos no processo de conservação desta área prioritária e mediando os conflitos entre as populações locais e as UCs:

[...] após vários anos de negociação com os gestores das UCs, Ministério Público Federal, Secretaria do Patrimônio da União, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, governo municipal, organizações não governamentais (ONGs) e representantes das comunidades, um acordo foi construído, permitindo que os ribeirinhos tivessem legitimadas suas moradias ao longo do rio Paraguai, por meio de um novo instrumento jurídico aplicado inicialmente no estado do Pará, [...] chamado de “Termo de Autorização de Uso Sustentável”¹⁹ ou TAUS, trazendo alento a comunidade que desde 1995 vivia a insegurança de ser expulsa novamente pelas constantes sondagens de compra de novas áreas privadas ou pela expansão, ao sul, do Parque Nacional, [...]. Porém, segundo os ribeirinhos, a limitação ou proibição do acesso ao território para o uso e a prática das atividades de subsistência e econômicas, como refúgio das cheias extraordinárias recorrentes, continuam sendo um fator determinante às condições de tensões e conflitos (SIQUEIRA, 2015, p. 58).

No Porto Amolar, localizado na região da Serra do Amolar, residem quatro famílias. Há ruínas de uma antiga mercearia, como contam os ribeirinhos. Também tem um cemitério, único da região e desativado. Atualmente, uma pousada está iniciando as suas atividades, tendo como proprietários um casal de moradores. Neste espaço foi construída a sede da Ecoa, que serve de base de apoio para as equipes de técnicos e pesquisadores, tendo um dos casais locais como zeladores do espaço.

Na região se ouvem muitas histórias sobre os rios. Os ribeirinhos contam que o MS foi habitado, primeiramente, nas margens do rio Paraguai, pois não havia outras ligações com o restante do país. Grandes navios circulavam pelo rio, rumo a Assunção (PRY), Buenos Aires (ARG) e Montevideo (URY), sendo que as comunidades ribeirinhas tiveram povoados que alcançaram significativo desenvolvimento econômico. Apesar desta relevância histórica e das memórias dos moradores, ainda é pouco conhecida a história dos rios da região.

No decorrer do tempo histórico, estradas foram abertas, foi construída a ferrovia Noroeste do Brasil (Bauru/SP a Corumbá/MS) e os processos migratórios e imigratórios se intensificaram.⁴⁹ As belezas e a riqueza natural da região atraíram coureiros (jacarés), caçadores,

⁴⁸ O “Desenvolvimento Integral de Comunidades”, de acordo com Siqueira (2015, p. 57): “[...] tem por base a mobilização para promover o associativismo; a educação; a saúde; o provimento de energia; o uso sustentável de bens naturais e o planejamento em processos de previsão, mitigação e adaptação frente a “eventos climáticos extremos”. Participam pesquisadores e agentes públicos. Disponível em: <http://www.riosvivos.org.br/Noticia>

⁴⁹ O fim da Guerra do Paraguai, em 1870, suscitou a busca de povoamento do oeste brasileiro, na divisa com o Paraguai e a Bolívia, território atual de MS. Com a construção da ferrovia havia a pretensão de ligar o oeste com o litoral brasileiro. Iniciada em 1905, com traçado até Cuiabá, teve, em 1908, o destino alterado para a cidade de

pescadores e outros, que modificaram a cultura local. A região, gradativamente, teve o número de habitantes diminuído depois da proibição da caça de jacarés.

Barra do São Lourenço e o Paraguai Mirim - as duas comunidades que foram campos de pesquisa. No complexo da Serra do Amolar, após meia hora de barco da Base de Pesquisa da Ecoa, cheguei, pela primeira vez, na Barra, no dia 17 de outubro de 2017, em torno das 8h da manhã. Ao reconhecer o barco e algumas pessoas, os moradores foram acenando e se aproximaram para nos receber. Estavam avisados que haveria duas oficinas, pelo programa de rádio “Alô Pantanal”⁵⁰. Pouco depois da nossa chegada, as oficinas iniciaram, uma na escola, com as crianças, sobre tratamento de água e outra com os adultos, sobre apicultura e produção de mel. Foram ministradas por uma bióloga e um técnico da Embrapa, respectivamente, contratados pela Ecoa.

Durante a oficina eu estava disponível para ajudar no que fosse preciso, mas também livre para andarilhar, observar, ouvir, sentir. Foi nesta tarde que vivi uma experiência que me fez rememorar outras, vividas na Costa e nas simplicidades da vida que se faz no coletivo e nas misturas de crianças e adultos.

A quem barulho de crianças incomoda?

Eu, no trapiche, acompanhando a capacitação sobre a produção de mel. As crianças estavam ao lado, jogando queimada com uma câmera de bola, prestes a furar.

Eu, focada nelas. Desci para acompanhar o jogo de perto. Chinelos velhos demarcavam os espaços do jogo. Regras se relativizavam. Os movimentos dos corpos repeliam a bola. Agachavam. Pulavam. Corriam. Desviavam.

Bola na mão! Poder! Quem queimar?

A graça era acertar no que mais se defendia. Risadas.

Os pequenos estavam junto, sem compreender muito bem a dinâmica do jogo. Corriam. Davam risadas. Ficavam felizes quando um maior lhes confiava o poder da bola.

A graça não estava só no ganhar. Naqueles tempos e espaços a queimada - com suas regras - se fazia singular. No coletivo, cada criança do seu jeito.

*Subi no trapiche para tomar água. Um dos técnicos chegou perto de mim e falou:
- Mira, você pode convidar as crianças para brincar mais pra lá? Estão fazendo muito barulho.*

- Será? Olha para os pais... Eles sempre estão dando uma olhada para as crianças. Não ficarão na reunião se não conseguirem ver onde seus filhos e filhas estão brincando.

- É mesmo. Nunca tinha pensado nisso. Obrigada.

Corumbá. A Noroeste aproximaria a cidade de Bauru/SP e o mercado brasileiro de outros países (Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, Argentina e Uruguai) (GIRARDELLO, 2002).

⁵⁰ A Rádio, na ausência de sinal de internet, é utilizada como a grande mensageira da região, em especial a emissora AM Difusora, que contém em sua programação “A Hora do Pantaneiro”, em que um dos quadros se chama “Alô Pantanal”, que tem o objetivo de passar recados e mensagens de pessoas que estão na cidade para aquelas que estão nas diversas regiões do Pantanal (ZANATTA, 2011).

No dia do nosso retorno, as mesmas oficinas foram replicadas na comunidade Paraguai Mirim, localizada no percurso para Corumbá. Os caminhos da pesquisa me levaram para estas duas comunidades, em tempos e jeitos diferentes. O Paraguai Mirim chegaria mais tarde e em tempo mais abreviado. A Barra foi, na maior parte do tempo, a minha “casa”. Ao pisar pela primeira vez na comunidade da Barra, minhas pernas bambearam, no movimento das águas que me conduziram até esse recanto pantaneiro. Deparei-me com casas muito simples, de pau-a-pique⁵¹ ou de madeira, cobertas por folhas de palmeiras ou telhas de amianto e com chão batido. Algumas casas foram construídas com recursos de um projeto coordenado pela Ecoa e diferem das demais por serem feitas com material reciclado, à prova de fogo, com sistema de captação de água e de tratamento de esgoto, com proteção contra mosquitos e elevação em palafitas para resistirem aos eventos climáticos extremos.⁵²

As dúvidas eram muitas, a curiosidade se aguçou, os pensamentos vaguearam e os olhos, gradativamente, foram descobrindo peculiaridades. Observei que o terreno estava elevado e, ao buscar compreender essa característica local, obtive a informação, no texto de Siqueira (2015, p. 60), de que:

[...] a segurança dessas populações ribeirinhas às margens dos rios na planície Pantaneira, deve-se aos aterros naturais ou indígenas - elevação do terreno, localizado nos diques marginais, utilizados historicamente pelos povos da região -, [...]. Esta elevação em relação a planície possibilita o abrigo em cheias extraordinárias, como as de 2011 e 2014 [...].

Estudos de Silva e Silva (1995) destacam que o ambiente de moradia é definido pelos movimentos das águas do rio Paraguai e do rio Cuiabá (enchente, cheia, vazante, estiagem). Como em outras comunidades, a cultura local se torna singular, embora seja parte de um complexo pantaneiro maior do que a Barra, incluindo o Paraguai Mirim. Estas características, na maioria das vezes, não são respeitadas pelas ações de políticas públicas, sendo que as condições da população são invisibilizadas, resultando em um quadro caótico de vulnerabilidade socioambiental (SIQUEIRA, 2015). Esse contexto é agravado pela concepção de que:

⁵¹ “Técnica de construção com terra trazida para o Brasil pelos portugueses. Amplamente utilizada, principalmente em meio rural. Consiste na construção de um quadro de galhos: os verticais são cravados no chão e os horizontais são encaixados ou amarrados nos verticais. Este quadro é preenchido por uma trama de galhos ou de bambus e, depois de montada a trama, são abertos os locais das portas e janelas. [...] Logo vem a etapa do barramento, que consiste em preencher os buracos da trama com argila.” (BRASIL, 2008, p. 32-33).

⁵² Disponível em: ecoa.org.br

Geralmente os grupos mais pobres da sociedade, além de sua própria falta de defesa econômica e social, são mais vulneráveis, pois carecem de fontes externas de apoio, incluindo atuação do Estado, o que leva a um enfraquecimento na sua capacidade de resposta [...].

Resumindo, a vulnerabilidade socioambiental é relacionada ao indivíduo ou grupos fragilizados, no aspecto jurídico ou político, faltando-lhes proteção e garantia dos seus direitos à cidadania (SIQUEIRA, 2015, p. 33).

A situação se agrava pela falta de água encanada, fato que faz com que a população utilize a água do rio, não potável, para as mais diversas atividades, mesmo para beber e cozinhar; também não há saneamento básico e, tampouco, atendimento médico no local. Os ribeirinhos são atendidos por profissionais da saúde, transportados por um barco da Marinha que mensalmente passa pelo local, como ação do “Projeto Povo das Águas”.

Observei que não há estabelecimentos comerciais na Barra e no Paraguai Mirim, sendo que as compras de produtos externos só acontecem via transporte fluvial. Este contexto traz dificuldades, pois exige planejamento antecipado das necessidades. Por outro lado, provoca para o plantio, a criação de pequenos animais e a pesca, como fontes da alimentação cotidiana que acaba sendo mais saudável.

Além dos barcos particulares, de ongs e do poder público, há a possibilidade de deslocamento por meio das “freteiras”. Embora esse tipo de transporte possibilite o deslocamento dos ribeirinhos e dos trabalhadores das fazendas, ainda opera em condições precárias e não atende à demanda local das populações que ali vivem. Há alguns camarotes - locais com quartos e camas, destinado, principalmente, às mulheres-, não há acomodação para todos, sendo que os ribeirinhos dormem em redes próprias. A periodicidade não é diária, havendo três viagens por semana, com saídas às quintas, sextas e sábados; os horários não são regulares para a chegada e saídas; o tempo de viagem até a barra do São Lourenço é, em média, de 33h, enquanto de lancha o percurso é feito em 5h30min.

Há necessidade de um barco pequeno para se deslocar até a “freteira” que, geralmente, está em movimento no momento de embarque. O valor da passagem é muito alto, principalmente quando se faz necessário o transporte de mais pessoas de uma mesma família. O foco dos proprietários é o lucro. Desta maneira, as “freteiras” estão mais direcionadas ao transporte de mercadorias e não de pessoas, fato que justifica o não investimento em segurança, higiene e conforto nas embarcações (SANTANA, 2013).

A locomoção nas proximidades, via rio, ocorre com a utilização de canoas, fabricadas pelos próprios ribeirinhos com técnica aprendida com as gerações mais antigas, como traço cultural significativo. São confeccionadas com um único tronco de árvore, herança da cultura Guató, sendo os remos feitos das partes mais finas de madeira. Importante destacar que a

fabricação e a utilização das canoas evidenciam o fortalecimento da identidade cultural e do pertencimento ao ambiente pantaneiro (BRANDÃO et al., 2008).

No entanto, apesar de manterem a tradição da canoa, alguns ribeirinhos possuem botes de alumínio com motor de popa, que permitem deslocamentos mais longos e maior autonomia, mas que exigem recursos para pagar combustível, não sendo acessíveis a algumas famílias. O transporte mais popular na região é a “rabetá”, que se constitui como um barco pequeno com um motor pouco potente, mas que torna o deslocamento mais ameno, sem a necessidade de remar. São tocadas via diesel e muito econômicas. Devido ao baixo custo com combustível, alguns viajam até Corumbá. A viagem demora cerca de 12h rio abaixo - no sentido da correnteza - e 14h rio acima. Fui convidada para fazer essa experiência, da viagem longa. No entanto, por questões de tempo, fiz um pequeno passeio.

Rabeteando

Andar de rabeta é como adentrar as veias do rio. O movimento das águas se faz pulsante. Não se passa por grandes ondas no rio de rabeta. Rio tem onda, Mira? Pior⁵³ é que tem.

Quando venta, quando passa uma embarcação, a depender do tamanho, as ondas são grandes. Além disso, se passa mais rápido pelo meio no rio, ali também há mais probabilidade de as águas estarem agitadas. Podendo naufragar a embarcação. Sim, é uma aventura! As rabetas possuem uma parede lateral baixa, a sensação é de estar flutuando nas águas. Assim as rabetas vão próximas das margens, próximas dos aguapés, dos jacarés. Fui convidada pela Milena e Robson para dar uma voltinha. Milena avisou as crianças que já voltávamos, elas ficaram pescando piranha, o Léo, uns dois anos, foi conosco. Entrei primeiro, fui na ponta contrária ao motor, sentada em um banco de pau que atravessava de uma borda a outra da embarcação. Quando Milena foi entrar, me deu Léo, para se ajeitar. Léo ficou no meu colo durante todo o percurso. As águas estavam calmas. Robson, ficava pondo medo em Milena, dizendo que achava que o rio estava com ondas mais para frente. Milena falou para Robson:

- *Vamos até a entrada da baía.*

Virou para mim e disse:

- *Lá é bem bonito, Mira.*

A revoada dos pássaros embelezou ainda mais a paisagem. Quando fizemos a volta, paramos na outra margem do rio. Teríamos que atravessar. Robson começou a rir e debochar de nós. Milena me perguntou:

- *Mira, você não tem medo de rio?*

- *Eu tenho!*

Robson ria mais e mais. A expressão de Milena era preocupação, mas nada de desespero, as mulheres dali são sábias. Eu não estava aflita. Comecei a me conectar com a paz de Léo, observando os movimentos a sua volta, da água quando invadia o barco, das plantas se mexendo, dos pássaros voando... Durante quase todo o percurso, a sua mão ficou sobre a minha. Assim deslizei no rio Paraguai de rabeta, de mãos dadas com a coragem de Léo.

⁵³ Expressão sul-mato-grossense, dita no sentido de concordar.

Nesta região, cuidada há séculos pelos saberes ancestrais, há também histórico de resistências, transgressões, organizações e reivindicações. Há intensa participação das mulheres. O feminino, ventre que gesta e que cuida da vida, é canal de sabedorias ancestrais como na África de Mia Couto (2012a, p. 250): “- Não é um colar - corrige Hanifa. - O que estou a dar a Mariamar é antiga corda do tempo. Todas as mulheres da família contaram os meses da gravidez naquele longo cordão.” São mulheres fortes, com olhares profundos, com falas que sabem o que dizem. Sábias.

Em 1973, foi criada a Associação de Moradores do Paraguai-Mirim e, em 2016, foi fundada a Associação de Ribeirinhos da Barra do São Lourenço (ECOIA, 2005). Estas organizações locais, somadas ao apoio de outras instituições governamentais e não governamentais (Ministério Público Federal, UFMS, Ecoa e Embrapa), têm contribuído para transformações nas comunidades, podendo ser destacados: melhorias nas escolas; compra e distribuição de equipamentos de proteção para efetivar o recolhimento de iscas vivas; reivindicação da telefonia pública, movida a energia solar, que diminuiu o isolamento e assegura a comunicação em situações de emergência; e reconhecimento de alguns direitos profissionais e de moradia (SIQUEIRA, 2015). Uma das fragilidades ainda vividas é a proibição de utilizar os aterros tradicionais em casos de cheias extremas (2011 e 2014), fato que tem ampliado o atual êxodo.

Arbitrariamente, espaços que historicamente foram usados pelos ribeirinhos, em seus processos de deslocamento guiados pela natureza e pela sobrevivência, passaram a ser considerados espaços públicos, gestados pelas representantes da união que, na maioria das vezes, têm outros interesses e concepções, que se escondem atrás do discurso da biodiversidade, mas que hierarquizam direitos, sobrepondo turistas e moradores das cidades sobre os direitos dos ribeirinhos:

[...] visão conflitante entre o espaço público e o espaço comunitário, segundo perspectivas distintas e até opostas: a do Estado, representando interesses das populações urbano-industriais, e a das sociedades tradicionais. Na verdade, o que está implícito é que estas deveriam "sacrificar-se" para dotar as populações urbano-industriais de espaços naturais, de lazer e "contato com a natureza selvagem". Ou ainda, segundo uma versão mais moderna dos objetivos das áreas naturais protegidas de uso restrito - proteger a biodiversidade. (DIEGUES, 2008, p.68).

É importante ressaltar que os moradores antigos, antes das UCs, migravam para estes aterros, sobrevivendo. Atualmente, estas intempéries climáticas acontecem, sem que os órgãos encarregados da defesa civil e as entidades que prestam assistência social, emitam avisos de

alerta à população local. No entanto, os ribeirinhos conhecem muito os sinais da natureza e, na maioria das vezes, sabem com antecedência que algo vai acontecer e se protegem.

Atualmente, a possibilidade é se deslocarem para o aterro do Socorro, que fica na região. No entanto, este local não tem nenhuma infraestrutura, exigindo que as famílias levem equipamento e materiais de consumo necessários para o tempo de estada, fato que praticamente inviabiliza esta possibilidade. Há também um certo desconforto entre os ribeirinhos e os proprietários de áreas próximas ao aterro, tanto que este já foi motivo de muitas reuniões e discussões entre comunidades e fazendeiros. Com base neste contexto, Siqueira (2015) alerta para a necessidade de amplo debate sobre a relação entre as terras tradicionais e as áreas naturais protegidas, gestando uma melhor compreensão da situação e a possibilidade de ações concretas que minimizem as perdas dos ribeirinhos.

Considerando os limites da ciência diante da complexidade das vidas que acontecessem nestes ecossistemas, Diegues, desde 2008, vem sinalizando a necessária integração do etnoconhecimento das populações tradicionais ao se pensar e colocar em prática os planos de manejo. A proposta do autor se estende para a necessidade de se construir vias de diálogo e integração entre os diferentes conhecimentos, rompendo hierarquias e autoritarismos.

Esta concepção se fortalece com a existência, na região, de inscrições rupestres reconhecidas, analisadas e publicadas por pesquisadores que evidenciam que há conhecimentos e sabedorias ancestrais na região (GIRELLI, 1994; PEIXOTO, SCHMITZ, 2011). Os estudos apresentam sítios com registros rupestres, situados na região oeste do Pantanal, ao longo do rio Paraguai, na qual se apresenta o maciço do Urucum, a Serra do Amolar e um conjunto de lagoas. Os grafismos permitem identificar a representação de elementos perceptíveis do entorno ambiental. Os pesquisadores evidenciam que os responsáveis pelos registros rupestres compreendiam que: “[...] a vida humana só tem sentido com a participação dos outros atores do mundo real, ou seja, os rios, os canais fluviais, os animais e o homem.” (PEIXOTO, SCHMITZ, 2011, p. 258).

As idas para o Pantanal, no decorrer da pesquisa de campo, foram diversificadas. Ora estive na companhia de ribeirinhos, ora de pesquisadores, ora de visitantes, ora de turismólogos. A cada estada, possibilidades e surpresas. Tentei usufruir do que me era apresentado e, assim, cheguei a um local de inscrições rupestres. Descemos do barco e caminhamos alguns passos até o paredão no qual se encontra o sítio Caracará. Não havia marcas de visitantes. As inscrições estão em um paredão de pedra, voltadas para um braço de rio. Não há casas por perto. Ficamos nós - Jaburu, Natalia, Rafael, Mark e eu - pilotoiro, turismóloga, pesquisadores. Estar ali, contemplando aqueles registros, foi instigante e

convidou a refletir sobre a existência humana e as suas múltiplas facetas. Há sabedorias para conhecer e sentir.

Com este percurso, compartilho aspectos do campo de pesquisa que, com sua historicidade instigante e natureza abundante, contrasta com os inegáveis conflitos entre as comunidades e as ações externas, principalmente as relacionadas com as áreas das reservas particulares que, em nome de uma pretensa proteção, são fiscalizadas constantemente pela marinha e pelos seus proprietários. Estas ações ampliam tensões, intimidam, proíbem a pesca, efetivam registros fotográficos sem autorização e, algumas vezes, denunciam crimes ambientais, hipoteticamente cometidos pelos ribeirinhos que, invariavelmente, ficam constrangidos e sofrem inegáveis perdas financeiras (SIQUEIRA, 2015).

A complexa e, dialeticamente, simples vida neste cenário, tem sido campo de estudos de diversas áreas do conhecimento (SANTOS JUNIOR, 2008; SIQUEIRA, 2015; ZANATTA, 2011; ZERLOTTI, 2014) e assunto nas rodas de conversa que acontecem, invariavelmente, tomando um tereré à sombra das mangueiras e cajueiros. As crianças estão nas redondezas e também participam de seus jeitos. Estão sempre por perto, afastam-se um pouco, correm, jogam queimada, lambuzam-se de manga, correm atrás de pequenos animais, retornam para a roda e logo se afastam novamente nos infinitos círculos da vida. Percebi que entrar nestes movimentos circulares se fez necessário para a compreensão dos significados do ser criança nesse território e, assim sendo, cirandei comigo, com eles e elas, com pesquisadores e autores que me precederam neste estudo.

5. ERA UMA VEZ AS
NARRATIVAS...

5. ERA UMA VEZ AS NARRATIVAS...

enredos de ninhais, pedrinhas, águas, pássaros, peixes, gentes

*O peixe-cachorro
Era um peixe esquisito pra cachorro:
Cruza de lobisomem com tapera?
Filho de jacaré com cobra-d'água? Ou
Simplesmente cachorro de indumentos?
Era muito esquisito para peixe
E pra cachorro lhe faltava andaime.
Uma feição com boca de curimba
E o traseiro arrumado para entrega.
Se peixe, o rabo empresta ao liso campo
Um andar de moreia atravancada.
Sendo cachorro não arranca a espada?
Difícil de aceitar esse estrupício
Como um peixe; ainda que nade.
Pra cachorro não cabe no possível.
Manoel de Barros (2010, p. 221)*

Vamos brincar? “As crianças não chegam a este mundo para brincar de viver, para elas, brincar é viver!” (PEO, 2013, p. 61). Foi dada a chave para entrar nas cirandas das narrativas... Vamos? Com a primeira pedrinha quase em mãos, peço licença e convido para compartilhar os exercícios de registro das experiências vividas nas águas e terras, sob céus pantaneiros. Os caminhos teóricos-metodológicos percorridos, os meus jeitos de estar em campo (olhares, falas, silêncios, posturas, aproximações, distanciamentos, anotações no caderno de apontamentos, fotografias, filmagens, cartas...) e as maneiras de ser recebida nos diferentes tempos e espaços, me convidaram para buscar maneiras outras de compartilhar momentos vividos com as crianças e as gentes do Pantanal.

As narrativas, de certa maneira, são atemporais e condutoras de processos ancestrais. Aqueles que passaram suas infâncias na companhia de adultos contadores de histórias, sabem disso. Atualmente, quando releio fragmentos da dissertação (MANFROI, 2015), gosto da maneira como registrei a pesquisa, pois facilmente volto ao ano de 2014, quando vivi na Costa. Sinto os cheiros, os ventos, as águas, as crianças. Fecho os olhos e, sem muito esforço, suas respirações parecem próximas, escuto suas risadas, lembro-me de suas histórias e por vezes, quando percebo, estou brincando.

Com estas memórias, escolhi as narrativas para que se misturassem com os encantamentos e as magias de cada amanhecer, de cada momento cotidiano e de cada anoitecer no Pantanal. As narrativas, de maneira leve, instigante e dinâmica, podem compartilhar descrições densas (GEERTZ, 1989), ultrapassar a reducionista objetividade dos fatos, descrever

as camadas do tempo histórico, contextualizar os cenários, assegurar voz aos protagonistas, esclarecer e ampliar as interações com os leitores.

O narrador, na concepção de Benjamin (1980, 2012) cria as narrativas inspirado em sua trajetória de vida - individual e coletiva – e, ao narrar, compartilha as suas experiências e saberes misturados com os fatos, pois trata-se de um processo artesanal e pessoal que imprime as marcas do narrador ao que é transmitido, como enfatiza Velho (2011, p. 176): “O próprio pesquisador é, em parte, personagem das histórias e das narrativas que colhe. [...] desloca-se entre diferentes planos e níveis da realidade, num jogo retrospectivo e prospectivo de memórias e projetos em que a subjetividade está sempre presente.”.

Esta inquestionável presença da minha subjetividade exigiu momentos de afastamento, após sair dos campos de observação e de estadas na Barra e no Paraguai Mirim. Exigiu deixar os registros e as percepções afastados para o necessário descanso e a posterior releitura, como bem evidencia Friedmann (2015, p. 43): “É aqui que se torna possível entender o que era das crianças e o que era da nossa criança interior, que fica tocada quando em silencioso contato com outras.”.

Nos momentos de preparação para chegar ao campo, pelas primeiras vezes, me perguntava: O que levar? Como fazer? Gradativamente fui percebendo, ao pisar no chão da Barra e do Paraguai Mirim, que precisava levar muito pouco e que o fazer seria compartilhado. Fui me deixando mergulhar nas águas e adentrar pelas paisagens que se apresentavam. Muitas destas foram possíveis de serem experimentadas, após o convite das crianças, levadas por seus desejos. Pesquei, andei de “rabeta”, limpei freezer da escola, soltei pipa, cai no rio... Porque assim queriam e me conduziram. Eu senti vontade e experimentei. Foi intenso.

A vida que levam, em consonância com os ritmos da natureza, acaba trazendo um jeito singular que se revela no convívio crianças e adultos. Percebo que as experiências acontecem até quando o desejo de explorar o que se está fazendo permanece. Os pés em contato com o chão, a proximidade da água e a não imposição dos relógios se aliam aos trabalhos realizados com as mãos, o que se configura na harmonia descrita por Piorski (2016, p.136): “Os dedos que apreendem a delicadeza do brinquedo [trabalho] mole esculpem na alma as primeiras lições da persuasão, o modo de fazer sem a força, com gentileza, num acordo suave com o mundo. A solução dos problemas com corporeidade nada invasiva e combatente.”

Este exercício de aproximações e afastamentos possibilitou navegar pelos campos de pesquisa e pelos registros dos achados compreendendo que os momentos de convivência com as crianças, e demais moradores, acordaram a criança que me habita. No entanto, os limites foram tênues. Ao pisar no chão da Barra e do Paraguai Mirim, mergulhando nas águas do rio,

assumi os riscos da não neutralidade, sendo uma nova mulher, sem deixar de ser, dialeticamente, a estudante urbana que escolheu viver esta desafiadora e bela experiência.

Apresentado o percurso pretendido, e considerando que ainda é reduzido o quantitativo de trabalhos acadêmicos que usam esta maneira de registro de achados de pesquisa, apresento, a seguir, uma narrativa de Benjamin (1980, p. 80-82), intitulada “Caçando borboletas”, com a intenção de compartilhar leituras que inspiraram esta escolha, guardadas as devidas proporções:

Salvo viagens ocasionais no verão, instalávamo-nos anualmente, antes de eu ir para a escola, em casas de veraneio nas redondezas. Durante muito tempo, o que delas me fazia recordar era a caixa espaçosa na parede de meu quarto, com os primórdios de uma coleção de borboletas, cujos exemplares mais antigos foram capturados no jardim de Brauhausbeg Piérides da couve com bordas gastas, mariposas cor de enxofre com asas muito brilhantes, lembravam as ardosas caçadas que tão frequentemente me atraíam dos caminhos bem cuidados do jardim para lugares ermos, onde me defronta impotentemente com a conjuração do vento e dos perfumes, das folhagens e do sol, que possivelmente comandavam o voo das borboletas. Esvoaçavam em direção a uma flor, pairavam sobre ela. Com a rede levantada, esperava tão-só que o encanto, que parecia se operar da flor para aquele par de asas, cumprisse sua tarefa; então aquele corpo frágil escapava para o lado com suaves impulsos para imediatamente sombrear, imóvel, outra flor e, quase no mesmo instante, abandoná-la sem tê-la tocado. Se uma vanessa ou uma esfinge que comodamente poderia ter alcançado, zombasse de mim com vacilões, oscilações e flutuações, então teria querido dissolver-me em luz e em ar a fim de me aproximar da presa sem ser notado e poder dominá-la. E esse desejo se fazia tão real, que lufavam sobre mim, que me irrigavam, cada agir e cada oscilar de asas, pelos quais me apaixonava. Entre nós começava a se impor o antigo estatuto da caça: quanto mais me achegava com todas as fibras ao inseto, quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto mais ela adotava em toda ação o matiz da decisão humana, e, por fim, era como se sua captura fosse o único preço, pelo qual a condição de homem pudesse ver reavida. Contudo, mesmo quando já a resgatara totalmente, era-me árduo percorrer o caminho entre o palco de minha ditosa caçada e minha base, onde, de um tambor de herbirista, iam surgindo éter, algodão, alfinetes de cabeça colorida e pinças. E em que estado ficaria aquele território às minhas costas: o capim vergado, as flores pisoteadas; ainda por cima, caçador havia lançado o próprio corpo atrás da rede. E apesar de tanto estrago, tanta deselegância e violência, a borboleta assustada permanecia trêmula, e, contudo, cheia de graciosidade, numa dobra de rede, Era desse modo penoso que penetrava no caçador o espírito daquele ser condenado à morte. O idioma no qual presenciara a comunicação entre borboleta e as flores – só agora entendia algumas de suas leis sua volúpia sanguínea diminuía à medida que crescia sua confiança. No entanto o ar no qual se movimentava então aquela borboleta está hoje impregnado por uma palavra que, há dezenas de anos, nunca mais ouvi nem pronunciei. Ela conservou o insondável com que as palavras da infância fazem frente aos adultos. O longo estado de silêncio as transfigurou. Assim, naquele ar preenchido pelas borboletas, vibra a palavra Brauhausberg. No Brauhausberg próximo a Potsdam, tínhamos nossa casa de veraneio. Mas o nome perdeu toda a gravidade, já não contém vestígios de cervejaria e é, em todo caso, um monte cercado de azul, que surgia no verão para abrigar a mim e a meus pais. E por isso a Potsdam de minha infância jaz

num ar tão azul, como se as bruxas e almirantes, as de alhos de pavão e as da aurora, estivessem espalhadas na superfície esmaltada de uma porcelana de Limoges, na qual sobressaem no fundo azul as ameias e as muralhas de Jerusalém.

Escolhi esta narrativa, em especial, por retratar o corpo deste menino Benjamin em um movimento de admiração e de dominação da natureza, enfatizando que, ao mesmo tempo em que a admirava, colocava-se no movimento da borboleta para poder capturá-la. Vivi, com as crianças da Barra e do Paraguai Mirim, encantamentos semelhantes com a natureza, mas, também, este fascínio de querer dominá-la, seja caçando um animal, pescando, colhendo um fruto, entre outros desejos mais.

Inspirada nas narrativas de Benjamin (1980; 2000; 2012), reconheço as minhas idas, estadas e retornos da Barra e do Paraguai Mirim, como experiências *desesperadas*, no sentido de que “[...] o desespero é sempre o que não se espera.” (BARROS, 2008, p. 113). Na prévia das viagens, havia um desejo de pensar e de prevenir todos os possíveis imprevistos, mas ainda bem que a vida se fez mais como “[...] uma linguagem que obedecesse as desordens das falas infantis do que as ordens gramaticais” (BARROS, 2008, p. 113). As dificuldades foram surgindo, sem previsão e exigindo de mim que: “O imprevisto fosse mais atraente que o dejá visto. O desespero fosse mais atraente que a esperança.” (BARROS, 2008, p. 113, grifo do autor).

O tempo foi passando e as dificuldades para chegar até a Serra do Amolar parecendo intransponíveis. Estava meio que a deriva, estagnada e confusa. Neste momento, minhas experiências urbanas gritavam mais alto, queria ter um barco, saber pilotar e tomar para mim o direito de me deslocar, para a Barra e Paraguai Mirim, no meu tempo e seguindo o meu desejo de continuar a pesquisa.

E a “freteira”, porque não fui nela? Porque falei com mulheres que já haviam subido desta forma e, unanimemente, falaram que não seria seguro. Conversei com a pesquisadora Kelly Patrícia que fez este percurso em companhia de uma colega, na “Freteira Vitória” - considerada a melhor estruturada e segura da região. Praticamente não saíram do “camarote” - quarto, geralmente usado por mulheres. Somente desciam para as refeições. Ouviam falas altas e risadas de homens que bebiam no andar de baixo. Avaliei que sozinha seria muito arriscado, pois não havia alguém para me acompanhar e estava no início dos contatos, não havendo maior aproximação com moradores das comunidades ribeirinhas que assegurassem a proteção necessária. “Desfazer o normal há de ser uma norma.” (BARROS, 2008, p.113).

Nestas buscas, entre idas e vindas, tentativas e recuos, vivi a experiência que gestou umas das tantas narrativas desta tese:

A viagem que nasceu de mim

As notícias entre o Porto de Corumbá e a região da Serra do Amolar circulam rápidas, pelas bocas dos peixes, pelos bicos dos tuiuiús, pelas raízes flutuantes dos aguapês, pelo canto das araras. Os ouvidos, sempre estão atentos. Não sei, só sei que com dificuldades de chegar ao Pantanal via Ecoa, comecei a pensar em uma maneira de navegar até lá.

Liguei para o Jaburu, pilotoiro, que trabalha para a Ecoa e que já havia conhecido em outra viagem:

- *Jaburu, como faço para ir a Barra?*

- *Vamos subir com qual barco?*

- *Não sei.*

Silêncio no telefone, tempo...

- *Olha Jaburu, você consegue alugar um barco por aí para me levar? Consegue ver o valor disso?*

- *Verei e te ligo.*

Enquanto Jaburu verificava, fui falar com a Kelly Patrícia, aluna da UFMS e pesquisadora na região, para saber como havia ido nas outras vezes que não foi de "freteira". Contou que uma vez foi com seu tio que era barqueiro, mas que não morava mais em Corumbá. Outra vez, conseguiu ir com o barco da universidade. Pensei: "*Barco da universidade?*". Aí estava outra alternativa para pensar.

Precisava abrir caminhos. Fui atrás de uma tia (de coração) que está aposentada, mas que foi docente da UFMS, no Campus de Corumbá - Anamaria Santana da Silva. Empolgada, contatou o professor Aguinaldo Silva, responsável pelos barcos da universidade. Falou de mim e da minha pesquisa. Quando liguei para ele, estava a par. Pediu o envio do meu projeto de tese, explicou sobre as regras de utilização do barco, sendo que uma das coisas que disse foi:

- *O barco da UFMS só é pilotado pelo Jaburu. Passo o contato, para você ver a agenda dele.*

Agradei. Finalizei a conversa com o professor. Sem acreditar, pensei: "*Jaburu? Mas eu conheço, estava conversando com ele há pouco, no telefone. Justamente ele que eu havia pensando em pilotar o barco.*"

Encontros.

Liguei novamente para o Jaburu e falei:

- *Jaburu, consegui o barco da universidade.*

- *Como conseguiu?! (Espanto!)*

Expliquei a história e ele me perguntou:

- *Vamos com o 40 ou 60?*

- *Não sei. O que é isso?*

- *É o motor Mira. O 60 é mais potente.*

Então o Jaburu ficou de verificar os barcos, e qual estava em melhor situação. No outro dia ligou:

- *O 60 está bom, vamos nele?*

- *Vamos! O que preciso fazer? Qual combustível? Qual quantidade compro?*

- *Precisa de 120 litros de gasolina para subir e 100 para descer. Como eu vou te deixar e volto depois de uma semana para te buscar, precisa de 440 litros.*

- *Tudo bem, vou ligar no posto para ver qual o valor e como faremos.*

Liguei no Posto Paulista, que fica no centro de Corumbá. Falei com o Valdomiro, gerente, que informou o valor do litro de gasolina (R\$4,49). Bom... por aí já percebi que a viagem não seria barata. Além das diárias do Jaburu para acertar.

Em paralelo fui me comunicando com a diretora geral das Escolas das Águas, para verificar se havia conseguido falar com a professora da Barra sobre a minha estada por lá. Falei três vezes com a Rosimere, até que ela conseguiu contato com a professora, visto que só é possível falar com as pessoas da Barra, via orelhão público. Consegui marcar a ida para o Pantanal, acertando os detalhes com o Jaburu, o professor Aguinaldo e a professora da escola.

Fui falar com a Ecoa, sobre a minha ida. Disseram que levariam as abelhas para o apiário no mês de fevereiro, mas que iriam de avião e voltariam de barco. Se houvesse lugar, poderiam me ajudar com o combustível da volta. Assim foi, pagaram 100 litros de gasolina. Fiquei responsável por 340 litros, o que ajudou com os custos.

Nesta nova experiência de ir para a Barra, fui percebendo que a arrumação exigiria bem mais detalhes do que eu imaginava e do que havia feito anteriormente. As outras vezes, fiquei na base de apoio da Ecoa, o que me deixou mais tranquila. Ali havia alimentos e pessoa para cozinhar, roupa de cama, caixa de primeiros socorros e outros pequenos-grandes confortos... Para ficar na escola, deveria levar tudo isso (e talvez um pouco mais...).

Sobre as roupas que iria levar, difícil! Sabia, mas também não sabia como estaria lá. Quem controla o senhor tempo? Estivera em outubro e dezembro de 2017, também verão como fevereiro, mas tudo pode mudar no Pantanal. Levei calça, short, roupa de banho, casaco, blusa fresca, roupa de cama, toalha, boné, capa de chuva, tênis, chinelo, vestido leve... Roupas bem usadas, que já sabiam acolher meu corpo, que foram importantes para levar também o cheiro da casa que ficou.

Para saber da comida, liguei para a diretora com o intuito de descobrir se havia alguma restrição alimentar. Fui informada que não havia nenhuma. Assim sendo, comprei o básico: arroz, feijão, carne de sol (porque o freezer nem sempre funciona), macarrão, legumes e verduras, óleo... A mala de comida se equiparou, em tamanho e peso, à mala de roupas.

Fui preparar a sacola dos remédios e me senti um pouco vidente ao prever as coisas que poderiam acontecer. Como sou da homeopatia, pedi os remédios manipulados para alguns imprevistos (previstos?) que poderiam acontecer - picadas, febre, desconfortos digestivos, torsões. Também levei bolsa de água quente, absorventes, repelentes, incenso, citronela... chocolate.

Malas prontas, gasolina paga, barco revisado por Jaburu (em Corumbá), passagem de ônibus comprada, hora do embarque para Corumbá. Saí de Campo Grande em um domingo, 3

de fevereiro, às 18h, com uma antiga amiga de faculdade, que está morando em Corumbá. Chegamos uma hora da manhã e fomos para a casa dela. Acordei cedo no outro dia, com o Jaburu na porta, para que fôssemos à universidade carregar o barco e descer com ele para o Porto.

Chegamos. Os funcionários da UFMS nos receberam. O técnico administrativo que iria junto - exigência legal da instituição -, estava lá⁵⁴. Também Carolina, uma bióloga que iria pela primeira vez fazer trabalho de pesquisa, com macacos, na região da Serra do Amolar. O barco havia sido abastecido na sexta-feira à tarde, por Jaburu, e foi puxado pela camionete da UFMS, até o Porto, onde foi colocado na água e carregado com as nossas bagagens.

Subimos no barco, mandamos as últimas mensagens via *WhatsApp* e seguimos. Mais ou menos uns 20min depois que começamos a subir o rio Paraguai, o Jaburu começou a olhar para trás, na direção do motor. Parou o barco, acelerou com a hélice do motor fora da água. Fez uma expressão de preocupação. Voltou a hélice para a água e fez o motor acelerar. Somente neste momento falou que o barulho do motor estava estranho, não atingia a velocidade esperada e sugeriu que voltássemos para Corumbá. "**Desespero!**" (BARROS, 2008, p.113). Assim fizemos. Chegamos no Porto, deixamos o barco com a Carolina e o Roosevelt. Jaburu e eu fomos procurar alguém para verificar o motor.

Ao chegarmos em uma loja no Porto, fomos informados que os técnicos estavam em viagem. Indicaram que somente na Edináutica, talvez pudesse haver um que entendesse deste motor. Talvez?! Como assim? Os últimos acontecimentos poderiam impedir a viagem. Mas eu não podia pegar descanso, precisava andar. As "**Palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo.**" Precisava de "**Palavras que fossem fontes [...]**" (BARROS, 2008, p.113). Na contramão dos acontecidos, me fiz solução.

Ligamos para a loja indicada e, em 20min, estávamos com o mecânico no Porto. Depois de avaliar o motor, confirmou o que Jaburu suspeitara: o bico onde passa o combustível estava com problemas. Levou a peça para consertar. Passaram cerca de 40min. Neste meio tempo ligaram da loja para avisar que o serviço estava pronto, que o mecânico estava indo para o Porto com o bico e que alguém precisava ir à loja para acertar o serviço. Fui com o Roosevelt - técnico da UFMS. Quando cheguei por lá descobri que, além do conserto do bico, haviam colocado quatro velas de segunda mão, o que aumentaria um pouco o orçamento. Expliquei do que se

⁵⁴ Roosevelt Israel de Figueiredo foi o técnico da UFMS que acompanhou as nossas viagens.

tratava, que era para uma pesquisa e então, gentilmente, a gerente da loja resolveu não cobrar as velas. Todo o serviço, incluindo as peças, ficou R\$ 318,00 (!).

No entanto, o mecânico testou e o motor não funcionou. Falou que iria almoçar e que retornaria depois das 14h. Não havia o que ser feito, só esperar e repensar a viagem. Pelas contas do Jaburu, mesmo que saíssemos, no máximo, em torno das 15h, não seria aconselhável, pois pegaríamos o rio à noite e os barcos da universidade têm restrições para navegar depois de escurecer.

Assim sendo, conversamos e decidimos, devido às circunstâncias, retirar o barco da água, retornar com ele para a universidade, descarregar as bagagens e verificar com o mecânico, durante a tarde, se o barco teria condições de viajar no dia seguinte. Caso contrário, teríamos que passar o combustível do motor 60 para o 40, para que assim conseguíssemos embarcar. Voltei para a casa da minha amiga. Estava um pouco aflita, mas sentia que tudo havia sido melhor deste jeito. Afinal, descobrir o defeito ainda perto de Corumbá permitiu retornar com segurança. E a pesquisa? Estava acontecendo, tudo fazia e fez parte.

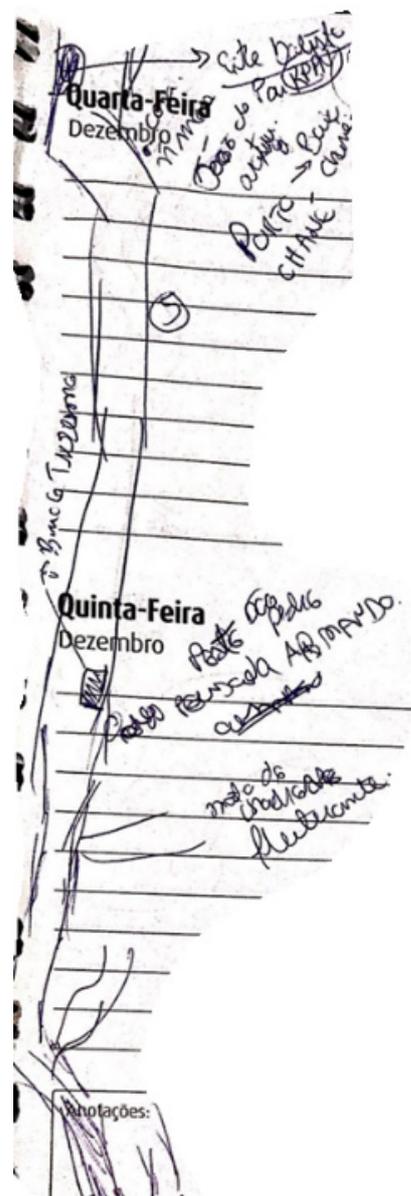
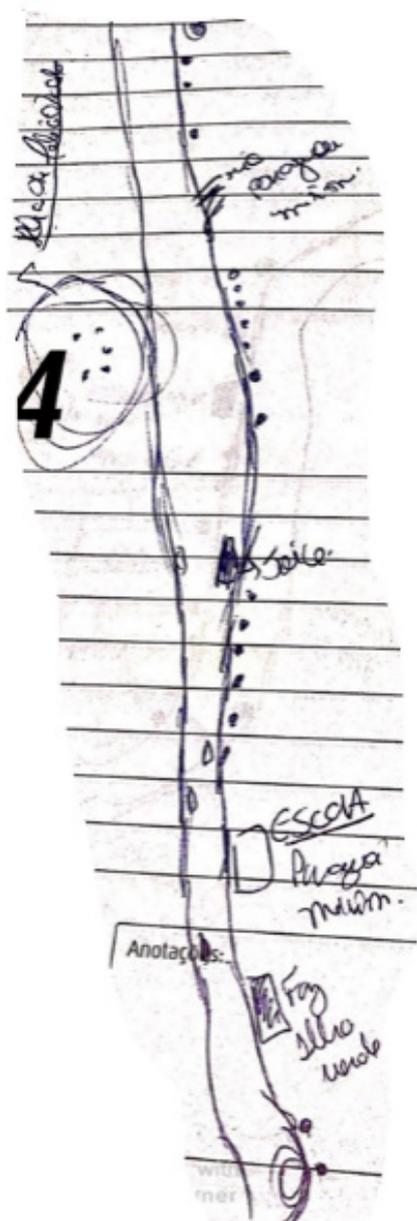
Fiquei no aguardo, não havia o que fazer. Em torno das 14h o Jaburu ligou para falar que estava indo na universidade com o mecânico, ver se funcionava o motor. Achei estranho, mas depois fiquei sabendo que é possível conferir o desempenho do motor mesmo sem água. Um navegador experiente, por meio dos barulhos e velocidade de rotação, é capaz de dar o diagnóstico preciso. Depois de uma hora, liguei para saber como estava a condição do barco. Jaburu disse que na manhã do outro dia poderíamos sair. Ufa! Em meio aos imprevistos, que alívio!

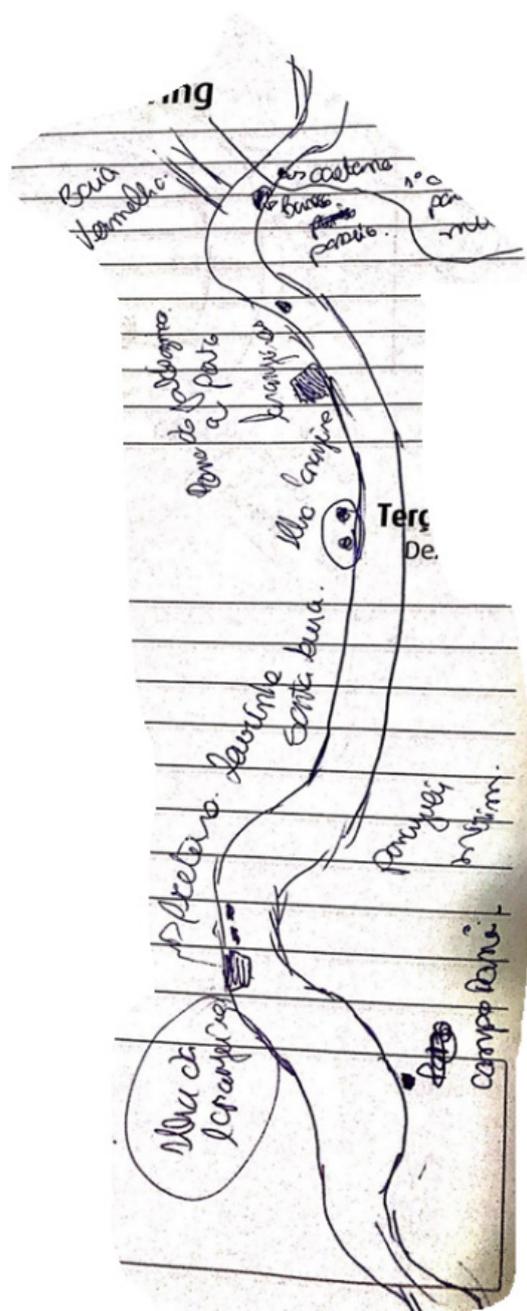
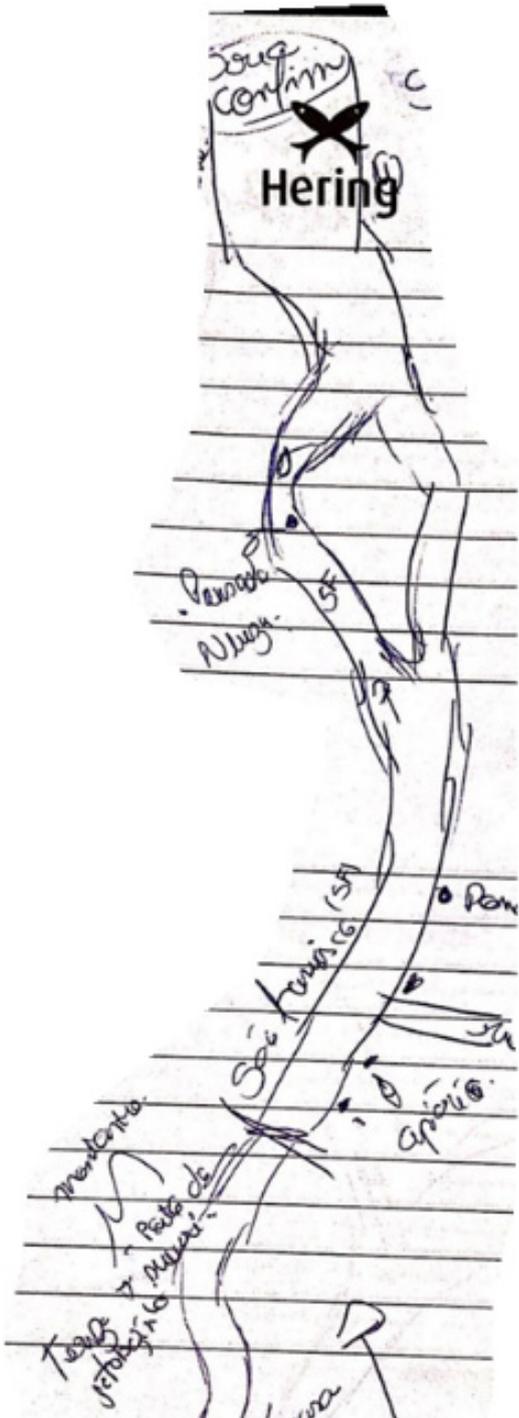
Na manhã seguinte, fizemos o mesmo ritual. Carregamos o barco e saímos de Corumbá em torno das 8h. O motor estava respondendo bem e resolvi desenhar o rio enquanto o barco ia navegando. Fiquei com desejo de registrar as casas que ia vendo, as embarcações que encontramos, as curvas do rio.

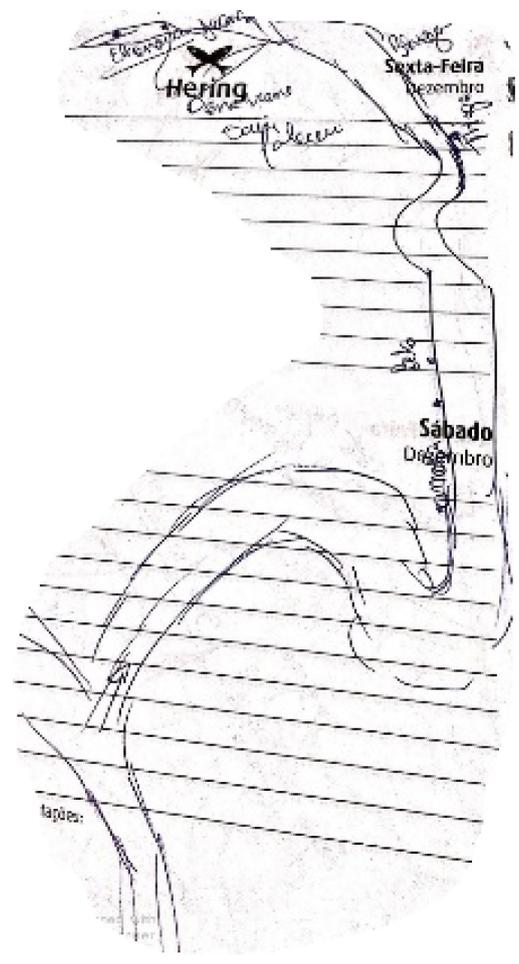
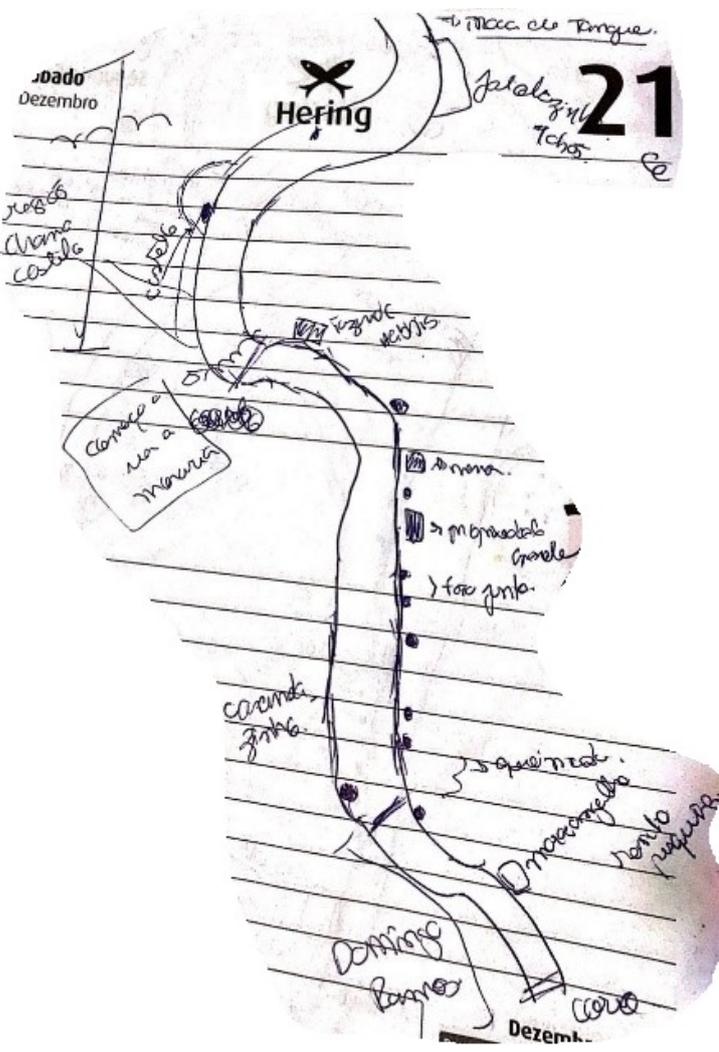
O percurso se fez no leito principal, navegável, mas há muitos “braços” que chegam às baías que vão sendo descritas por Jaburu, no lugar de pilotoiro, mas também na ensinança: “A palavra do pensador de seu povo tem que ser transmitida à comunidade para ser preservada. Ao ter que ser comunicada, ao significar e dar sentido, é uma palavra estruturante de um modo de ser e de viver.” (UBER, 2001, p.140).

Jaburu falava. Eu ouvia e as suas narrativas foram convite para brincar de registrar o percurso. Desenhei. Criei possibilidades de leituras - da esquerda para direita. As casas são as marcadas com bolinhas, nas margens do rio. As embarcações, no leito do rio, foram sinalizadas com diferentes símbolos, a depender dos seus tamanhos. O nome das comunidades e das

regiões, pelas quais cruzamos, foram escritas para depois das margens do rio, marcadas por traços. O que era para ser passatempo de viagem se revelou como mapas manuais, pouco precisos, mas afetuosos.







No trajeto foi possível verificar que há poucas pessoas habitando estas regiões e que, por vezes, há mais gente nas embarcações do que nos barrancos e aterros. Os registros, que senti vontade de desenhar, são feitos mentalmente, pela maioria das pessoas, quando navegam no rio. São as memórias de navegação, singelas e pessoais, que compõem as imagens coletivas e fluidas de quem e do que está circulando no rio naquele momento. Quando se chega a alguma casa, alguém normalmente pergunta:

- Você cruzou com um barco da Marinha? Você passou pela Vitória (freteira)? Cruzou com o Zé Catarino? Ele desceu ontem, de rabeta.

A viagem continuou, sem pressa de chegar. Passamos pela escola do Paraguai Mirim e o Jaburu me perguntou:

*- Quer parar aqui?
- Podemos?
- Você que está de chefe dessa viagem, fazemos o seu roteiro.*

As outras viagens fui de carona, não houve caminhos a escolher, fui no fluxo do cronograma, o que também foi válido. Mas a frase do Jaburu me deixou mais atenta aos meus desejos. Ousei conduzir... Paramos na escola, o piloto responsável pelo barco-escola, que nos recebeu, estava arrumando um motor que havia estragado. Foi chamar a professora Sabrina, com quem conversei.

Ela contou que a escola ainda estava terminando o último bimestre letivo de 2018 e que só começariam o ano escolar de 2019 em abril. Ainda me falou que eles têm Educação Infantil e Ensino Fundamental, até ao nono ano, com turmas multisseriadas. As aulas acontecem no matutino, as crianças almoçam na escola e retornam para as suas casas em torno das 15h. Alguns alunos que moram mais longe acabam ficando na escola, em regime de internato. Anotei o telefone da escola, para combinarmos uma possível futura estada.

Seguimos viagem, rumo a Serra do Amolar, onde almoçaríamos. Chegamos por volta das 13h. Lá estavam Kleber e André Restel - biólogos ligados a Ecoa - que haviam levado as abelhas e estavam tratando delas. Como chegamos um dia depois do combinado, não havia almoço nos esperando, somente a sobra do dia anterior. Além disso, como estávamos levando

a comida conosco no barco, não havia nem mesmo alimentos para serem preparados em maior quantidade. Sem possibilidade de avisar sobre as nossas peripécias com o motor, ficaram sem saber porque não havíamos chegado. Não havia sinal para comunicação na Serra do Amolar.

Fomos para a cozinha. Picamos um pacote de carne de sol, umas linguiças e misturamos com a carne do dia anterior. Esquentamos o arroz, o feijão, ralamos um repolho e, pronto. Almoçamos. O Roosevelt, técnico da UFMS, me olhou e perguntou:

- *Você vai conseguir ficar uma semana sem internet?*

Pensei. Isso acho que era uma das coisas que menos me preocupava. Também não havia escolha. Respondi:

- *Acho que sim!*

Almoçamos, esticamos um pouco as pernas e fizemos uma breve soneca. Saímos rumo ao aterro do Binega, no qual dona Joana mora com a família. Ao chegarmos por lá, dona Joana falou que estava se preparando para pegar isca e que no outro dia iria dormir na escola da Barra, por alguns dias. Explicou que o ano letivo estava atrasado, devido às cheias. As professoras e o professor, convocados, iriam para a cidade, passar pelo médico e serem recontratados.

Dona Joana continuou explicando que os professores ficariam alguns dias na cidade e depois retornariam. Como uma menina estava alojada na escola, a diretora só autorizou a viagem de todos os funcionários, se dona Joana pernoitasse por lá. A diretora tem muita confiança nela, por ter sido merendeira da escola da Barra durante 12 anos. Além dela, também ficaria na escola a Rayane, filha de dona Joana e, atualmente, merendeira da escola da Barra. O Jaburu me olhou e falou:

- *Não vai atrapalhar a sua pesquisa, Mira?*

Confesso que na hora não soube o que dizer, me parecia que não atrapalharia. Respondi:

- *Não, acho que não.*

Dona Joana continuou contando as novidades da região, falou que não havia muitas crianças na comunidade porque muitos pais estavam na cidade (Corumbá), para conseguir o dinheiro do seguro da pesca⁵⁵. Isto me preocupou, mas não dava para voltar na outra semana, o combustível já havia sido gasto. Também a previsão de volta das famílias não era rápida, pois o seguro estava enrolado para sair, devido a uma denúncia de que alguns pescadores, que haviam deixado de morar nas comunidades ribeirinhas, estavam recebendo. Este fato dificultou o acesso de muitos a um direito legítimo.

⁵⁵ Os que possuem a carteirinha de pescadores profissionais, durante o período da piracema - época de reprodução dos peixes - têm o direito de receber um seguro por estes meses que ficam sem trabalhar.

Saí da casa da dona Joana com informações do contexto que encontraria, mas mesmo assim estava confiante no campo da pesquisa. Seguimos até a Barra. Chegando lá, encostamos o barco na barranca do Rio. Percebi alguns olhares de dentro da escola, encobertos pelas telas das janelas. Fui descendo as minhas coisas, cansada e afobada, quando veio a professora Rosimeire me receber na porta.

E agora Mira?

- Você que iria vir na semana passada?

- Sim! Mas tive um imprevisto, pedi para a diretora falar com vocês, mas sei como é difícil.

- Então, ela não falou nada. Mas seja bem-vinda. Só temos um problema, amanhã estamos descendo para Corumbá, resolver uns problemas burocráticos. Dona Joana que ficará aqui. A escola também não está com muitos alunos, por conta do seguro de pesca.

- Tudo bem!

Pensei: Dona Joana é muito bem informada. As notícias, como escrevi anteriormente, circulam rápidas, pelas bocas dos peixes, pelos bicos dos tuiuiús, pelas raízes flutuantes dos aguapés, pelo canto das araras. Os ouvidos sempre estão atentos. Eu, só queria estar ali e ficar seis dias.

A professora me levou até o quarto das meninas, mostrou a minha cama. Inspirei profundamente. Estava aliviada por ter chegado. Busquei minhas coisas que estavam na varanda. Coloquei ao lado da cama. Calcei os chinelos. Jaburu estava no tablado com a Rose e o Lucas, professor de Educação Física, três alunos e uma aluna que estavam alojados.

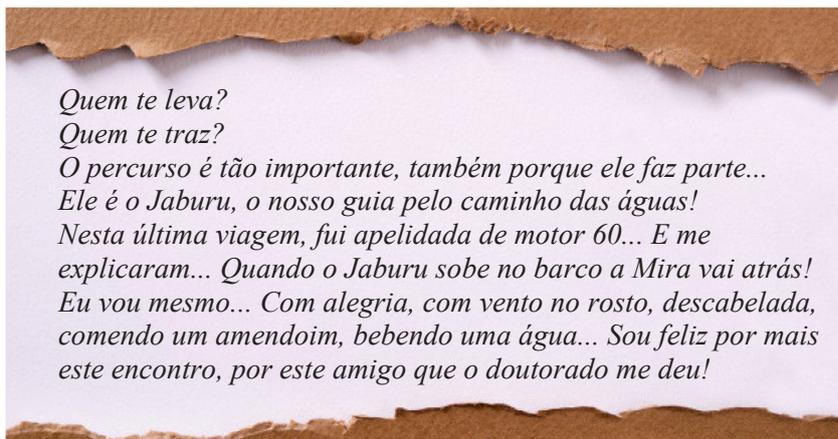
Me apresentei e todos ficaram calados a hora que cheguei perto. Que frio na barriga, que medo de ser rejeitada. O professor até comentou:

- Vão ficar calados, só porque ela chegou?

Fiquei com vergonha, tanto quanto eles, pois entendia que as relações precisam de tempo. Aos poucos foram se recolhendo para dentro da escola. Ficamos somente os adultos. Então falei que iria fazer uma pesquisa sobre o cotidiano das crianças nas comunidades. A professora falou:

- Aqui, eles não têm muita coisa para fazer, mas eles brincam. Amanhã vou pedir para brincarem para você ver.

Três dias de viagem... Estou no Pantanal... Numa viagem que nasceu de mim... Encontro uma professora que, na melhor das intenções, “quer pedir para as crianças brincarem para eu ver”.



Neste momento, quando tudo ainda era estranho, e, de certa maneira, assustador, Jaburu, Carolina e Roosevelt se despediram. Estavam indo embora. Ouvir o barulho do barco, acompanhar o seu afastamento do barranco até a curva do rio, quando já não era visível, foi dolorido. Aquele barco carregava muitas certezas e eu não pisaria nele por uma semana.

Sentimentos misturados. Saudade. Melancolia. Dor. Estava presa, sem grades, sem cordas, sem amarras. Eu escolhi. Quis estar ali. Não havia como voltar até o dia marcado. Só eu poderia me libertar. Precisa encontrar jeitos...

Quando se cai, se cai...

O meu dia começou em Corumbã. Cheguei. Fiquei. Eram umas 4h da tarde na Barra...

Escutamos o barulho de água e a professora falou:

- *Olha, as meninas estão tomando banho de rio, quer tirar foto?*

Eu fui. Chegando lá a professora me apresentou. As meninas me chamaram:

- *Quer cair professora?*

Olhei para elas, estavam de roupa normal, senti que era para ir. Além do calor, aquela água me convidava.

C

A

Í

De calça e blusa... Segundos depois do convite. Mostrei como tirar fotos e deixei minha câmera com a professora. A água me envolveu e o silêncio do motor do barco pilotado por Jaburu já não doía tanto.

Olhei para a professora na barranca do rio e falei que iria ficar mais tempo no banho. Ela decidiu ficar e me esperar. Na água estavam a Stefani, a Milena e a Cris. Com elas aprendi a cair no rio.

Quando se cai se cai, não se prepara, não se espera, mas a gente se entrega. Foi esta a sensação deste banho de rio com elas.

Ali ficamos uns 30min. Aos poucos fomos falando de nós. Milena perguntou:

- *Mira, você sabe colocar os pés pra cima d'água? Eu gosto muito de fazer isso no rio.*

- Eu gosto quando dá cheia, que o rio fica pertinho da porta da minha casa. (Cris)

Fomos experimentando os movimentos de “bananeira” na água. Falamos sobre a perna de uma, de outra, sobre o melhor lugar para apoiar as mãos, sobre a correnteza, sobre os peixes... Por fim, nosso banho acabou com a Milena dizendo:

- Vamos sair! Quando escurece, peixe grande começa a vir para o barranco!

Saí com o convite de tomar banho de rio, no outro dia, no mesmo horário, ou um pouco mais cedo para aproveitar mais... Água escorrendo, roupas pingando, alma lavada... Fui caminhando rumo à escola e conversando com a professora que contou nunca ter tomado banho no rio. Também disse que as crianças que ficam alojadas na escola não podem tomar banho, nem mesmo sair nos arredores, devido a segurança deles e a responsabilidade que é atribuída para a escola. Que pena! Lembrei Bachelard (2013, p. 33) e, quando retornei, em casa, busquei novamente o seu livro: “O verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos, é a água que sonha.”

O tempo foi passando. Entre encantada e pensativa, fui organizando a minha estada na Barra e sentindo, em minhas entranhas, que seria uma forte experiência, potente em suas complexidades e exigências. Não havia como estar fragmentada, o campo pedia inteireza, entrega, ausência de controles. Exercícios de ser. O agradável é que, quanto mais eu ficava, mais queria ficar, viver novamente, estar ali - mesmo que o medo também se fizesse presente. Sentia que, a cada momento, eu me aproximava da minha “semente do carvalho” (HILLMAN, 2001) e que, neste lugar, viveria “aprendizados de desaprender” (PESSOA, 1993, p. 50) que somente ali poderiam ser vividos. Ancestralidades. Mistérios. Conspirações. Vida. Eu. Nós.

Escorpiões e cobras passam em frestas?

A Rosimeire mostrou o banheiro das professoras para que eu pudesse tomar banho logo, porque depois que o sol se pusesse - como a escola estava com o gerador estragado -, o escuro prevaleceria, pois aquela não era uma noite de lua cheia. Saí do banho. A janta já estava pronta. As velas foram acesas e colocadas em cima da mesa, na varanda que fica de frente para o rio. Fomos nos servindo. O espaço é todo telado, por conta da quantidade de mosquitos que chegam no verão, especialmente fevereiro e março.

Os alunos estavam ali e, mais uma vez o professor falou:

- *Finalmente vamos jantar sem ninguém conversar* (devido a minha presença), *porque normalmente não dá nem tempo de mastigar.*

Mais uma vez fiquei quieta e me sentindo mal. Veio muito forte o medo da rejeição. Professora Rosimeire me ajudou. O professor foi falando aos poucos comigo. Disse que, se no dia seguinte, eu quisesse acordar cedo e ir com o piloto buscar as crianças, poderia. Assim veria as casas e estaria mais tempo com as crianças. Concordei, achei uma ótima ideia. O caminho estava sendo trilhado.

Depois da janta peguei a mala de comidas, que havia trazido e que gostaria de compartilhar. Me levaram até à dispensa. Fui colocando lá. Quando Rosimeire viu a quantidade, que não era tanta pelos limites de espaço e peso do barco, falou que não precisava de tudo aquilo. Falei que achava importante já que eu iria ficar ali por um tempo.

Deitamos cedo, perto das 20h. Era muito calor, mas mesmo assim dormi de short, top e blusa, mesmo que, no escuro, não enxergasse e não fosse vista pelas demais mulheres. Não sopra nenhuma brisa. Suava muito. Demorei para dormir, mas também não queria ficar me mexendo, para não atrapalhar a noite das demais. Como os pisos dos alojamentos e da cozinha são de madeira, qualquer mexida o outro sente. Havia frestas entre as madeiras e a imaginação criou cobras, escorpiões... E muitas outras assombrações. Como a escola é feita de palafita, por conta das enchentes, os bichos (porcos, galinhas, cachorros e gatos) andam e dormem ali embaixo.

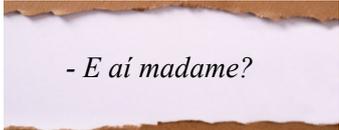
No silêncio, o que me acalentava era o barulho dos porquinhos andando por baixo da escola e mamando na porca mãe. *Glub, glub...* Também havia um porco que dormiu a tarde inteira e passou boa parte da noite - depois eu dormi -, fazendo seu *oinc, oinc...* Acordada, pensava: *"Eles devem gostar de comer escorpiões. Não deixariam uma cobra subir aqui"*.

Esta primeira noite foi muito desajeitada, suei muito, tive medo, mas depois de um tempo consegui me entregar, me acalmar e dormir até o outro dia... Escorpiões e cobras não passaram pelas frestas.

Acordei cedo. Saímos às 6h com o barco-escola. Fui com Rogério - o piloto oficial - buscar as crianças e a merendeira. Ele foi me contando da sua vida ali, que quando foi criança brincava muito. Me falou de um jogo que faziam um círculo na terra, colocavam uma folha de coqueiro dentro. Uma equipe protegia e a outra tentava pegar na folha. Falou que gosta de morar ali. Disse que não iríamos parar em todas as casas, porque havia muitas crianças que estavam com os pais na cidade, devido ao seguro. Esta informação ainda me preocupava um pouco, mas não me paralisava. Sentia que os campos que havia escolhido se apresentariam das maneiras e nos tempos ribeirinhos, intrinsecamente ligados à natureza-cultura. Campos submetidos aos movimentos das águas - cheias e secas - modificando os jeitos de estar e de ser de gentes e bichos. Não haveria explicações precisas, cronologias, foco no exótico, na fauna e na flora exuberantes - haveria o que tivesse que haver, na guiança teórico-metodológica também em movimento...

O dia amanhecia... O sol se olhava nas águas...

A primeira parada foi no aterro do Binega, no qual fica a casa da família da dona Joana, depois de 25min rio abaixo, sentido Corumbá. Rayane e a Rosemare (Rose), filhas de dona Joana, subiram no barco. Com o tempo contaram que a merendeira contratada é a Rayane, mas que ela divide o salário com a irmã, porque não gosta de cozinhar sozinha. Detalhes que vão se apresentando. Mais tarde, a Rose foi morar em Corumbá. Também embarcaram Alyson e Gean, alunos da escola. Dona Joana estava no barranco de sua casa, me viu no barco e falou:

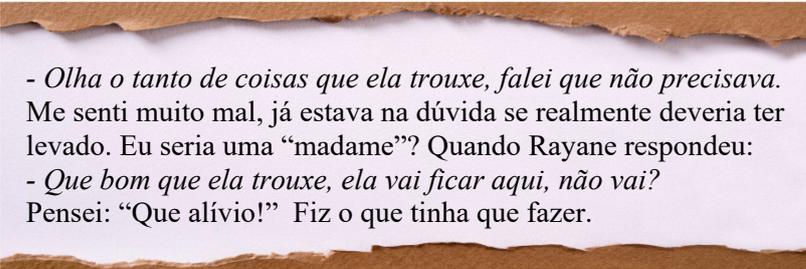


- E aí madame?

Cumprimentei de volta e mais uma vez o gosto ruim me veio à boca. Madame? Porque estava passeando com o barco da escola? Por me achar metida? Não sei dizer, mas o tom de voz me parecia meio debochado. Ou seria eu que estava ainda fragilizada? O tempo foi mestre. Aos poucos fomos nos conhecendo, nos adaptando, eu a eles e eles a mim.

Depois paramos em mais duas casas. Em uma os pais disseram que a criança não iria para a escola, pois a aula naquele dia seria até as 12h e não estariam em casa para receber a criança neste horário. Em outra casa, duas crianças já estavam prontas e logo subiram no barco, sem a ajuda dos pais. Alyson começou a conversar com elas.

Assim andamos. Os adultos foram sentar atrás, no barco, e as crianças foram junto. Fiquei perto do Rogério, o piloto. As pessoas me observavam muito, pouco falavam comigo e puxavam assuntos mais gerais que logo acabavam. Parecia não haver enredo. Chegamos na escola, fui para o quarto fazer alguns registros. A cama na qual estava dormindo ficava na parede do fundo da cozinha. Se paredes têm ouvido, as de madeira têm microfones. Ouvi a professora Rosemari conversando com a Rayane e dizendo:



- Olha o tanto de coisas que ela trouxe, falei que não precisava. Me senti muito mal, já estava na dúvida se realmente deveria ter levado. Eu seria uma “madame”? Quando Rayane respondeu:
- Que bom que ela trouxe, ela vai ficar aqui, não vai?
Pensei: “Que alívio!” Fiz o que tinha que fazer.

Estar exposta ao campo de pesquisa é abdicar de qualquer controle e se entregar. Às vezes incomoda. Às vezes dói. Sempre faz pensar. Ainda era uma estranha em um ninho

desconhecido. Estava ali para construir laços, não nós. Se estivesse em meu território familiar, certamente reagiria verbalmente. Ali calei e, como uma “madame” me submeti às circunstâncias... Depois de um tempinho a professora me chamou e apresentou o roteiro da manhã, no qual ela havia me incluído:

- Vamos fazer uma oração (escola laica?); depois vou apresentar você aos alunos e tomaremos o café da manhã.

Também falou que, se eu quisesse, poderia assistir a uma aula de flauta. Depois, para ajudar na pesquisa, iria “pôr” os alunos para brincar e eu registrar. Quando estavam em fila, sim, estavam em duas filas, a professora Rosemeire me apresentou e falou:

- A Mira é professora e está fazendo um estudo sobre as brincadeiras de vocês, então hoje nós iremos brincar para ela registrar.

Na hora só consegui olhar para o olho do Alyson e ele me retribuiu com um sorriso. Eu estava com saudade de um acolhimento fraterno. Fomos tomar chá preto com bolacha. Depois “fui levada” até a aula de flauta, ministrada pelo professor de Educação Física. Toquei com eles. Errei muitas notas, tendo até que fazer um exercício sozinha, na frente de todos, para ser corrigida. Todos riram. Neste momento consegui olhar no olho de alguns, pois antes abaixavam a cabeça e o olhar ficava praticamente sem encontros. Meus erros se fizeram pontes.

Área externa. Alguns meninos pegaram a bola de futebol e foram para um campo atrás da escola. Os dois maiores começaram a compor os times. Fui uma das últimas escolhidas. A bola começou a rolar. Percebi um olhar e era o de Rayane, que tinha vindo me ver jogar. Parecia não acreditar que eu estivesse em campo, com sol forte, descalça, jogando com a turma. Comecei no gol. Senti que era o lugar menos desejado para o início do jogo. Logo percebi que eles estavam em dúvida de chutar forte, já que eu estava no gol. Falei:

- Podem chutar do jeito que estão acostumados.

Começaram a chegar bicudas. Algumas defendi, o que impressionava. *Eita!* Algumas entraram. Depois fui para a linha. Tomei algumas bolas e levei alguns dribles. Os olhos começaram a se encontrar com os meus, para além daqueles da aula de flauta. Vinham com as cabeças baixas quando chegavam perto. Devagar, começaram a levantar. Aprendi alguns nomes, como do Nelson e do Agenor. Outros já sabia, no caso da Stefani, por conta do banho de rio. O professor foi apitar o jogo e, num determinado momento, olhou para mim e perguntou:

- *Você não vai tirar fotos?*

Havia esquecido. Estava entregue. Naquele momento era necessário viver aquilo. Era a minha apresentação, verdadeiramente. Dei a câmera para ele e pedi que batesse algumas fotos. Com o sol muito forte, perto das 10h, todos estavam demonstrando cansaço. Paramos para tomar uma água. Terminamos o jogo. Não deu tempo de pôr boné, nem de passar protetor solar. Me senti menos “madame” - a expressão marcou. As queimaduras do sol na testa foram caminhos de aproximações. Senti que meu rosto estava muito vermelho. Do sol e da correria. Saí do campo.

Como se entra no lugar de alguém?

Alyson jogava dama com Agenor. Passei e ele falou:

- *Professora, você sabe jogar?*

- *Sei.*

- *Quer jogar na próxima?*

Afirmar que gostaria com a cabeça. Esperei o jogo deles acabar e sentei para jogar com ele. Uma pequena fresta havia sido aberta. Comecei a jogar com Alyson. Jogamos umas quatro partidas. Nem prestava atenção no jogo. Estava emocionada, a aproximação estava acontecendo. Conversamos sobre as escolhas das cores das peças, sobre as jogadas que poderíamos ter feito e não fizemos, sobre as jogadas inesperadas e muito boas... Conversamos sobre o jogo. Ele olhou para mim e disse:

- *Vamos lá jogar ping-pong?*

Fomos. Subimos a escada do *deck*. Em volta da mesa, improvisada, alguns esperavam conversando. Outros ansiosos por sua vez de jogar. Outros ficavam olhando e dando seus palpites. Perguntei se aquela mesa era da escola. Eles me contaram que era de um morador que estava na cidade há mais de um mês e que não sabiam se iria voltar. Pegaram a mesa para jogar. A rede foi trazida pelo professor de Educação Física, bem como as bolinhas e as raquetes.

Cada partida era até cinco pontos. Se o placar chegasse 3 x 0, acabava o jogo. Se ficasse 4 x 4 ia até o placar ter dois pontos de diferença. Assim todos iam jogando e tendo as suas chances. Alyson entrou para jogar duas vezes. Saiu do jogo por seus adversários chegarem até três, com ele não fazendo nenhum ponto. Eu fiquei por ali, olhando o jogo. Ninguém me convidou. A sede de jogar era tanta que quanto menor a fila, mais jogariam. Quando eu vi, Alyson havia pego o jogo de dama. Me chamou para sentar no tablado, perto da mesa de *ping-pong*, para jogar. Assim que sentei, ele falou:

- *Não sou bom no ping-pong.*

- *Aos poucos você vai aprendendo, é assim mesmo.*

Começamos a jogar dama, o olho dele estava focado no nosso jogo, me mostrava as estratégias, as possibilidades que havia perdido. Perdi uma boa oportunidade. Falei:

- *Não tinha visto essa jogada.*

- *É assim mesmo, logo você aprende... (Alyson)*

Quando estava jogando, lembrei da história que dona Joana contou sobre o Alyson caçar jacarés. Perguntei para ele:

- *Você caça jacarés?*
 - *Sim! Na minha casa.*
 - *Será que um dia eu posso ver?*
 - *Hoje! A gente vai descer com o barco da escola e depois papai vai trazer mamãe para ficar aqui na escola. Você pode vir com a gente.*
 - *Será que não tem problema?*
 Ele balançou a cabeça, mostrando não haver problema algum.
 Assim fui convidada para ir à casa do Alyson. Que alegria! Continuamos jogando muitas rodadas, até que um menino se aproximou e mostrou interesse em jogar. Entrou no meu lugar. *Se entra no lugar de alguém?*

Voltei a olhar para o *ping-pong*. Nelson era invencível. Estava praticamente há uma hora sem sair do jogo. O grande desafio era tirar Nelson - o craque - do jogo. Alguns entravam e diziam:

- *Agora eu ganho!*
- *Se prepara Nelson, vamos te tirar!*
- *Quem sabe você não descansa um pouco Nelson?*

Assim foi, mas Nelson não saía e não saiu. Algumas crianças começaram a montar quebra-cabeça. Minha presença estava mais suave. Não tão marcada. Enquanto ficava por ali com eles, pensei na frase da professora: *-Vou pedir para eles brincarem, para você registrar.* Sinceramente, não era assim que havia pensado, mas foi assim que o movimento foi acontecendo. Foi assim que os olhos foram focando nos meus, que as primeiras palavras foram trocadas e os primeiros convites feitos... Tempos de semear e de esperar... Era inegável que havia uma intencionalidade no meu estar ali - todos sabiam. Mas também havia, com maior intensidade, a compreensão do empenho de não ser perguntadeira, apressada e indelicada. Tudo era muito tênue, qualquer descuido poderia ser obstáculo...

Fui chegando perto da cozinha. Hora de almoçar. Encontrei com as irmãs de Alyson - Rose e Rayane. Comentei que ele havia me convidado para ir na casa da família. Disseram que não havia problema nenhum, que se ele tinha convidado, tudo bem. Almoço e breve descanso.

Subimos no barco-escola. A primeira parada foi para deixar as crianças nas suas casas. Desciam do barco facilmente, pulavam no barranco e corriam, rapidamente, para dentro das casas. Seguimos para a casa de Alyson, Rose e Gean, filhos de dona Joana. Descemos no aterro do Binega, com cinco casas. Sendo três casas construídas pela Ecoa. Ali moram a família de dona Joana e seu Zé Catarino com seus quatro filhos. Dois irmãos de dona Joana, com suas esposas e filhos.

Os professores continuaram embarcados, rumo a Corumbá. Alyson e Gean foram correndo deixar as suas mochilas dentro de uma das casas. Rose foi para dentro de outra casa,

deixar a sua bolsa. Eu fiquei na varandinha. Chão batido, colunas de pau e cobertura de lona com folhas de coqueiro. Havia dois bancos compridos e uma mesa de madeira. Em pouco tempo, Rose voltou e sentou comigo. Percebi que ela poderia estar com vontade de fazer outras coisas. Falei que não precisava me fazer ‘sala’, que estava ali para ficar com eles e acompanhar o dia. Que se pudesse ajudar, assim faria. Rose respondeu que não precisava de ajuda e foi se dirigindo para o varal, no qual estavam muitas roupas penduradas. Me senti à vontade para segui-la. Ajudei a recolher as roupas e levá-las para dentro de casa. Assim, foi a primeira vez que adentrei à casa de uma família ribeirinha, no fluxo cotidiano. Este foi um dos pequenos presentes que a pesquisa foi me entregando.

Voltei para a varanda. Alyson e Gean haviam trocado de roupa. Perguntei para Alyson o que tinha no seu quintal... Fomos andando. Ele foi falando e mostrando. Com muita agilidade. Com o olhar atento ao horizonte e ao chão, simultaneamente. Me senti segura naquele território a ser desvendado. Fomos até o barranco. Alyson mostrou os jacarés que estavam por ali. Pegou uma vara e começou a bater na água. Um jacaré que estava com a cabeça para o lado, virou. Começou a nadar em nossa direção. O menino olhou para mim. Sua expressão confirmava a sua habilidade para chamar jacaré. Não senti medo. Alyson começou a me contar sobre caçar Jacaré:

- Pega um anzol grande, mas não tão grande. Joga na água e quando ele morder, puxa!

Nos afastamos da barranca do rio. Continuou falando. Contou que pegaram uma capivara para criar. Era pequeninha. Uma cobra pegou e comeu. A morte, parte da vida. Mostrou uma caixa d’água com tuviras - iscas que seu pai, sua mãe e seus tios pegam para vender aos turistas. Achou um ninho no meio das árvores e me mostrou. Voltamos para a varanda. Rose veio sentar com a gente. Sentei no banco de madeira. Rose sentou no outro. Começou a contar que a sua mãe, dona Joana, havia sofrido muito com os filhos. Aconteceram algumas coisas graves em relação a saúde deles e tiveram que ir às pressas para Corumbá. Uma delas foi com a mãe de Alyson, filha mais velha de dona Joana, que era casada com Rogério, o piloto do barco-escola. Foi ter o bebê na cidade. A parteira, sua avó, Velha Joana, havia falecido. Sem ela, poucas mulheres sentem confiança para parir por aquelas bandas.

Rose continuou sua história. Hospital em Corumbá. Cesária feita. Alyson nascido. Na casa alugada, a sua irmã sentiu muitas dores, voltou ao médico. Ficou internada. Dois dias passaram, faleceu. Foi somente ao ouvir esta narrativa, que pude compreender que Alyson é criado pelos avós e pelas tias. Esta história foi contada com naturalidade. Sem alteração da voz e sem meias palavras. Alyson estava por perto. Ouviu como aquele que sabe. Rogério, o piloto, é seu pai. Zé Catarino, marido de dona Joana, também.

- *Alyson, fui na casa de seu pai.* (Mira)
- *Qual deles?* (Alyson)

Na sequência, Rose continuou a contar sobre a saga de dona Joana com os filhos. Alyson, pequeno, caiu de uma árvore e quebrou o braço. Foi uma correria. Viajaram de “rabetá” para Corumbá. Teve que engessar o braço. Não ficou com o gesso o tempo indicado pelo médico. Mas ficou tudo bem.

Gean, foi sendo cuidado pela família e acabou adotado. Pequeno, começou a ter dificuldades para se alimentar. Foi emagrecendo. Tiveram que ir com ele para Corumbá. Melhorou. Gean tem limitações na fala, não pronuncia palavras. Emite sons. Gesticula. Está sempre atento.

- *Gosto de vitória-régia. Aqui tem?* (Mira)
- *A-ham. A-ham.* (Gean)
- *Dá para chegar perto de canoa?* (Mira)
- *A-ham. A-ham.* (Gean)
- *É difícil de chegar?* (Mira)
- *Hum-Hum.* (Gean)

A contação de histórias seguia. Alyson e Gean trouxeram um pedaço de pau, um facão, uma rede de pesca e pregos. Eu, sem entender, fiquei escutando e observando a movimentação dos meninos. Rose começou a mexer nos materiais. Os meninos olhavam atentamente as mãos dela. Foram acompanhando o desejo tomar forma. Faltou tesoura. Gean foi buscar. A rede foi cortada. Um pedaço de madeira foi colocado em uma das pontas da rede e pregado. Alyson fez o mesmo movimento, na outra extremidade.

A rede ficou pronta. Trouxeram uma mesa pequena, tipo carteira de escola. Esticaram a rede, pegaram as raquetes que haviam feito outro dia com pedaços de madeira. Começaram a jogar. Viram que a bolinha tinha dificuldade de tocar na mesa. Resolveram trocar de mesa, foram para uma maior, também de madeira. A rede não cabia lá. Colocaram um cabo de vassoura para separar. Iniciaram o jogo.

As mãos começaram a doer. As raquetes estavam muito pesadas. Foram atrás de paus para fazer novas raquetes. Pegaram o facão e começaram a cortar e dar forma a mais um desejo. Sentiram dificuldades. Rose continuou o trabalho dos meninos. Neste meio tempo, Gean pegou a canoa a remo e atravessou o braço de rio que fica em frente ao aterro onde moram. De lá me acenou, apontando as vitórias-régias. Fiquei emocionada. Ele voltou. A nova raquete ficou pronta. Foram jogar. Na mesa grande. Com cabo de vassoura. Raquetes leves. Bolinhas emprestadas da escola.

Rose participou do processo. Ajudou. Continuou contando as histórias familiares. Não sei se percebeu que a rede e a mesa seriam muito pequenas para o jogo. A experiência foi vivida. Tempo. Pesquisa. Aprendizagens.

Passado algum tempo o barco-escola chegou e retornamos para a escola. Janta. Conversas na varanda. Risadas. Mais uma noite na Barra. Cada vez a entrega ao sono chegava mais rápida e tranquila. Processos. Confiança superando medos.

Devagarinho

Amanhecer. Seis e meia. Acordei na escola da Barra. Tomei banho. Escovei os dentes. Peguei meu caderno, fui fazer minhas anotações na mesa de madeira que ficava na varanda de frente para o rio. Várias tábuas de madeira compunham o piso daquele lugar. De lá da cozinha, Rayane falou:

- *Mira, vem tomar café!*

- *Já vou Ray!*

Que alegria. O pó misturado com açúcar no coador. Quando a água passa, se transforma em um café adoçado. Este sabor me confortava.

Nisto, passa o Nelson - aluno - em passos bem lentos por mim. Estava com algum machucado? Foi até a cozinha, pegou sua xícara com chá e algumas bolachas - alunos não tomam café. Ao passar por mim, de novo mudou a forma de dar os passos.

Isto aconteceu umas três vezes, até eu entender. Não era machucado nenhum. Ele passava devagar para não balançar a mesa, assim não atrapalhava a minha escrita. Foi um dos cuidados mais profundos que já senti.

O Pantanal é assim, generoso em belezas, carregado de mistérios, habitado por seres que cultivam jeitos brincantes e gentis de viver, apesar de suas humanidades e da resiliente luta diária. Algumas vezes olhava e duvidava. O que meu ser contemplava e vivia, realmente existia em proporção tão intensa? Mergulhei. Pisei firme. Revoei. Espantei. Ri. Me nutri de esperar.

Também chorei por mim, pela humanidade, pela natureza. Conheci parte dos enfrentamentos diários dos ribeirinhos e de suas lutas para se legitimarem neste lugar como guardiões das águas, das matas, dos céus. Lamentei pela vida que se escoia em ganâncias, pelo avanço do agronegócio e do turismo predador, pela pouca escuta na construção de políticas públicas efetivamente comprometidas com os ribeirinhos. Também não ignorei as tentações, os limites e os fetiches que são parte constituinte da humanidade. Aprendi a respeitar a cultura ribeirinha e as histórias de vida. Sem julgar, evitando expectativas, exercitando a alteridade.

Compreendi que a oralidade, no Pantanal, tem sido o fio condutor da vida cotidiana e do estar no mundo - também os silêncios. As palavras - pausadas e espaçadas -, que se juntam aos gestos e às risadas, vão significando e ressignificando a vida. A cada viagem e a cada estada vivi desafios, encantamentos, afetos. Experiências, saberes, velhas e novas histórias. Ouvi e vivi de tudo um pouco. As narrativas foram o caminho coerente para os registros do vivido. Na concepção apresentada, foram construídas nos processos de estadas na Barra e no Paraguai Mirim - idas, permanências, vindas. Aventuras. Medos. Coragens. Reflexões. Aprendizagens. Afetos. Gratidão.

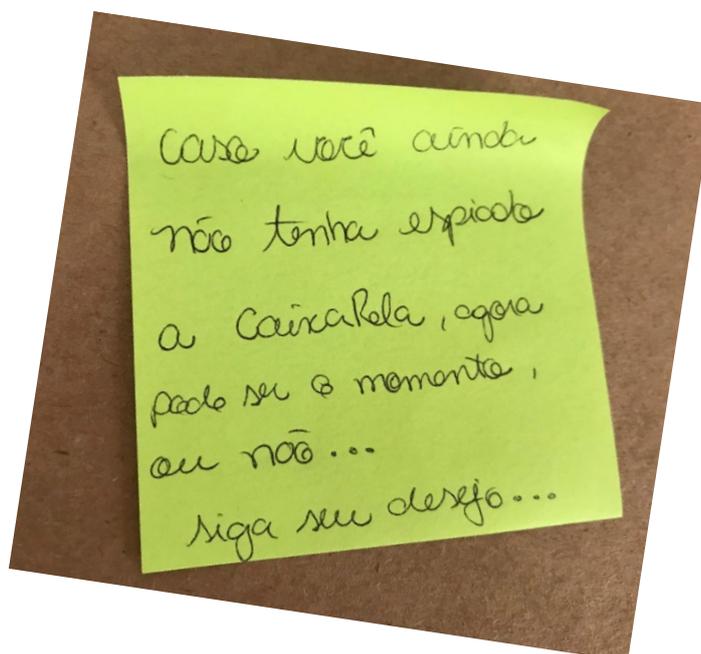
O vivido extrapolou as margens e os espaços da tese. Espantou. Inquietou. Exigiu reinvenções. Nasceram histórias engraçadas e encantadas. Guardar no baú? Impossível! Busquei memórias da qualificação. Professora Leila - membro da banca - sugeriu a construção de um livro com as crianças. Embarquei na ideia. Narrativas e cartas. Falas, escritas e imagens das crianças se misturaram com as minhas - registros de jeitos crianceiros de estar no mundo. Inspiração... Um guardador brincante e poético foi gestado. Era uma vez crianças, gentes, eu, narrativas, cartas... Manoel de Barros (2010, p. 241) veio junto: **"No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo."**

Nas artesanias que nascem dos desejos, um esconderijo encantado se fez. Guardador, acolheu **"achadouros"** (BARROS, 2008): narrativas, cartas, fotografias, vídeos e outras coisas que se fazem de afetos e de memórias. Sim, aquelas insignificâncias que, respingadas de vida, giram em torno dos corações. Aquelas que pedem mãos delicadas, que querem ser mexidas, olhadas, viradas de pernas para o ar, cheiradas, amadas. Aquelas que lembram de nuvens e de coisas celestiais, também de coisas que rastejam e se oferecem para a limpeza das águas e para as purificações que se fazem de tempo. Rituais.

Uma caixa foi parida. Pedia nomeação. Empolgada, rapidamente preenchi uma folha com rabiscos que tentavam compor nomes. Relia, mas todos pareciam reduzir o que nasceu alado. Pensei em nomes das águas, das terras, das coisas celestes. Mas o vivido no Pantanal se

expandiu. Foi intenso, potente, encantado. Nominar algo que transcende? Como? Na impossibilidade, brinquei. Batizei a “CaixaRela, será que é tagarela?” e desejo que viva experiências de linguajar o Pantanal pelo mundo afora, carregando histórias, sonhos, esperanças. Aberta, desejo que faça rir, também chorar, também... As crianças da Barra e do Paraguai Mirim receberão as suas caixas, com as narrativas e os seus protagonismos... Vamos especular e a CaixaRela dará cambalhotas... Poderá ser chamada de outros tantos nomes... Ou não... Cada criança vai decidir...

Esta caixa convida para brincar. Invente um nome para ela, escreva, chame. Crie uma similar, ou diferente, mas geste um lugar para as coisas do seu coração... Recolha desimportâncias que lembrem momentos marcantes... Experimente, viva a singeleza do simples... Fortaleça o seu esperar... Vamos, de mãos dadas com as crianças da Barra e do Paraguai Mirim cirandar com a...



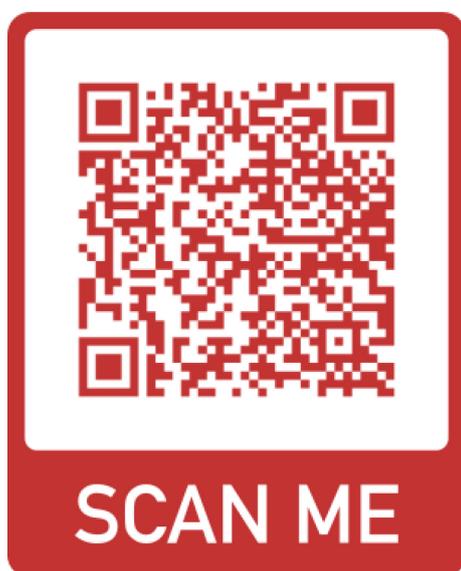
QR Code - Vídeo de apresentação da CaixaRela



Instruções para acessar o vídeo:

- 1) Abra a câmera do seu celular.
- 2) Aponte seu celular para o QR Code (como se fosse tirar uma foto do QR Code – mas não tire), mantenha assim de 2 a 5 segundos.
- 3) Clique na notificação que aparecerá na tela do seu celular, em poucos segundos abrirá o vídeo de apresentação da CaixaRela.
- 4) Se não der certo, estou à disposição para ajudar – mira_nm@hotmail.com.

Álbum de fotos⁵⁶



Instruções para acessar o vídeo:

- 1) Abra a câmera do seu celular.
- 2) Aponte seu celular para o QR Code (como se fosse tirar uma foto do QR Code – mas não tire), mantenha assim de 2 a 5 segundos.
- 3) Clique na notificação que aparecerá na tela do seu celular, em poucos segundos abrirá a pasta com as fotos.
- 4) Se não der certo, estou à disposição para ajudar – mira_nm@hotmail.com.

⁵⁶ As fotografias e os vídeos foram obtidos durante o processo de pesquisa, com o devido consentimento. Estão compartilhadas nesta tese e não podem ser utilizadas sem a prévia autorização da pesquisadora (mira_nm@hotmail.com).

QR Code Vídeos

Instruções para acessar os vídeos:

- 1) Abra a câmera do seu celular.
- 2) Aponte seu celular para o QR Code (como se fosse tirar uma foto do QR Code – mas não tire), mantenha assim de 2 a 5 segundos.
- 3) Clique na notificação que aparecerá na tela do seu celular, em poucos segundos abrirá o vídeo.
- 4) Se não der certo, estou à disposição para ajudar – mira_nm@hotmail.com.



QR Code – Dia a dia



QR Code – Meninos que correm, porquinhos que fogem



QR Code – Pipa



QR Code – Roda de Tereré



QR Code – Pescaria

Em movimentos vão se fazendo os caminhos.

Semana intensa ficando na escola da Barra. Na última noite, dormimos na base da Ecoa. Acordamos cedo. Deixei minhas coisas arrumadas.

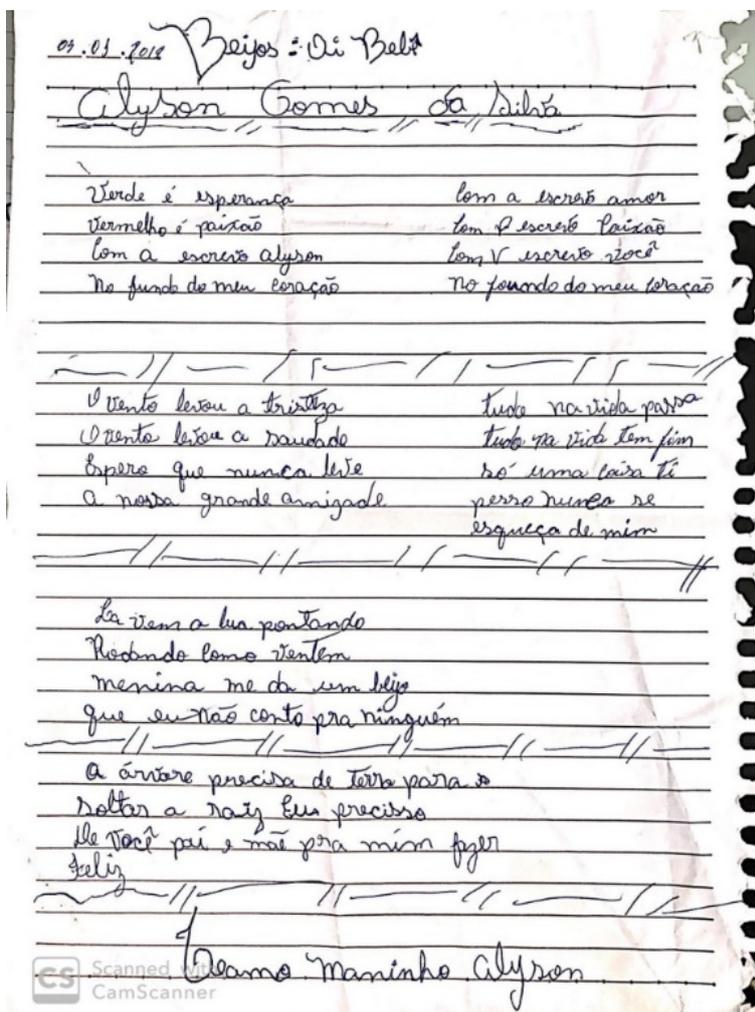
Havia combinado de passar na família de dona Joana. Abraços. Despedida. Assim foi. Com Jaburu, fomos ao Aterro do Binega. Ao parar no barranco, Gean veio nos receber. Desci, andei em direção à varanda. Lá estavam, Rose e Alyson.

Ele me estendeu a mão. Entregou um papel todo dobrado. Fiquei surpresa. Olhei nos olhos dele. Falei que leria depois, para matar a saudade que já estava sentindo. Meus olhos se encheram de lágrimas. Abracei Alyson muito forte. Abracei Gean e Rose. Fui descendo o barranco em sentido ao barco. Foram nos acompanhando. Dei mais um abraço em Alyson. Coloquei o pé no barco. Voltei. Mais um abraço. Aquele instante era uma eternidade. Consagração de uma partilha.

Fomos. Carregamos o barco. Descemos rio abaixo.

No meio do caminho, abri o meu presente.

Chorei.



Já troquei algumas cartas na vida. Mas esta tinha cheiro de rio, de peixe, de tempo, de abraço...

Com esta sensação emaranhada em mim, de algo tão bom, comecei a pensar que devem receber poucas cartas, se é que recebem. Não se tem correios. As mensagens chegam pelo vento minucioso de cada palavra que sai da boca, com poucos registros escritos. Será que receber cartas não seria uma experiência interessante?

A mensageira começou a ser gestada em mim. Liguei para a professora Sabrina, no Paraguai Mirim. Ela me falou que estavam trabalhando o gênero carta na escola.

- *Topam fazer uma troca de cartas com as crianças de uma comunidade ribeirinha em Santa Catarina?*

- *Claro, Mira. Será muito legal. Como faremos?*

- *Vou falar com as professoras de lá. Já retorno.*

Liguei para a Binha, coordenadora da Escola da Costa da Lagoa (SC). Memórias. Afetos. Amizades.

- *Binha, o que vocês acham de fazer uma troca de cartas com as crianças que moram em uma comunidade ribeirinha no Pantanal?*

- *Acho ótimo, Mira. Como faremos?*

- *Como acha que pode ser?*

- *Vamos pensar e a gente se fala depois.*

Conversa vai, conversa vem. Decidimos que as duas me enviariam a lista com os nomes das crianças. Assim haveria um destinatário e um remetente. Foram incluídas as quatro crianças da Barra. Combinamos. As cartas poderiam ser compostas por qualquer registro. Escrito. Desenhado. Filmado. Fotografado. Envio de objetos. Contariam sobre o que quisessem contar.

Assim me fiz mensageira. Assim nasceram as cartas.



QR Code – CARTAS

Instruções para acessar as cartas:

- 1) Abra a câmera do seu celular
- 2) Aponte seu celular para o QR Code (como se fosse tirar uma foto do QR Code – mas não tire), mantenha assim de 2 a 5 segundos
- 3) Clique na notificação que aparecerá na tela do seu celular, em poucos segundos abrirá a pasta com as cartas.
- 4) Se não der certo, estou à disposição para ajudar – mira_nm@hotmail.com.

6. SABERES

QUE GESTAM
COMPREENSÃO

6. SABERES QUE GESTAM COMPREENSÃO

conversas de tecer unicidades e de significar a vida

*Ser como as coisas que não têm boca!
Comunicando-me apenas por infusão
por aderências
por incrustações... Ser bicho, crianças,
folhas secas!*

Manoel de Barros (2010, p. 117)

A proposta deste momento é, a partir dos achados da pesquisa, compartilhados na linguagem narrativa, dialogar com as escolhas teórico-metodológicas fundamentadas no arcabouço de autores que estudaram e estudam as crianças, a cultura popular brasileira, as sabedorias ancestrais, os corpos, as brincadeiras com e na natureza. Vamos seguir até a Barra e o Paraguai Mirim? Em cirandas, de mãos dadas com autoras e autores, vamos elaborar caminhos outros de compreensão das narrativas que contam de liberdades, traquinagens, dores, mortes, criaturas das águas e das matas, espaços, aprendizagens, resistências, linguagens, esperar, VIDA. Tudo meio misturado, nos seus tempos, dos seus jeitos - indo e vindo, descendo e subindo -, nos rodopios e nos tempos de conhecer e de se fazer conhecer. Na compreensão de que a: “História de um homem [mulher, criança] é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente.” (COUTO, 2013, p. 41).

O percurso teórico se constituiu de estudos que assumem novos olhares nos quais as crianças são compreendidas em seus contextos históricos, sociais e culturais, na complexidade, na riqueza e na magia da miscigenação brasileira. Foram e são estudos efetivados com as crianças. Também trago comigo as poesias, pois há experiências que estão para além da linearidade e pedem, com Manoel de Barros, os: “Vaga-lumes [que] driblam a treva.” (2010, p. 220). Portanto, as temáticas não serão categorizadas de maneira sequencial e cronológica. Também não serão explicadas e argumentadas, na busca de estabelecer verdades ou a análise de registros lineares. A memória e os registros falam das escolhas, editam o vivido e, portanto, são históricos, relativos e passíveis de questionamentos. As maneiras de conversar com os achados da pesquisa se constituíram no exercício do respeito ao que foi vivido no fluxo do tecer das redes e das vidas, que se fez e se faz com a inteireza de cada ser e de cada momento. Único. Uno. Subjetivo. Coletivo.

Durante o percurso, me aproximei ainda mais dos estudos realizados nas últimas décadas e das evidências que as crianças passaram a ser concebidas como protagonistas de suas

vidas e de suas aprendizagens, possuindo conhecimentos, ensinando e aprendendo, sendo seres de relações (ABRAMOWICZ, 2011; COHN, 2005; FARIA, DEMARTINI, PRADO, 2002;). No entanto, compreendi que, apesar destes e de outros estudos, não tem sido comum o reconhecimento destas potencialidades e complexidades como caminhos para reencontrar o direito das crianças às suas infâncias e às brincadeiras livres (FRIEDMANN, 2015; LOUV, 2016; TONUCCI, 2005). É perceptível que, tanto nas famílias como nas escolas e nas sociedades, com raras exceções, as crianças são tolhidas em suas liberdades de ser, fato que gera limitações e apropriações fragmentadas, sem muita possibilidade de questionar imposições adultocêntricas e de recriar a vida experimentando novos caminhos - ressignificados pelas crianças -, como convida a refletir Cohn (2005, p. 33): “[...] a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa.”.

As crianças sabem, ensinam, aprendem. O tempo vivido na Costa da Lagoa (MANFROI, 2015), na Barra e no Paraguai Mirim (2017-2019), proporcionaram o contato com corpos infantis brincantes, que percebem os desafios necessários a cada momento, ampliando, por meio das brincadeiras, as experiências vividas que gestam saberes outros que provocam novos desafios (BENJAMIN, 1980, 2000, 2012; LARROSA, 2015). Estes aprendizados não impedem riscos, imprevistos e machucados, mas são integradores do ser que vai se constituindo e se fortalecendo no decorrer do processo vital. Peo (2013, p. 61), destaca que: “[...] a criança sabe do que ela precisa, e o brincar é a prática por ela criada para dar respostas às suas necessidades.”.

Estas observações dialogam com a concepção de Le Breton (2007) ao afirmar que a condição humana é corporal, sendo que tudo o que vivemos é mediado pelo corpo. Complementando, Sant’Anna (2001, p. 4) destaca que um corpo é: “[...] sempre ‘biocultural’, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual.”. Os corpos das crianças que habitam a Barra e o Paraguai Mirim expressam as suas heranças genéticas ancestrais somadas aos estilos do viver cotidiano. São corpos ágeis, potentes, capazes de responder aos inúmeros desafios da vida ribeirinha, com registros destas experiências, pois, como alerta Silva (2012, p. 220), as: “[...] práticas sociais oriundas dessas instâncias deixam tatuagens históricas nas subjetividades e coletivos sociais.”.

Fui percebendo, na ampliação das estadas nos campos de pesquisa, que há uma constante experimentação corporal, na busca de interação com o ambiente que, por oferecer significativa diversidade advinda da natureza-cultura, provoca a criação de movimentos para responder a novas situações. Neste contexto instigante e harmonioso uma questão, suscitada por Sant’Anna (2001a, p. 242), tornou-se provocadora: “[...] como estimular redescobertas e

cuidados com o corpo que, ao valorizarem as potências individuais, também valorizem aquelas do coletivo?”. Andressa viu um marimbondo:

- Se você dá em um, vem um monte atrás.

Este questionamento e esta narrativa me reconduziram aos achados da pesquisa de mestrado, que, com fundamentação em Benjamin (1980, 2009, 2012), Cornell (1996, 2008), Larrosa (2015) e Tiriba (2010), permitem afirmar que as crianças, que ainda têm a natureza para conviver, anunciam pedagogias potentes, livres, alegres, transgressoras, mutantes. Na Barra e no Paraguai Mirim há princípios ancestrais (sabedorias), ancorados na natureza e em seus elementos (água, ar, fogo, terra); na liberdade de ser e de estar; na memória e na capacidade de lembrar; na historicidade, na transitoriedade e no valor do presente; na resistência e na coragem; na quase ausência de controles e de julgamentos; no pensar e no fazer como unicidade; na observação, na escuta, nas poucas palavras, nos silêncios; na subjetividade e no coletivo; na serenidade; nas brincadeiras; nas bagunças; na leveza, na autonomia; no erro como processo; na alegria, no riso, na dor, na vida, na morte. Estas crianças, como Paulo Freire em sua infância (BRANDÃO, FREIRE, 2005, p. 5), vivem e leem o mundo antes das palavras escritas:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe - o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims - no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. [...] Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado,

o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus receios, os seus valores.

Quem plantou e acompanhou o crescimento de uma árvore e comeu as frutas apanhadas nela, sabe destes sabores. Quem foi menina e menino em quintais de terras e de águas, pés no chão e cabelos ao vento, sabe destas aventuras. Nós carregamos estas memórias, mas a vida atribulada nos traz esquecimentos ou, quem sabe, guarda, em algum cantinho de nós, estas aventuras que, num repente, retornam potentes, transgressoras, numa pedagogia do ser: “Primeiro conhecer o bosque, as noites estreladas e os rios serpenteantes antes que as plantações alinhadas, os canais de irrigação e os letreiros luminosos, para que a expressão surja como uma linguagem sem idioma.” (SALÓ, 1977, p. 25).

Nos cenários pantaneiros, cada criança que nasce é acolhida, inserida e nutrida em uma cosmologia ancestral - guardada por silêncios, fazeres e oralidades -, que se fortalece em um ecossistema diversificado de gentes, bichos, árvores, águas, morros, céus. No entanto, nada está protegido para sempre, há que se pensar jeitos outros de zelar por este santuário da vida. Neste percurso, as histórias renascem no viver de novas aventuras que suscitam o desejo de ampliar as narrativas com as crianças, pois, como adverte Benjamin, em escrito de 1936, a arte de contar histórias pode se extinguir: “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...]. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p. 213). Os mais jovens, reconhecem nos velhos a arte de contar histórias, com enredos que encantam os ouvintes. Rayane, admira seu pai, Zé Catarina:

*- Mira, você não ouviu papai contando a história do Minhocão?
É de arrepiar. Papai é o melhor contador de histórias que eu conheço.*

Embora também sejam contadores - e Rayane sabe muitas histórias que mantém seus ouvintes atentos -, estes jovens demonstram gostar de ouvir os mais velhos, talvez porque, nas redes da tessitura das narrativas de quem já viveu um bocado de anos, o real e o que poderia ser se encontram, na convicção de que a fala dos anciãos encanta, mais do que explicam, como descreve o personagem de Mia Couto (2012b, p. 13): “Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. [...] nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, [...]”.

Nas narrativas, a liberdade de ser e de dizer, encontra com a poética de Manoel de Barros (2010, p. 345): “É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez. Tudo que não invento é falso.”.

Assim, em minhas estadas, no decorrer do dia e da noite, as narrativas foram surgindo e contando sobre a Barra, o Paraguai Mirim e suas histórias. Nas narrativas, as palavras vão seguindo o ritmo de quem conta, têm enredo, têm silêncios, têm sabor, têm memórias. Na concepção de Benjamin (2012, p. 221) têm “uma forma artesanal de comunicação”, pois a narrativa:

[...] não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria.

Com esta compreensão teórica e, mais uma vez, apoiada em minhas experiências de vida, que se fazem entremeadas de muitas histórias, as narrativas, como apresentadas anteriormente, tiveram o propósito de registrar e de compartilhar os achados de pesquisa, pois os textos rígidos e formais não dariam conta de transcrever histórias que começam com “era uma vez”... Enredos que carregam alegrias, dores, risos, choros, aprendizagens...

Na Barra e no Paraguai Mirim, o crescimento das crianças acontece com e na natureza, ao som de histórias que repetem saberes, que gestam conhecimentos, que chamam pela coragem, que provocam a convivência com riscos e desafios, vividos por mim e também relatados por Zerlotti (2014, p. 13):

Chamava-me a atenção a relação que eles tinham com o ambiente local. Entravam no rio sem medo de jacarés e piranhas, reconheciam os pássaros pelo seu cantar, achavam frutos no meio da mata, identificavam se ia chover e sabiam a melhor hora para pescar.

Com estas experiências, os corpos das crianças (e dos adultos) são exigidos para responder rapidamente a diferentes necessidades e, assim, tornam-se potentes, corajosos, resistentes à dor e singulares, pois, como afirma Larrosa (2015, p. 32): “[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.”, sendo que, nesta perspectiva, cada criança vive as suas aprendizagens, embora faça parte de um coletivo. Os adultos sabem e as crianças, desde muito pequenas, aprendem, no conviver diário, a confiar e, ao mesmo tempo, a estar sempre atentos ao entorno que apresenta uma certa regularidade, mas que também carrega surpresas. Jaburu alerta:

- *Cheiro de carniça fresca, pode ter onça por perto...
Pode ter onça de olho!*

Os prováveis perigos, perceptíveis para intuições aguçadas que, pelas narrativas, vão se constituindo saberes de experiências ancestrais, não impedem as aventuras e a exposição aos riscos. Viver na Barra e no Paraguai Mirim é conviver com adultos que muito sabem, mas que pouco alertam, para que cada ser viva o seu próprio estradar. Na África de Mia Couto (2013, p. 121) também é assim: “Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.”.

Pesca de piranha

Início da tarde. Gostinho de caldo de peixe virando saudade. Vontade de pescar:

- *Milena, podemos pescar piranha?*

- *Claro, Mira. As varas estão encostadas no pé da árvore.*

Na Barra, durante o dia, alguém já pescou ou vai pescar. Os apetrechos sempre estão disponíveis e são coletivos. Pegamos as varas e uma isca de fubã. Maria Clara e Léo. Maria Helena sentada perto de nós.

Jaburu jogou uma vara e pegou um peixe pequenino que serviria de isca. Piranhas - objetivo da pesca - são carnívoras! Não gostam de fubã!

Jaburu lançou uma vara com uma isca para piranha. Menos de 1 minuto.

- *NHAC!*

Pegamos uma piranha. Puxamos. Lã veio ela, resistindo nas águas. O Jaburu a retirou do anzol e jogou em um balde. Nisso, olhei para o lado e surgiram dois meninos. A pescaria estava trazendo outros “peixes” que eu nem esperava. Chegaram e se aproximaram de Maria Clara, Léo, Maria Helena, Kaleb, Alex e Maurício.

Jaburu me alcançou a vara. Foi a minha vez. Senti uma fisgada da piranha. Puxei uma vara. Não tinha nenhuma piranha. Todos riram, eu também.

Achamos outra vara, o Mark foi pescar. Ficamos olhando para ele. Uma piranha puxou. Levou a isca dele. Todos riram de novo.

Jaburu jogava uma linha, uma piranha mordida, ele dava uma puxada e pronto, pegava! Não fugia uma dele.

Ofereci uma vara para as crianças pescarem. Kaleb pegou. Léo também quis, Maurício veio ajudar.

Jaburu, Rafael e Marcos foram visitar outras famílias, de barco. Fiquei por ali. Pescando. Com as crianças. Maurício pescava muito bem. Maria Clara estava aprendendo, assim como Alex. Léo, atento, acompanhando cada gesto.

Chegou uma rabeta trazendo Robson, o marido da Milena, que estava um mês na cidade. Léo, rondava Robson, mas não desgrudava da pescaria. Maria Helena, aconchegada no colo do pai.

Continuamos pescando. Ficamos ali na beira, enchendo o balde de piranhas. Peguei três! Mais tarde teria caldo!

A mesa ainda estava posta, sobras do almoço. Os passarinhos aceitaram o convite. Entravam nas panelas e comiam a parte que lhes cabia.

Na fartura e na beleza, sem desperdícios, o Pantanal ensina ...

Depois da pescaria, Léo se aproximou do balde com piranhas...
 - *NHAC!*
 Sangue. Dor. Choro e berro. Experiência. Primeira mordida.
 - *Vai arder um pouco, mas passa. (pai)*

Léo, um menino de uns dois anos, foi mordido. Seu pai pegou uma camiseta velha e amarrou no dedo do menino que continuou a chorar. O homem, nascido e crescido na região, sabe. Aprendeu na experiência o que sente alguém que é mordido por uma piranha. Dói, arde, mas passa. Seu saber não impede as aventuras do menino. Do seu jeito, não negou auxílio, não desprezou a sua dor. Com segurança, amarrou o dedo e Léo teve a liberdade de continuar chorando e acompanhando a pescaria. Ainda doía. A dor é para ser chorada e compartilhada. Sentir a presença de quem zela por nós e saber que o nosso choro está sendo ouvido e acolhido, mesmo que nada seja falado, é caminho de cura. Afinal, de acordo com Le Breton (2007, p. 23): “A dor é a experiência humana mais partilhada para além da morte: nenhum privilegiado reivindica ignorância a ela. Ou se gaba de a conhecer melhor do que ninguém.”.

Os registros vão trazendo, no movimento das águas que descem lentas, as singularidades das falas (e dos silêncios) impregnadas de historicidades, sentimentos, significados, particularidades e contradições. As narrativas não querem explicações, querem contar o cotidiano, pois, de acordo com Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”.

Maria Clara, limpando a sardinha que pescara, falando sobre a mãe:
 - *Minha mãe invocou com sardinha. Todo o dia tem que pescar e comer uma...*

A fala de Maria Clara traz em seu bojo conhecimentos sobre a variedade de peixes que há no rio e uma certa incompreensão do porquê de a mãe preferir a carne de pacus, pintados, dourados e outros peixes, insistindo em comer sardinhas. Maria Clara observa. Maria Clara problematiza. Maria Clara, mesmo sem compreender as escolhas da mãe, pescou e limpou a sardinha. Respeito. Estes conhecimentos se fizeram e se fazem por experiências vividas, por observações e por conversas (BENJAMIN, 1980, 2000; LARROSA, 2015). Jeitos de aprender.

Este processo não ocorre naturalmente, mas exige intencionalidade, ações concretas e sabedorias que se vive nas convivências cotidianas, pois como destaca Cornell (2008, p.68): “Em nossos dias, as crianças recebem muitas informações sobre conceitos teóricos de ecologia. Em contraste, o objetivo principal [...] é desenvolver suas qualidades intuitivas e afetivas.”. O autor propõe que sejam evitadas as explicações conteudistas e de cunho moralista, sendo favorável ao contato direto na e com a natureza.

O exercício proposto por Cornell (2008), é possível de ser experimentado na Barra e no Paraguai Mirim que, apesar de distantes de Corumbá e com acesso somente por barcos, não são comunidades isoladas. Para o desenrolar da pesquisa, foi necessário a não simplificação, mas a complexificação do aparentemente simples; não absolutizar o que se sabe para se colocar em processo de “aprendizagem de desaprender” (PESSOA, 1993, p. 50), transpondo as fronteiras acadêmicas na busca constante de estar com as comunidades, de mãos dadas, mas com os sentidos alertas para o inusitado que pode surpreender.

As distâncias existem, tanto geográficas, como culturais (COHN, 2005). Naveguei para longe e fui desafiada a desaprender e a reaprender. Também reconhecer que havia estranhamentos. Havia jeitos de ser e de viver carregados de significados outros. Cheguei com conhecimentos prévios, mas havia muito a experimentar. Preparo dos alimentos. Horários de acordar e de dormir. Houve desafios, houve encontros, houve desencontros. Em todos os momentos, de acordo com Verden Zöllner (2004, p.184), experimentei: “[...] a aceitação dos outros, por meio da autoconfiança, que surge no lidar com o espaço e o tempo, numa relação de recíproco respeito e confiança [...]”. Houve processos.

Estar na Barra e no Paraguai Mirim foi desafiadoramente belo. As leituras indicaram caminhos, mas há conceitos que só são compreendidos quando experimentados. Minha infância brincante e as experiências vividas em ambientes geográfica e culturalmente diferenciados (roças, aldeias, montanhas, rios, mar, acampamentos etc.), ajudaram. Observei as crianças nadando no rio. Tomamos banho, brincamos e compreendi que estar com elas, na natureza, foi essencial. Nossos corpos, imersos e expostos à correnteza, se reconheceram e foram caminhos de aproximações, na concepção defendida por Peo (2013, p. 54): “O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza.”.

Compreendi que os contextos naturais-culturais da Barra e do Paraguai Mirim são caminhos para que os corpos criancieiros se aventurem e ampliem seus repertórios, na certeza de que, como afirma Mia Couto (2012a, p. 120): “Na infância, o corpo tem um serviço único: brincar.”. Neste percurso, o meio é concebido como fonte instigante de vida que, de acordo com Tiriba (2014, p. 116): “[...] se expressa em todos os seres, coisas e fenômenos; [...]”, mantendo

algumas regularidades (noite e dia, estações do ano, nascimento e morte, entre outros). Também ocorrem mudanças na atribuição de sentido a esses fenômenos, trazidos e, às vezes, provocados e/ou reforçados pelas culturas, como enfatiza Friedmann (2013, p. 124):

A partir do momento em que refletimos, percebemos as imagens que vêm ao nosso encontro, elas se transformam, adquirem outras dimensões tingidas pela cultura do observador, pela sua história, pela cultura na qual elas próprias estão inseridas. A natureza da imagem fora transforma-se conforme a natureza daquele que olha. O que cada um vê e lê são inferências diversas a partir de referenciais naturais e culturais individuais, assim como do instante, do momento presente.

As ameaças que a natureza traz, seja os das cheias ou das estiagens, seja pelos próprios riscos que estão presentes em uma atividade de caça ou pesca, como aqueles provocados pelas ações humanas sobre os ambientes, são conhecidas na Barra e no Paraguai Mirim, pois além de notícias que chegam de fora, há lembranças de afogamentos ou ataques de onças, escorpiões, cobras e outros elementos da natureza (chuvas, raios, trovões, enchentes etc), às vezes com mortes.

Este receio pode ser compreendido na expressão “criminalização da natureza”, desenvolvido por Louv (2016, p. 57), ao evidenciar a progressiva proteção das crianças, na constatação de crescente: “[...] restrição física da infância em um mundo que está se urbanizando rápido e a experiência na natureza como a maior vítima.”. Esta “criminalização” traz a ilusão de que as casas, as vias pavimentadas, os espaços assépticos e iluminados são mais seguros e controláveis. No entanto, todas as experiências do viver são passíveis de riscos, nos exercícios de expor-se (LARROSA, 2015) e, no Pantanal, não é diferente. Crianças se acidentam, se machucam e morrem nas cidades e também distante delas.

Era início da manhã na roda de tereré. Dona Joana começou a contar sobre a morte de uma criança pequena, neta do seu Marinho - um dos mais antigos moradores da região. A menina era pequena, estava pegando água e caiu no rio. Foi atacada por piranhas. Ninguém conseguiu salvá-la.

- Eu perdi duas filhas, mas não doeu tanto como ver a neta do seu Marinho. O que sobrou dela. Isso foi difícil pra me recuperar. Fiquei ruim. Fui para a Bolívia ser atendida pelos médicos de lá e saí com um diagnóstico: era emocional por causa da menina.

A morte é uma constante nas conversas. A morte é parte da vida. Ao lembrar, dona Joana parecia lamentar mais a brevidade da vida e as configurações da morte da criança, do que a própria finitude. Assim também acontece na África narrada por Mia Couto (2012a, p. 161): “Morrer na água é um regresso. Foi isso que senti ao ver o mar pela primeira vez: saudade desse ventre para onde, naquele momento, eu retornava. Saudade dessa morte doce, desse pulsar de um duplo coração, dessa água que, afinal, é todo o nosso corpo.”. Fala-se da morte, como fala-se da vida: “Todos nós, já antes, estivemos afogados antes de nascermos. A luz que nos recebeu no parto foi a primeira praia onde desembocamos.” (p. 161).

O tempo foi passando e as histórias não paravam, contavam de seres que existem de verdade, só que pode ser que não. Cada amanhecer iluminava os cantos daquele lugar e tudo parecia ficar mais visível. No entanto, o anoitecer instigava a falar sobre os mistérios que povoam e andam pelas terras, águas e morros. Na escuridão se descobre que há mais mistérios do que se possa imaginar nos primeiros contatos. Compartilhar segredos sobre criaturas outras e sobre nossos medos é para quando a confiança se faz presente. Neste estradar, passei a ouvir histórias de criaturas que transitam entre o real e o ficcional, mas sempre relacionadas aos tantos jeitos de ser e de viver ribeirinhos. Bichos das terras que também existem nas águas; personagem que desce as montanhas, grita e deixa rastros de pisadas com formato de garrafa; minhocão que come barrancos e traz água para desmoronar casas; seres que encantam e engravidam meninas; outros que encantam rapazes. Estas histórias também fizeram parte da infância do menino Paulo Freire (BRANDÃO, FREIRE, 2005, p. 7-8):

Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos nos tempos da minha infância. [...] Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido em meu próprio medo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semi-clareada viesse chegando, trazendo com ela o canto dos passarinhos “manhecedores”. Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites. [...] Muitas dessas estórias me fizeram tremer de medo, já deitado para dormir. Olhos fechados, coração batendo, encolhido ao máximo sob o lençol, esperava, a cada momento, a chegada de uma alma penada, falando fanhosamente [...]. O meu medo, contudo, não era maior do que eu. Começava aprender que, embora manifestação de vida, era preciso estabelecer limites a nosso medo. No fundo, experimentava as primeiras tentativas de educação de meu medo, sem o que não criamos a coragem.

As narrativas sobre os elementais e as criaturas que compõem os cotidianos das vidas ribeirinhas chegaram para mim depois de algumas estadas no Pantanal. Na Barra, depois da

janta, na varanda da escola, conversa rolando. Rayane, Nelson, Luiza, Atenor, Sebastião e eu. Provoquei, perguntando sobre o Curupira que o Beto havia me contado. Rayane falou que deste não sabia histórias, mas que a sua avó contava de outros e falou sobre alguns que ela, Rayane, encontrou.

Como neta e filha de contadores de causos do Pantanal, Rayane começou a falar e foi uma história atrás da outra. Quem estava na roda ouvia e se emaranhava nos enredos nascidos das experiências que passam de boca a ouvidos. Chegou sede. Cadê a coragem de ir sozinho buscar água?

Ter a oportunidade de viver a potência de ouvir narrativas artesanais, contadas com tantos detalhes, conduziu aos escritos de Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.” Rayane, nascida e criada na Barra, cercada de natureza e de sabedorias ancestrais, nos envolveu e nos conduziu aos mistérios do Minhocão, do Pé de Garrafa, do Negrinho D’água, do Pombeiro e de alguns outros acontecimentos que se constituem como memórias de uma ou outra pessoa, para quem o fenômeno apareceu. Ao ouvir os nomes dos personagens fui lembrando que já havia escutado alguns e que seria preciso esquecer o que sabia para me deixar levar por novas imagens destes seres, pois, como adverte Camara (2005, p. 6):

A ambientação é uma característica do causo que o define não geograficamente, mas o projeta como universo mítico. Em outras palavras, o Pantanal recria um universo paralelo ao sertão [e a outros tantos lugares]. A região pantaneira passa a ser garantia de veracidade para acontecimentos suspeitosos. Imagina-se que o ouvinte não questionará algo acontecido em lugar tão misterioso, tão intransponível para a razão humana.

As estadas no Pantanal sempre trouxeram algumas desconstruções. Exigiram entregas. ofereceram preciosidades. Assombrações! As narrativas de Rayane aconteceram em turbilhão, uma chamava a outra. Fiquei em dúvida. Decidi aqui compartilhar. As crianças ouvem estas histórias e sabem de personagens que existem para confundir as certezas e para distrair a paz. Rayane repetiu para nós as histórias que ouviu em sua vida. Eu registrei e transcrevi. Manoel de Barros (2010, p. 217) assegurou legitimidade:

Pantanal é muito propício a assombrações. Principalmente lobisomens, que são uma espécie de assombração que bebe leite. Houve quem tenha visto até lobisomem de chinelo. Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. Passos no quarto da moça, imitando com passo de gente, já ouvi chamar de lobisomem. Parente de viúva aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se vai. Às

vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, a fim que não fique extraviado o errante por esses cerradões de três pelos.

Há assombrações. Há elementais. Há jeitos de contar. Quem conta, inventa. Quem escuta, pode aumentar. Com esta compreensão, passo a relatar o que escutei de uma narradora, mas que foi ouvido por outros ribeirinhos, sem contestações. Compartilhando... Com a palavra Rayane⁵⁷...

Minhocão. É verdade. Ele é um bicho preto, que tem as costas casquedas, que come os barrancos e amplia o curso do rio. O meu tio, com a minha tia, moravam perto do rebojo, ali fizeram a casa deles. Fizeram, mas não sabiam que o minhocão ia derrubar.

Os meninos do lugar jogaram cacos de espelho e cacos de vidro para o Minhocão ir embora. Mas em vez dele mudar, zangou!

A casa era longe do barranco do rio. Um dia, deitados nas camas, no que assustaram. O barrote da porta estava caindo na água! Água?

O que estava no porto já tinha sido levado. Tanque de caranguejos e canoa também! A mulher do meu tio já tinha uma menininha, que agora é mais velha. Chamou a filha:

- *Bonita, Bonita!*

- *Hã!*

- *A nossa casa tá caindo, o Minhocão tá derrubando a nossa casa já.*

Meu tio ardeou por de trás da casa e tirou a mulher e a menininha. A água estava na beira das camas. Puxaram tudo as tralhas por detrás da casa. Ainda bem que a casa era de barrote. Imagina se fosse de tábuas. Mudaram de lá e parou de desbarrancar.

De um tempo para cá, começou a derrubar de novo. Eu já vi o Minhocão de longe. Ele é grandão!!!!

A descrição de Rayane provocou curiosidade. Retornando, fui pesquisar e descobri que o Minhocão é antigo e conhecido. Na região, umas pessoas ouviram falar, outras conhecem alguém que viu a criatura. Em Corumbá, fundada em 1778, há histórias que foram contadas e recontadas, embaixo das árvores, nas praças, no porto, nas travessias do rio Paraguai, nos navios de diferentes nacionalidades que ali aportavam. Foram comentadas até mesmo em revista:

[...] Disseram-me que em Corumbá, até havia uma pessoa que vira o Minhocão. Procurei-a. Era um velho italiano, um dos mais velhos moradores da cidade, antigo capitão de navio, reduzido à vida sedentária de administrador de fazendas. Não, disse-me ele, eu não vi o Minhocão, vi o seu rastro. Meu filho, sim, o viu uma vez e correu dele às léguas. Disse-me que era preto e parecia um enorme bote de quilha para cima. O rapaz estava numa canoa no

⁵⁷ Optei por destacar algumas das narrativas de Rayane com a mesma fonte e formatação utilizadas para as inserções das narrativas organizadas e escritas por mim, que apresentam um enredo mais semelhante às histórias de “Era uma vez...”. Também estão inseridas em fonte diferenciada e padronizada (Tempus Sans ITC), geralmente com formatação semelhante a citações diretas (reco, espaçamento simples entre linhas, tamanho menor da fonte). Outras, mais longas e explicativas, foram inseridas no corpo dos parágrafos, com fonte Time New Roman, mesmo que contenham algum diálogo.

rio Paraguai; encostou-se à terra e correu com todas as forças para casa. Fui ver o lugar e encontrei o seu rastro, na lama e no aguapé. Era uma depressão enorme, um sulco muito largo que só uma embarcação grande poderia ter produzido; e por toda a redondeza só havia canoas e essas mesmo pequenas... (RIBEIRO, 1908)⁵⁸

Na contação de causos os narradores experimentam várias posições, ora se colocando como protagonistas, ora contando sobre alguém que ouviu falar ou que viveu a experiência. Interação com os ouvintes e, atentos às reações e com as influências das interações, podem alterar alguns detalhes e descrições⁵⁹. Rayane continuou contando de suas memórias com os avós. De acordo com ela, há muitas histórias de bichos d'água. O Minhocão é um bicho d'água, assim como o porco d'água e o cavalo d'água. Há outros. Rayane cita a fala do pai para que os ouvintes não tenham dúvidas sobre a veracidade dos fatos:

- Meu pai conta que hoje não é modo antigamente. Antes não existia piracema, era liberado diretamente, toda hora que queria pescava. Daí, quando subia as cabeceiras de peixe, era a época que os bichos d'água mais ficavam assanhados. Ai aparecia porco d'água, onça d'água, cavalo d'água.

No escuro, eu ouvia e imaginava os olhos dela perdidos no horizonte e mergulhados no passado. Os ouvidos estavam atentos, as bocas estavam sem palavras, tudo era descrito:

- A onça d'água é igual a onça do seco. Só que é preta, fala meu pai.

Rayane explicou que pescavam de rede e, vira e mexe, os bichos d'água se enredavam e rasgavam as tramas. Era um sufoco. Redes rasgadas e, quando livres, os bichos corriam atrás dos pescadores. Contou que uma vez, estavam pescando à noite. Era rodada de anzol⁶⁰. Escutaram um barulho que vinha do meio do rio. Gritaram para o povo que estava mais para baixo:

- Olha o porco d'água!!!!

- Desceu lá pra baixo. - responderam.

Ufa! O porco passou por eles sem fazer nada. Às vezes acontece assim...

⁵⁸ Alípio de Miranda Ribeiro - lenda descrita no artigo "Ao Redor e Através do Brasil", revista "Kosmos", número 12, 1908. Disponível em: <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/lenda-do-minhocao/>

⁵⁹ Camara (2005, p. 6) ressalta que: "As crenças ancestrais se somam à inventividade do pantaneiro moderno. Começa haver uma mescla de informações sabidas pela tradição oral vinda dos pais com as informações chegadas da cidade, principalmente através do rádio e da televisão."

⁶⁰ A rodada de anzol é um jeito de pescar no Pantanal. O silêncio é fundamental. Os barcos descem o rio no movimento da correnteza e os pescadores jogam os anzóis um após o outro até terminar os cardumes. Neste momento, retornam remando ou com o auxílio do motor e soltam o barco na correnteza novamente.

Silêncio. Cada ouvinte com as suas caraminholas. Nenhuma palavra. A narradora pausou sem estranhar o silêncio. Quando sentiu vontade, trouxe outros personagens, alguns descritos com enredo, outros só citados:

Negrinhos D'água. Meninhos pretos que brincam.

Quando a gente morava na Barra⁶¹, caía muito na água durante o dia. Quando era noite se escutava barulho de gente caindo na água. Lá no meio do rio. Vinham nadando. Não tinha medo. Olhava da casa pro meio da água. A água parecia normal. Sem ninguém. O barulho continuava. Parecia que algo saía no seco e, de novo, *puf puf*, caía na água. Até uma meia noite.

Pé de Garrafa. Quando ele grita lá do morro, todo mundo que ouve sai fora de sentido. Ele deixa pegadas igual a fundo de garrafa.

"Um ser que não sei.". Quando foi um dia, meu tio veio de Cáceres, veio a remo, apontou⁶² lá embaixo. Falamos:

- *Olha lá, aquele é o tio Bernardo.*

Ficou aqui em casa. Minha avó morava ali do lado. Todo dia nós, minhas primas e meus primos, na água. Quando foi um dia, vinha rodando um pau cumprido. Puxamos ele, para pisar e dar de ponta na água. Num dia, quando a gente ia pular na água, mamãe gritou:

- *Criança, não pula criança! A água tá fervendo aí.*

Saimos. A gente não sabia o que que era. Se era jáú, arraiá... Não chegamos ver o que que era. A coisa chegou até na beiradinha do pau boiando. Mamãe viu, ela estava sentada na barranca do rio.

Paramos um pouco de cair na água, mas com o tempo, nós de novo. Esquecia dele e pulava. Amarramos uma corda no pau, pulamos lá no meio. Pegava a corda e balançava, ia lá no meio e pulava.

A coisa não apareceu mais.

Pombeiro. Homem preto, que vive na mata. As mulheres que encanta, ele emprenha com o olho. Aí, depois que a mulher ganha o bebê, ele pega e vai embora.

Tinha uma família. Uma mulher, um homem e uma menina. Teve um tempo em que a menina não saía pra fora de casa. Vivia só presa dentro do quarto dela. Quando a mãe dela chamava, ela não vinha.

Um dia a mãe dela sondou, ela estava barrigudinha. Aí a mãe dela pensou: - *Quem que tá dormindo com essa menina? O que ela foi fazer da vida dela?*

Passaram a sondar a menina. Acordavam de noite. Ninguém. Silêncio.

O pai dela trancou todas as janelas e portas. Perguntavam pra menina:

- *Quem é o pai do bebê?*

- *Ninguém!* - nunca sabia quem era o pai.

- *Como que filha minha vai ter neném? Criei pra casar! Agora ninguém vai te querer!* - Falavam a mãe e o pai.

A mãe dela escutou choro lá no quarto. Nasceu o bebê, era uma menina. Passados uns três dias, a menina que era mãe foi ao banheiro tomar banho. Ouviu assobiar. Quando ela voltou, cadê o bebê?

Perguntou para os pais se tinham pego o bebê. Não tinham.

⁶¹ Atualmente, Rayane e a família moram no aterro do Binega, cerca de 20min da Barra.

⁶² Apareceu.

Levaram a menina nos índios, que sabiam de tudo. O índio fez rezas, escutou e falou:

- Não se preocupem que não tem ninguém encostado no corpo da sua filha. Quem levou a criança foi a natureza, precisava de uma filha. Não vai fazer mal a ela.

Nunca mais viram a criança.

O sono não chegava. Rayane sentiu que havia ouvintes atentos e interessados em suas histórias. Passou a falar sobre mulheres e homens que foram encantados por seres das águas. Relatou que a sua avó contava a história de um rapaz que foi encantado por uma mulher que era do fundo do rio. O rapaz veio do rio e chegou muito nervoso em sua casa e sua mulher estranhou. Quando foi um dia, ele foi pegar água com a mãe dele e afundou direto. Sumiu. Passados uns três dias, o pai e a mãe viram o filho na areia. A mãe chegou perto dele para perguntar o que havia acontecido. O rapaz não esperou chegar mais perto, afundou e sumiu. Assim a turma da comunidade ficou sabendo que ele ficou encantado. A mulher do fundo do rio encantou e levou ele.

Rayane também falou que a avó contava a história de uma prima que ficou encantada. Encantada de verdade! Disse que a família morava perto de um rio que tinha um poço⁶³. Um dia, sentaram na beira do rio e perceberam que a menina sumiu nas águas. Quando retornou, perguntaram o que havia acontecido com ela. Disse que não podia contar. Continuou sumindo. Um dia pegou barriga. Quando estava para ganhar o bebê, foi deixada por ele na praia. Não sumiu mais.

A criança nasceu. Toda noite, na madrugada, ele aparecia para visitar. Um dia ele garrou a moça e a criança. Sumiu da casa da mãe dela. Lá para baixo havia um pé de ingá e uma casa. Era dos pais dele. Muito ricos. Rayane contou que a mãe do rapaz era muito ruim e mandou as escravas arrumarem o galinheiro para colocar a mulher e a criança lá. As empregadas⁶⁴ falaram para a patroa que a criança era sua neta. Ela dizia que não era, que a mulher estava querendo tirar proveito. Arrumaram bem o galinheiro, tiraram as galinhas, colocaram uma cama e forraram.

As empregadas falaram para a patroa que toda a noite o seu filho vinha ver a mulher. Quando foi uma noite, a patroa mandou os empregados cercarem o galinheiro para ver o que aparecia. Quando foi meia noite, cercaram o galinheiro. O visitante tentou sair para correr e se

⁶³ Lugar que se localiza em rios, lagoas e trilhas, com mais profundidade do que a média do local, geralmente formando redemoinho, que pode oferecer risco aos banhistas.

⁶⁴ Optei por manter os termos escravas e empregadas, sem uma análise contextualizada e histórica, pois foi assim que Rayane contou.

transformar, mas não deu mais tempo. Ele “desvirou”, era o seu filho. A mulher começou a falar que ia dar o melhor para a neta, ele falou:

- *Não mãe, obrigada pelo galinheiro que a senhora deu para a minha mulher.*

- *A sua filha merece berço de ouro.*

- *Não, obrigada pela cama velha que a senhora deu pra elas.*

Não tinha mais perdão. E ele foi embora com elas.

Rayane continuou animada para contar histórias. Há noites assim. Passou a contar uma história que ouviu de seu pai, um reconhecido narrador...

Havia uma menina, filha de conhecidos, que sumiu no rio. O padrinho da menina diz que viu o vestido que flutuava e que perguntou para a mãe da menina - sua comadre -, sobre a afilhada. A mãe falou que a filha tinha caído na água e sumido. Meu pai conta que vinha subindo de canoa e que viu o vestido boiando. Se aproximou, a menina riu pra ele, segurou na proa da canoa e, quando foi pegar a criança, ela afundou. Silêncio. Parecia que cada ouvinte buscava compor algumas imagens que, de certa maneira, vivificassem as histórias narradas. Rayane, encorajada por nossa atenção e expressões verbais, passou a contar de suas experiências vividas. Agora, lobisomem:

Esses tempos, tinha um pilotoiro. Chamava Paulinho. A turma falava que ele era lobisomem. Noite que ia fazer lua cheia, os cachorros não dormiam em todo lugar. Meu tio via a criatura e dizia que tinha o tamanho e a orelha de um burrico. Também contou que a criatura tentava sei lá, rinchar, sei lá eu. Os cachorros atrás dele.

A professora Mari gostava de pescar à noite, no porto, em frente da escola. De repente, ela e os alunos que pescavam, escutaram aquele troço que vinha vindo, aquele troço querendo rinchar. Correram para a escola. Os cachorros correram com a criatura pra baixo. Era lua cheia.

Um dia o professor Miguel viu também e disse pra minha mãe - dona Joana -, que achava que era seu Paulinho que estava virando lobisomem. Falou ter visto escalando a tela e que era um bicho horrível. Quando foi um dia Reginaldo falou que não existia, queria ver. O seu Paulinho tinha mudado daqui de perto da escola, estava morando pra lá do seu Cidi.

Uma noite a gente vinha tudo no tablado, conversando e foliando. Brincando de roda e de “guarda seu anelzinho não dá para ninguém”. Nós fomos pra casa, Reinaldo ficou mais um pouco. Mais tarde, quando estava no caminho de casa, os cachorros começaram a ir em direção à casa do seu Cidi. Reinaldo passou ali pela Boquinha - lugar que junta água. Estava seco. Continuou andando. Desconfiado. Parou, escutou. Pensou que era o touro. Continuou a caminhar.

Perto da sua casa, pegou uma vasilha e foi para o rio apanhar água. Ligou a lanterna... No que ele iluminou, o troço tava de pé, meio querendo rinchar. Reginaldo jogou a lanterna e a vasilha, não sabe nem pra onde. Correu pra casa e, lá dentro, seu Marinho chamou por ele:

- *O que é filho?*

- Eu vou pegar a 22 de papai. Se for touro eu vou dar uma paulada nele, mas se for esse troço eu vou dar um tiro nele.

- Sai não, filho. Fica em casa.

No outro dia Reginaldo chegou lá em casa dizendo:

- Nunca mais duvido, nunca mais duvido, nunca mais ando sozinho nesta estrada. Por que pensa em um troço feio!

Depois disso, a gente só ia e vinha de mutirão. Depois que o Paulinho foi embora, acabou, sumiu. Era ele mesmo...

Rayane contou de seres imaginários, mas sempre tendo presentes os elementos do Pantanal. Há histórias que têm o mesmo nome de outras que são conhecidas no folclore brasileiro, mas há diferentes elementos e jeitos de contar, até mesmo em outras regiões pantaneiras (CAMARA, 2007). Considerando que as narrativas transitam vivas entre as bocas e os ouvidos, não busquei a fidedignidade do que foi contado, mas o enredo que Rayane apresentava a cada nova história.

Mergulhando nas palavras que se articulavam nas memórias que foram habilidosamente compartilhadas pela narradora, foi possível observar alguns detalhes que trouxeram significados outros da vida ribeirinha. A compreensão e a memória são singulares. Algumas narrativas apresentavam mais detalhes, outras foram mais simplificadas. As criaturas, assustadoras, mas também encantadoras. Despertavam medo, mas também fascinavam. A dicotomia entre o bem e o mal se fez presente nas ações das criaturas que, geralmente, aparecem para uma pessoa e durante à noite. Há alguns ribeirinhos que gostariam de ver, pois há o desejo de dominar e vencer. Há outros que viram e não gostam de lembrar. Há aqueles que, só de ouvir falar, materializam as criaturas e tremem de medo.

No entanto, há pessoas que se sentem tranquilas ao pensar que, no Pantanal, há esses seres que, de alguma maneira, protegem a natureza e as gentes ribeirinhas, trazendo preocupação quando deixam de aparecer. Para melhor compreender, perguntei quando foi a última vez que uma destas criaturas apareceu. Rayane respondeu:

- Faz tempo, Mira. Depois que os barcos de turismo começaram a subir eles sumiram. Sumiram mesmo!

Os ruídos gerados pelos grandes barcos de pesca perturbam aqueles que vivem mergulhados nas águas, entranhados nas matas e sobrevoando os céus. Mia Couto (2012a, p. 19) colabora com esta compreensão: “[...] só os humanos sabem do silêncio. Para os demais

bichos o mundo nunca está calado e até o crescer das ervas e o desabrochar das pétalas fazem um enorme barulho. No mato, os bichos vivem de ouvido.”.

Há, nas narrativas de Rayane, a sabedoria de quem conhece o seu lugar e sabe de sua força e de suas fragilidades. Há a compreensão de que tudo está por um fio, que tudo é muito tênue. No Pantanal, há uma unidade que aproxima seres humanos e bichos - são natureza: “Era o que meu pai, naquele momento, invejava: ser um bicho. E, longe dos humanos, regressar à sua toca, adormecer sem pena nem culpa.” (COUTO, 2012, p. 19).

Ser gente, ser bicho. Estar no mundo e saber que há possibilidades de conversar com as nuvens, com a lua, com o rio. Acreditar que há sinais na natureza que indicam os movimentos do universo. Há jeitos de ler a lua? Há anúncios de que o tempo vai virar? É possível alterar as previsões da meteorologia? Os ribeirinhos acreditam que um círculo luminoso em torno da lua anuncia que o tempo vai virar. Será? Em uma noite que se fazia quente, vi a lua dentro de um círculo de luz trazer ventos frios. Contaram também outro segredo: pedir céu limpo, sem chuva, jogando um pedaço de sabão no rio.

Realidade? Ficção? Prefiro brincadeira. Encantar a vida. Viver sem definições, sem certezas. Viver criança. Até então, quando a chuva permanecia por muitos dias, ou quando havia uma festa e não se queria chuva, colocava um ovo no muro e pedia a Santa Clara a abertura dos céus. Depois de estar no Pantanal, comprei uma barra de sabão.

Os ribeirinhos, em sua maioria, conversam sobre as mais diversas temáticas e as crianças circulam, ouvem e seguem brincando. As notícias, informações e narrativas são ditas e ouvidas por quem quiser. Benjamin faz pensar sobre a importância de entender que: “A criança compreende perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que partam honestamente e espontaneamente do coração.” (BENJAMIN, 2012, p. 256).

No Pantanal as crianças estão por perto. Brincam. Ouvem. As histórias são contadas sem “adequações” e sem “infantilizações”, as palavras são pronunciadas com suas levezas e seus pesos. As crianças vão conhecendo os adultos. Medos, dores, alegrias, jeitos, gostos, crenças, esperanças, sonhos. Ouvem histórias que provocam arrepios. Aceleram as batidas do coração. Histórias que fazem rir e chorar. Falar e calar. Dormir e sonhar. São histórias contadas com poesia, com mistura de emoções e, nelas, às vezes de pernas para o ar, tudo existe em diferentes dimensões, como na narrativa de Mia Couto (2003, p. 163): “A gente não vai para o céu. É o oposto: o céu é que nos entra, pulmões a dentro. A pessoa morre é engasgada em nuvem.”.

Nesse correr da vida, as crianças sentem e compreendem muitos dos conflitos vividos pelos adultos. Vão se acostumando. Os contratempos existem, as crianças querem saber.

Entendem, cada uma à sua maneira. Gostam de estar com os adultos, de ouvir as suas histórias, de saber que participam de contextos familiares e sociais que se mostram a elas sem pudores. As gentes da Barra e do Paraguai Mirim, neste viver que se mistura, vão, como Friedmann (2013, p. 133): “Ensinando coisas que a gente aprende só de olhar.”

Na Barra e no Paraguai Mirim, seres nascem e morrem. São concebidos, esperados, cuidados e, por caminhos traçados e, às vezes, surpreendentes, retornam para a terra ou para as águas. A terra é fértil. As águas são profundas, também rasas. Há movimentos. Há pausas. Há redemoinhos. Suas linguagens têm de navegar, têm de voos. Têm terras, árvores, águas, peixes, céus, pássaros. Suas gentes vão tramando os fios que viram redes, vão misturando os grãos que se tornam alimentos, vão contando e recontando histórias de sempre e para sempre: “Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.” (COUTO, 2013, p. 123).

Nascer e viver na Barra ou no Paraguai Mirim, transitar pelo Pantanal, exige coragem, como descreve Costa (2013, p. 32): “[...] só permanece neste espaço, inóspito para a maioria dos seres humanos, quem detém [...] conhecimento do espaço natural e [...] quem conhece as limitações de exploração desse ambiente.”. Em seus saberes, fica evidente que os ribeirinhos reconhecem a importância dos cuidados com a natureza como fonte de vida, mas também de morte. Nesta cosmologia, a natureza é referência afetiva que lhes assegura o sentido de pertencimento a um coletivo que se traduz no cotidiano compartilhado (COSTA, 2013). Os jeitos de viver na Barra e no Paraguai Mirim são complexos e geram sabedorias que orientam o viver cotidiano. Há uma aparente simplicidade, e quase distração, que pode enganar aos primeiros olhares, mas Andressa, ao mostrar o jardim da sua casa, perto de um vaso de flor, falou:



- Aqui tem muitas flores. Esta aqui... Se você enfiar o dedo, sai sangue...

Mesclando vida e morte, beleza e dor, é possível constatar que a palavra natureza é histórica e polissêmica. Sendo estudada por diferentes filósofos como, por exemplo, Aristóteles, Kant, Descartes entre outros (MERLEAU-PONTY, 2006). Este longo percurso tem possibilitado a compreensão de que a natureza não se constitui como componente exterior aos seres humanos, não sendo, portanto, objeto a ser dominado e usado indiscriminadamente. Faz-se necessária uma contextualização integrada dos aspectos culturais, ambientais, sociais e econômicos que quebre paradigmas dicotômicos. Esta concepção rompe com ações de domínio,

controle e subordinação da natureza aos interesses particulares e econômicos. No entanto, aparentemente fragilizada, a natureza tem os seus jeitos e, quando não é respeitada, reage, às vezes, de maneira incontrolável, como ressalta Tiriba (2014, p. 15):

A natureza é um legítimo outro! Esta ideia está na contramão das concepções que orientam o modelo de desenvolvimento capitalista, urbano e industrial, que, em busca de matérias primas e de consumidores (as) de mercadorias, expande fronteiras, domina territórios e coloniza outros povos, desrespeitando direitos humanos, produzindo, ao mesmo tempo, desequilíbrios ambientais, desigualdade social e sofrimento psíquico.

A natureza, dialeticamente, é submissa e senhora de si, o que nos conduz a retomarmos Louv (2014, p.53), com seu alerta sobre a “criminalização da natureza”. Na Barra e no Paraguaí Mirim, embora sejam locais peculiares, sem a existência de placas proibitivas, há um certo “exagero de preservação” e de cuidado com a natureza implantados pela legislação e passíveis de constantes fiscalizações. Impostos aos ribeirinhos e fiscalizados. Às vezes, liberados aos latifundiários da região. Esta situação é recorrente e está largamente evidenciada nos estudos de Siqueira (2015). Segundo o autor, acabam cerceando as relações dos ribeirinhos com os elementos da natureza.

Esta constatação se faz na compreensão das dificuldades de prever exceções na legislação, pois implicaria, de certa maneira, em reconhecer que as ações dos ribeirinhos, assim como de populações originárias, ocorrem com impacto reconhecidamente menor do que os que ocorrem sob a égide do capitalismo e do lucro. Neste percurso, os mais atingidos são os ribeirinhos, pois com uma lei “dita para todos”, a fiscalização e as sanções os atingem sobremaneira. Historicamente, são seres integrados ao ambiente e passaram quase invisibilizados, por décadas. No entanto, quando se expandem os estudos relacionados aos ecossistemas, as comunidades passam a ser tratadas como categoria humana, se generalizam, como se fossem tão nocivas como qualquer outro grupo. Diegues (2008, p. 172) ressalta que:

Os ecólogos têm preferido deixar o homem de fora dos ecossistemas, pois a sua inclusão introduz variáveis socioculturais, tornando a análise mais complexa. [...] tendo excluído o homem de seu objeto de estudo, toda a transformação causada pelas suas atividades aparece como ação externa e com impacto sempre prejudicial à natureza.

Esta concepção tem dificultado a sobrevivência das famílias locais, pois estão constantemente sendo observadas e, em alguns casos, penalizadas. O agravamento da situação suscitou a organização dos ribeirinhos. A Ecoa tem sido um apoio para as suas reivindicações

junto aos órgãos públicos. Têm conseguido assegurar alguns direitos que estão relacionados com a cultura ancestral, no entanto há muitas perdas. A correlação de poder é muito desigual, quando comparada aos grandes proprietários (turismo e agronegócio).

São contextos bastante complexos, pois há evidências do aumento de ações que impactam de forma prejudicial e, até mesmo, destruidora do ambiente natural. De um lado os proprietários que têm outras fontes de sobrevivência, mas querem o lucro acima de tudo. Do outro, os ribeirinhos que só têm a sua fonte de sobrevivência na natureza e nos fazeres que exercem com e a partir dela.

Estudos, como os de Diegues (2008, p. 63), vêm evidenciando que: “Na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico.” A observação e os estudos socioculturais, têm levado os pesquisadores e a Ecoa a ouvir os ribeiros e a reconhecer o direito, histórico, de ali viverem e terem o seu sustento, integrados aos ecossistemas (CHIARAVALLOTI, 2019).

Esta concepção não é somente o reconhecimento de um direito, mas acima de tudo, a compreensão de que estas gentes, que estão imergidas nestes ambientes, como na Barra e no Paraguai Mirim, são sabedoras de muitos detalhes que fazem a diferença nos planos de manejo para cuidados de manutenção e de recuperação de áreas naturais (DIEGUES, 2008). Não só zelam, como são seres que detêm sabedorias que podem recuperar áreas degradadas, sendo guardiões agroecológicos. Às vezes, se tornam engraçados, na busca de alternativas para assegurar a sobrevivência. Encontram jeitos de espantar os possíveis obstáculos. Ouvem e sentem os bichos.

- Precisava catar isca no aguapé. Tinha um jacaré filhote. Joguei um pau, na água, perto dele. Começou a chorar. Mamãe falou que ele estava chorando pra mãe dele. Disse para ter cuidado. Quando olhei a mãe já tava vindo. Bem em cima. Ele tem um choro próprio pra chamar a mãe. (Rayane)

Na Barra, os corpos das crianças estão entregues às experiências e às aprendizagens disponíveis a cada momento. Geralmente as mulheres, sempre atentas, é que advertem sobre os riscos de as fêmeas defenderem os seus filhotes. As crianças demonstraram saber disso, pois desistiam das brincadeiras assim que os filhotes ficavam novamente sob proteção das mães. Também se tornou evidente que os corpos das crianças, durante as brincadeiras de perseguição

aos pequenos animais, estiveram expostos a machucados, mas, acima de tudo, a aprendizagens que nascem das traquinagens e que desafiam e estimulam as criatividade, as sensibilidades, as descobertas, entre tantos outros saberes que só acontecem na concepção defendida por Larrosa (2015, p. 26):

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

Esta escuta das gentes compõe uma concepção de unicidade, na qual somos a natureza junto com todas e todos. Tiriba (2010) destaca que há uma ameaça constante à permanência de vida no planeta quando ocorre o desequilíbrio entre sistemas culturais-naturais. Portanto, em defesa da vida, faz-se necessário reencantar as relações com a natureza (MANFROI, 2015). Os humanos são seres culturais-naturais, na concepção de que, de acordo com Aires (2014, p. 25)⁶⁵, a natureza: “[...] é um imenso ser onde a criança sabe se fazer ecoar, ecos bem audíveis e desdobrados unem um vão - distante - a outro. [...] Inteira, íntegra, cria campos de sentido, embeleza, faz sonhar.”. Às vezes, faz chorar.

A leitura de Tiriba (2010, 2014) e os achados de pesquisa permitem afirmar que, nestas comunidades, ocorrem manifestações de ruptura do antropocentrismo. Este caminho aponta para a relativização do poder e a consolidação de uma unicidade coletiva em que todas as manifestações de vida sejam respeitadas em suas singularidades. No entanto, estas aprendizagens só acontecem, via as experiências (BENJAMIN, 1980, 2000, 2012; LARROSA, 2015) e o sentir (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2002), o que se evidencia na afirmação de Tiriba (2010, p. 6):

Encantar-se com a beleza do dia, brincar na chuva, comer goiaba tirada do pé, ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu... que ensinamentos, que aprendizagens, que estados de espírito essas experiências propiciam?

É perceptível que as crianças que moram na Barra e no Paraguai Mirim vivem as possibilidades de conhecer e de amar o seu lugar como fonte de vida. São corpos desafiados a

⁶⁵ O autor “Jouberth Gandhi Maranhão Piorski Aires” está referenciado de acordo com a maneira com que se identifica nas obras. Às vezes Aires, outras Piorsky.

conviver e a respeitar a natureza, experimentando possibilidades, limites, medos e, neste percurso, é possível perceber que desenvolvem, desde muito pequenas e na vida comunitária, o autoconhecimento e a sensibilização, como elucidam Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 19-20):

A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba. [...]. Os meninos e meninas devem crescer na biologia do amor e não na biologia da exigência e da obediência.

Os dias passados no Pantanal, com suas gentes, permitiram compreender que os adultos, de maneira intuitiva e construída pelas próprias circunstâncias de vida, possuem um jeito respeitoso com as crianças, que ficam livres para circular, pular, correr, gritar, chorar, rir. Os adultos demonstram acolher as brincadeiras e peraltagens infantis quase sem censuras.

Esta concepção, que se fez e se faz na práxis, permite compreender que as crianças moradoras da Barra e do Paraguai Mirim vivem inseridas em espaços e culturas peculiares, integradas na natureza: “[...] e convivem com adultos que não perderam o hábito de conversar, de contar histórias e de se empoderarem do tempo e do espaço para viverem as suas verdades.” (MANFROI, 2015, p.182). Também as brincadeiras. As crenças. As aventuras. Os medos. A coragem que nunca falta. Os mistérios. O curso da própria vida, como Mia Couto (2003, p. 67) tão bem descreve: “Você, agora, deve ensinar o seu pai. Lhe mostre que ainda é filho. Para que ele não tenha medo de ser pai. Para que ele perca um medo ainda maior: o de ter deixado de ser pai.”.

Os enredos são diversos e surgem durante as conversas. Sem linearidade. Em uma tarde, depois de encostarmos o barco no barranco, tomando um café oferecido por dona Joana, ouvimos dela a história do desaparecimento de um jovem que caiu do barco. O pai viu, mas não conseguiu fazer nada. Morava ele e o filho. O homem foi embora da Barra. Não conseguia mais olhar o rio. Dona Joana contou que não acharam o corpo do rapaz, nada. A água tava barrenta. Os bombeiros ficaram sete dias. Era tempo de seco. Disse que correr, o rio não corria. A água estava parada. Raso. “*Não podia ver declarado.*”. A única coisa que acharam e que quase também matou o bombeiro foi uma “*loca*” - um túnel que vai pro moro, “*que vai sem enganchá*”. No lameiro, viram só um vulto. Não sabem se o bicho que estava ali entrou pra dentro, no buraco, e puxou o rapaz.

- *Puxou?* – perguntou Rafael.
 - *Puxou! De lá ele tremeu corda e o pessoal começou colhê ele. Já saiu quase loco.* (Dona Joana)
 - *Será que bicho que era?* (Rafael)
 - *Sei lá, se é um bicho que tá ali por baixo, né? Foi jacaré ou jaú. Jaú carrega o corpo. Piranha deixa calção, sangue, crâneo.* (Dona Joana)
 - *Jaú é um peixe grande que come gente.* (Zé Catarina)
 - *E não acharam mais?* (Rafael)
 - *Não. Nada.* (Dona Joana)

Os acontecidos não paralisam as comunidades. A vida continua. A dor fica. Tudo faz parte. Os riscos existem, mas as tragédias não são cotidianas. Neste contexto, as paredes e os espaços fechados são poucos, as crianças participam ativamente dos cotidianos. Ouvem as histórias. Parece não haver censura. Cada qual compreende do seu jeito e no seu tempo, mas há saberes coletivos, que passam de geração para geração. Dona Joana conta, porque precisa compartilhar suas dores. Também é uma maneira de acolher quem chega. Foi assim que ouvi as suas palavras que, com o tempo, foram ficando mais aveludadas.

A natureza, às vezes tão misteriosa, se oferece como caminho de experiências de infinitas sensibilidades em suas texturas, cores, sons, densidades. As crianças experimentam, dos seus jeitos, mediadas pelo coletivo. Desenvolvem habilidades ao proporem, e às vezes exigirem, respostas diferenciadas que mesclam força com delicadeza, agilidade com paciência, cuidado com coragem. Encanta observar as sensibilidades dos corpos infantis como caminhos do sentir e do conhecer, como reflete Peo (2014, p.112):

Na convivência corpo a corpo com a natureza e seus elementos, os gestos das crianças vão se arredondando e suas mãos revelam-se mais harmoniosas em um corpo que se experimenta espontaneamente, brincando. A criança faz acontecer esse contato com a liberdade que lhe é peculiar, manifestando no corpo e através do corpo a sua intimidade com a natureza.

Os corpos das crianças da Barra e do Paraguai Mirim trazem interlocuções e a compreensão do viver e do ser criança no exercício constante de se experimentarem em diversos cenários e afazeres, gritos e silêncios, movimentos e quietudes. Este jeito aventureiro e ariscado

de viver faz parte do cotidiano, exigindo aguçada atenção. Em uma tarde, fomos tomar banho em um afluente do rio Paraguai e o conhecimento dos ribeirinhos nos protegeu. Havia muitas arraias⁶⁶ e eles atentamente foram nos indicando onde poderíamos pisar e qual o melhor local para nadar. Fomos livrados de ferroadas. Fui percebendo que naquele banho havia sabedorias. Os livros ajudam, mas a vida, no provar e no sentir, se faz mestra. Mergulhada no rio, percebi que estava dentro do poema de Manoel de Barros (2010, p. 450): **"Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial? Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe."**

Senti, ao cair nas águas cristalinas, o arrepio e o medo do desconhecido, mas ao mesmo tempo fui acolhida pela temperatura morna que me fez esquecer dos possíveis riscos. Vivi a experiência preconizada por Benjamin (1980, 2000, 2012) e Larrosa (2015), e me coloquei como uma mulher "exposta". Mergulhei sob o olhar atento e cuidadoso dos ribeirinhos, com seus saberes gestados nestas matas e águas. Estes corpos brincantes caem no rio com intimidade. Caem, correm, nadam, sentem o que as águas trazem ou podem trazer. Encontros. Superfície. Profundezas. Aprendizagens. Vida.

Brincar com eles neste rio, foi o início da desconstrução do estranhamento inicial de uma pesquisadora urbana que, ao chegar na Barra e no Paraguai Mirim, teve a impressão que não havia muito o que ser feito para além de ficar sentada à sombra de uma mangueira, conversando e olhando o rio. Descobri muitas coisas com estes ribeirinhos e os seus cotidianos. Outras, que não me cabiam, ficaram encobertas. Algumas, vividas, não serão escritas. A permanência nas comunidades, bem como as idas e vindas, foram conferindo autorização para adentrar em algumas conversas e assuntos. Embora as mensurações sejam relativas, as sabedorias requerem um tempo para serem compartilhadas, sentidas e compreendidas:

Algumas vozes das florestas, dos desertos, fazem muitos anos, têm nos dito coisas muito simples. Estivemos ocupados demais em conquistar para aprender a compreender. O tempo é chegado. Saibamos ouvi-los, povos da terra, filhos das florestas. Eles nos fazem o melhor convite: sermos segundo os nossos termos e apenas mudando o essencial em nossos modos de vida e sistemas de pensamento, não mais *senhores do mundo*, mas *irmãos do universo*. (BRANDÃO, 1994, p.41)

⁶⁶ Segundo a Embrapa, a arraia corre nos rios, vazantes, corixos e baías do Pantanal. Alimenta-se de pequenos peixes, crustáceos e moluscos. Existe três espécies de arraias no Pantanal. Fonte: <http://www.cpap.embrapa.br/agencia/peixes/Peixe002arraia.htm>

Esta quebra de hierarquia também se faz com as crianças, que experimentam sensações e sentimentos no cotidiano das comunidades na qual vivem. Durante as brincadeiras, num processo de entrega, as crianças exercitam o ser e o estar no mundo, com seus afetos e seus corpos, por meio dos movimentos, dos risos e dos sonhos, como caminhos de seus protagonismos (HORTÉLIO, 2012, 2014, 2018). Nesta concepção, o brincar se amplia como semente das expressões individuais e coletivas, como caminho de manifestações internas e externas, que possibilitam pensar em uma ressignificação do humano, como ressaltado por Peo (2013, p. 53): “O brincar é aqui focado como uma expressão que nasce no corpo e se prolonga em movimentos de ‘sentido’. Nada é aleatório no repertório das brincadeiras das crianças, pois elas carregam dentro de si uma memória do passado e do futuro.”. Para esta autora, na mesma obra: “A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar a sua relação com o mundo.” (PEO, 2013, p. 54), que vão ao encontro da afirmação de Santin (2001, p. 27), de que as crianças são: “os grandes mestres do brinquedo”. Era no final do dia, estávamos tomando banho de rio, quando Stefani viu um barco:

- Tomara que ele faça onda. Gosto quando o rio fica com ondas.

Os barcos passam, deixam rastros de ondas nas águas. A paisagem que parecia entediante, delimitada por duas curvas de rio e a serra ao fundo, se mostrou mais surpreendente do que as janelas da minha casa. O barranco foi lugar de espera, de nada fazer, de tudo acontecer. A chuva que chegava se fazia anunciar em detalhes: a brisa que soprava, as nuances de cores no céu, as ondulações das águas, o recolher dos bichos, o revoar das aves, os primeiros pingos. Poder dormir com menos calor. Talvez com cobertor. O tempo da espera. O tempo da escuta. O tempo da reconexão.

As estadas na Barra e no Paraguai Mirim significaram mergulhos para dentro de mim mesma, navegando nas águas do Pantanal, indo ao encontro de saberes ancestrais que repercutiram nas lembranças da minha infância e na plenitude do meu ser.

Prá que serve uma faça?

Amanhecer na base da Ecoa é amanhecer devagar, ao sabor do tempo da vida que se faz de cheiros, de cantos de pássaros, de água correndo. Tem bocejos, espreguiçar, conversa, café com pão caseiro e ovos.

O dia vai sendo programado aos poucos, é preciso barco para circular. Na Barra, Milena e as crianças me esperavam para almoçar. O barco da Ecoa passaria por lá. Peguei carona. Assim foi. Jaburu me deixou na Barra.

Desci com a coisas que levei – carne de sol, arroz, tomate e repolho. Cheguei com a ideia de cozinhar. Tarde demais. Já haviam almoçado:

– *Pensei que não vinha mais, Mira. Mas guardamos um pouco de caldo que meu avô fez pra nós, quando soube que você iria almoçar aqui.*

– *Mi, dependia de carona. Desculpa. Muito obrigada. Faço questão de comer.*

– *Não tem problema.*

– *Milena, tem uma surpresa, eles precisam almoçar por aqui. Tudo bem?*

– *Eles todos? (olhar preocupado)*

– *Sim, mas pode ficar tranquila. Trouxe os alimentos e, se puder usar a sua cozinha, preparo. E vocês, comem com a gente.*

– *Pode usar a cozinha sim, claro! Vem aqui...*

Subimos na casa, lá estavam as crianças. Léo, Maria Helena e Maria Clara. Comecei a agilizar o almoço. A Milena foi lavando os pratos e organizando algumas coisas. Coloquei água para ferver. Diminuí o sal da carne. Arroz, Milena tinha feito de sobra. As outras pessoas da família de Milena – mãe, pai e avô – tinham saído para pescar.

A faca era muito boa, a mais afiada que usei na vida. O dono de tal preciosidade? O avô de Milena, com a sua pedra de amolar, retirada dos morros que compõem as paisagens pantaneiras – a Serra do Amolar. Assim, aprendi a origem do nome do lugar.

Piquei a cebola. Piquei a carne depois de trocar a água duas vezes. Aquela faca já não era somente um objeto. Enquanto eu cozinhava, Milena foi contando que a faca está com seu avô há muitos anos. Ele morre de ciúmes. Passei a segurar a faca com mais cuidado. Se tornou um sacramento. De repente, Milena conta que o avô usa aquela faca até para aparar a barba, de tão afiada que é. Ri. Há facas que têm histórias. São os temperos que só existem no Pantanal.

Próximo ao fogão tem uma cama de casal. Ali estava a Maria Helena e o Léo, que me olhavam. Maria Clara ajudava a arrumar a cozinha e me alcançava as coisas que não conseguia encontrar. Léo e Maria Helena, depois de um tempo, começaram a se empurrar. A brincadeira durou até um deles chorar. Maria Clara acudiu. Peraltices.

A carne já estava bem frita. Desliguei o fogão a gás. Comecei a cortar o repolho. Milena enxugava os pratos. Maria Clara olhava Léo, que saiu para a varanda. Milena foi tomar banho. Cortei os tomates. Léo começou a chorar. Fui esquentar o caldo e o arroz com ele no colo. Maria Helena olhava para tudo, sentada em cima da cama. Maria Clara enxugava os talheres. Entre histórias, choros e brincadeiras, o almoço ficou pronto.

O barco da Ecoa chegou. Rafael, Jaburu e Mark – antropólogo e pesquisador inglês – desceram. Milena organizou a salada de tomate e repolho. As panelas foram levadas da cozinha para uma mesa. Almoçamos embaixo de uma árvore, de frente para o rio. Paisagem encantadora. Inesquecível como o delicioso caldo de peixe do avô.

Acolhida. Simplicidade. Grandeza que se oferece ao redor da mesa e no compartilhar dos alimentos. Vida.

Na quietude dos espaços e dos tempos pantaneiros, distante dos contextos aos quais estou habituada, com limitado acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação, tive a possibilidade de viver experiências profundas que colocaram em questionamento alguns referenciais e me conduziram ao encontro do que sou. No constante movimento de expansão, de rememoração, de reflexão e de transgressão, como ressalta Hillman (2001, p.17):

Lendo a vida ao contrário você pode ver como obsessões antigas são o esboço de comportamentos atuais. Às vezes os picos dos primeiros anos jamais são ultrapassados. Ler ao contrário significa que o crescimento é menos o termo do que a forma biográfica chave, e que o desenvolvimento só faz sentido quando revela uma faceta da imagem original. Evidentemente a vida humana avança dia a dia e regride, e realmente vemos faculdades diferentes desabrocharem e murcharem. No entanto, a imagem inata de seu destino engloba concomitantemente o hoje, o ontem e o amanhã.

No exercício desafiador de estar na Barra e no Paraguai Mirim as minhas experiências de infância emergiram. Reaprendi as trilhas da simplicidade e das poucas posses, reencontrei os caminhos da plenitude do meu ser. Sorri, confiei, rememorei a minha infância e fiquei com a sensação das brincadeiras de criança quando **"Tudo se resolvia com cambalhotas."** (BARROS, 2010, p. 164).

As características geográficas da região da Serra do Amolar, a organização em diferentes locais de moradia, a baixa renda familiar, bem como a distância de Corumbá - a cidade mais próxima -, diminuem significativamente a reposição dos brinquedos industrializados que, em sua quase totalidade, estão quebrados e abandonados. Esta ausência poderia ser percebida como uma carência, no entanto, considero que os elementos da natureza e o próprio corpo, incorporados ao brincar, são caminhos de descobertas, pois junto com Peo (2013, p. 45):

Reunimo-nos aos poetas e pensadores que há muito vêm apontando o brincar na categoria de um ato sagrado, por ele ser continente do mistério da vida, de um segredo que se encontra presente na unidade e multiplicidade dos infinitos gestos através dos quais as crianças vão se apropriando do mundo à sua volta, [...] rumo à aventura da consciência.

Esta concepção coloca o brincar como caminho de ampliar a humanização, aberto para todas as idades. As crianças são mestras e convidam para mergulhos, entregas, liberdades. Também traquinagens e peraltices. Houve **"desespero"**, o não esperado, o inusitado, o surpreendente. Acalmei meus olhos aflitos, serenei, esperancei. Minhas **"raízes criancieiras"** encontraram com saberes ancestrais, histórias de vidas e de mortes. Compreendi, com a poesia de Manoel de Barros (2010, p.302) que: **"As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul - Que nem uma criança que você olha de ave."** Houve milagres.

Meninas e meninos criam e recriam maneiras de estar na Barra e Paraguai Mirim para além da imitação dos adultos. O tempo todo, o dia inteiro, inventam maneiras de se relacionar com tudo que está ao seu redor.

- Nem mosquito para este menino! (Rayane)

Mosquitos animam os dias e as noites. Fazem parte. O cotidiano envolve e encanta. Tudo comunga. Aparentemente, parecem imitar os adultos quando pescam e trazem para as suas casas o que foi pescado ou quando matam mosquitos. Podem parecer simples brincadeiras, preparações para a vida adulta ou, ainda, em minha compreensão, ter significados outros para as crianças que vivem estas experiências, nos contextos de suas culturas, como sugere Cohn (2005, p. 31): “Parte da brincadeira, sim; mas uma brincadeira com consequências, e que inaugura uma relação de troca que será importante para toda a vida. É a criação de uma relação social onde antes havia só a promessa, ou a possibilidade dessa criação.”

As crianças que nascem na Barra e no Paraguai Mirim são inseridas em culturas ancestrais, mas vão descobrindo caminhos para ampliar suas experiências e inaugurar novos jeitos de estar no coletivo e na natureza. Circulam com autonomia, desde pequenas e, como enfatiza Cohn (2005, p. 30): “[...] cada criança criará para si uma rede de relações que não está apenas dada, mas deverá ser colocada em prática e cultivada. Elas não ‘ganham’ ou ‘herdam’ simplesmente uma posição no sistema de relações sociais e de parentesco, mas atuam na criação dessas relações.”. Os adultos que com elas convivem, seus guardiões ancestrais, vão compartilhando personagens, histórias, mitos, experiências, como nos conta Friedmann (2013, p. 78):

Na transmissão oral ainda está o berço dos valores culturais dos diversos povos e grupos. Grande parte desta riqueza não está inscrita em nenhum livro, mas nos muitos cotidianos brincantes através dos seus atores principais: as crianças. Elas possuem repertórios e conhecimentos que ultrapassam bancos escolares, enciclopédias ou computadores.

As crianças ouvem histórias e, cada uma, do seu jeito, vai construindo os seus guardados de memórias. Estar com as crianças é se aproximar de um espaço íntimo e único, que pede gentileza e respeito, como ressalta Friedmann (2015, p.39): “O universo das crianças é sagrado. E, nesse sentido, são necessárias muita delicadeza e a humildade de - verdadeiramente - nos curvamos e pedir ‘licença’ para adentrar os espaços sagrados infantis.”. Com esta compreensão e zelo, estive com as crianças e as gentes ribeirinhas como aprendiz de suas sabedorias e, neste percurso, silencieei, ouvi, mergulhei, acolhi, interagi. Às vezes, fiquei angustiada, queria perguntar, senti insegurança, senti desejo de falar das minhas experiências, tão distantes e, ao mesmo tempo, tão próximas. O que compartilhar? O que calar?

Intencionalmente busquei me esvaziar de certezas e conhecimentos. Me tornei aprendiz. Com o tempo, ultrapassei a mera estratégia teórico-metodológica. Vivi a experiência de estar com elas, em suas inteirezas, como o único caminho que se abria para que pudesse, parafraseando Friedmann (2015), com elas viver a essência particular de cada uma, com suas profundezas e singularidades. Elas se abriram para me acolher e foi um privilégio aprender com suas vidas.

Léo olhou para mim e apontou o dedo para uma marca em sua pele. Picada de mosquito. Não disse nada. Seu olhar parecia ser de queixa.

Intimidade! Ser convidada para olhar a marca de picada de mosquito em Léo. Marca que dói, incomoda e ensina sobre o viver na Barra e no Paraguai Mirim. Não há explicações, há experiências. O mesmo Léo também foi mordido por uma piranha, lembram? O pai acudiu, mas não impediu o que era provável de acontecer. Com os mosquitos é preciso aprender a conviver, a controlar a perturbação e também rir. Sabem que existem e que são muitos. Usam o “penacho”⁶⁷ e/ou se colocam no rumo da fumaça⁶⁸. Viver na Barra e no Paraguai Mirim requer resistência. As crianças são expostas e seus corpos, desde muito pequenas, vão se adaptando a permanecerem no Pantanal. Ficam histórias, ficam experiências, ficam aprendizados, ficam marcas.

A partilha, do que se fez singelo e profundo no cotidiano, me conduziu à percepção das marcas oriundas das genéticas, das muitas picadas, batidas, mordidas... Os corpos das crianças pantaneiras têm história, têm manchas, como tantos outros corpos. E a onça? Pergunta Zeca Baleiro. Também tem?

Ê onça pintada
Quem foi que te pintou?
Quem te pôs o preto
Quem te pôs o preto
Quem te amarelou

Por que tu não é vermelha, onça
Nem é rosa-choque a tua fuça
O teu olho parece de louça
Quem achou de te pintar

⁶⁷ O “penacho” é confeccionado no cacho do bacuri - palmeira da região -, quando caem todas as frutas. Se parece com um rabo de cavalo, com uma média de 50 centímetros de comprimento, sendo usado para espantar e/ou matar os mosquitos. Também ajuda a coçar a pele, quando houve picadas. O uso do “penacho” causa muitas risadas, porque dizem que para saber usar, tem que saber mexer o rabo. E como sabem!

⁶⁸ O fogo, que gera fumaça, é uma tradição muito usada pelas famílias nas temporadas de mosquito. Ficar no “rumo da fumaça” é uma alternativa para se proteger das picadas. O fogo pode ser feito diretamente no chão ou em latas. A fumaça protege também os animais, pois há relatos de mortes de cachorros por excesso de picadas de mosquitos.

Tanta pinta preta, poxa, onça
 Mas um dia nem que a vaca tussa
 Eu te pinto de azul-da-Prússia
 Que bonito vai ficar

A onça sabe. Quando nos entregamos à vida, impossível passar sem marcas e manchas. Vamos ficando marcados e manchados. Vamos marcando e manchando as pessoas, as coisas, os animais que por nós passam... As marcas e as manchas são a nossa história, que foi e está sendo. Há aquelas de nascença, de picadas, de queimaduras, de tombos. Há algumas escondidas. Outras, invisíveis.

O enredo da vida se dá com a pintura de nossos corpos, que aos poucos vão se tornando singulares. As marcas e manchas, nascem conosco e/ou acontecem depois de determinadas experiências. São memórias que, no decorrer da vida, vão se modificando. Algumas se ampliam, outras diminuem, poucas desaparecem. Todas convidam para lembrar. Às vezes, é difícil. Outras, dolorido demais. Por vezes, belo.

Hillman (2001, p. 46) evidencia que: “Um sintoma quer ser olhado, não apenas examinado.”, sendo que esta atitude amplia as nossas percepções de quem somos, ressignificando nosso estar no mundo e nos convidando a sentir que, como destaca Hillman (2001, p. 47):

A vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida. Ela pede primeiramente para ser vista. Mesmo se cada imagem estiver de fato prenhe de significados e sujeita a uma análise minuciosa, se pularmos para o significado sem apreciar a imagem, teremos perdido um prazer que não pode ser recuperado nem pela melhor das interpretações. Teremos também tirado o prazer da vida que estamos contemplando. A exibição de sua beleza torna-se irrelevante para seu significado.

A onça nasceu com pintas. Há também um peixe, que se chama pintado. Borboletas, há de muitas cores e desenhos. Assim nascem, assim vivem. Muitas vezes, com várias marcas. E as gentes? Seres pensantes! Queremos explicações e mais explicações. Nos observamos e encontramos defeitos, feiuras, partes que queremos modificar, negar. Entristecemos. A nossa história de vida, repleta de marcas e manchas, pode ser caminho de cura, reencontro com a nossa beleza, apaziguadora de nossas dores. No entanto, nos afastamos de nós mesmos, na busca incessante de uma beleza padronizada. Há quanto tempo não olho para as minhas marcas? Há quanto tempo você não fala sobre as suas manchas? O que deixamos de viver e de experimentar?

Os corpos das gentes das bordas dos rios não se guardam do vento, da água, do sol, da terra, dos anzóis afiados, dos dentes dos peixes, das picadas de insetos, do corte das facas, das espinhas espremidas. São corpos expostos (LARROSA, 2015). Vi marcas minúsculas, pequenas, grandes, médias, escuras, claras. Algumas com um pouco de sangue, algumas com a casquinha recém arrancada, outras encobertas de terra, algumas encontradas pelos pequenos peixes do rio. As marcas, as dores, as reações alérgicas não parecem preocupar. Tudo faz parte da vida. No entanto, no cotidiano, nada passa despercebido, quase tudo é comentado.

Depois de jogar futebol com as crianças, no primeiro dia que estava lá, me disseram:

- *Mira, já se olhou no espelho?*

Estavam com um riso guardado dentro da boca, talvez com vergonha da minha reação.

- *Sua cara tá demais de vermelha. Acho que sua testa vai rachar.*

Gratidão. Estava escrevendo a minha história por ali, meu corpo sendo rabiscado por meus caminhos. As manchas minhas, daquele lugar, estavam sendo notadas. A “rachadura” não me preocupava. Leonina, nunca fugi do sol. Pelo contrário, sempre estive sob seus raios. Não temi o “resultado estético bacana” (Zeca Baleiro). O meu corpo estava dialogando, minha testa ganhou palavras. Gratidão mancha vermelha, por este registro de que estou viva, estou imersa, estou experimentando, estou em movimento...

1, 2, 3, 4, 5, 6... vezes mais

Paramos na casa de Rosângela, no Paraguai Mirim. O seu marido estava fazendo uma canoa de um pau só. Incrível!

Sentei em um banco de madeira. Uma menina se aproximou da mãe, Rosângela. Ficou próxima a ela. Rosângela falou que não havia mandado a criança para a escola porque estava com um pouco de febre.

A menina foi para dentro de casa. Voltou com uma lata nas mãos. Sentou ao meu lado, no banco. Abriu a lata e falou:

- *Joga comigo?*

- *Jogo.*

Jogamos cinco, ou seis, ou sete partidas de dominó. Ela perguntou:

- *Qual seu nome?*

- *Mira. E o seu?*

- *Andressa.*

O barco estava com todos os tripulantes dentro. Hora de ir, mas esperaram Andressa encaixar a última peça do jogo. Ela olhou para mim e falou:

- *Volta pra gente jogar mais.*

No Pantanal, fui sentindo que o tempo abre caminhos. Também os jeitos de estar, com suas gentes, em seus lugares. As frestas vão se ampliando de maneiras sutis e emocionantes.

Jogar sementes e confiar que, ao seu tempo e do seu jeito, brotarão acolhidas, abraços, mimos, delicadezas, surpresas...

Peixe é presente?

Casa da dona Joana e família, aterro do Binega. Fui recebida com sorrisos largos.

- *Mira, veio matar mosquito?*

- *Tô pronta pra isso! Mas aqui parece que não tem!*

Riram muito, mosquito era o que mais tinha. Dona Joana continuou falando:

- *Já comeu peixe esta vez, Mira?*

- *Ainda não, estava querendo pescar amanhã. Disseram que tá bom de peixe.*

- *Rayane, pega aquele peixe pra Mira. Aquele que já tá limpo.*

Me olhou e falou:

- *Assim você vai comer peixe.*

Rayane chegou com um peixe, em uma vasilha.

- *Quer mandioca, Mira?*

- *Se tiver, eu quero.*

- *Gean, pega um saco e põe a mandioca pra Mira.*

- *Mira, peixe é bom com mandioca.*

Eu não sabia como agradecer. Transbordei de alegria.

- *Depois eu trago a sua vasilha.*

- *Tá bom!*

Cheguei na base da Ecoa. Fui na cozinha mostrar o peixe para Edilaine, a querida que cozinhava para o grupo. Ela me olhou e disse:

- *Filé de pintado? Dona Joana te deu?*

- *Foi ela quem me deu. É filé de pintado?*

- *Ela gosta mesmo de você. É um dos peixes mais nobres e já mandou limpo!*

Respirei profundamente. Entendi que aquele peixe era um dos presentes mais especiais daquela região. A janta daquele dia já estava pronta. Ela me disse que iria fazer o peixe no outro dia, para o almoço. Fez frito e ensopado. Peixe temperado com confiança, com afeto, com cuidado, com amizade. O peixe mais sabo(amo)roso que já comi.

No outro dia, peguei o pote e caminhei para o barco. Edilaine me chamou:

- *Mira, vai devolver o pote sem nada dentro?*

- *Nem lembrei disso. Desculpa.*

- *É que aqui, a gente não devolve pote vazio. Pera aí que vou pegar umas frutas.*

Esperei, um pouco envergonhada. Em minha rua de infância, vivemos esta partilha.

Edilaine voltou, colocou as mexericas. Agradei.

Cheguei na casa de dona Joana, sem saber se deveria pagar o peixe, afinal este é o trabalho deles. Intuitivamente achei que não deveria. Quando Ray olhou as frutas dentro da vasilha, fez um olhar de aprovação.

Era isso! Não precisava de mais nada.

A vida no Pantanal, impregnada de liberdades e de trocas, tem zelos e cuidados. Os ribeirinhos sabem que os mosquitos descem o rio de carona, em “ilhas de aguapés”. Também sabem que a cor preta atrai os insetos, o que faz os cachorros de pelagem escura serem os transportadores preferidos e, os cantos escuros, os paradeiros. Todas as janelas e portas têm telas, mas... Há muitas frestas e buracos. Há mosquitos que aproveitam o tempo de abrir e fechar para entrarem nas casas... Um aprendizado: sacudir e bater no corpo para afastar os mosquitos

que estão grudados nas roupas, antes de abrir as portas. Ali se faz assim, mas um dia pode mudar:

Mas o que a experiência faz, precisamente, é acabar com todo o dogmatismo: o homem experimentado é o homem que sabe da finitude de toda a experiência, de sua relatividade, de sua contingência, o que se sabe é que cada um tem que fazer a sua própria experiência. Portanto, trata-se de que ninguém deve aceitar dogmaticamente a experiência de outro e de que ninguém possa impor autoritariamente a própria experiência ao outro. (LARROSA, 2015, p. 41)

Os ribeirinhos - crianças, mulheres, homens -, por conta do sol e dos muitos mosquitos, usam camisetas de manga comprida, calças jeans e chapéu/boné, mesmo quando o calor é forte. Quando vão catar iscas, usam macacão apropriado, com botas. No entorno das casas usam roupas mais leves e chinelos. As crianças geralmente estão descalças. Com o decorrer do tempo, nos exercícios de se expor, a pele vai se acostumando e todo o ser vai gestando maneiras de conviver com o que é parte da natureza pantaneira. No entanto, há a compreensão dos limites e do tempo de cada ser. Em uma das minhas estadas no Paraguai Mirim, observei que Iara, ainda bebê, não estava na casa. Contaram que foi levada para Corumbá porque era temporada de mosquitos (dezembro a março). Iara precisa se fortalecer e se acostumar. Aprendizados. Cuidados. Respeito.

No Pantanal há cuidados com as crianças pequenas que, aos poucos, com o crescimento de cada uma, vão deixando de acontecer. Nos tempos de cheia acontece a “decoada” - água parada e contaminada em poças, com morte de peixes⁶⁹. Os adultos continuam a ingerir a água do rio, mas fervida ou utilizando outros procedimentos purificadores (pedras de cloro, exposição ao sol e outros). No entanto, as crianças pequenas só tomam a água que é trazida de uma baía próxima da Barra.

- A gente busca água na baía porque as crianças passam mal. Ficam com diarreia e vômito. Quando tem combustível a gente vai de rabeta, senão vai remando. (Leonora)
 - Até que idade vocês têm este cuidado? (Mira)
 - Até uns oito anos. Depois acostumam. (Leonora)

⁶⁹ Decoada, grafada anteriormente como dequada, é um fenômeno que acontece no período das cheias, anualmente, como resultado do período de estiagem anterior, pois é quando os níveis da água avançam sobre as terras secas. O efeito mais visível é a mortandade de peixes e a deterioração da qualidade da água que fica com a cor avermelhada (chá mate). As taxas de oxigênio baixam, as de gás carbônico sobem. A água fica tóxica. Mesmo causando morte, a decoada é considerada um fenômeno natural importante na regulação de organismos resistentes às modificações ambientais e equilíbrio natural (ANDRADE, 2011).

Há cuidados que se voltam para as crianças pequenas, recolhidos nos saberes ancestrais. Devagar, quase em círculos, as falas vão revelando que há uma concepção de uma certa fragilidade das crianças pequenas, que exigem cuidados específicos. São corpos expostos, mas compreendidos dentro de um processo de fortalecimento. Há avanços e há recuos, orientados pela observação atenta dos adultos. Uma das sabedorias locais é que os cabelos não são cortados muito curtos nos períodos de mais mosquitos. E os piolhos?

O barco do pai de Léo encostou no barranco. Depois de um mês longe de casa. O homem desceu e olhou para a mulher:

- *Por que cortou o cabelo dele tão curto? Nesta época de mosquito?* (Robson)

- *Por conta dos piolhos. Cortei com lâmina de gilete.* (Milena)

Há questionamentos. Há compreensão das situações às quais as crianças estão expostas. Milena é tranquila, assumiu o que fez sem dar muitas explicações. Robson, ribeirinho, parece ter compreendido. Léo, o menino mordido pela piranha, picado pelo mosquito, estava com um novo corte de cabelo. Livre dos piolhos, mas com uma “peruca” de mosquitos, constantemente abanada por quem passasse por perto. O pequeno Léo, exposto aos encantamentos e aos desafios de viver no Pantanal, vai ocupando o seu lugar na família e na comunidade. Provoca sua mãe e seu pai a pensarem e tomarem decisões: Evitar o risco da mordida? Deixar exposto aos mosquitos? Combater os piolhos? Cortar o cabelo?

No estradar pela vida no Pantanal, minhas experiências dialogaram com a concepção de que, como Sayão (2008, p. 94): “[...], quando me refiro ao corpo, não o faço para designar unicamente a dimensão material do ser humano - a carne - também isso, mas, sobretudo, as construções culturais que se produzem sobre e a partir dele.”. As crianças trazem aprendizados, dinamismo e buscas de desaprender para aprender de jeitos outros, construindo histórias singulares e plurais. Há atitudes flexíveis (cortar os cabelos, roupas e outras tantas). Há outras que não se negociam (beber a água da decoada, por exemplo). No restante, há liberdades e experiências.

Quintal de seu Marinho

Final da manhã. Calor. Chegamos na casa do seu Marinho - um dos mais antigos moradores. Jaburu, André Restel, Rafael e eu.

Seu Marinho estava sentado em uma cadeira na frente de sua casa. Chegamos. Um dos seus muitos filhos veio puxando bancos de madeira que estavam espalhados no pátio. Fomos sentando. Roda de conversa.

Havia pessoas dentro da casa, as crianças entravam e saíam... Circulavam... Corriam... Eu ali, olhava seus caminhos. Uma porca solta, deitada na lama, com as tetas bem inchadas. Alguns porquinhos mamavam, outros fugiam...

As crianças, uma menina e um menino, brincavam de laçar os porquinhos e passear com eles, como se fosse uma coleira.

Um menino menor assistia aquela caçada, atento e envolvido. Quando riam, ele ria. Quando se assustavam, ele se assustava. Quando recuavam, ele recuava. Quando avançavam, ele avançava. Quando capturavam um porquinho e comemoravam, ele comemorava. Quando saíam para passear com os porcos, ele seguia. Posicionado atrás. Uns três passos dos maiores, mas era como se estivesse ao lado.

Os porcos gritavam muito, quando eram puxados. Seu Marinho – que não se levantava, mas acompanhava tudo –, pediu a dona Maria que falasse com as crianças para pararem. Ela parecia estar fazendo almoço. Veio uns dos filhos do seu Marinho, que parecia ser o pai de um deles. Tirou a corda do pescoço do porquinho. Pediu para eles não colocarem mais e retornou para a casa.

As crianças voltaram a tentar capturar os porcos. Foi uma barulheira. O menor pisou na lama, onde a porca mãe estava deitada. Seu Marinho – sem se movimentar –, mais uma vez chamou alguém de dentro da casa:

– Ele vai cair na lama! Tirem ele daqui!

De dentro da casa, saiu outro adulto. Veio sereno, mas falando em um tom mais grosso. Quando chegou perto dos maiores, que tinham conseguido capturar mais uma vez um porquinho, tirou o chinelo. Os meninos correram duro. Soltaram o porco. O menor foi para dentro de casa.

O adulto continuou correndo, mas logo parou. Os dois maiores sumiram. Apareceram um tempinho depois, cansados de tanto correr. Não se ouviu batida do chinelo, que já estava no pé. Havia um barco atracado. As crianças entraram na embarcação. Era da família. Foram descansar.

Geralmente o que se proíbe são os fazeres que colocam em risco a integridade de cada ser, mas também se relativiza estes riscos, pois sabem, como na poética de Manoel de Barros (2010, p. 199) que: **"Aqui neste lugar, mosquito derruba gente da rede - [...]."** Sendo assim, no viver e no brincar, de muitos jeitos, os corpos - sagrados condutores da vida - vão se fortalecendo, como Friedmann (2013, p. 138) preconiza:

No brincar pleno, nossos corpos, veículos das nossas almas, estão inteiros. Nas crianças, estes corpos são orgânicos: elas entregam-se à fantasia, aos desafios, ao momento. Nestas vivências, os sentidos básicos estão despertos: o toque, mostrando os limites da pele; o olfato, a visão e a audição, sentidos corporais que permitem penetrar no coração das coisas e nos dão o sentido social; o paladar, sentido corporal que permite perceber as substâncias de fora dos nossos corpos. Estes sentidos são os canais das nossas sensações de calor, frio, sons altos, baixos, gostos doces, amargos etc.

Em espaços e tempos abertos para as brincadeiras e as experiências, as crianças se permitem ser enredos, explicações, desafios e perguntas, também respostas. Com Arnaldo Antunes (2006, p. 85) poetizo que: **"Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo. Nem todas**

as respostas cabem num adulto.”. Por quê? Talvez porque, ao nos tornar adultos, vamos nos afastando da terra, do horizonte e do infinito. Vamos fixando a nossa morada no pensar excludente que afasta as cores, os sabores, as interrogações, as frustrações. A poesia de Mia Couto (2013, p. 39) nos conduz a este lugar das poucas palavras, das expressões da vida em seus mistérios, do ouvir e do acordar para dentro:

- Pai, ensina-me a existência?
 - Não posso. Eu só conheço um conselho.
 - E é qual?
 - É o medo, meu filho.

As crianças perguntam. As crianças convidam. Nós nos fechamos, encolhemos, estagnamos. Nós temos medo de nos perder, de ficar à deriva. Os velhos não temem. Viveram muito. Sabem. Não fogem. Encaram a vida e as suas circunstâncias. A morte faz parte, como na narrativa de Mia Couto (2013, p. 125), no protagonismo do neto Mariano aprendendo com seu avô:

Presenciei o velho a alojar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepiado. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano.

A intuição do avô lhe dizia que o seu tempo estava acabando e que era necessário manter vivas as suas memórias. O velho escolhe um dos seus descendentes para ser iniciado nos saberes ancestrais e, assim, torná-lo o guardião de uma sabedoria que fala de vida e de morte. O neto compreende, ao viver e testemunhar a experiência da passagem do avô e, adulto, rememora: “E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.” (COUTO, 2013, p. 125).

Há muitas maneiras de manter vivas as sabedorias do povo. Há caminhos outros que se juntam com as narrativas. As festas populares são manifestações que, no pensar de Lydia Hortélio (2014), acessam o universo do viver brincante. Para a autora (2014, p. 274), a música, em suas diversificadas manifestações integra a base das culturas do povo: “[...] carregando em seu cerne os arquétipos⁷⁰ da língua, da música, o movimento próprio de nossa Alma Ancestral, sua maneira de ser particular, sua graça e poder diáfano.”

⁷⁰ Todas as imagens podem adquirir este sentido arquetípico. [...] Arquetípico significa também mítico, universal, religioso, instintivo, filosófico, literário, necessário, profundo. O arquetípico chama a atenção para o valor. Esse termo é importante para sentir a transcendência da imagem. (FRIEDMANN, 2013, p.128)

Para Lydia Hortélio (2014, p. 275), as raízes brasileiras são musicais e festivas, sendo vital cantar com as crianças, desde o ventre materno, pois são as primeiras cantigas que: “[...] inauguram os sentidos e fazem vibrar o coração menino... É bom que ele seja tocado pelo gesto de origem, a poética natural, o caráter, o fraseado, o ritmo, os acentos, as formas, o movimento próprio, os arquétipos da Cultura Brasileira.”.

Há manifestações culturais populares que convidam para os folguedos. Cada uma com seus jeitos e peculiaridades locais. As crianças participam. As crianças inspiram. Precisamos escutar as suas canções. Ouvir o tom singular de cada uma. Lydia Hortélio convida para: “[...] sentir e compreender o fenômeno musical brasileiro em extensão e profundidade, buscando inclusive novas transposições, desdobramentos, e uma prática criadora que levará a uma ampliação crescente o nosso vasto e diferenciado patrimônio musical.”. É urgente sentir a unidade entre tantos sons que se encontram em lugares sagrados como o Pantanal. A vida se faz de ritmos, barulhos, silêncios, rituais. Os remos movimentam os barcos. As asas mantêm os pássaros nos voos. Nas águas, os peixes fazem borbulhas. As crianças cirandam suas vidas enredadas por uma natureza misteriosa que se oferece como céu, como terra, como rio, como árvore, como sol, como lua, como chuva, como bicho, como alimento, como corpo, como música.

O viver neste cenário se faz sem muito alarde e sem muitas festanças. É o viver cotidiano de famílias que vivem basicamente da pesca e do catar de iscas. Viver que exige silêncio. No entanto, há dias festivos. Um deles, esperado por todos, é a Festa Junina na casa de dona Joana. Mestreira popular, conhece a comunidade e seus talentos com: “Um saber do tempo e da sensibilidade.” (SAURA, 2015, p.58).

Em uma das minhas estadas, Rayane contou que dona Joana fazia Festa Junina em sua casa. Festeira, fiquei empolgada. Em maio, Milena ligou para saber quando eu estava pensando em ir. Se ofereceu para conversar com seu tio e ver se seria possível me dar uma carona. Foi bom receber este carinho que chegou por telefone. Conversamos mais um pouco e perguntei se o Alyson estava por ali. Pedi para falar com ele rapinho. Alguém deve ter passado por perto e perguntou quem estava conversando por telefone. Ouvi a resposta de Alyson:

- *É uma menina que ficou aqui.* (Alyson)

.....
- *Oi, e aí tudo bem?* (Mira)

- *Tudo beleza!* (Alyson)

- *Quando será a Festa Junina na sua casa?* (Mira)

- *Vou perguntar pra minha mãe.* (Alyson)

Continuei conversando com Milena, sobre os seus filhos.

Passaram uns cinco minutos e Alyson voltou a falar no telefone:

- *Mira, mamãe tá no projeto ainda.*

- *Qual projeto?* (Mira)

- *Projeto da festa!* (Alyson)

Ri e pensei: a festa já começou.

Os projetos já são as festas. Há uma preparação. Uma intenção. Uma repetição do novo de novo. A festa foi mudando de data. Há exigências. Dona Joana precisava ir para Corumbá fazer compras. Precisava barco, dinheiro. O tempo virou, esfriou. Marquei viagem. Cancelei. Marquei de novo. Avisaram que a festa seria transferida, mais uma vez. Percebi que não teria condições concretas de participar da festa na casa de dona Joana, mas levei alguns doces para contribuir e entreguei para ela. Não sei se a festa aconteceu, pois parei de perguntar para não gerar constrangimentos e/ou expectativas.

Entre notícias que chegavam, fui convidada para outra festa. Na escola do Paraguai Mirim. Fui. Cheguei um dia antes, na hora do recreio. As bandeirinhas balançavam ao vento, amarradas em árvores. As crianças comentavam, animadas. Brincavam no pátio. Pés livres e sujos. Hora de voltar para a sala. Caminhada até o rio para lavar os pés. Costume.

Hora de levar as crianças para suas casas. Chuva e vento. Rio com ondas. Eu no barco-escola, com as crianças. Todas com coletes salva-vidas. Torcida coletiva para o tempo melhorar e acontecer a festa. No meio da viagem, a sensibilidade do piloto que esperou a Luana descer, abraçar uma amiga e retornar ao barco. Um menino foi deixado na casa de amigos e resgatado na volta para a escola. Afeto e brincadeira fazem parte. O piloto sabe. Se diverte. A cantoria animava:

Hoje a festa é boa. Tem filé de bode. Sopa de mosquito. Salada de bigode. E de sobremesa, mocotó de lesma! E de refrigerante, tem xixi de elefante. Quem fala, quem fala, vai come a sopa. Um, dois, três. Um dois, três, vamos começar.

A graça era uma criança falar e todas rirem muito. Para isso acontecer, ficavam caladas, mas se provocando. De repente, numa distração, alguém falava. Pronto. Gritaria, risadas, bagunça. Repetição da brincadeira até passar para outra.

*Vai começá, a brincadeira, da comida brasileira.
Só bata palma, se for comida.
Arroz! Feijão! Macarrão! Cabeça!*

Ouvi a palavra cabeça e lembrei caldo de peixe. Bati palmas. Fui zoada. Tentei explicar que havia cabeça de frango, de peixe... Esdras me olhou, apontou para a cabeça e falou:

*- É esta cabeça aqui!
Muitas risadas...*

Lembrei das minhas idas para a escola na van escolar. O tempo passa. Os lugares mudam. A van vira barco-escola. As bagunças continuam. A alegria se fez. Crianças entregues, em suas casas, retornamos para a escola. O tempo continuava chuvoso. Na escola os professores e os funcionários trabalhavam para deixar tudo ajeitado. No Paraguai Mirim não tem mercado, tudo precisa ser feito com antecedência. Enfeites se juntaram às bandeirolas, carne e linguiça calabresa foram picadas para o carreteiro. Os bolos foram recheados e cortados. A canjica cheirava. Fomos dormir meia-noite, em horário pouco habitual no Pantanal. A torcida para o tempo melhorar foi grande.

Acordamos com sol. Haveria festa. Animação! Ainda de pijama, começamos a arrumar as coisas. As crianças chegaram e entraram na arrumação. Não dispensaram o tradicional chá preto com bolachas. A pipoca foi estourada, a mesa arrumada, as cadeiras colocadas no pátio. As “rabetas”, trazendo as famílias, começaram a chegar.

No banheiro masculino, muito movimento: cabelo penteado, calça jeans, bota, chapéu, camisa xadrez. O banheiro feminino, lotado: maquiagem, batom, tranças, adereços, botas, vestidos, saias, calças, fitas... Muitas belezuras. Muita faceirice.

*- Faz um mês que este vestido está guardado para festa?
- Faz mais, professora. Todo o dia eu experimentava.*

Quadrilha, comilança, conversa, mural para fotografias. Para mim, uma experiência diferente. Dancei muitas quadrilhas em minha vida e pulei no colo dos meus pares quando, no

caminho da roça, era gritado: “Olha a onça!”; “Olha a cobra!” No entanto, nunca este grito foi acolhido com tanta possibilidade de aparecer uma cobra ou uma onça. Nas cirandas das quadrilhas havia “**raízes crianceiras**”.

Sentei no chão e Olga se aproximou. Com seu vestido de festa, tranças, presilhas coloridas, bochechas coradas e com pintas, batom vermelho. Agachou na minha frente, fechou uma mão, pediu que eu fechasse as minhas e começou a cantar: “*Pico, pico, picolé. Quantos picolés você quer?*”. Respondi três. Olga começou a contagem batendo a mão na sua boca. Sentiu algo diferente. Olhou para os seus dedos manchados de batom vermelho. Passou a não encostar os dedos na boca. Delicadeza. Percepção. Festa Junina! Saura (2015, p. 58), em seus estudos sobre festejos populares, que se somam ao “Território do Brincar”, sensibiliza para o reencantamento e a reconexão dos adultos com as suas crianças:

‘Conhece-te a ti mesmo’: essa estrutura de brincar sempre, anualmente, ciclicamente, permite a cada um acessar esse território do brincar, que nada mais é do que a terra humana à qual pertencemos. Essas práticas têm em comum o uso do corpo para algo maravilhoso, tradicional, persistente, atemporal, transformador e estruturante da pessoa.

As festas populares, ressalta Saura (2015), estão impregnadas de saberes ancestrais em movimento, são tempos e espaços tradicionais, de ressignificações e de transformações. Viver as tradições é viver as repetições do que já foi, mas permeadas de variações que gestam o aprofundamento das culturas: “Ainda que uma festa se repita anualmente, ela nunca será experienciada pelos participantes como a anterior. A festa pode ser a mesma, mas o mundo não é mais o mesmo, e as pessoas também não são mais as mesmas.” (SAURA, 2015, p.53).

No Paraguai Mirim, a Festa Junina foi de fartura. Enfeites, folguedos e faceirices. Teve almoço: carreteiro, feijão, farofa. Sobremesa: bolo e canjica. Eu olhava. Nenhum doce restou na mesa, poucas bocas lambuzadas de chocolate ou de canjica. Não teriam gostado? Hora de voltar para casa. Mochilas meio abertas. Pelas frestas, doces espiavam.

- Vou levar para a mamãe e meus irmãos.

No Pantanal, há saberes partilhados e há saberes de partilhas. Partilha adoça. Há saberes que se guardam nas narrativas orais que não estão registrados em folhas de papel, nem publicados por editoras. Há saberes que só se revelam no próprio Pantanal, no acontecer mesmo. Há saberes ribeirinhos que vão sendo transformados no decorrer do tempo. Há saberes que vão sendo esquecidos. As inúmeras embarcações que passam, carregando gentes do lugar, turistas e mercadorias, alteram o curso das águas e da vida. É ali, no encontro de gentes, águas

e bichos que os saberes se ressignificam, na confluência da natureza que escapa aos agendamentos e previsões, sendo: “[...] substancialmente aquilo que foge das regularidades da vida social, aquilo que muda e subverte esta ordem social, compreendida como história e cultura, dotadas de movimento de criação, recriação e mudança.” (SILVA, 2003, p.74).
Surpresas do viver.

Estávamos na beira do rio, em frente da casa do seu Marinho, numa roda de tereré. De repente. Um barulho diferente. Olhares curiosos. Indagações. O que era? De onde vinha o ruído?

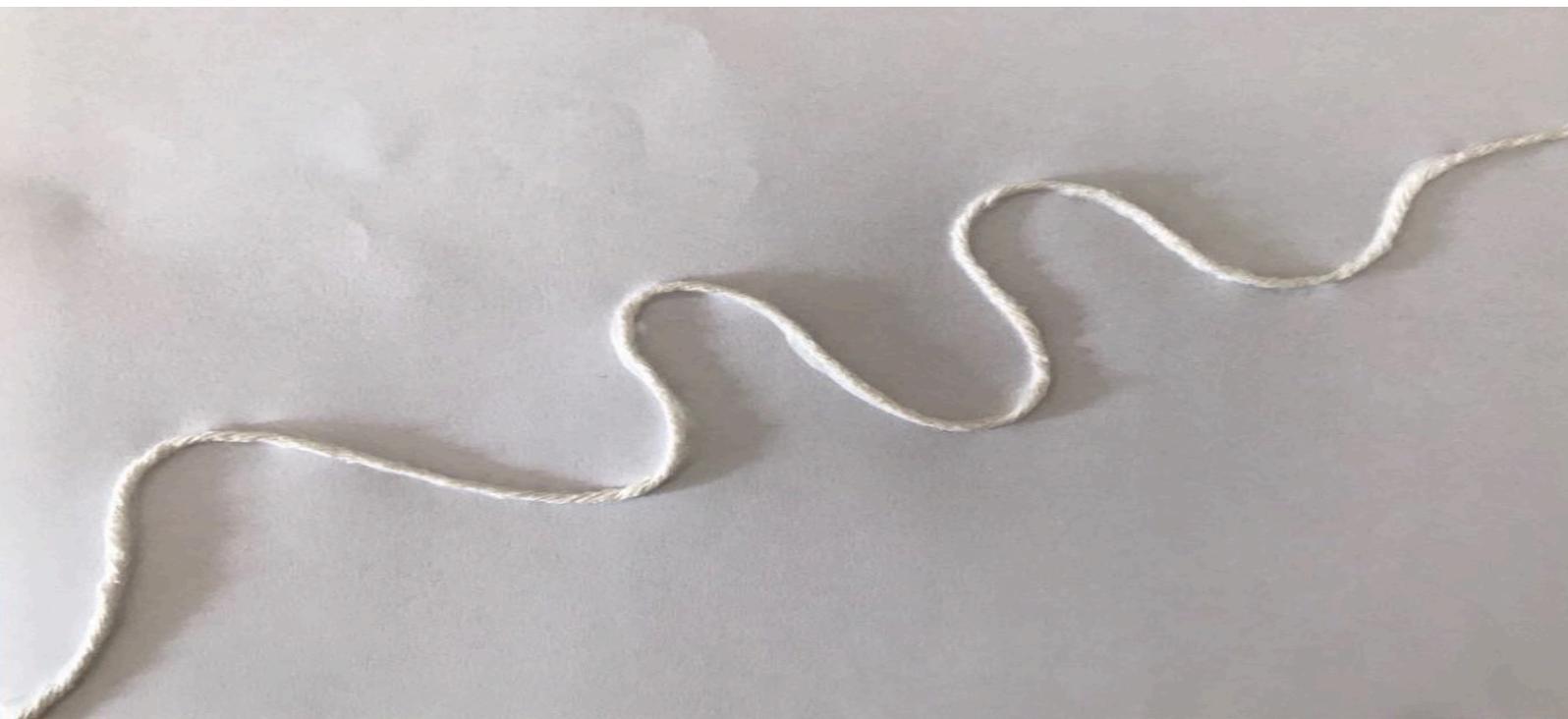
*- Isto é ariranha! Elas tão num bando grande...
Devem passar ali por trás. (Seu Marinho)*

Passaram. Longe de nós. A tranquilidade do seu Marinho fez com que a roda de conversa continuasse. Ninguém se assustou ou tentou sair do lugar. Era mais um barulho. Foi mais uma manifestação da diversidade da vida que habita o Pantanal. Todos aprendemos, mais uma sabedoria compartilhada. Seu Marinho falou como o homem poetizado por Manoel de Barros (2010, p. 413): “[...] aquele que gastou a sua história na beira de um rio.” As crianças corriam em nossa volta, entravam e saíam da casa. Subiam e desciam do barco ancorado no barranco. As crianças vivem mergulhadas no presente. No brincar. No ser quem são, no lugar em que estão, em suas inteirezas. Com Lydia Hortélio⁷¹, reconheço que:

Esse milagre do ser-humano-ainda-novo, acontece e continua acontecendo. Quer dizer, ele tá inteiro, ele vem outra vez com todas as promessas. Então, eu acho que a fórmula é olhar menino, aprender menino, reaprender menino, e pronto, é só isso. E é muito simples, sua senha está no seu corpo. Todo mundo tem o seu corpo e tem uma criança dentro. Deixe ela brincar. Não vai acontecer, talvez, no primeiro dia. Mas o fato de você sorrir, como eu tô vendo você sorrindo aí, já é um ato de reconhecimento, você já tá no território sagrado da infância. Você já sabe que é lá.

⁷¹ Depoimento de Lydia Hortélio, no filme Tarja Branca, produzido pelo Instituto Alana e Maria Farinha Filmes. Dirigido por Cacau Rhoden, 2014.

As crianças são o presente. Os adultos, às vezes, vivem saudade. Há pessoas que estão longe. Querem saber para além da Barra. Inventam jeitos. Transgridem. Se comunicam. Não é por sinais de fumaça. Não é pelo bico de passarinhos. Não é pelas estrelas. Não há pombo-correio. Não há peixes mensageiros. Há um jeito. Só é revelado depois que o portal foi aberto: o da confiança. Não posso e não vou contar. É restrito. Tem jeitos de paixão. Tem momentos coletivos. Tem segredos. Tem risos. Tem testa enrugada. Não é pago. Foi divertido. Tem medo do “bote” (barco) aparecer. Tem gente que fica atenta. Tem corrente, mas não tem pescoço. Tem ritual. É sagrado. Difícil pensar o que é? Pois então, também não esperava. Ninguém fala quem inventou. Todos usam. Foi aconchegante ouvir as notícias do meu ninho distante. Tem gente que não deveria saber, mas sabe.



- Eu acho que alguém vê os registros do que a gente faz. Mas tem dó da gente, sabem que aqui não tem outra forma de se comunicar. (Dona Joana)

Ao chegar neste ponto, quase concluindo a tese, senti o desejo de fechar os olhos e mergulhar mais fundo nos saberes ancestrais que comungam com o meu chamado. Trouxe as memórias do livro de Hillman (2001). Cada um de nós tem a sua singularidade, que está presente como semente, que carrega em si a árvore da própria vida. Estar na Barra e no Paraguai Mirim aflorou lembranças dos tempos de outrora, quando criança, brincava de correr e

descansar à sombra do pé de ingá da nossa rua. Cada criança tinha um galho, às vezes trocávamos, mas normalmente nos mantínhamos no mesmo lugar. Esta é até hoje a nossa árvore do oráculo, assim como os gregos buscavam o Carvalho (HILLMAN, 2001). Quando preciso de orientação é para esse lugar que volto, seja fisicamente ou em pensamentos. Ali sinto uma conexão muito forte. Tiro os pés do chão e coloco nos galhos. Sinto a sensação da lentidão da descida, da possibilidade de viver o invisível, como coloca Hillman (2001, p. 55): “As imagens orgânicas de crescimento seguem o símbolo mais usado para a vida humana, a árvore, mas estou virando essa árvore de cabeça para baixo. Meu modelo de crescimento tem raízes no céu e imagina uma descida gradual para os negócios humanos [...]”.

A descida foi acontecendo aos poucos, ainda acontece. Escolhi fazer Educação Física. Durante o estágio em Educação Infantil preparei uma aula, com o objetivo de que as crianças sentissem o coração das árvores do pátio. O professor disse que aquela não era uma aula de Educação Física. Chorei, entristeci. O tempo passou. Escrevo emocionada. A árvore, a origem, a acolhida, a semente lançada, o reconhecimento de que mais um chamado foi ouvido. Reencontro mais uma vez com as minhas memórias e reconheço, no caminho percorrido que: “[...] esta é a chave que pode abrir as portas da comunicação: a nossa memória, a criança interior que nos habita; expressões do nosso ser que podem conectar-se com as crianças com quem queremos nos comunicar.” (FRIEDMANN, 2013, p.89). Reverencio, honro e peço a proteção e a companhia dos guardiões e guardiãs deste percurso. Aprendi, com Mia Couto (2003, p. 26) que: “O homem trança, o rio destrança.” Compreendi, com a inteireza do meu ser, as sabedorias que são gestadas nas gentes simples e nas gentes das ciências que têm a simplicidade como nascente e horizonte. Ouvi e li palavras plenas das marcas da vida. Irrigadas de água; nutridas de coragem; impregnadas de cheiros; tocadas de terra; aladas para infinitos voos. Renasci.

CONSIDERAÇÕES CONTÍNUAS

CONSIDERAÇÕES CONTINUAIS

gestações, fecundações, nascimentos

*O passar-se invisível pela alma da alameda de casas
espaçosas
Imaginando a feição ideal dentro de cada uma!
Ir recebendo um pouco de poesia no peito
Sem lembranças do mundo, sem começo...
Chegar ao fim sem saber que passou
Tranquilo como as casas,
Cheio de aroma como os jardins.
Desaparecer.
Não contar nada a ninguém.
Não tentar um poema.
Nem olhar o nome na placa.
Esquecer.
Invisível, deixar apenas que a emoção perdure
Fique na nossa vida fresca e incompreensível
Um mistério suave alisando para sempre o coração.
Singular, tão singular...
Manoel de Barros (2010, p. 42-43)*

Pantanal - labirinto misterioso de águas e terras sob a proteção de um infinito azul que, estrelado, brilha em noites de lua cheia. Pantanal - abrigo de mulheres e de homens que se fazem guardiões de sabedorias ancestrais. Pantanal - portal de meninas e de meninos que conversam embaixo de árvores, que trazem os pés molhados e que voam nas asas dos tuiuiús. Pantanal - campo de pesquisa, lugar de desaprendizagens de aprender, casa de amigas e de amigos.

Ao chegar nesta página, que anuncia as considerações contínuas, sou invadida por emoções que não se fazem palavras. Existem! Estou inundada! Viva! Simplesmente, sou! Na terra do poeta - um dos guardiões desta tese -, aprendi de insignificâncias, de coisas do chão, de raízes crianceiras, de gorjeios, de árvores, de gentes, de bichos, de delírios. Desesperei. Esperancei.

Escolhi o Pantanal. Fui escolhida pela Barra do São Lourenço e pelo Paraguai Mirim. Inicialmente, ainda meio estonteada, imaginei que estava pronta para repetir e ampliar, com leveza, as experiências vividas na Costa (2015).

- Mira, experiências não se repetem...

Benjamin? Larrosa? Lydia? Manoel? Ouço vozes. São eles e ela, guardiões e guardiã. Sabem das essências, das experiências e das surpresas que a vida traz. Benjamin (2015) sussurra que, para compreender as nuances do que se vê é preciso ultrapassar classificações e descrições objetivas. O artista que pinta uma macieira, nos conta Benjamin, não precisa saber classificar a

árvore entre outras e descrever o seu tipo de maçã. O artista precisa "transver", ajuda Manoel de Barros (2010, p. 350): "Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo."

O Pantanal clama para ser compreendido em suas nuances, delicadezas e especiarias. Pede sutilezas para que se possa sentir como a luz do sol incide nas folhas, como as diferentes horas do dia modificam a beleza do rio, como os morros desenham contornos curvilíneos em contraste com o azul do céu. Enfim, nos conta Benjamin (2015, p. 118): "[...] só se pode ver, quando se tem experiência, ou seja, quando já se viu o bastante [...]". Os ribeirinhos, em suas incompletudes, sabem, aprendem, ensinam.

Fui ao Pantanal buscando a mim mesma, com desejos de tocar um pedaço ainda pouco conhecido do território no qual nasci. Até então a minha relação era de turista, com focagem nos bichos e nas paisagens. Com as gentes havia contatos restritos, como de uma visitante ocasional. Havia vontade de conhecer meus ninhais e fortalecer a minha identidade. Caí no rio Paraguai sem escrúpulos. Só não imaginava o poder daquele santuário. Fui encantada por suas águas, rios, árvores, céus, gentes e bichos.

Chegar na beira do rio, na cidade de Corumbá, é estar no meio do caminho. Ao entrar no barco sabia que faltava pouco para encostar na casa de um amigo, de uma amiga. Sentia que estava mais perto do olhar doce e do sorriso largo das crianças. O horizonte afetivo, que tinha pela frente, relativizava as horas sentada no barco. Também tornava menores os imprevistos que se fizeram presentes em cada viagem que, por mais que tivesse sido planejada, sempre surpreendeu, espantou e encantou. Os camalotes e suas flores lilases traziam delicadezas para as travessias. Conversar, contemplar e agradecer tornaram tudo mais leve. Partidas... Percursos... Chegadas...

Casa de dona Joana. Ela estava na cozinha. Perguntei para Rayane se poderia ir até lá. Disse que sim. Me senti à vontade para entrar. Bati na porta, pedi licença e lá de dentro dona Joana falou:

- *Entra, Mira!*

Entrei. Abraço gostoso. Em cima da mesa havia um bolinho frito, escorrendo a gordura. Começamos a conversar. Quando olhei para a porta percebi alguém espiando. Era Alyson. Entrou, meio encabulado. Dona Joana falou:

- *Tá muito teimoso, Mira. Só quer saber de pescar.*

- *Mas tá trazendo peixe pra casa?*

Os dois riram e eu também. Alyson puxou conversa:

- Mira, lembra aquele dia que pescamos em frente à escola?

- Lembro! Tenho o vídeo, querem ver?

Comecei a mostrar o vídeo. Alyson abriu um sorriso grande, dona Joana acompanhava. Chegou o momento no qual Alyson fisgou o peixe que fugiu:

- *Alas! Esse era grandão, né?*

Dona Joana riu e falou:

- *Tudo que a gente não pega, é grande.*

O papo continuou, fiquei com a frase de dona Joana na cabeça. Foi a partir dela que comecei a devanear e a compor os sentidos e os significados das experiências vividas. As viagens estavam acabando, o tempo da pesquisa estava chegando ao fim. Novamente o desafio do campo, que foi sem margens, se colocava. O Pantanal transborda histórias, mistérios, vidas. Flui na correnteza de seus rios, desenhados em curvas que se abrem para paisagens outras. As águas beijam as margens generosas que convivem com as cheias e as secas, convidando para os movimentos dos ciclos da natureza. Os seres que ali habitam são generosos, simples e complexos, como qualquer ser humano. São seres que se misturam, que se constituem unos e coletivos, também bichos, também natureza. O Pantanal é cenário que se repete e que é sempre novo. Entre voltas e reviravoltas, fui encontrando o que me era destinado (HILLMAN, 2001).

A nascente da pesquisa se gestou com perguntas que se pretenderam com respostas. No entanto, cada estada no Pantanal foi evidenciando que algumas poderiam não ser respondidas e que outras teriam respostas muito mais amplas e complexas do que as expectativas iniciais, germinando outras tantas questões e inquietações. As respostas - se apareceram e quando apareceram -, vieram em tempos e espaços inesperados e surpreendentes, mas sempre gestadas no fio condutor assegurado pelos guardiões desta tese e pelo arcabouço teórico. No percurso, respostas esperadas também aconteceram.

Neste momento, em meu lugar de pouso e de memórias, retorno ao desenho inicial da tese para conversar com as três principais perguntas que instigaram o desejo de estar com as crianças e as gentes ribeirinhas: Quais as concepções de infância na Barra e no Paraguai Mirim? Qual o significado de ser criança nestas comunidades? Quais relações se estabelecem entre crianças, natureza-cultura e brincadeiras?

Reli. Avaliei. Fui inundada por uma sensação de alegria pelo percurso feito. Ri sozinha ao olhar para aquela Mira que pensava conhecer o Pantanal, mas que - agora percebo -, só sabia dos estereótipos, das paisagens e dos bichos - os elementos que mais atraem turistas. As gentes e as crianças, estas estavam encobertas, invisibilizadas. Foi preciso "**transver**".

Nos tempos da natureza, aos poucos, fui me aproximando. Esperei. Aceitei os convites. Mais ouvi do que falei. As risadas foram portais que afinaram a convivência. Os banhos de rio foram meu batismo. As mordidas de mosquitos, partes do meu pertencimento. Trocamos segredos e afetos. Quando a inevitável tristeza das despedidas foi chegando, ouvi uma música que chegava com cheiro de amor. Fechei os olhos, comecei a balançar. Fui abraçada. Lydia Hortélio falou baixinho: “Em cada uma de nós, uma criança espera. Brinque. Sorria. Cante.”⁷²

Aprendi que a vida cotidiana na Barra e no Paraguai Mirim não se faz por etapas cronológicas e por separações. Há unicidade, há junção, há comunidade. Crianças, jovens, adultos e velhos convivem desde o amanhecer até o anoitecer. Nas rodas de tereré, nas pescarias, nas refeições, nos cuidados com as casas, no trato dos animais. Cada um e cada uma, do seu jeito, em seu tempo e com as suas habilidades, participa ativamente e contribui com o todo.

Há exigências, há combinados, há transgressões, há disputas, há desentendimentos. A convivência, como em qualquer coletivo, gesta desafios. Desconfortos e conflitos acontecem pela restrição dos espaços físicos - trazidos pela legislação dita protecionista; pelo crescimento das famílias que têm territórios cada vez menores; pelo aumento do fluxo de embarcações e de turistas; por concepções diferentes de vida e de jeitos de viver; e por tantas outras situações.

Dialeticamente, estes contextos geram fragilidades e fortalecimentos. Viver no Pantanal se torna cada vez mais complexo. Nada é linear. Há multifacetas. A constante ameaça da perda dos seus lugares desgasta, mas também provoca a necessidade de união para reivindicar políticas públicas que assegurem a existência e a permanência neste território ancestral. O aumento do fluxo de embarcações e de turistas ameaça a harmonia da natureza, mas também desperta novas possibilidades de organização, de convivência e de sobrevivência - transporte, hospedagem, alimentação, artesanato. A vida é movimento e, a cada dia, pode se abrir para novos desejos e novas perspectivas.

As crianças são a continuidade da existência de cada ser e o fortalecimento da cultura ribeirinha. São concebidas, gestadas e recebidas como seres potentes. Aprendem e ensinam. Possuem tempos e espaços para as suas experiências. A presença das crianças alegra a comunidade. Há poucas expectativas relacionadas com o sucesso externo - aquele dos cargos, poder, dinheiro, *status*. Há respeito e zelo pela “semente de carvalho” (HILLMAN, 2001). Os ribeirinhos aprenderam, com as sabedorias ancestrais, que cada criança-semente contém a árvore toda, em suas singularidades. Raízes e céus, a mata como unidade. Há pertencimento.

⁷² Comunicação verbal em palestra ministrada em Campo Grande/MS, no dia 09 de março de 2018.

As crianças são cuidadas e educadas, mas não são tolhidas. Possuem autonomia e vivem diferentes possibilidades de caminhos a percorrer. Há espaços e tempos para cada uma ser quem é. Também, para ser diferente a cada novo dia. Nascer e viver no Pantanal aguça os sentidos e convida para as liberdades que só acontecem em um: "[...] **chão sabendo a aroma de ninhos.**" (BARROS, 2010, p.104).

As crianças, desde bebês, convivem com o cotidiano local. Não há tempos e espaços delimitados, a vida dos ribeirinhos se faz na fluidez da natureza e no coletivo. Como os locais de trabalho e de moradia são próximos ou conectados, e a vida é comunitária, o fluxo é coletivo e há momentos que se adequam para as diferentes atividades. Há também improvisações e coisas inesperadas. A passagem de embarcações, com conhecidos, chama acenos e pode clamar por palavras. A presença de pássaros e bichos também mexe com as rotinas. Os dias correm soltos e livres, mesmo nas lidas cotidianas. No entanto, há restrições quando podem existir riscos - rio, pescarias noturnas, pilotar barcos, animais. A presença de adultos, nestes casos, pode abrir possibilidades.

Também há limites que se impõem pelos ciclos da natureza. Quando as águas sobem e ocorrem as cheias, algumas crianças ficam dentro de suas casas por não terem quintal para andar. Inventam jeitos de brincar. Espiar pelas frestas dos assoalhos, das janelas e das portas, para tentar enxergar bichos e coisas trazidas pelas águas, passa a ser uma diversão. Com Manoel de Barros (2010, p.388) isso aconteceu: "[...] **A lata morava no quintal da minha casa entregue as suas ferrugens. E o peixe do rio. Veio um dia entrou uma enchente no quintal da minha casa. E levou a lata com ela. E levou a lata com ela. A lata ficou no fundo do rio.**". Nestas épocas, os espaços e os tempos das escolas se ressignificam, as crianças chegam com desejos de chão. Saudade. Correm, tocam a terra, andam incansavelmente pelo quintal. São das águas, mas têm desejos de terra. Nestas circunstâncias, os barcos navegam mais para os encontros acontecerem.

As experiências que ocorrem na vida das crianças são variadas e dependem do desejo que cada uma tem em um determinado momento e/ou das circunstâncias que se colocam. Há dias em que o vento chama as pipas. Em outros, é o sol que convida para o banho de rio. As goiabas maduras pedem para ser comidas, subir na árvore faz parte. Os peixes se movimentam e lembram os desafios das pescarias. As traves paradas esperam o momento do gol. O papel jogado torna-se um veloz e descontrolado avião. A mesa de *ping-pong* pode ser uma opção. Correr atrás de animais também é divertido, assim como o barco-escola pode ser o cenário de

brincadeiras cantadas e de conversas. Manuel de Barros, criança que foi, nestas paragens, sabe que o Pantanal tem "raízes cianceiras", pois: "Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa." (BARROS, 2008, p.67).

As crianças menores observam as maiores e, quando se sentem confiantes, experimentam novos gestos e movimentos. Quem está por perto, pode ajudar. Ou não. Há autonomia. As meninas e os meninos interagem e brincam juntos. Também podem estar separados. Há crianças que, por vezes, brincam sozinhas. São conectadas entre si e com os espaços. São crianças brincantes, guiadas por seus desejos, potências e emoções. São corpos que se experimentam, que se arriscam, que ousam, que transgridem, que convidam a Educação Física a perceber que as crianças são mestras das linguagens corporais.

Vivem livres em espaços nos quais nascem e crescem onças, jacarés, cobras e jaús - comedores de gentes e de bichos. Nestes quintais ribeirinhos, os riscos, os medos, as vidas e as mortes convivem. Imagine você saber que, por trás da árvore que sustenta o balanço, pode surgir uma onça pintada? Ou que o banho de rio pode ser visitado por um jaú? Assustador. Encantador. Frio na barriga. Corpo que vibra. Medo. Coragem. Estas crianças, nascidas e criadas entre raízes e águas, vivem no cotidiano o que, para a maioria das crianças, é ficção. Se aventuram entre "inutilidades e preciosidades", em "achadouros de infâncias". Com elas, em cirandas ribeirinhas, podemos cavar vazios a serem ocupados por jeitos outros de sermos mais sensíveis, mais parceiros, mais abertos às "peraltagens".

Reconhecem ruídos com ouvidos atentos - pássaros, embarcações, animais. Têm olhos que enxergam para além do facilmente visível - ninhos nas árvores, nuvens que anunciam chuva, movimento de cardumes nas águas, jacarés se aproximando. Sentem odores e conhecem seus significados - cheiro fedido vindo do rio é jaú, carniça exalando pode ter onça por perto, cheiro de feijão chama para comer. As mãos são habilidosas e sábias - criam pipas que sabem voar, preparam as iscas, retiram peixes do anzol sem deixar escorregar, espremem espinhas como ninguém, ajudam a explicar quando as palavras se fazem poucas.

São crianças que se experimentam cotidianamente em diferentes direções. São perceptivas e intuitivas. Têm os sentidos aguçados. Seus corpos são sábios e pulam agilmente entre barrancos e barcos. Sentem quando o peixe pegou a isca e foi fisgado. Sabem como e onde pisar para não fazer barulho. São caçadoras e caças. Sabem como capturar e como fugir.

Algumas vezes as experiências levam ao choro, trazem dor e, em raros casos, a morte de crianças. O corpo parece mais frágil do que realmente pensamos que é. O dedo sangra com a mordida do peixe. Os ossos se quebram em alguns tombos de galhos de árvore. O corpo desaparece em um ataque de piranhas. Estas dolorosas e/ou fatais experiências compõem as histórias dos corpos das crianças ribeirinhas, ou não, dependendo das suas investigações, experimentos, peraltagens e façanhas. Também do destino, se olharmos para elas como “sementes de carvalho” (HILLMAN, 2001).

Os ribeirinhos são gentes com peles queimadas do sol e marcadas por mosquitos, olhares profundos, sorrisos largos, braços fortes, expressões marcantes. Gentes que resistem, que tomam banho de rio, que partilham a comida, que pescam, que trabalham, que se reúnem, que conversam, que discutem, que olham para o céu, que conhecem a força das águas, que comem frutos do pé, que festam, que se olham e que confiam nas palavras que saem das suas bocas. Senti, ao olhar para eles, o que encontrei nos escritos de Manoel de Barros (2001, p. 451): ***“Ele fazia parte da natureza como um rio faz, como um sapo faz, como o ocaso faz. E achava uma coisa cândida conversar com as águas, com as árvores, com as rãs.”***

São reservados com quem chega de fora, mas isso não se demora, caso a empatia aconteça. Como se explica isso? Não sei. Há mistérios. Há escolhas. Há reconhecimentos. Sinto que uma troca de olhares, uma roda de tereré e algumas histórias engraçadas, para compartilhar, são um bom início. Comigo aconteceu assim.

A partir dos caminhos fluidos, inesperados, curvilíneos - com sol, chuva, lua e vento -, vivi momentos sutis, delicados, corajosos, tensos, encabulados, alegres, tristes, festivos. Momentos que foram compondo os achados desta pesquisa, na busca de conseguir responder ao objetivo geral que me propus: Compreender as concepções, as significações e as singularidades de ser criança na Barra do São Lourenço e no Paraguai Mirim - Pantanal de MS, vislumbrando o brincar com a (e na) natureza, nas expressões corporais e nas linguagens que se querem muitas e livres.

Em minhas primeiras idas, ao subir no barco e começar a navegar nas águas do rio Paraguai, os pensamentos se centravam nos desafios gestados pelo compromisso ético - às vezes assustador -, de efetivar a pesquisa no tempo que me era exigido. Também matutava sobre os jeitos e as maneiras de responder às perguntas que minhas buscas e inquietações haviam gestado. Eram as horas iniciais. Do meio para o fim da viagem, capturada e envolvida, procurava onça na barranca do rio, observava os pássaros que por nós passavam e seguiam seus caminhos, acompanhava as embarcações que cruzavam por nós.

O barco, para além de um meio de transporte, passou a ser um aliado, parte do ritual de preparação para chegar ao santuário pantaneiro. Corumbá ia se distanciando e a imensidão das águas relaxava o meu corpo, aguçava o meu olhar, acalmava a minha respiração. De nossas bocas saíam palavras que faziam rir, pronunciadas em alto e bom som, para vencer o barulho do motor. Acontecia desconexão das expectativas e das preocupações. Uma reconexão intuitiva ia sendo gestada.

A sacralidade do percurso nas águas me transformava de tal maneira que, ao pisar no chão, meus pés pareciam tontos, um pouco sem rumo, sem finalidade, sem destino. Isso contribuiu para me aproximar dos brincares, que segundo Lydia Hortélio, ocorrem quando: “[...] Você está à toa na vida e, de repente, um gesto lhe chama e você se esquece de você, você entra no brinquedo. É um mistério. [...] Brincar é, para mim, o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem. É a língua do ser humano.”⁷³.

No Pantanal experimentei esta linguagem do brincar, com mestres e mestras, na inteireza das palavras. Ao compartilhar momentos com as crianças e as gentes ribeirinhas, percebi que há uma trama brincante que perpassa a vida cotidiana. O riso frouxo faz parte. No balanço crianceiro, o “eu-rio” se juntava com outro “eu-rio”, que se juntava com mais um “eu-rio”, que davam o fluxo, a continuidade, a correnteza, a superfície, a profundidade... As gentes que por lá vivem são “eu-rios” - extensões sorridentes do rio. Também choram. Águas da vida.

As crianças ribeirinhas, que habitam a Barra do São Lourenço e o Paraguai Mirim, vivem seus cotidianos em belos cenários que são buscados por pessoas que viajam quilômetros para conhecer e usufruir. Convivem com adultos que, embora tenham preocupações, conflitos e desafios, ainda vivem a liberdade de tempos alargados de convivência e de trabalho. A tese que a pesquisa apresenta partiu do pressuposto de que estas crianças, por seus lugares de moradia e pela natureza-cultura, estão fortalecidas em princípios da vida cotidiana que acontece nas experiências vividas - nascentes de trocas, sabedorias e memorações ancestrais. Há, na Barra e no Paraguai Mirim, a vibração de memórias pessoais e coletivas que circulam entre o passado e o presente, assegurando princípios que, raízes, não impedem os voos.

Estas crianças vão compondo as suas vidas, cada uma com os seus jeitos, suas escolhas e as suas circunstâncias. Estão expostas ao convívio com outras gentes, com outras culturas e passam por conflitos desafiadores. No entanto, sinto que por viverem contextos tão significativos e marcantes, são seres potentes para minimizar influências e desejos que se

⁷³ Entrevista concedida por Lydia Hortélio para TEAR - pontão de cultura e educação. Disponível em: <http://institutotear.org.br/lydia-hortelio-e-a-brincadeira-musicada/>

contraponham e que tentem corromper as suas “sementes de carvalho” (HILLMAN, 2001). Sinto que são transgressoras, sábias e potentes para viverem as suas “raízes criancieiras” e relativizar o que chega nos barcos, por mais fascinante que possa parecer. São corpos-crianças, independentemente das cronologias, fortes e corajosos, potentes para estar com a natureza que se faz de sol, águas, matas, picadas, mordidas, aventuras, canoas, varas, anzóis, bolas. Natureza-cultura que desperta desejos brincantes poetizados por Manoel de Barros (2010, p. 400): “Essas disfunções líricas acabam por dar mais importância aos passarinhos do que aos senadores.”.

Quando o texto chamava o ponto final, me veio a sensação de vazio e, mais uma vez, fui ler para me acalantar. Ao abrir o livro me deparei com uma frase que muitas outras vezes já havia cruzado: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude.” (BARROS, 2010, p. 374). Era isso! Naquele momento, reconhecia todas as preciosidades que havia tido a honra de ter sido apresentada, mas me parecia, justamente, que “*Tudo que a gente não pega, é grande.*”. Dona Joana!

Parecia grande o que não vi, o que não toquei, o que me escapou. Alyson sente isto, eu sinto e dona Joana compreende. A “incompletude” pode ser considerada uma sensação partilhada do sentir humano, a dificuldade de acolher a não possibilidade de “pegar algo”. Assim, a pesquisa se fez. Como as árvores, nas barrancas do rio Paraguai, que na época de seca ficam com as suas raízes aparentes para o lado onde passa o rio e com as raízes fincadas na terra para o lado oposto. Há uma imensidão que se oferece e outra que se guarda. O mestre sabe: “Raiz é que acha a lama pura.” (BARROS, 2010, p. 224).

A partir do visível e do invisível, dos encontros e dos desencontros, os achados desta tese foram gestados. A menina-mulher que iniciou o percurso, mergulhou. Se entregou. Desapreendeu. Apreendeu. Foi apreendida. Desapegou. Se apegou. No navegar da tese, renasci mulher-menina. Criança, me fiz mais sábia. Sábia, me fiz mais criança.

Com o tempo, aprendi a não mais desfazer as malas entre uma ida e outra. Ao chegar em casa, retirava as roupas para lavar. As demais coisas ficavam esperando a próxima viagem, na mala: capa de chuva; a almofada - também cobertor, travesseiro e acento para o barco -; chinelos; sabão em barra; lanterna; boné; coisas de higiene; vela; fósforo. Me perguntei se cada uma destas coisas deveria voltar a ser guardada nos seus lugares, em minha casa. Ou, se o lugar delas era na mala... Haveria outras viagens? Não sabia e não sei. Aprendi mais de incertezas do que de certezas. A não me preocupar com o dia exato da partida, da chegada e do retorno.

Entrega. Confiança. Sou uma “semente de carvalho”. A mala ainda não foi desfeita em sua totalidade. Há coisas dentro dela. Há cheiros e memórias do Pantanal...

As narrativas foram a linguagem encontrada para compartilhar, na escrita, as experiências vividas e as preciosidades dos saberes ribeirinhos que se ressignificam em fazeres cotidianos, que se guardam e se comunicam em tradições orais. O Pantanal e suas gentes têm generosidades, mas têm fragilidades e pedem respeito. Estão abertas para compartilhar sabedorias, sabem que precisamos de seus ensinamentos e também querem ter acesso aos nossos conhecimentos. Há muitas experiências a serem vividas.

O Pantanal - patrimônio natural da humanidade e reserva da biosfera (Unesco, 2000) -, está vulnerável à interesses outros que se fazem com condutas que ferem o bioma e ameaçam as gentes e a cultura ribeirinha. Se pensarmos como unidade, perceberemos que o Pantanal está emaranhado com as nossas vidas e que os conhecimentos gestados com pesquisas precisam estar comprometidos com a diversidade ecológica e cultural da região. É urgente construir caminhos de sensibilidade e de consciência, entre todos, com o cosmos e as suas redes. A vida pede, a vida exige.

As vozes que chegam do Pantanal nos contam de coisas simples, singelas, belas. É preciso aprender jeitos outros de ouvir. É preciso nos colocarmos como irmãos de todos os seres, defensores de todas as manifestações da vida. Os ribeirinhos sabem habitar as águas, respeitam os seres, acolhem e zelam a vida e seus ciclos. Este jeito pode nos ensinar sobre cooperação, coragem, ousadia, ternura. A natureza tem vigor e, de seus mananciais, sabedorias de vida podem ser semeadas e florescer.

Estamos precisando destas sabedorias e deste vigor. Espero que esta tese contribua com a visibilidade destas gentes. Desejo que sejam enxergadas, ouvidas, reconhecidas como comunidades tradicionais, com saberes que zelam com e pela natureza. Têm a agroecologia nas entranhas. Sabem estar na natureza sem destruí-la (DIEGUES, 2008). Esta tese pretende esclarecer e gerar mudanças sociais que alarguem e ressignifiquem a vida no Pantanal. Também para além dele.

Há previsão de políticas públicas, mas, na maioria das vezes, são decididas nos gabinetes, distantes do Pantanal e dos ribeirinhos. Há recursos financeiros que chegam e são aplicados à revelia dos desejos e das necessidades locais. Há outros que deveriam chegar, mas não chegam. Há outros que têm contribuído e têm fortalecido as lutas, atendido algumas das reivindicações e tornado a vida mais esperançosa. Rodeados de farturas e de belezas, os ribeirinhos querem melhorias em suas condições básicas de vida, querem dormir sem os fantasmas das ameaças de expulsão das suas terras, querem continuar a conviver com rios e

lagoas que sejam nascentes de vida, berços de peixes e com árvores-ninhais que se abrem para o namoro dos pássaros.

O rio Paraguai, o entorno e as gentes ribeirinhas se fazem de mistérios, de movimentos, de generosidades. Adentrar no Pantanal, chegar em águas nas quais o Mato Grosso do Sul se mistura com o Mato Grosso e a Bolívia, quase chegando ao Paraguai, foi daquelas experiências que nos remexem por inteiro. Vivi descobertas, interações, superações, compartilhamentos, arte, cultura, vida. A sensação é de reconexão com o mais singelo e mais belo do meu ser: a potencialidade e a magia das coisas simples, a urgência dos encantamentos, a humildade de estar para sempre aprendiz. Transcendi!

Benjamin, Larrosa, Lydia e Manoel de Barros abriram trilhas para que eu percebesse, cada vez com mais convicção, que nascemos à serviço da vida e que só a vida compartilhada gesta significados e sentidos para o viver e o morrer. Paixão faz parte. Amor faz parte. Abraço faz parte. Rodeada pelas paisagens pantaneiras - pôr-do-sol, nascer da lua, estrelas - e para além delas, olhei nos olhos das pessoas e dos bichos, fui olhada e observada. Nos enxergamos. Nos despimos. Nos mostramos. Encontro de almas. Esta experiência transformou, trouxe ancestralidades, raízes e horizontes. Manoel de Barros (2010, p. 197) comunga: **"Este não é um livro sobre o Pantanal. Seria antes uma anunciação."**

Chego ao parágrafo final que se faz em movimentos. Escolho a vida, o estudo, a dedicação, o diálogo, a sensibilidade, a criatividade, a ousadia, a alegria, as peraltagens. Acredito que uma grande ternura está sendo gestada e que chegará pelas mãos que preparam a terra e semeiam, pelas mãos que catam iscas e bocaiuvas, pelas mãos que acolhem e acariciam. Crianças, homens, mulheres e bichos, mãos dadas, cantamos e dançamos o esperar de um mundo outro no qual o amor, a generosidade, a vida sejam possíveis. Sementes. Cirandas pantaneiras...

Primeiro o menino viu uma estrela pousada nas
pétalas da noite
E foi contar para a turma.
A turma falou que o menino zoroava.
Logo o menino contou que viu o dia parado em cima
de uma lata
Igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.
Ele disse: Dava a impressão que a lata amparava o dia.
A turma caçouou.
Mas o menino começou a apertar parafuso no vento.
A turma falou: Mas como você pode apertar parafuso

no vento
Se o vento nem tem organismo.
Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo
E continuou a apertar parafuso no vento.
(BARROS, 2010, p. 404-405)

REFERÊNCIAS (TAMBÉM)
BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS (também) BIBLIOGRÁFICAS

das escrituras e dos saberes

*Pensar nos livros que a gente já leu,
nas alegrias dos livros lidos.*
Manoel de Barros (2010, p. 60)

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17-36.

AGUIAR, C. M. **Educação, cultura e criança**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. Educação, natureza e cultura: um modo de ensinar. 1998. 206 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AIRES, G. P. O Quando da Natureza e do Brincar. In: ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. (org.). **Jogos Tradicionais**. São Paulo: Pirata, 2014, p. 9 - 28.

AMÂNCIO, C. O. da G.; AMÂNCIO, R. Ecoexclusão: a disputa por espaços comuns e recursos naturais no Pantanal Sul-Matogrossense. **Anais...** Rio de Janeiro: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, p.30-31.

ANDRADE, J. L. F.; DRUMMOND, J. A.; GENTILE, C.; AZEVEDO, A. I. (Orgs.). **Biodiversidade e Ocupação Humana do Pantanal Mato-grossense – Conflitos e Oportunidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

ANDRADE, M. H. da S. O fenômeno da "decoada" no Pantanal do rio Paraguai, Corumbá/MS: alteração dos parâmetros limnológicos e efeitos sobre os macroinvertebrados bentônicos. 2011. 117f. **Tese** (Doutorado em Ciências) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ANTUNES, A. **Como é que chama o nome disso**: antologia. São Paulo: Publifolha, 2006.

APOENA. **Pantanal**: Almanaque Brasil Socioambiental. 2008. Disponível em: <<http://www.apoena.org.br/biomas-detalle.php?cod=219>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

ALMEIDA, M. A.; SILVA, C. J. da. As comunidades tradicionais pantaneiras Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. **História e Biodiversidade**. v. 1, n 1. 2011.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, M. de. **Gramática expositiva do chão** (Poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2. ed. 1990.

_____. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

_____. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BENE, C. When fishery rhymes with poverty: a first step beyond the old paradigm on poverty in small-scale fisheries. **World Development**, Michigan, n.31. p. 949-975, 2003.

BENJAMIN, W. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, W. et al. **Textos escolhidos.** São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 1-85.

_____. **Rua de Mão Única.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BESPALEZ, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 45-86, abr.2015.

BORTOLOTTI, I. M. **Aspectos históricos e sócio-econômicos da comunidade do Amolar, Corumbá, Pantanal, Sul-Mato-Grossense.** Levantamento da Fauna, Flora e aspectos sócio-econômicos na região do Amolar no Pantanal Sul-Mato-Grossense, Ecoa, 2005.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Somos as águas puras.** Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **As Flores de Abril: movimentos sociais e educação ambiental.** Campinas: Autores Associados, 2005.

BRANDÃO, C. R.; FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras.** São Paulo: UNESP, 2005.

BRANDÃO, A. C.; PEIXOTO, J. L. DOS S.; ARRUDA, A. A. C. de. Processo de manufatura da “canoa de um pau só” do Pantanal. **Anais... X – Encontro Regional da ANPUH/MS, Corumbá, MS, 2008.**

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa em seres humanos: Resolução 196.** Brasília, DF, 1996. Disponível em: conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm - 113k. Acesso em: 30/9/2011

_____. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Curso de Bioconstrução.** Texto elaborado por: Cecília Prompt - Brasília: MMA, 2008.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

_____. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CAMARA, R. P. Os causos na região do Pantanal Brasileiro: identidade e poética. **Anais... ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** - Londrina, 2005.

https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206574_3d11055f817e1dd6694741ff19561fe8.pdf

_____. Os causos: uma poética pantaneira. 2007. 173f. **Tese** (Doutorado em humanidades) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.

CHIARAVALLLOTI, R. M. Local communities and conservation in the Pantanal wetland, Brazil. 2016. **Tese** (Department of Anthropology, University College London), Londres, 2016.

_____. The displacement of insufficiently traditional communities: local fisheries in the Pantanal. **Conservation Andsociety**, v.17, 2019. p. 173-183. Disponível em: http://www.conservationandsociety.org/temp/ConservatSoc172173-6789419_185134.pdf
Acesso em: maio 2019.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORREIA FILHO, V. Cuiabá, afluente do Paraguai. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, p. 3-20, 1942.

COSTA, M. F. **História de um País Inexistente** – O Pantanal Entre Séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

COSTA, K. P. C. da. Crianças e adultos da Barra de São Lourenço (Corumbá-ms) e suas práticas educativas. 2013. 85 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2013.

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

_____. **Vivências com a natureza**: guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A confissão da leoa**. São Paulo: Boa Companhia, 2012a.

_____. **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

_____. **A menina sem palavra**: histórias de Mia Couto. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

CRUZ, M. C. M. T. Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. 2005. 197 f. **Dissertação** (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, 2005.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB; USP/Hucitec, São Paulo, 2008.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FARIA, A. L. G. Crianças abrindo os olhos para a diferença desde pequeninhas. **Pátio**, Porto Alegre, v. 1, 2017, p.40-56.

FONSECA, T. P. L. Os efeitos dos impactos ambientais naturais nas comunidades ribeirinhas da Barra do São Lourenço e Paraguai Mirim na fronteira Brasil – Bolívia. 2017. 79f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal do Mato Grosso do sul, Corumbá/MS, 2017.

FERREIRA, A. B. B. Pantanal Mato-Grossense: considerações sobre a proteção constitucional para um desenvolvimento econômico sustentável. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 2013.

FREINET, C. As técnicas Freinet da Escola Moderna. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

_____. **Pedagogia do Bom Senso**. Martins Fontes. São Paulo, 2004.

FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. O olhar antropológico por dentro da infância. In: MEIRELLES, R. (Org.). **Território do brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015, p. 37-46.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. 10. ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRARDELLO, N. **À beira da linha**: formações urbanas da Noroeste Paulista [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GIRELLI, Maribel. Lajedos com gravuras na região de Corumbá MS. **Dissertação de Mestrado**. (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Centro de Educação e Humanismo, Mestrado em História), 1994. 144 p.

HORTÉLIO, L. **O presépio ou o baile do Deus Menino**: um natal brasileiro. 2. ed. Bahia: Casa das cinco pedrinhas, 2012.

_____. Música tradicional da infância. Entrevista. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul/RS, v. 22, n. 1, 2014. p. 273-282.

_____. **É preciso brincar para afirmar a vida**. 2014. Entrevista. Frater: Espaço Biocêntrico. Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-cultura/6904-e-preciso-brincar-para-afirmar-a-vida.html>. Acessada em: 25 jan. 2017.

_____. **Palestra “Cultura Infantil e Música Tradicional da Infância”**. Campo Grande, MS, 7 de março de 2018.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro, objetiva, 2001.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LAGROU, E. M. A sedução do objeto. In: SILVA, V. G. da; REIS, L. V. de S.; SILVA, J. C. da. **Antropologia e seus espelhos: a etnografia vista pelos observados**. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. p. 90-109.

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica, 2015.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo**. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2016.

LOUV, R. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MANFROI, M. N; MARINHO, A. Praça da poesia: entre histórias e brincadeiras. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.2, p. 254-282, jun/2014.

_____. Costa da Lagoa: reflexões sobre as crianças, as brincadeiras e a natureza. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, p. 3, 2014.

MANFROI, M. N. Ser criança na Costa da Lagoa: memórias, brincadeiras e natureza. 2015. 331 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MANFROI, M. N.; FERREIRA, J. R. P.; MARINHO, A. Por outra Educação Física Escolar: Natureza, Cultura e Experiências na Costa da Lagoa (SC). **Pensar a Prática** (Online), Goiânia, v. 18, p. 1, 2015.

MATTOS, C. L. G. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p.25-48.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLEER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEIRELLES, R. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Trevo, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza: curso do Collège de France**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2015.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/6439-397-19398-1-10-20180827.pdf> Acesso em: 13 fev. 2019.

MORAES, A. S.; ESPINOZA, L. W. **Captura e comercialização de iscas vivas em Corumbá, MS**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2001. 37 p. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/BP21.pdf>. Acesso: 30.01.2017

MORETTINI, M. T.; URT, S. da C. **Cancioneiro do pantanal**. Campo Grande: Life Editora, 2010.

NOAL, M. L. As crianças Guarani/Kaiowá: o mitã reko na Aldeia Pirakuá/MS. 2006. 353 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PEIXOTO, J. L. dos S.; SCHMITZ, P. I. A arte rupestre do Caracará, Pantanal. **Revista CLIO - Arqueológica**, v. 26, n.2, p.52-63, 2011. Disponível em: [_](#) Acessado em: 10 de junho de 2019.

PIATTI, C. B. A classificação das professoras em escolas da região pantaneira: uma análise histórico-cultural. 2013. 205f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

_____. As narrativas na pesquisa em educação: questões que suscitam. **Contrapontos**, Itajaí, v. 14, p. 464-475, 2014.

PIATTI, C. B.; URT, S. C. A constituição do homem pantaneiro: uma análise da literatura infantil juvenil. **Interletras**, Dourados, v. 2, p.10-20, dez. 2011.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PEREIRA, A. de S. Entre barras e barrancas: elementos da ecologia dos ribeirinhos da comunidade Barra do São Lourenço/MS. 2015. 210 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

PEO - PEREIRA, M. A. P. **Casa Redonda**: Experiência em educação. São Paulo: Editora Livre, 2013.

PESSOA, F. O Guardador de Rebanhos. In: PESSOA, F. **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed.); RIBEIRO, B. (Coord.). **Etnobiologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes/ FINEP, 1986. p. 15-25.

PRADO, P. D. Educação e cultura infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um Cemei de Campinas/SP. 1998. 147 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. **Educação e culturas infantis**: crianças pequenininhas brincando na creche. São Paulo: Képos, 2012.

RIBEIRO, M. S. Uma ilha na história de um povo canoeiro: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX). 2005. 251f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil, 2005.

SALÓ, J. **Terra, água, ar, fogo**: para uma oficina - escola inicial. São Paulo: ECE, 1977.

SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001a, p. 4-23.

_____. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

SANTANA, L. L. T. Análise da importância das “Freteiras” para as Comunidades Ribeirinhas no rio Paraguai na Fronteira Brasil/Bolívia. 2013. 57 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, 2013.

SANTANA, L. L. T. de; SILVA, A.; SILVA, B. L. de P. A importância das ‘freteiras’ para as comunidades ribeirinhas do Pantanal. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, v. 12, p. 247-264, 2017.

SANTIN, S. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 1. ed. Porto Alegre: EST, 1994.

_____. O corpo entre a física e a biologia: entre a lógica e a poesia. **Palestra no seminário o corpo no final do milênio**. Centro SENAC de comunicação e artes, Porto Alegre, 17, 18 e 19 de abril de 1998.

_____. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. 3. Ed. (apliada). Porto Alegre: EST, 2001.

_____. **Sou corpo: ser corpo reflexões filosóficas e Educação Física**. Palestra proferida em Santa Maria, 11 de maio de 2004. Disponível em:
http://labomidia.ufsc.br/Santin/ef/5_santin.pdf

_____. Corpo: o estranho na casa - uma caminhada pensante. In: LORO, A. P.; VINHA, M. V.; GOLIN, C. H. (orgs.). **Educação Física: enfoques contemporâneos**. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2013.

SANTOS, D. A. Percepções socioambientais numa comunidade do Porto Amolar, na fronteira Brasil-Bolívia: a relação do pantaneiro ribeirinho com o meio ambiente. 2013. 130 f.
Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2013.

SANTOS JUNIOR, J. F. dos. **Isas vivas: transformando as comunidades do Pantanal - Mato Grosso do Sul**. Ecoa. Campo Grande. Março/2008.

SAURA, S. C. Planeta de Boieiros: imaginário e educação de sensibilidade não interior de brincadeiras de Bumba-meu-boi. 2008. 501f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SAURA, S. C.; MEIRELLES, R.; ECKSCHMIDT, S. Educação Física Escolar: sentir, pensar e agir na Educação Infantil - considerações para um possível caminho do brincar espontâneo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, p. 19-27, 2015.

SAYÃO, D. T.; MOTA, M. R. A. (Org.). **Educação Infantil em debate: ideias, invenções e achados**. 1. ed. Rio Grande/RS: Ed. da FURG, 1999.

SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar as questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n.2, p. 55-68, 2002.

_____. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento que separou tudo isso? **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v.2, n.2, p. 92-105, nov. 2008. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: maio/2019.

SILVA, C. J. da; SILVA, J. A. F. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 1995.

SILVA, M. R. da. Exercícios de ser criança: o corpo em movimento na Educação Infantil. In: ARROYO, M. G.; SILVA, M. R. da. (Orgs.). **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 215 – 239.

_____. **Trama doce-amarga** – (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica. Ijuí/São

Paulo: Unijuí/Hucitec, 2003.

SILVA, A. M. M.; TIRIBA, L (Org.). Introduzindo a temática. In: SILVA, A. M. M.; TIRIBA, L (org.). **Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014, p.11-46.

SIQUEIRA, A. L. Conflitos socioambientais em comunidades tradicionais da fronteira Brasil-Bolívia e a experiência de implantação do turismo de base sustentável como alternativa de renda na comunidade da Barra do São Lourenço. 2015. 98 f. **Dissertação**. (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, 2015.

SPACKI, V. Mapeamento de eventos naturais extremos e seus impactos sobre comunidades Pantaneiras. 2014, 108 f. **Dissertação** (Mestrado em ecologia) - IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológica, 2014.

TACCA, F. de. Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v.12, n.3, 2005, p. 09-17.

TIRIBA, L. Crianças na natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010. p. 1-20. Disponível em: file:///C:/Users/Mira%C3%ADra/Downloads/2.9_artigo_mec_crianças_natureza_lea_tiriba%20(2).pdf. Acesso em: 13 jul. 2013.

_____. O Convívio com a natureza é um direito das crianças? Reflexões sobre educação, escola e divórcio entre seres humanos e natureza. In: SILVA, A. M. M.; TIRIBA, L. (Orgs.). **Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014, p.113-139.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

_____. **Frato: 40 anos com olhos de criança**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

_____. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: ARTMED, 2005.

TRICHÊ, P. B. M.; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa etnográfica. In: SANTOS, S. G. dos; MORETTI-PIRES, R. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p.105-111.

UNGER, N. M. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas: editora da Unicamp, 2001.

VELHO, G. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, abr. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2018.

ZANATTA, S. C. S. Comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço: um estudo heurístico sobre desenvolvimento local como projeto endógeno e comunitário. 2011. 163 f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande,

2011.

ZERLOTTI, P. H. Os saberes locais dos alunos sobre o ambiente natural e suas implicações no currículo escolar: um estudo na Escola das Águas - Extensão São Lourenço, no Pantanal de Mato Grosso do Sul. 2014. 128 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. (Orgs.). **Jogos Tradicionais**. São Paulo: Pirata, 2014.

VALE N. B. V.; DELFINO, J.; VALE, L. F. B. A serendipidade na medicina e na anestesiologia. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, São Paulo, v. 55, n. 2, Março - Abril, 2005, p. 224-249.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu, 2017.

PORTAIS PARA CHEGAR

APÊNDICE A Termo de assentimento

**TERMO DE ASSENTIMENTO**

Eu _____ aceito participar da pesquisa
“SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”.

Declaro que as pesquisadoras Miráira Noal Manfroi (Mira) e Alcyane Marinho me explicaram todas as questões sobre o estudo que vai acontecer. As pesquisadoras observarão nossa vida e irão fazer algumas anotações em seus cadernos das coisas que lhe chamarem atenção. Também teremos conversas com elas sobre como é ser criança aqui na Barra do São Lourenço, como que a gente se relaciona com a natureza e do que brincamos. Elas irão registrar essas conversas com um gravador de áudio, sendo que será realizada com uma criança de cada vez, no local onde moramos ou brincamos. Serão registradas algumas fotografias e vídeos, com a intenção de mostrar situações únicas do nosso dia a dia.

A pesquisadora me explicou que ao participar dessa pesquisa colaboro para que a nossa maneira de viver seja divulgada e outras crianças possam brincar inspiradas na gente.

Compreendi que não sou obrigado(a) a participar da pesquisa, eu decido se quero participar ou não.

A pesquisadora me explicou também que o meu nome não aparecerá na pesquisa.

Dessa forma, concordo livremente em participar do estudo, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Assinatura da criança/adolescente: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Ass. Pesquisadora: _____

Dia/mês/ano: _____

APÊNDICE B Consentimento para fotografias, vídeos e gravações

GABINETE DO REITOR



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “**SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA**”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE C Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (menores)



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de meu filho/dependente para fins da pesquisa científica intitulada **SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA**", e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho/dependente possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não devem ser identificado por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso, e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

Assinatura do Responsável pelo Sujeito Pesquisado

APÊNDICE D Termo de consentimento livre e esclarecido



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada, **“SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”**, tendo como objetivo geral: Desvendar os sentidos, os significados e as singularidades de ser criança na Barra do São Lourenço, Pantanal Sul-Mato-Grossense, com foco nas expressões corporais e no brincar com e na natureza. Além disso, tem como objetivos específicos: 1) Compreender os espaços e os tempos da comunidade; 2) Experimentar fragmentos de viver o cotidiano; 3) Conviver prioritariamente com as crianças; e, 4) Compartilhar, dialogicamente, os achados da pesquisa.

Mediante fixação de moradia da pesquisadora em uma casa na Barra do São Lourenço, e a apresentação da mesma e de suas intenções com a pesquisa para a comunidade, começarão a ser realizadas observações da vida das pessoas que moram na Barra do São Lourenço, e os pontos relativos a como era a vida na infância dos que hoje são adultos serão anotados em um caderno de campo, e depois transcritos para o computador, e passaram posteriormente pelo aval das pessoas observadas. Também serão realizadas entrevistas “não-diretivas”, ou seja conversas informais sobre como foi ser criança na Barra do São Lourenço e a relação desses adultos, a partir de suas memórias, com a natureza, suas brincadeiras durante suas infâncias. Todas as entrevistas serão registradas com um gravador de áudio e realizadas individualmente, em um espaço reservado, preferencialmente no local onde a pessoa mora, e em dias e horários de preferência da própria pessoa, previamente agendados. As observações e entrevistas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), não sendo obrigatório responder a todas as perguntas da entrevista.

Os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas observações e conversas informais, as quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes em seus contextos. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e as anotações feitas por meio das observações não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo. A sua identidade será sigilosamente preservada, pois cada participante da pesquisa será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo incluem: contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a temática em questão, a qual ainda é

pouco explorada no cenário científico nacional; estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem no entendimento das questões relacionadas as crianças, o brincar e natureza; e possibilitar que você tenha acesso a conhecimentos e informações sobre estas questões.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será a Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho e a aluna de doutorado Miraíra Noal Manfroi. Salieta-se que a senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Dessa forma, solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção da tese e outros trabalhos científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse do pesquisador principal desta pesquisa e outra com a senhor(a). Agradecemos a sua participação.

PESQUISADOR PARA CONTATO: Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho

TELEFONE: (48) 84162002

ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001 Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis - Santa Catarina.

ASSINATURA:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH/UFSC

Campus Universitário Trindade – Campus, Florianópolis (SC) CEP: 88040-900.

Telefone: (48) 3721-9206

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao estudo e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso:

Assinatura: _____

Local e data: _____

APÊNDICE E Termo de consentimento livre e esclarecido (menores)



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MENORES)

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada, **“SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”**, tendo como objetivo geral: Desvendar os sentidos, os significados e as singularidades de ser criança na Barra do São Lourenço, Pantanal Sul-Mato-Grossense, com foco nas expressões corporais e no brincar com e na natureza. Além disso, tem como objetivos específicos: 1) Compreender os espaços e os tempos da comunidade; 2) Experimentar fragmentos de viver o cotidiano; 3) Conviver prioritariamente com as crianças; e, 4) Compartilhar, dialogicamente, os achados da pesquisa.

Mediante fixação de moradia da pesquisadora em uma casa na Barra do São Lourenço, e a apresentação da mesma e de suas intenções com a pesquisa para a comunidade, começarão a ser realizadas observações da vida das pessoas que moram na Barra do São Lourenço, e os pontos relativos a como era a vida na infância dos que hoje são adultos serão anotados em um caderno de campo, e depois transcritos para o computador, e passaram posteriormente pelo aval das pessoas observadas. Também serão realizadas entrevistas “não-diretivas”, ou seja conversas informais sobre como foi ser criança na Barra do São Lourenço e a relação desses adultos, a partir de suas memórias, com a natureza, suas brincadeiras durante suas infâncias. Todas as entrevistas serão registradas com um gravador de áudio e realizadas individualmente, em um espaço reservado, preferencialmente no local onde a pessoa mora, e em dias e horários de preferência da própria pessoa, previamente agendados. As observações e entrevistas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), não sendo obrigatório responder a todas as perguntas da entrevista.

As perguntas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Não é obrigatório responder a todas as perguntas, mas salienta-se os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas observações, caderno de campo, conversas informais, fotografias e vídeos, os quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes no contexto que estão inseridos. Para reduzir esses desconfortos, os materiais coletados não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, aos seus registros (conversa informal, fotografias, vídeos e anotações), se desejar, poderá alterar seu conteúdo. Além disso, a identidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será preservada, pois cada participante do estudo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo incluem: contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a temática em questão, a qual ainda é pouco explorada no cenário científico nacional; estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem no entendimento das questões relacionadas a educação, crianças, brincar e natureza; e possibilitar que você tenha acesso a conhecimentos e informações sobre estas questões.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será a Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho e aluna de doutorado Miraíra Noal Manfroi. Salientamos que o(a) senhor(a) poderá retirar o(a) seu(ua) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Dessa forma, Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do(a) seu(ua) filho(a)/dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse do pesquisador principal desta pesquisa e outra com a senhor (a). Agradecemos a participação do(a) seu(ua) filho(a)/dependente.

PESQUISADOR PARA CONTATO: Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho

TELEFONE: (48) 84162002

ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001 Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis - Santa Catarina.

ASSINATURA:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP SH/UFSC

Campus Universitário Trindade – Campus, Florianópolis (SC) CEP: 88040-900.

Telefone: (48) 3721-9206

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao estudo e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

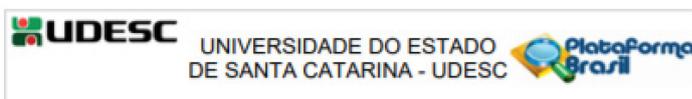
Nome _____ completo _____ por _____ extenso:

Assinatura: _____

Local e data: _____

LICENÇAS (PO)ÉTICAS

ANEXO A Parecer Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ser criança no Pantanal Sul-mato-grossense: corpo, brincadeiras e natureza

Pesquisador: Alcyane Marinho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 96025218.2.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.892.927

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa para tese de doutorado em Educação Física. Pesquisador responsável profª Alciane Marinho e na equipe de pesquisa a doutoranda Miraira Noal Manfroi. Estudo da Grande Área 4. Ciências da Saúde, com propósito principal na área das Ciências Sociais, Humanas ou Filosofia aplicadas à Saúde.

A metodologia utilizada será a etnografia. A pesquisadora irá conviver com as crianças e os idosos em uma comunidade Barra de São Lourenço, no pantanal sul-matogrossense. As observações e as conversas serão registradas em um diário de campo, bem como os registros fotográficos e as filmagens. Segundo a pesquisadora, "As crianças serão as protagonistas, pois é a partir delas que pretendo conhecer o cotidiano da Barra e também estar com suas gentes, nos espaços e nos tempos da comunidade".

Estão previstas na folha de rosto 120 participantes, todos moradores da comunidade. 40 crianças e 80 adultos.

As pesquisadoras referem que todos os dados coletados serão mostrados aos participantes (adultos, crianças e seus responsáveis legais), sendo utilizados na pesquisa apenas os dados autorizados pelos participantes.

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
 Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.udesc@gmail.com

Página 01 de 05



Continuação do Parecer: 2.892.927

Justificativa de Ausência	TCLE_menores.docx	24/07/2018 17:03:29	miraira noal manfroi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_maiores.docx	24/07/2018 17:03:04	miraira noal manfroi	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_detalhado.docx	24/07/2018 16:43:01	miraira noal manfroi	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 13 de Setembro de 2018

Assinado por:
 Renan Thiago Campestrini
 (Coordenador)

ANEXO B Declaração da Escola Básica Municipal e NEIM Costa da Lagoa

ESCOLA BASICA MUNICIPAL E NEIM COSTA DA LAGOA

Declaração de publicação

Declaramos para os devidos fins que a Escola B. M. E NEIM Costa da Lagoa, autoriza a publicação das cartas enviadas por nossos estudantes, a Escola Rural de Paraguai Mirim, parte integrante do projeto de pesquisa de doutorado da acadêmica Miraira Noal Manfroi.

Fabiana Marlene de Andrade dos Santos

E. D. E. NEI COSTA DA LAGOA
Fabiana M. de A. dos Santos
Diretora
Florianópolis, 30 de maio de 2019

ANEXO C Declaração da Escola Rural do Paraguai Mirim

ANEXO D Declaração de parceria com a Ecoa

DECLARAÇÃO DE PARCERIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

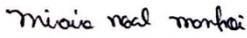
Este documento oficializa a parceria estabelecida entre a aluna de doutorado Miraira Noal Manfroi (matrícula: 201505756), o Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual a mesma é vinculada, e a Ong Ecologia e Ação (Ecoa), localizada na cidade de Campo Grande/MS durante o período de agosto de 2018 ao mesmo mês de 2019.

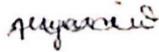
Esta parceria se faz necessária para a realização da pesquisa de doutorado intitulada "SER CRIANÇA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: CORPO, BRINCADEIRAS E NATUREZA". Visto que a mesma será realizada na Barra do São Lourenço, no Pantanal Sul-Mato-Grossense, local de difícil acesso, marcado por conflitos territoriais que dificilmente seria acessado sem a parceria e a confiança dos membros da Ecoa.

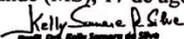
Este acordo não prevê nenhuma troca financeira, mas sim uma relação de responsabilidade ética da pesquisadora em sua estada em campo, no ambiente da Ecoa, como com seus membros, bem como a divulgação desta parceria na tese final e nas publicações que se desencadearão desse estudo. A Doutoranda será responsável administrativa, civil e penalmente, por qualquer dano ou prejuízo por ele causado, doloso ou culposamente, ao patrimônio ou à reputação da Instituição Concedente, bem como de seus funcionários.

Para além disso, a mesma declara que possui certificado individual do seguro acidentes pessoais/decessos da Mapfre, com número de apólice: 820.2360.5000402.01, para eventuais problemas que houverem.

Campo Grande (MS), 17 de agosto de 2018


Miraira Noal Manfroi
Doutoranda (PPGEF/UFSC)


Alcyane Marinho
Orientadora (PPGEF/UFSC)


Kelly Samara da Silva
Coordenadora do Programa Pós
Graduação em Educação Física da
UFSC

André Luiz Siqueira
Presidente da Ecoa